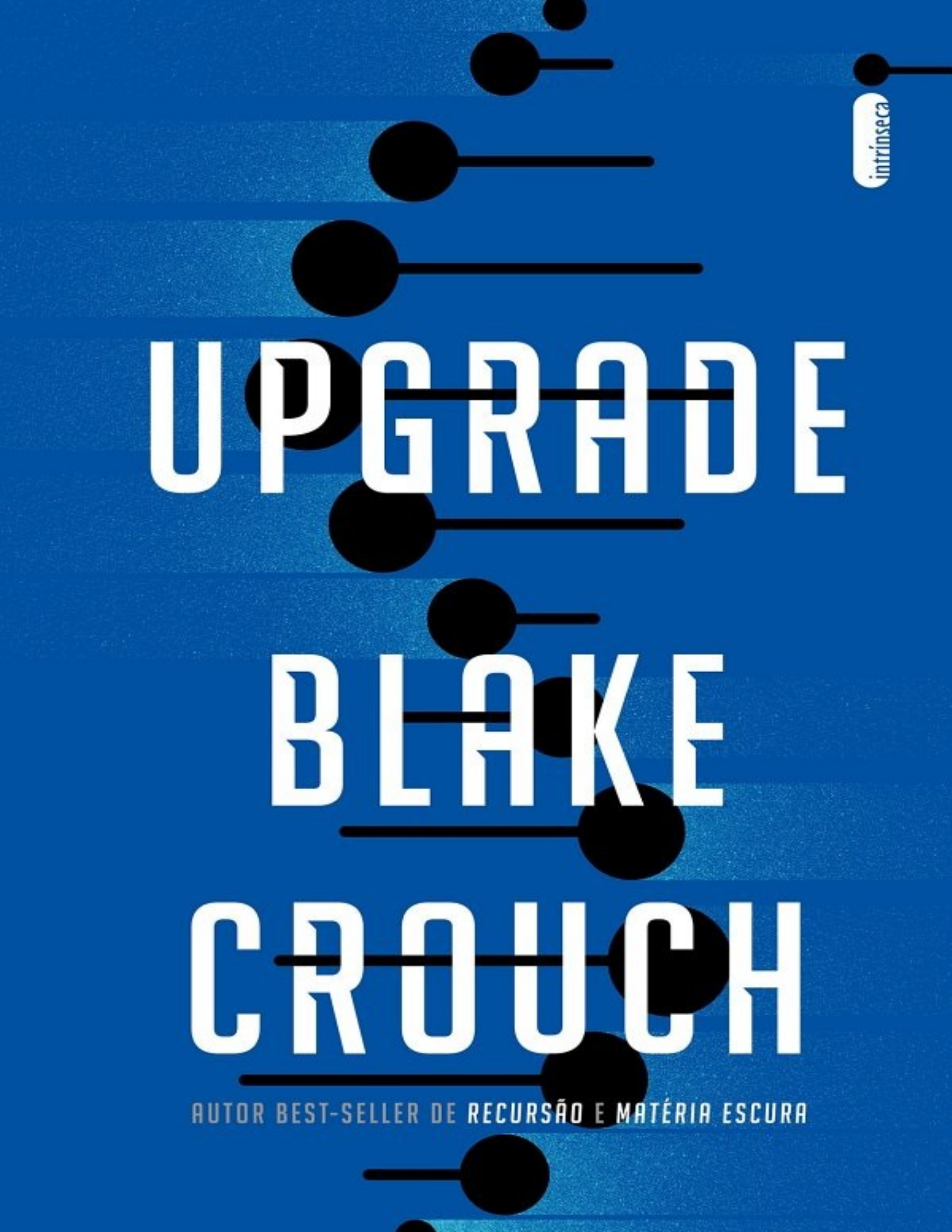
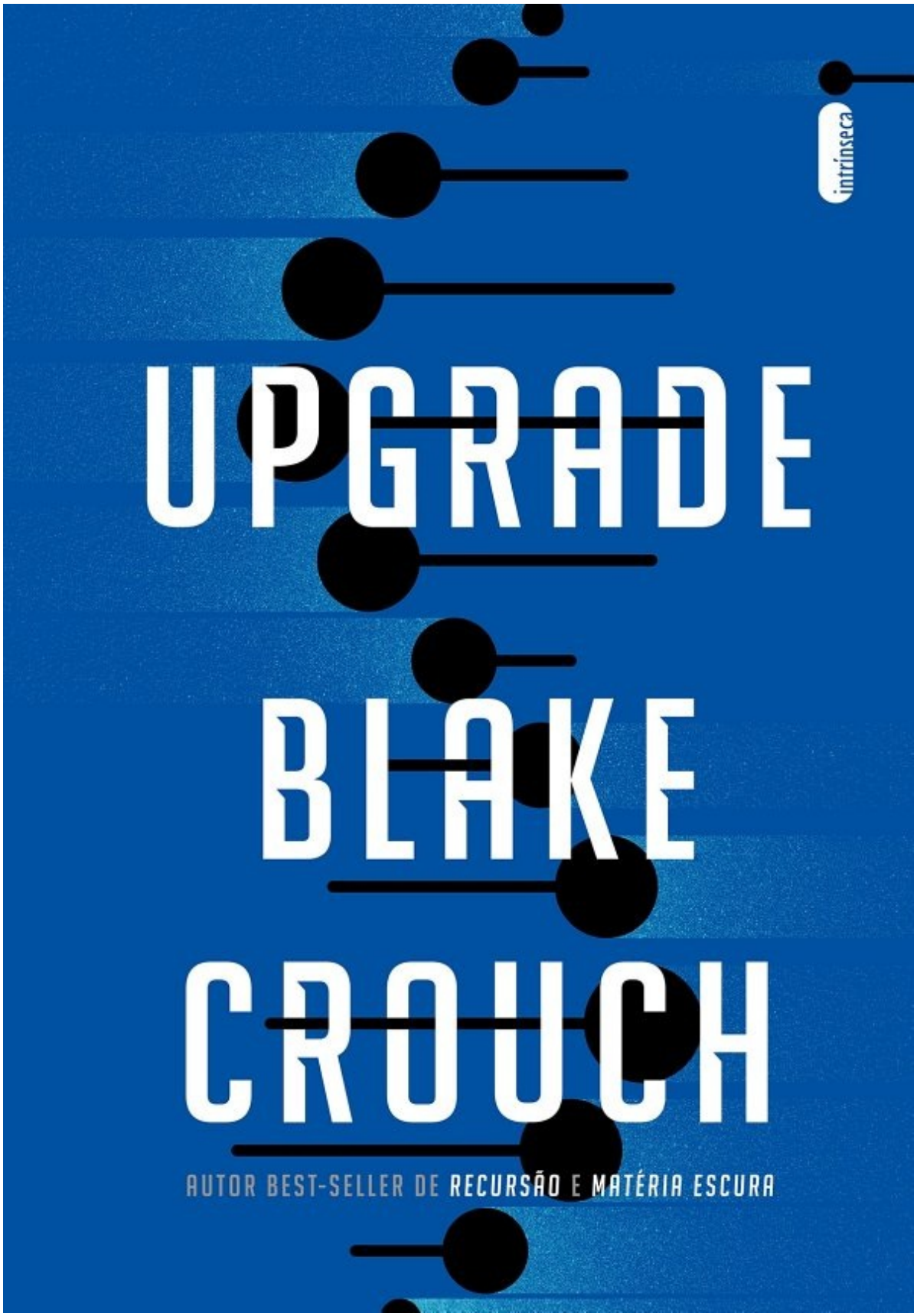

intrínseca
UPGRADE
BLAKE
CROUCH
AUTOR BEST-SELLER DE RECURSÃO E MATÉRIA ESCURA


intrínseca
UPGRADE
BLAKE
CROUCH
AUTOR BEST-SELLER DE RECURSÃO E MATÉRIA ESCURA

UPGRADE

BLAKE CROUCH

TRADUÇÃO DE ULISSES TEIXEIRA



Copyright © 2022 by Blake Crouch

TÍTULO ORIGINAL
Upgrade

PREPARAÇÃO
Júlia Ribeiro

REVISÃO
Iuri Pavan

REVISÃO TÉCNICA
Lucia Barzilai

DESIGN DE CAPA
Christopher Brand

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Victor Huguet | Intrínseca

E-ISBN
978-65-5560-634-8

Edição digital: 2023

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 @intrinseca

 editoraintrinseca

 @intrinseca

 @editoraintrinseca

 intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

PARTE UM
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6

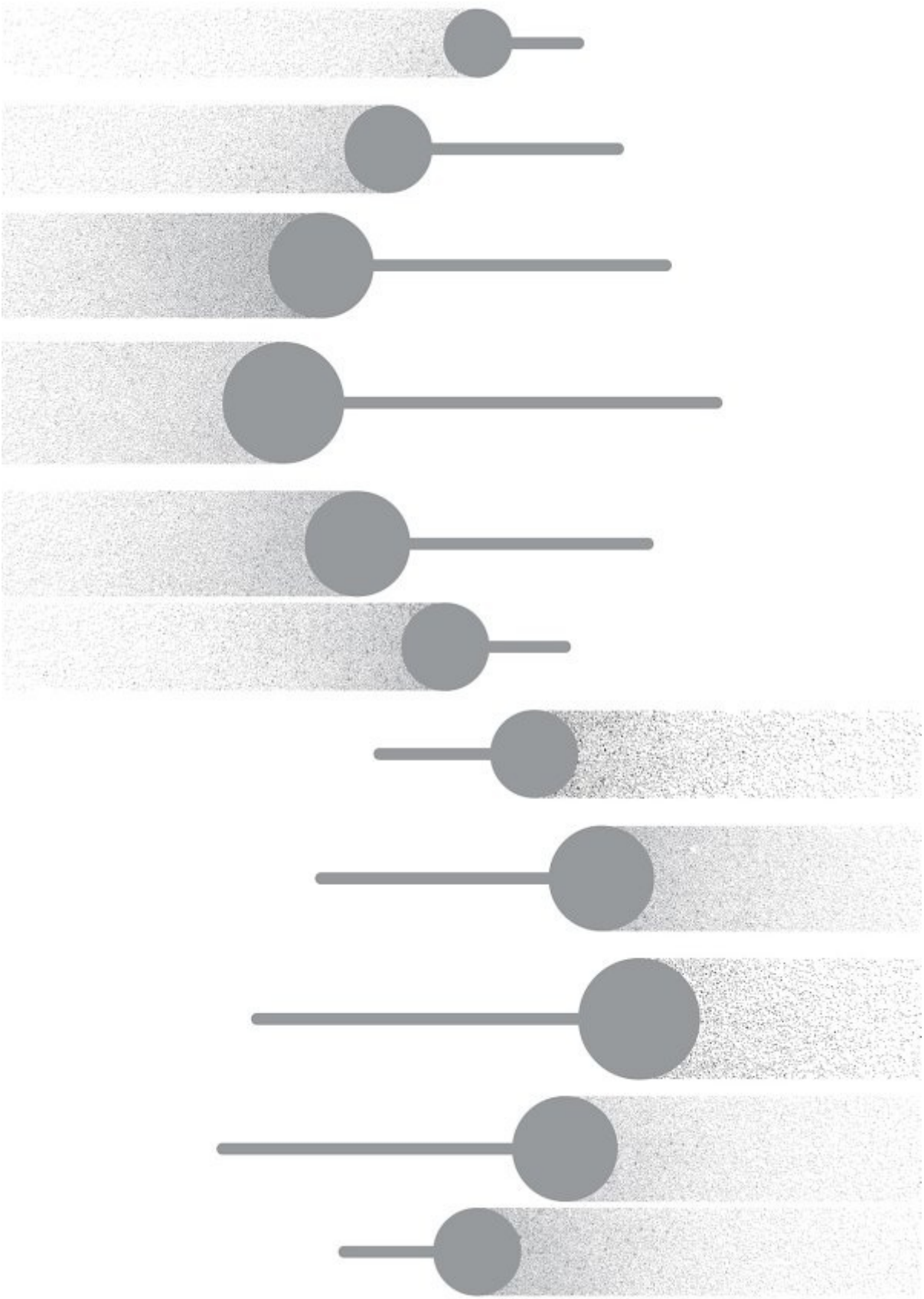
PARTE DOIS
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capitulo 11
- Capítulo 12

PARTE TRÊS
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15

EPÍLOGO

Agradecimentos
Sobre o autor

Para Michael McLachlan
Fuzileiro naval, advogado, amigo querido
(1946-2021)



PARTE UM

Você pode parar de dividir o átomo, pode parar de ir à Lua, pode parar de usar aerossóis, pode até decidir não matar populações inteiras com o uso de algumas poucas bombas. Mas você não pode impedir uma nova forma de vida.

— Erwin Chargaff

Um



Encontramos Henrik Soren em um bar de vinhos no terminal internacional, a trinta minutos de embarcar em um hiperjato para Tóquio.

Antes daquela noite, eu só o tinha visto em fotografias da Interpol e em imagens de circuitos internos de televisão. Em carne e osso, ele não impressionava tanto — um metro e setenta, tênis Saint Laurent envelhecidos artificialmente e um moletom com capuz de marca cobrindo a maior parte do rosto. Ele estava sentado à extremidade do balcão com uma garrafa de Krug.

Ocupei a banqueta ao lado e coloquei o meu distintivo entre nós. Nele havia a insígnia da águia-careca, as asas envolvendo a dupla-hélice da molécula de DNA. Por um longo tempo, nada aconteceu. Eu nem tinha certeza se ele tinha percebido o emblema reluzindo sob os globos de luzes no teto, mas então Soren se virou para mim.

Abri um sorriso.

Ele fechou o livro. Se estava nervoso, não demonstrava. Só me encarou com aqueles olhos azuis escandinavos.

— Oi, Henrik — falei. — Sou o agente Ramsay. Trabalho na APG.

— E o que será que eu fiz?

Ele tinha nascido há trinta e três anos em Oslo, mas estudara em Londres, onde a mãe trabalhava como diplomata. Dava para ouvir aquela cidade nos recantos de sua voz.

— Que tal conversarmos sobre isso em outro lugar?

O bartender estava de olho na gente depois de ter notado o meu distintivo. Provavelmente com medo de a conta não ser paga.

— Estou prestes a embarcar no meu voo — avisou Soren.

— Você não vai para Tóquio. Hoje não.

Os músculos da mandíbula dele enrijeceram, e algo brilhou nos seus olhos. Soren colocou o cabelo louro, que batia na altura do queixo, atrás das orelhas e deu uma olhada ao redor do bar de vinhos, e então olhou mais além, para as pessoas que passavam no saguão.

— Está vendo a mulher sentada no mezanino atrás da gente? — perguntei. — Cabelo louro comprido. Casaco azul-marinho. É a minha parceira, a agente Nettmann. A polícia do aeroporto está esperando. Então, posso arrastar você para fora daqui ou podemos sair andando sem pressa do bar. A decisão é sua, mas tem que ser agora.

Tinha quase certeza de que ele não ia correr. Soren devia saber que era impossível escapar de um aeroporto cheio de seguranças e câmeras. Mas pessoas desesperadas tomam atitudes desesperadas.

Ele deu outra olhada no entorno, depois voltou a me encarar. Suspirando, virou a taça de champagne e pegou a bolsa do chão.

• • •

Voltamos para a cidade com Nadine Nettmann dirigindo o Edison, feito sob encomenda, pela estrada I-70, praticamente vazia àquela hora da noite.

Soren foi colocado atrás do banco do passageiro com uma abraçadeira de plástico prendendo os pulsos às costas. Dei uma conferida na bagagem dele — uma bolsa-carteiro da Gucci —, mas o único item de interesse era um laptop, e precisávamos de um mandado federal para invadi-lo.

— Você é *Logan* Ramsay, não é? — perguntou ele, as primeiras palavras ditas desde que o escoltamos para fora do aeroporto.

— Isso mesmo.

— Filho de Miriam Ramsay?

— Sim. — Tentei manter o tom de voz neutro.

Não era a primeira vez que um suspeito fazia essa conexão. Ele não disse mais nada. Senti Nadine me observando.

Olhei pela janela. Estávamos nos limites da cidade, a aproximadamente duzentos quilômetros por hora. O motor elétrico duplo quase não fazia barulho.

Pelo vidro escuro do carro, vi um dos novos cartazes da APG — parte da última campanha de conscientização da agência.

Letras pretas sobre um fundo branco diziam:

EDIÇÃO GENÉTICA É CRIME FEDERAL
#APG

O centro de Denver pairava à distância.

O gigantesco arranha-céu Meia-Milha subia aos céus como uma seta de luz.

Era uma da manhã ali, o que significava que já eram três horas em Washington.

Pensei na minha família dormindo em paz na nossa casa em Arlington.

Na minha esposa, Beth.

Na nossa filha adolescente, Ava.

Se tudo corresse bem, eu estaria de volta a tempo do jantar do dia seguinte. Tínhamos planejado uma viagem de fim de semana até o vale do Shenandoah para vermos as cores do outono pela estrada Skyline Drive.

Passamos por outro cartaz:

UM ERRO CAUSOU A GRANDE FOME
#APG #NUNCAESQUECEREMOS

Já tinha visto aquele antes, e a dor me atingiu — um incômodo no fundo da garganta. A culpa pelo que tínhamos feito sempre batia.

Não neguei a dor nem tentei afastá-la.

Apenas a senti até ela passar.

• • •

O escritório de Denver da Agência de Proteção Genética ficava em um prédio comercial normal em Lakewood. Chamá-lo de repartição local seria generoso.

O lugar ocupava um andar do prédio com uma pequena área administrativa, uma sala de interrogatório, um laboratório de biologia molecular e uma armaria. A APG não tinha repartições locais na maioria das cidades grandes, mas, como Denver era o eixo principal de hiperloops do Oeste, fazia sentido ter uma base de

operações ali.

Éramos uma agência nova, mas que crescia rapidamente, com quinhentos funcionários, em comparação com os quarenta mil do FBI. Havia apenas cinquenta agentes especiais como eu e Nadine, todos na área da capital, Washington, prontos para cair de paraquedas em qualquer lugar onde a Divisão de Inteligência suspeitasse existir um laboratório genético clandestino.

Nadine dirigiu até a parte de trás do prédio baixo e foi da entrada de serviço até os elevadores. Ela estacionou atrás de um veículo de combate blindado. Quatro agentes da bio-SWAT haviam espalhado seus equipamentos pelo concreto, fazendo as últimas verificações nas armas para realizar uma batida antes do amanhecer, baseada nas informações que estávamos prestes a arrancar de Soren.

Ajudei o nosso suspeito a sair do carro, e nós três subimos até o terceiro andar.

Dentro da sala de interrogatório, cortei a abraçadeira e guiei Soren até uma mesa de metal com uma argola soldada na superfície para os suspeitos menos cooperativos.

Nadine foi pegar café.

Eu me sentei diante dele.

— Você não deveria ler os meus direitos ou coisa assim? — perguntou Soren.

— De acordo com o Ato de Proteção Genética, podemos mantê-lo aqui por setenta e duas horas, se quisermos.

— Fascistas.

Dei de ombros. Ele não estava de todo errado.

Coloquei o livro de Soren em cima da mesa, esperando uma reação dele.

— É fã de Camus? — perguntei.

— Sou. Coleciono edições raras das obras dele.

Era uma edição antiga em capa dura de *O estrangeiro* . Folheei as páginas com cuidado.

— Estão limpas — disse Soren.

Eu estava procurando por páginas rígidas, evidências de que tivessem sido molhadas em algum momento, manchas circulares infinitesimais. Quantidades enormes de DNA, ou plasmídeos, podem ficar escondidas nas páginas de um livro normal — lançadas por micropipetas e deixadas para secar nas folhas, para

depois serem reidratadas e usadas em outro local. Mesmo uma obra curta como *O estrangeiro* poderia conter uma quantidade quase infinita de informação genética, cada página poderia esconder o genoma de um mamífero diferente, uma doença terrível ou uma espécie sintética, e qualquer uma delas poderia ser ativada em um laboratório genético clandestino bem equipado.

— Vamos analisar todas as páginas embaixo da luz negra — falei.

— Ótimo.

— Estão trazendo a sua mala também. Você compreende, claro, que faremos uma revista minuciosa nela.

— Fiquem à vontade.

— Porque você já fez a entrega?

Soren não respondeu.

— O que era? — perguntei. — Embriões modificados?

Ele olhou para mim com um desgosto maldisfarçado.

— Você faz ideia de quantos voos já perdi por causa de noites assim? Um agente aparecendo no meu portão de embarque e me levando para ser interrogado? Já aconteceu com a Autoridade de Segurança Genômica Europeia. Na França. No Brasil. Dessa vez, vocês são os idiotas que estão acabando com a minha viagem. Apesar de toda essa perseguição, nunca fui acusado de nenhum crime.

— Não é verdade — rebati. — Até onde sei, o governo chinês gostaria muito de trocar uma palavrinha com você.

Soren ficou completamente imóvel.

A porta atrás de mim se abriu. Senti o cheiro acre e queimado de café feito no dia anterior. Nadine entrou, fechando a porta com o pé. Sentou-se ao meu lado e colocou dois copos de café na mesa. Soren se esticou para pegar um, mas ela deu um tapa na mão dele.

— Isso é só para meninos bonzinhos.

O líquido preto tinha um aroma tão apetitoso quanto o mijo de Satanás, mas já era tarde e eu ainda demoraria a dormir. Tomei um gole e estremeci.

— Vamos direto ao assunto — falei. — Sabemos que você chegou na cidade ontem dirigindo um Lexus Z classe SUV alugado.

Soren inclinou a cabeça involuntariamente, mas manteve a boca fechada.

Respondi à pergunta que não havia sido feita:

— A APG tem acesso total à inteligência artificial de reconhecimento facial do Departamento de Justiça. Ela analisa todos os circuitos internos de televisão e outros bancos de dados de vigilância. Ontem uma câmera filmou a sua cara através do para-brisa do Lexus enquanto saía da I-25 para entrar na Alameda Avenue às 9h17. Recebemos essa informação de Washington hoje à tarde. De onde você estava vindo?

— Com certeza vocês já sabem que aluguei o carro em Albuquerque.

Ele tinha razão. Nós sabíamos.

— E o que estava fazendo em Albuquerque? — perguntou Nadine.

— Só passeando.

Ela revirou os olhos.

— Ninguém "passeia" em Albuquerque.

Tirei uma caneta e um bloco de papel do bolso, colocando-os na mesa.

— Escreva o nome e o endereço de todo mundo que você encontrou. E de todos os lugares em que ficou.

Soren sorriu.

— O que você veio fazer em Denver, Henrik? — questionou Nadine.

— Pegar um voo para Tóquio. *Tentei* pegar um voo para Tóquio.

— Ouvimos boatos de um laboratório genético aqui em Denver. Uma operação sofisticada para criar um biocódigo de resgate. Não acho que é coincidência você estar na cidade — falei.

— Não sei nada sobre isso.

— Nós sabemos, *todo mundo* sabe, que você é traficante de elementos genéticos de ponta. Redes de interação gênica e sequências. Foice — comentou Nadine.

Foice era o revolucionário sistema de alteração de DNA biológico — atualmente extremamente ilegal — descoberto e patenteado pela minha mãe, Miriam Ramsay. Foi um avanço meteórico, que deixou as gerações de tecnologias anteriores (ZFNs, TALENs, CRISPR-Cas9) comendo poeira. O Foice deu início a uma nova era de edição e fornecimento de genomas, e os resultados foram catastróficos. Por esse motivo, ser pego usando ou vendendo o Foice para modificar linhagens germinativas — ou seja, criar um novo organismo — tinha uma pena de trinta anos de prisão.

— Quero ligar para o meu advogado agora — pediu Soren. — Ainda tenho

esse direito nos Estados Unidos, não tenho?

Estávamos esperando por isso. Na verdade, fiquei surpreso pelo pedido ter demorado tanto.

— É claro que você pode ligar para o seu advogado — respondi. — Mas, antes, é melhor saber o que vai acontecer se escolher seguir por esse caminho.

— Estamos dispostos a entregar você para o Departamento Genético da China — contou Nadine.

— Os Estados Unidos não têm acordo de extradição com a China — argumentou Soren.

Nadine se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa, o café soltando vapor no rosto dela, e disse:

— No seu caso, vamos abrir uma exceção. Os documentos estão sendo preparados agora mesmo.

— Eles não têm nada contra mim.

— Não acho que provas e processo legal significam a mesma coisa lá e aqui — rebateu ela.

— Vocês sabem que tenho cidadania norte-americana e norueguesa.

— Eu não me importo — falei. Depois, olhei para Nadine: — Você se importa?

Ela fingiu pensar por um instante.

— Não. Acho que não.

Na verdade, eu me importava. Nunca faríamos a extradição de um cidadão norte-americano para a China, mas blefar fazia parte do trabalho.

Soren voltou a relaxar na cadeira.

— Podemos ter uma conversa hipotética?

— Nós adoramos conversas hipotéticas — falei.

— E se eu anotasse um endereço nesse bloco de papel?

— Endereço de quem?

— De um lugar que talvez tenha recebido uma entrega hipotética hoje mais cedo.

— O que foi entregue? Hipoteticamente falando.

— Bactérias mineradoras.

Nadine e eu trocamos um olhar.

— Você fez a entrega no próprio laboratório? Não foi em um lugar aleatório?

— perguntei.

— Eu não fiz entrega nenhuma — respondeu Soren. — É tudo hipotético.

— Claro.

— Mas, se tivesse feito e compartilhasse o endereço com vocês, o que aconteceria?

— Depende do que hipoteticamente vamos encontrar no endereço.

— Se, hipoteticamente, vocês encontrassem o laboratório genético de que ouviram falar, o que aconteceria comigo?

— Você estaria no próximo voo para Tóquio — respondeu Nadine.

— E o Departamento Genético da China?

— Como você mesmo apontou — falei —, não temos acordo de extradição com a China.

Soren puxou a caneta e o bloco de papel.

• • •

Seguimos o veículo de tecnologia furtiva da SWAT em modo blecaute pelas ruas desertas. O endereço que Soren anotara ficava no limite de Five Points, um bairro gentrificado de Denver. Àquela hora da madrugada, a única coisa aberta na região eram alguns poucos bares de maconha.

Abaixei os vidros do carro.

O ar de outubro soprando no meu rosto era mais revigorante do que o café que tomamos no escritório.

Era o final de outono nas Montanhas Rochosas.

O ar tinha cheiro de folhas mortas e frutas que passaram do ponto.

A lua cheia, amarela e enorme, pairava acima da silhueta pontiaguda da cordilheira Front Range.

Deveria haver neve nos picos àquela altura, mas estava tudo seco, e a rocha abaixo das árvores estava iluminada pelo luar.

Mais uma vez fui acometido pela percepção de que vivia em tempos estranhos. Havia uma sensação palpável de que as coisas estavam em declínio.

Só na África tinha quatro bilhões de pessoas, a maioria em insegurança alimentar ou situação ainda pior. Mesmo nos Estados Unidos, ainda éramos prejudicados por escassez de comida, de produtos e de mão de obra. Com o

preço da carne tão alto, a maioria dos restaurantes que fecharam durante a Grande Fome nunca reabriu.

Vivíamos em um verdadeiro estado de vigilância em massa. Falávamos mais com telas do que com os nossos entes queridos, e os algoritmos nos conheciam melhor do que nós mesmos.

A cada ano, mais vagas de trabalho eram perdidas para a automação e a inteligência artificial.

Partes de Nova York e Miami estavam debaixo d'água, e uma ilha de plástico do tamanho da Islândia flutuava no oceano Índico.

Mas isso não afetava apenas os seres humanos. Rinocerontes-brancos-do-norte ou tigres-do-sul-da-China não existiam mais. Os lobos-vermelhos tinham desaparecido, assim como incontáveis outras espécies.

Não havia mais geleiras no Parque Nacional Glacier.

Fizemos tantas coisas certas.

Mas muitas coisas erradas também.

O futuro chegara, e era um desastre.

— Tudo bem? — perguntou Nadine.

— Sim.

— Posso encostar se estiver…

— Ainda não.

Nadine e eu trabalhávamos juntos há quase três anos. Ela tinha sido cientista ambiental da Unesco antes de entrar na APG.

Peguei o celular e abri as minhas mensagens de texto com Beth. Digitei:

Oi, Beth. Seguindo para a batida. Só queria dizer que te amo. Dê um abraço em Ava por mim, um abraço apertado. Te ligo de manhã.

Assim que apertei o botão de enviar, o rádio chiou.

— *Três minutos* — avisou o oficial Hart, o líder da equipe da SWAT.

Senti algo revirando as minhas entranhas. O impulso inicial de adrenalina começava a preparar o meu corpo para o que estava por vir.

Algumas pessoas tinham sido feitas para esse tipo de coisa. Indivíduos que prosperariam com a adrenalina de invadir um galpão usando uma armadura de proteção biológica no meio da noite, sem ter ideia da confusão em que estavam se metendo.

Eu não era assim. Era um cientista. Ou, pelo menos, já sonhara em ser um.

— Encoste — pedi.

Nadine guiou o Edison bruscamente para o meio-fio, o sistema automático resistindo e reclamando.

Subi a porta, me inclinei e coloquei tudo para fora.

A voz de Hart surgiu no rádio de novo.

— Tudo bem aí atrás? Perdemos vocês de vista.

— Tudo certo — respondeu Nadine. — Já estamos indo.

Limpei a boca, cuspi algumas vezes e abaixei a porta.

Nadine não fez nenhum comentário. Não precisava. Meu vômito de nervosismo era a coisa mais próxima que tínhamos de um ritual pré-batida.

Significava que podíamos começar o trabalho.

Ela ativou o acelerador.

Avistamos a parte de trás do veículo da SWAT e nos aproximamos.

Por mais que odiasse fazer batidas, eu sempre lembrava a mim mesmo que o medo era parte necessária da minha penitência.

Quase todos os cientistas ilegais que perseguíamos eram criminosos, simples assim. Com a demanda do mercado clandestino por produtos biosin crescendo de forma exponencial a cada ano, havia muito dinheiro a ser faturado — em ultra-animais de estimação criados sob demanda, roupas de seda de aranha, alimentos geneticamente modificados exóticos, até mesmo uma nova forma de vida inventada em um laboratório de Vancouver que parecia um gorila cor-de-rosa minúsculo, uma espécie de símbolo de riqueza entre oligarcas russos.

Os serviços e produtos do mercado clandestino também tinham sido aprimorados.

Cannabis e heroína modificadas.

Bonecas sexuais com pele e músculos humanos sintéticos.

Um laboratório genético clandestino na Cidade do México invadido pelos *federales* estava fazendo "vespas assassinas" para os cartéis. Esses insetos podiam encontrar qualquer pessoa com base na sua impressão genética. Também carregavam um sistema primitivo do Foice capaz de modificar redes gênicas inteiras, levando a danos cerebrais, insanidade e morte excruciante.

Para outros, mexer com a genética era só uma maneira de se autoafirmar, como no caso dos quatro estudantes de biologia da Universidade Brown, que simplesmente queriam ver se conseguiam criar um lobo-gigante.

No entanto, para alguns poucos escolhidos, a empreitada era bastante pessoal

— como o solitário mas genial adolescente de dezesseis anos que tentou criar uma bactéria devoradora de carne que fosse resistente a antibióticos para infectar um bully na escola.

Ou o geneticista rebelde que prendemos ao tentar clonar uma versão melhorada da sua esposa morta usando zigotos humanos enucleados do mercado clandestino.

Os pais desesperados, sem plano de saúde, que tentaram editar a distrofia muscular do DNA do filho. Eles conseguiram curá-lo, mas as mutações criadas involuntariamente mudaram a rede neural do lobo frontal medial do menino. O garoto se tornou psicótico e matou os dois antes de tirar a própria vida.

E havia os laboratórios dos meus pesadelos, onde organizações terroristas concebiam patógenos e formas de vida de destruição em massa, como um grupo em Paris que estava prestes a liberar um parente sintetizado da ultravaríola quando a Autoridade de Segurança Genômica Europeia lançou uma arma termobárica no depósito deles.

Acabar com esse tipo de operação nunca perturbou a minha consciência.

As que doíam eram as batidas em cientistas de verdade. Pessoas com trabalhos revolucionários, úteis para toda a humanidade, antes de os governos entrarem em pânico e tornarem praticamente impossível alguém se tornar engenheiro genético.

Pessoas como Anthony Romero.

Eu ainda pensava nele de vez em quando. O homem tinha montado um laboratório no Parque Nacional de Bighorn, perto de Sheridan, Wyoming.

Antes do Ato de Proteção Genética ter dado fim a todas as pesquisas de genoma em universidades e empresas, dr. Romero fora pioneiro nas terapias genéticas para o tratamento de câncer. Seu nome estava sendo cotado para o Nobel de fisiologia ou medicina. Mas o editorial que escrevera no *The New York Times* condenando o Ato de Proteção Genética pela sua extraordinária falta de limites acabou com qualquer chance de ser incluído na lista de geneticistas aprovados pelo governo.

Fizemos a prisão do dr. Romero, que se entregou sem resistência, às 2h30, enquanto uma neve rala caía sobre os pinheiros do lado de fora do seu chalé. Eu me senti enjoado quando o algemei e o coloquei no carro. Não estava apenas prendendo um herói — um homem cuja vida e carreira eu almejava e invejava

—, mas também o condenando à prisão perpétua, porque tinha certeza de que a punição do nosso Departamento de Justiça seria a máxima.

No entanto, ele tinha cometido um crime. Não tinha?

Quando entregamos dr. Romero aos oficiais de justiça no aeroporto do Condado de Sheridan, ele olhou para mim e disse uma coisa que jamais vou esquecer.

— Sei que está tentando fazer a coisa certa, mas é impossível esconder esse conhecimento.

Observar os oficiais o levarem para o jato enquanto a neve caía e derretia na pista fez com que eu me sentisse pequeno.

Como se tivesse traído o futuro.

• • •

O veículo da SWAT parou em um beco, e Nadine estacionou atrás deles.

Dei uma olhada ao redor através do vidro cinza-esverdeado, esperando ver os prédios de um complexo industrial. Em vez disso, do outro lado do beco havia cercas tombadas e garagens que davam em casas vitorianas, os telhados angulosos contrastando com o céu estrelado.

— Essa área é residencial — comentei.

— Estranho, né?

Já tínhamos feito batidas em laboratórios escondidos em porões ou garagens. A tecnologia, na sua concepção mais primordial, era simples. Porém, para uma operação com a escala e complexidade que eu esperava àquela noite — uma operação que tinha feito negócios com *Henrik Soren* —, eu teria apostado um bom dinheiro que invadiríamos um armazém. Não uma casa vitoriana em um bairro residencial.

Troquei o transmissor de rádio do equipamento de comunicação no console central para os fones de ouvido.

— Aqui é Logan. Tem certeza de que estamos no endereço certo?

— *Foi o que o seu informante escreveu.*

Na maioria das vezes, os caras da SWAT eram uns babacas.

— Qual casa?

— *A com a cúpula. Vamos enviar o drone agora. Aguarde.*

Pelo vidro, pude ver os quatro agentes da SWAT do lado de fora do veículo, um deles preparando o drone termográfico. Ele sobrevoaria a área ao redor do alvo, tentando identificar assinaturas de calor para que pudéssemos ter uma ideia de quantas formas de vida havia lá dentro.

A SWAT assumiria a dianteira, e Nadine e eu seguiríamos logo atrás. Assim que o laboratório estivesse razoavelmente seguro, eles ficariam a postos para que pudéssemos trabalhar — listando os equipamentos e averiguando exatamente o que os cientistas rebeldes planejavam.

Apertei as faixas magnéticas da minha armadura indutora e peguei a arma na bolsa. Era uma G47 calibre .45. Eu tinha modificado o cabo para adicionar uma lanterna Streamlight na composição da Glock após diversas batidas em armazéns com pouca iluminação.

Enquanto isso, Nadine colocava o carregador na sua arma — um fuzil de assalto Atchisson. Eu gostava de sacaneá-la por levar uma coisa daquelas para uma batida quando, em geral, tínhamos apoio da SWAT, mas dava para entender o motivo dela. Nadine passou por uma situação complicada em Spokane, no estado de Washington, antes de começarmos a trabalhar juntos. Tinha descarregado o pente inteiro de balas de calibre .40 em um cientista que fizera um pouco de autoterapia genética nas sínteses de SKI, PGC-1α e IGF-1. Como resultado, os tecidos musculares esqueléticos do suspeito foram submetidos a um enorme ciclo de hipertrofia, assim como sua mitocôndria, tornando-os gigantescos e superdensos. O homem, que Nadine dizia ter uma aparência semelhante ao Rei do Crime, o personagem dos quadrinhos, quase a espancara até a morte antes de enfim falecer por perda sanguínea.

Porém, como Nadine gostava de lembrar, não havia animal na Terra que um pente automático de vinte balas de caça não pudesse colocar no chão na mesma hora.

Pelo fone de ouvido, escutei o oficial Hart:

— *Não estamos captando nenhuma assinatura de calor nas imediações.*

— Entendido.

Não havia ninguém em casa, o que era melhor para a gente. Então, só precisaríamos fazer o reconhecimento do laboratório vazio e esperar os cientistas aparecerem. Era muito mais fácil enfrentá-los na rua do que dentro de um cômodo cheio de explosivos químicos e perigos biológicos.

Dei uma olhada no relógio: 2h35.

Tínhamos umas boas três horas antes do amanhecer.

Eu me virei para Nadine.

— Vamos?

Estava frio o suficiente para a minha respiração virar vapor.

Pegamos nossos trajes de proteção com camuflagem noturna na mala e nos ajudamos a vesti-los. Ambos tinham um aparelho respiratório isolante de circuito aberto e um visor especial que proporcionava uma visão mais ampla para situações de combate.

Por fim, abrimos os cilindros de ar comprimido e nos aproximamos da formação tática da SWAT.

— Visão noturna ou lanterna? — perguntou Hart.

— Lanterna — respondi.

Havia muita luz ambiente ali, e a lua cheia estava subindo. O luar logo brilharia pelas janelas vitorianas.

A cerca da parte de trás da casa era alta demais para podermos enxergar, mas passamos pelo portão e entramos no quintal sem ter que quebrar nada.

O gramado não via água ou qualquer tipo de cuidado tinha eras.

A grama batia na nossa cintura.

Observei as janelas da velha casa vitoriana. Algumas não tinham vidros, e todas estavam escuras.

Subimos na varanda de madeira desgastada que rangia sob nossos pés.

O oficial Hart se ajoelhou diante da porta dos fundos e arrombou a fechadura em dez segundos.

Seguimos os homens da SWAT para dentro da casa, em escuridão absoluta.

As lanternas dos seus fuzis de assalto iluminaram uma cozinha em obras.

Fomos para a sala de jantar. As paredes estavam sem pintura alguma; os fios de eletricidade, aparentes; e as ferramentas haviam sido espalhadas pelo chão.

— Parece que estão renovando a casa — sussurrei no canal aberto.

— *Esperem aqui* — ordenou o oficial Hart.

Nadine e eu ficamos parados no contrapiso bruto do que seria a sala de estar.

Mesmo com o traje, dava para sentir o cheiro de serragem e poliuretano no ar.

O luar atravessava as janelas que davam para a rua.

Aos poucos, meus olhos se ajustavam.

Conseguia ouvir o som dos passos duros da equipe da SWAT no andar de cima, indo de cômodo em cômodo de forma sistemática.

— Alguma coisa? — perguntei.

— *Negativo* — respondeu Hart. — *Mais do mesmo aqui em cima. Apenas escombros.*

Nadine olhou para mim.

— Acha que Soren nos enganou?

— Por que faria isso? Ele ainda está em custódia e sabe que não vai ser liberado até darmos permissão.

Notei uma porta debaixo da escada. Estava trancada por um cadeado Master Lock que só abria com uma combinação de quatro dígitos. Empurrei com força. Nem se mexeu.

— Sai da frente — falou Nadine.

Quando olhei para trás, vi que ela segurava um tijolo.

Saí do caminho, e Nadine arrebentou o cadeado.

O metal se partiu. O cadeado quebrado caiu no chão.

— Fomos nós — informei a equipe. — Acabamos de arrebentar um cadeado.

— *Estamos voltando* — disse Hart. — *Está uma cidade fantasma aqui em cima.*

Abri a porta.

As dobradiças enferrujadas rangeram.

Apontei a arma para a escuridão lá embaixo, a lanterna iluminando uma escada velha que levava ao porão.

Meu coração acelerou.

— Quer esperar pela SWAT? — perguntei.

— Não vejo nenhuma assinatura de calor. Não tem ninguém aqui — argumentou Nadine.

O primeiro degrau rangeu com o meu peso.

Ficava cada vez mais frio conforme eu descia.

Nem mesmo o filtro de ar do traje conseguia barrar o fedor de mofo e pedra molhada.

Outro oficial da SWAT falou pelo canal:

— *Primeiro andar liberado.*

Ao descer toda a escada e pisar no chão empoeirado, tive a sensação cada vez

maior de que Nadine estava certa. Talvez Soren estivesse nos enganando. Só não conseguia entender por quê.

— Sabe — falou ela —, tudo que Soren nos disse foi que entregou um pacote para um cara na porta. Ele não entrou na casa.

— E daí?

— Talvez usem esse lugar como ponto de entregas.

— Faria mais sentido do que administrar um laboratório sofisticado em uma vizinhança calma como essa — comentei, me perguntando se tínhamos perdido o nosso tempo indo ali.

Claro, poderíamos manter Soren sob custódia por setenta e duas horas. Pressioná-lo mais um pouco. Mas não tínhamos nenhuma prova contra ele. Sua bagagem voltara limpa.

Com um movimento amplo, iluminei a vastidão sombria do porão.

Minha respiração embaçava os cantos do visor.

As paredes eram da fundação de pedra original da casa.

Vi uma caldeira enferrujada.

Mobília empoeirada.

E um cubo preto inusitado, com mais ou menos trinta centímetros de cada lado, dentro de uma antiga pia.

— Logan — falou Nadine, e algo em sua voz chamou a minha atenção na mesma hora.

Eu me virei na direção dela.

— Olha só — disse a minha parceira.

Direcionei a lanterna e vi uma câmera montada sobre um tripé.

Apontada para nós.

Com uma luz vermelha piscando.

— Começou a gravar agora — falei.

A equipe da SWAT estava descendo a escada naquele momento.

Iluminei o porão lentamente outra vez.

Não estava mais pensando que havíamos perdido tempo. Tinha algo de errado.

No meio do cômodo, a luz passou pelo cubo que tínhamos visto um instante antes.

Ele estava se abrindo.

— Nadine — chamei.

— Já vi.

Conforme as laterais do cubo se abriam, a lanterna iluminou uma esfera que parecia ser feita de gelo. Era mais ou menos do tamanho de uma bola de boliche, e, pela quantidade de vapor que escapava da superfície, eu suspeitava que fosse superfria ou talvez feita de algo que não H_2O.

— Tem outra aqui — avisou Nadine.

Eu me virei e vi que ela iluminava outra esfera de gelo idêntica perto da escada.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Não estou gostando nada diss…

Um zumbido me interrompeu; estava vindo da pia.

Fui naquela direção. Vi a fonte da vibração. Senti uma onda de pânico.

Ao lado da esfera de gelo, a tela de um celular acendeu, recebendo uma ligação. Dois fios saíam do aparelho, passando por um buraco no tampo, debaixo do gelo.

As esferas de gelo começaram a brilhar com uma luz azul incrustrada no centro.

— Pra fora! — gritei.

A equipe da SWAT já estava no meio da escada.

Nadine disparou atrás deles.

Vi todo mundo correr para o primeiro andar, e eu estava a vários segundos de distância da escada quando o porão ficou branco.

Senti uma pressão enorme no peito.

Então eu estava caído de costas no chão, encarando o material de isolamento exposto sob o chão da casa.

O visor do meu capuz rachara, arranhado em diversos pontos, e havia pequenos fragmentos claros passando pelo plástico. Não sabia o que eram, até que uma gota d'água congelante pingou do pedaço de estilhaço e caiu no meu olho esquerdo.

Consegui erguer a pistola e iluminar o meu traje. Tinha sido rasgado e perfurado em mais lugares que eu conseguia contar.

O pânico se retorceu.

A dor surgiu.

Meus braços e minhas pernas — a superfície de pele que não estava protegida pela armadura — de repente queimaram, como se eu tivesse recebido mil ferroadas.

Dois



Quando respirei, uma agonia torturante apertou o meu peito.

Ouvi o meu próprio gemido.

Abri os olhos.

Eu estava em uma cama de hospital.

Em um suporte ao meu lado, um monitor de sinais vitais apitava a intervalos regulares, e uma bolsa intravenosa enfiava alguma coisa na minha veia através de uma agulha grudada com esparadrapo no meu braço esquerdo já cheio de curativos. Meu outro braço e minhas pernas estavam cobertos de gaze. Mais perturbador era a divisória de plástico opaco que cercava completamente a cama. Além dela, só era possível ver silhuetas e formas vagas. As vozes que ouvia eram distantes, abafadas.

Tentei relembrar o que havia acontecido quando estava acordado, mas, fosse pelas drogas ou pelos ferimentos, não foi fácil localizar a memória.

Eu estava caído no chão sujo do porão de uma casa vitoriana que tínhamos invadido em Denver. Uma explosão acontecera. Eu tentara me levantar, mas a dor no peito me deixara paralisado.

Então fiquei lá no escuro, me perguntando onde o restante da equipe tinha se metido.

Me perguntando se eu estava morrendo.

A dor distorceu o tempo, então eu não fazia ideia de quantos minutos haviam se passado quando enfim escutei o trovão dos passos descendo a escada até o porão. Uma equipe médica usando trajes de proteção biológica me cercara, e, notando a minha dor extrema, um deles fora misericordioso e me enchera de

alguma droga maravilhosa.

Embarquei em um abençoado mar de escuridão.

Até acordar ali.

Onde quer que fosse.

— *Oi, Logan. Como está se sentindo?*

A voz vinha de um alto-falante na mesa de cabeceira. Era uma voz feminina mais grave do que o normal.

— Dói para respirar — respondi. — Bastante.

— *De um a dez, como você classificaria a dor?*

— Sete. Talvez oito.

— *À sua direita, tem uma coisa parecida com uma varinha. Tem um botão roxo nela. Aperte o botão algumas vezes, e vai sentir a morfina agindo.*

Estiquei a mão, mas parei. Já tinha tomado morfina antes — logo depois de uma batida fracassada no Inland Empire que custara a vida do meu primeiro parceiro e me deixara com um tiro na barriga. Eu amava morfina. Mas a substância me deixava tão relaxado que eu mal conseguia acompanhar a mais simples das conversas. E, naquele instante, eu precisava de respostas.

— Onde estou? — perguntei.

— *No Centro Médico de Denver. Meu nome é dra. Singh. Sou intensivista.*

Respirei com dor mais uma vez.

— Estou na UTI?

— *Correto.*

Caramba. Com os novos vírus e as mutações de doenças conhecidas constantemente circulando, leitos em UTIs estavam sempre em alta demanda e, com frequência, encontravam-se indisponíveis. Ou a APG tinha mexido os pauzinhos para me colocar ali, ou eu estava muito mal mesmo.

— Estou morrendo?

— *Não, seus sinais vitais estão bons.*

— Por que o plástico?

— *Você se lembra do que aconteceu ontem à noite?*

— Eu estava fazendo uma batida. Algo explodiu.

— *Um dispositivo explosivo improvisado foi detonado naquele porão. Você pode ter sido exposto a alguma coisa.*

Um medo paralisante tomou conta de mim.

— Tipo o quê? — perguntei.

— *Um patógeno ou uma toxina.*

— Fui exposto ou não?

— *Ainda não sabemos. Estamos fazendo exames. Posso adiantar que não parece que você tenha sido envenenado. Seus órgãos estão funcionando bem.*

— E as outras pessoas que estavam comigo? Minha parceira, Nadine? A equipe da SWAT?

— *Estão em quarentena aqui também, só por precaução. Mas eles não estavam no porão quando o dispositivo estourou. Os trajes deles não foram danificados.*

Eu me mexi, desconfortável, na cama.

A dor aumentava, o botão roxo parecia me chamar.

— Quais são os meus ferimentos? — questionei.

— *Duas costelas quebradas. Três costelas lesionadas. Seu pulmão esquerdo tinha entrado em colapso, mas corrigimos isso. E os seus braços e pernas estão cheios de cortes causados pelos fragmentos de gelo.*

— A explosão foi tão séria assim?

— *Você estava em um espaço apertado, então a diferença entre o ar dentro dos seus órgãos e a onda de pressão causou algum dano. Por sorte, nada que o colocasse em risco de morte. Você vai conseguir se recuperar.*

Notei que a dor tinha atingido o limite de se tornar tão distrativa quanto a morfina.

Apertei o botão roxo diversas vezes.

O alívio foi instantâneo.

Na mesma hora, me senti leve e confortável.

— *Vi que acabou de ativar o botão da morfina. Tente dormir um pouco, Logan. Darei uma olhada em você daqui a algumas horas.*

• • •

Acordei novamente.

Havia algo diferente.

Algo errado.

Ainda sentia a dor irradiando do meu peito, mas todo o restante do corpo doía também, e eu sentia um calor inacreditável. Os lençóis estavam ensopados.

O suor caía nos meus olhos, e eu não estava respirando, mas sim arfando.

O monitor de sinais vitais apitava bem rápido.

Havia alguém ao meu lado, injetando alguma coisa de uma seringa no cateter intravenoso.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Minha voz soava confusa. As palavras saíram arrastadas.

A pessoa olhou para mim através do visor do traje de proteção biológica. Tentei ler a gravidade da situação nos seus olhos, mas não consegui.

Sua voz surgiu através de um alto-falante no visor. Parecia a da médica com quem eu conversara antes, mas eu não conseguia me lembrar do nome dela.

— Você está com uma febre bem alta, Logan. Estamos tentando baixar a sua temperatura.

— Quão alta?

— Alta demais.

Falei uma coisa que, até mesmo para mim, parecia um delírio.

O zíper da entrada da proteção de plástico foi aberto, e outro profissional de saúde usando um traje de proteção biológica entrou na minha bolha.

— Trouxe as bolsas de gelo, dra. Singh.

— Obrigada, Jessica.

Dra. Singh colocou a seringa de lado e tirou os lençóis que me cobriam. Eu tinha suado tanto que os curativos e a minha camisola hospitalar estavam completamente ensopados.

Dra. Singh levantou com cuidado a minha cabeça do travesseiro conforme Jessica colocava uma compressa fria no meu pescoço.

Tentei perguntar se estava morrendo, mas as palavras saíram confusas, em cores vibrantes. Eu conseguia vê-las deixando a minha boca, explodindo em uma série de fogos de artifício.

• • •

Transpirei e gemi em sonhos febris que iam além de tudo que já tinha vivido.

Fantásticos.

Repetitivos.

Assustadores.

• • •

Quando acordei, não estava mais com febre.

Embora meu peito ainda doesse, não era mais a dor ofuscante de antes.

Eu estava sozinho na bolha, e a voz da dra. Singh surgiu outra vez pelo alto-falante.

— *Olá, Logan. Como está se sentindo?*

— Melhor.

— *Você nos deu um susto. Chegou aos quarenta e um graus.*

— Eu não queria bater nenhum recorde.

— *Não é bom quando a febre fica tão alta assim. Nessa temperatura, danos a órgãos, convulsões e até morte se tornam uma possibilidade.*

— O que causou a febre? — perguntei.

— *Ainda estamos fazendo exames, mas não há indícios de que seja uma bactéria ou infecção. Então, agora nossa opinião é que o que você tem, seja lá o que for, provavelmente é um vírus.*

Merda.

Algum maluco com sede de vingança contra a APG tinha criado uma armadilha. Até havia gravado o momento da exposição.

Ainda mais assustador do que um vírus sintético no meu corpo era a outra razão pela qual as pessoas editavam vírus: eles eram as máquinas perfeitas para levar informação genética estranha para as células. Em outras palavras, podiam ser usados para infectar pessoas com um agente de alteração capaz de reescrever o seu DNA.

Para mim, deitado ali, em quarentena, a ideia de que um vírus poderia me contaminar com uma coisa como o Foice, um modificador de DNA capaz de reescrever o código que me fazia ser eu mesmo, era muito mais aterrorizante do que a possibilidade de um vírus comum.

— *Tem alguém querendo falar com você.*

Uma nova voz surgiu pelo alto-falante.

— *Logan?*

Abri um sorriso tão grande que senti o canto da minha boca rachar.

— Beth?

— *Estou bem aqui, na sala ao lado.*

Parecia que ela estava chorando.

Comecei a chorar também.

Foi a familiaridade da voz dela — aquela mulher que me amava, apesar de tudo — e o pensamento de que eu poderia perdê-la tão rápido quanto o estalo de uma bomba caseira.

— Quando você chegou em Denver? — perguntei.

— Ontem. Ava e eu pegamos o loop para cá assim que nos disseram o que tinha acontecido.

— Ava está aqui?

— Oi, pai.

— Ah, meu Deus, oi, filha. É tão bom ouvir a sua voz.

— É bom ouvir a sua também.

— O que falaram para vocês?

— Não muito. Edwin disse que você tinha entrado em um laboratório que explodiu. E os médicos falaram que você pode ter sido exposto a alguma coisa na explosão e que, por isso, está em quarentena.

— Sinto muito pelo nosso fim de semana. A gente deveria estar em Shenandoah agora.

— Nós vamos assim que você sair daqui — respondeu Ava.

— Você está indo bem na escola, querida?

— Estou.

— Não quero que fique para trás de novo. Eu quase ter explodido não é desculpa.

— Acho que é uma ótima desculpa. Mas trouxe o meu laptop. Estava fazendo os deveres na sala de espera.

— Ok — interrompeu Beth *—, estão dizendo que temos que deixar você descansar agora.*

— Você e Ava vão ficar por perto?

— Não vamos a lugar algum.

• • •

Naquela noite, minha febre voltou.

Tentei dormir, mas tive sonhos loucos. Alucinava sem parar que estava dentro

do meu corpo, observando o vírus invadir as minhas células. Então, eu me *transformava* no vírus, dissolvendo a mim mesmo e aos meus códigos genéticos através das membranas celulares e sequestrando os seus sistemas para produzir mais de mim. Mais partículas virais.

De novo e de novo e…

• • •

Cheguei em um ponto delirante e ensandecido da minha consciência.

Enfermeiras em trajes de proteção biológica colocavam bolsas térmicas frias no meu pescoço e gelo sobre o meu peito.

Eu gemia.

Murmurava coisas sem sentido.

— Eu sou o vírus — falei. — Eu sou o vírus.

A resposta da dra. Singh foi:

— Injeção de seiscentos miligramas de interferon.

Encarei o protetor facial da médica.

— Sinto ele nas minhas células.

Dra. Singh me ignorou e olhou para as outras enfermeiras.

— Mais gelo. Rápido.

Começou a chover dentro do meu reino de plástico, mas não era como nenhuma chuva que eu já tinha visto.

As gotas caíam como letras brilhantes…

A
G A
C G A
T C G A
T C G A
T C G A
T C G A
T C G A
T C G A
T C G A

T C G A
T C G
T C
T

… adenina, guanina, citosina e timina: as quatro bases nitrogenadas que formavam o ácido desoxirribonucleico.

DNA.

O ar estava cheio de nucleobases.

Elas explodiam para todos os lados.

Formavam vórtices rodopiantes.

Escorriam pelas paredes de plástico.

Permutações misteriosas e infinitas do diagrama de toda a vida na Terra.

Eu conseguia sentir as letras respingando no meu rosto.

Eu as *inalei* .

Uma torrente de biocódigo que não parava de se transformar, de sofrer mutações.

Minha cabeça fervia, e pensei que, se ao menos eu conseguisse decifrar o código, poderia entender o que o vírus estava fazendo comigo.

• • •

Quando acordei, havia uma pessoa usando um traje de proteção biológica sentada ao meu lado. Não sentia mais dor nas costelas, e a febre tinha passado, mas eu estava exausto.

A pessoa se virou para mim.

Olhei de volta e vi o rosto do meu chefe, o diretor da Agência de Proteção Genética, Edwin Rogers. Fiquei feliz em vê-lo. Eu me candidatei para uma vaga na APG assim que saí da prisão. Não achei que fossem me levar a sério, mas o próprio Edwin Rogers conduziu a entrevista e me contratou na mesma hora, apesar dos meus diversos antecedentes criminais e da falta de experiência em trabalhar com a lei. Por causa daquilo, ele sempre poderia contar com a minha lealdade.

— Olha só quem acordou — disse Edwin.

— Oi — falei, fraco. — Como Nadine está?

— Em quarentena ainda, mas sem sintomas. Ela deve ser liberada em um ou dois dias. Infelizmente, você recebeu o maior impacto da coisa.

— E sabemos o que essa "coisa" pode ser?

Edwin pigarreou.

— Tenho certeza de que já percebeu, mas você caiu em uma armadilha. Ainda estamos com Henrik Soren. Vamos acusá-lo de tentativa de assassinato.

— O que Soren está alegando? — perguntei.

— Que não sabe de nada. Ele jura que fez uma entrega para um homem naquela casa na manhã de quinta-feira.

— Nenhum nome?

— Ele nos deu uma descrição física genérica e um nome de usuário na dark web, que, como você sabe, é…

— Inútil. — Eu me ajeitei para me sentar, as costelas gritando. Edwin arrumou os travesseiros às minhas costas. — Você viu o porão?

— Vi. Encontramos vestígios de duas bombas de gelo. Com certeza a bomba caseira mais estranha que já vi.

— O gelo era feito de H_2O ou…?

— De H_2O, no formato de esferas absurdamente duras. A explosão transformou o gelo em farpas. Foram elas que perfuraram o seu traje. E a sua pele.

— Vocês conseguiram coletar um pouco da água derretida ou dos fragmentos de gelo?

— Sim. E terminamos de sequenciar uma amostra. As esferas de gelo tinham um vírus em suspensão superfria.

De repente eu me vi completamente desperto.

— É bem engenhoso, na verdade — continuou ele. — Os estilhaços entram no seu corpo através de cortes superficiais e derretem sem criar danos físicos duradouros.

— Meu Deus.

Ele repousou a mão enluvada no meu ombro.

— Antes de entrar em pânico, não é nenhum vírus da família *Filoviridae* , que provavelmente está nos seus pesadelos. Não é ebola nem marburg. Sabemos que não é varíola. Na verdade, ele tem características da família *Orthomyxoviridae* .

— Influenza?

— Sim.

— Sintética?

— É o que achamos.

Então fiz a pergunta que quase não queria que fosse respondida:

— Ele tinha um complexo do Foice codificado?

Ele assentiu.

Merda. Eu havia sido infectado não apenas por um vírus de origem desconhecida, mas por uma carga contendo o sistema de edição de genomas mais poderoso já criado. Eu tinha quase certeza de que ele havia sido sintetizado não para me deixar doente, mas para infectar algumas ou todas as células do meu corpo, possivelmente editando e reescrevendo partes do meu DNA.

— Vocês sabem quais genes e vias de sinalização eram os alvos? — perguntei.

— Ainda não, mas estamos fazendo um exame e uma análise completa de uma amostra dos seus leucócitos.

Tentei conter a onda de medo, mas não consegui. Aquilo simplesmente acabou comigo. Era a pior notícia possível, embora não fosse lá uma surpresa. Eu ficara caído no chão imundo de um porão enquanto o gelo derretia dentro de mim. No entanto, a realidade da minha situação se tornara mais sólida do que antes.

Edwin esticou a mão e deu tapinhas no meu ombro.

— Queria que escutasse isso de mim — disse ele. — Vamos encontrar a pessoa que fez isso e acabar com a vida dela. Concentre-se apenas em melhorar.

— Vou tentar, senhor.

A intenção dele era me confortar, mas encontrar o culpado não me ajudaria em nada se aquelas mudanças no DNA fossem letais. Um sistema Foice poderia destruir completamente o meu genoma.

Se o código genômico de alguém fosse escrito em um livro de tamanho normal, esse livro consistiria em um tomo de vinte andares com três bilhões de permutações com as letras *A* , *C* , *G* e *T* , que representavam as quatro nucleobases — adenina, citosina, guanina e timina. As combinações específicas dessas quatro nucleobases criavam o código de toda a vida biológica no planeta. Esse código se chamava genótipo, e a maneira como ele se apresentava fisicamente em um ser vivo (como a cor dos olhos, por exemplo), combinada às

suas interações com o ambiente, era chamada de fenótipo. Mas a correlação entre genótipo e fenótipo — qual código de DNA programa qual traço — ainda era algo que não entendíamos.

Edwin se levantou da cadeira. Então caminhou até a porta, abriu o zíper da entrada e foi para o outro lado.

Ao observá-lo me fechando em meu universo cercado por plástico, me senti muito sozinho.

Aquilo me lembrou do meu tempo na prisão e da sensação esmagadora de que outras pessoas podiam ir e vir.

Mas eu estava lá.

Aprisionado com o meu genoma em mutação.

• • •

Eles me colocaram em tratamento contínuo com interferon gama e um conjunto de novos antivirais.

Tive outra febre na noite seguinte, e então comecei a melhorar rapidamente. Minha energia retornou. Meu apetite também. Comecei a dormir a noite inteira.

Em três dias, meus curativos tinham sido retirados, e as feridas formadas pelo gelo haviam desaparecido.

Minhas costelas ainda doíam, mas eu estava desesperado para sair da cama e caminhar um pouco — mesmo que fosse de um lado para o outro no corredor da UTI.

Eu estava louco por um banheiro de verdade em vez do penico humilhante.

Mas não me deixaram sair da minha bolha.

Como não sabiam quase nada sobre a variante hackeada de influenza com que fui infectado, dra. Singh não queria correr nenhum risco. Embora estivesse assintomático, eu ainda disseminava o vírus, o que significava que poderia contaminar os outros.

E assim passei os dias assistindo a filmes no meu tablet e tentando me concentrar o suficiente para ler. Porém, na maior parte do tempo, ficava obcecado, pensando no que o Foice estava fazendo comigo.

No começo, o hospital não deixara minha esposa e minha filha me visitarem, mesmo com trajes de proteção. Porém, depois de uma semana na cama, insisti

em receber permissão para vê-las.

Minha filha de catorze anos atravessou a passos largos a divisão de plástico, usando um traje de proteção que a engolia. Ela estava carregando uma bolsa de tecido pendurada no ombro.

Ri quando a vi — minha primeira risada de verdade desde que tinha entrado na UTI, cinco dias antes. Mas, com as minhas costelas rachadas e quebradas, a alegria se transformou em dor na mesma hora.

— Oi, pai — disse Ava, a voz saindo do alto-falante acoplado.

Então, ela se inclinou por cima da cama e me deu o melhor abraço desconfortável que já recebi, sua proteção facial pressionando o meu rosto. Mesmo que fosse com uma barreira de luvas de látex e um macacão Tyvek, o toque de alguém que eu amava e que me amava também me levou às lagrimas novamente.

— Tudo bem, pai?

— Tudo bem — respondi, enxugando as lágrimas.

Ela puxou a cadeira e tirou um tabuleiro de xadrez da bolsa que trouxera consigo.

— Quer jogar?

— Nossa, sim. Estou cansado de olhar para telas.

Eu me sentei, gemendo enquanto tentava ajeitar os travesseiros atrás de mim. Ava abriu o tabuleiro, colocou-o em cima da cama e começou a arrumar as peças.

Fiquei emocionado por ela ter colocado o traje para passar um tempo comigo na minha bolha. Um traje de proteção biológica podia ser uma experiência claustrofóbica para quem não estava acostumado a usá-lo. Eram quentes e pesados, e o rosto sempre começava a coçar assim que se entrava na área de quarentena. E, claro, acima de todas essas inconveniências estava a ameaça muito real de violação do traje.

Ela esticou as duas mãos fechadas, e eu toquei na direita. Ava a abriu, revelando um peão branco.

O primeiro movimento era meu.

Eu tinha ensinado xadrez para a minha filha quando ela tinha cinco anos. Ela aprendeu rápido e logo desenvolveu uma compreensão inata não apenas do movimento das peças, mas da necessidade de uma estratégia mais elaborada para

vencer.

Tentávamos jogar uma partida todo dia, quase sempre sentados à mesa de ferro no quintal ou, se o tempo estivesse ruim, em frente à lareira, com o tabuleiro bem perto do fogo.

Aos dez anos, ela havia se tornado uma jogadora formidável.

Aos doze, estávamos em pé de igualdade.

Aos treze, ela superou o meu nível com um excelente repertório de aberturas e finalizações fortes. Só conseguia vencê-la quando não cometia nenhum erro, e ela cometia ao menos um. Mas essa combinação era rara.

Às vezes eu me perguntava se Ava tinha sido abençoada com o intelecto da minha mãe.

Fiz a abertura.

— Pai? — disse ela, movimentando a sua peça: cavalo na F6. — Quinhentos e sessenta e um. Só queria que você lembrasse.

Revirei os olhos.

Ela sorria por trás da proteção facial.

Ava estava se referindo a quinhentos e sessenta e um *dias* .

Minha filha estava me lembrando a última vez que eu tinha feito um xeque-mate contra ela.

• • •

Jogamos todos os dias na semana seguinte.

Ela ganhou todas as partidas, e eu não cheguei nem perto de uma vitória.

Beth também me visitava, sempre usando o traje. Longe da rotina e das distrações cotidianas da vida em Virgínia, conversávamos mais do que tínhamos feito em anos.

Certa tarde, ela olhou para mim através da proteção facial e pegou a minha mão, a nossa pele separada por uma camada de látex.

— Quando vai ser o suficiente? — perguntou ela.

Ela estava se referindo ao meu emprego. Era uma briga frequente.

— Não sei.

— Você já foi baleado. Agora pode acrescentar “quase explodido” ao placar.

— Não existe um placar.

— Claro que existe — disse ela. — Olhe para mim, por favor. Se eu achasse que você ama esse trabalho, não diria nada, mesmo sabendo dos perigos que corre. Mas sei que você não ama. Não tem a ver com você. É motivado por obrigação e culpa, e pode ser que fizesse sentido no início, mas já faz quinze anos que foi perdoado. Talvez seja hora de perdoar a si mesmo e se dedicar a algo que ame de verdade.

O que eu amava de verdade, o que queria fazer de verdade — o que *sempre* quis fazer — era ser geneticista. Compreender e usar o poder do código-fonte da vida para transformar o mundo em um lugar melhor. Aquilo era resultado de ter crescido com minha mãe. Ela era um colosso, e a sua influência me deixou com ambições exageradas.

Mas eu não vivia em um mundo em que meus sonhos eram possíveis.

E a parte mais difícil — a que corroía as minhas entranhas aos poucos desde que me tornara adulto — era que, mesmo que fosse possível, eu não tinha uma gota da inteligência de um Anthony Romero ou uma Miriam Ramsay.

Eu tinha sonhos extraordinários, mas uma mente ordinária.

• • •

Exatamente duas semanas depois de ter dado entrada na UTI do Centro Médico de Denver, a porta da minha bolha foi aberta, e dra. Singh entrou com um grande sorriso no rosto e um cabelo escuro e cheio que passava dos ombros.

— Você tem cabelo — comentei.

— Tenho. Bastante.

— Cadê o seu traje?

— Não preciso dele.

Ela se aproximou e se sentou na cadeira ao lado da minha cama. Era um pouco mais jovem do que eu teria imaginado, a julgar pela rouquidão da sua voz.

— Nós estamos confiantes de que o vírus, qualquer que seja, completou o seu ciclo. Você ainda vai sentir dor por mais ou menos um mês, mas estamos o expulsando daqui. Ah, e tem alguém no telefone que quer conversar com você. — Ela tirou o celular do bolso e colocou no viva-voz. — Diretor Rogers? Logan está na linha.

— *Logan, está me ouvindo?*

— Sim, senhor.

— *Sua médica acabou de me dar as boas notícias, e também tenho novidades para compartilhar. Sua análise de DNA chegou hoje. Está tudo bem.*

— Não houve mudanças no meu genoma? — perguntei.

— *Nenhuma que conseguimos notar.*

Eu me esforcei para não chorar.

— Obrigado, senhor. Muito obrigado.

— *Vejo você de volta em Washington.*

Assim que dra. Singh finalizou a chamada, Beth e Ava entraram pela abertura no plástico e correram até minha cama. Ambas subiram no colchão estreito e me deram um abraço, me espremendo no meio.

— Cuidado com as costelas — grunhi.

Estávamos rindo e chorando. Eu sentira falta das sensações mais simples. O cheiro delas. O tom de voz natural, sem ser filtrado pelo protetor facial do traje. A sensação da pele delas em vez de látex.

Após catorze dias em quarentena, era como um convite para retornar à minha vida.

Para voltar para casa.

Três



Uma fresta se abriu na porta do banheiro. Beth espiou lá dentro.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, os olhos inchados de sono.

Uma pergunta justa. Eram três da manhã, e eu estava sentado dentro da banheira com a água mais quente que conseguia aguentar.

— Acordei você?

— Não, me estiquei para encostar em você, mas não te encontrei. É a mesma coisa da semana passada?

— É.

— O que está doendo?

— As pernas. Os braços. As costas. Basicamente tudo.

Beth entrou no banheiro e começou a revirar o armário de remédios.

— Já tomei Advil — avisei. — Estou esperando fazer efeito.

Minha esposa se aproximou da banheira vitoriana, feita de ferro com uma pátina de cobre por cima. O vapor que subia da superfície da água tinha enchido o cômodo com uma névoa quente e pesada.

— Você não mijou aí dentro, né? — perguntou ela.

Eu ri.

— Não, por quê?

Ela tirou o robe, deixando-o escorregar pelos ombros e cair no chão de azulejos.

Segurando a lateral da banheira, Beth esticou sua longa perna e entrou.

— Ai, está quente. — Ela expirou devagar entre os dentes conforme se abaixava diante de mim. — Não sei como você aguenta.

— É porque dói muito.

— Como é essa dor?

— Você se lembra das dores do crescimento?

— Lembro.

— É mais ou menos assim. Com anabolizantes. Uma dor muito forte.

— Ou talvez você tenha se tornado um molengão fracote com a idade.

Sorri e mostrei o dedo do meio para ela.

Com as costas apoiadas no esmalte liso, fechei os olhos. Apesar da temperatura da água, minhas pernas ainda latejavam. Eu tinha tomado três Advils, mas começava a suspeitar que precisaria de algo mais forte se a dor persistisse.

— Gostaria que você falasse com dr. Strand sobre essas dores.

— Tenho uma consulta com ele amanhã.

O que eu não havia contado a ela era que já tinha conversado com dr. Strand sobre essa dor recorrente durante um check-up vários dias antes, e ele ficara preocupado o suficiente para me mandar fazer uma bateria de raios-X. Eu contaria a Beth o que estava acontecendo quando tivesse notícias concretas. De que adiantaria deixá-la preocupada se não fosse nada?

— Você vai conseguir trabalhar amanhã? — perguntou ela.

— Espero que sim.

A APG tinha me dado uma licença desde os acontecimentos em Denver, seis semanas antes, mas no dia seguinte eu deveria retornar ao trabalho pela primeira vez desde quase morrer. Minhas costelas haviam se recuperado bem, e os cortes causados pelo gelo se fecharam sem formar uma única cicatriz.

— Que horas é o seu trem? — indaguei.

— Sete e quinze.

Beth ia pegar o loop até Nova York para uma conferência de sociologia na Columbia. Daria uma palestra sobre crime na Baixa Manhattan, que havia se tornado um enorme acampamento sem-teto desde a sua inundação e condenação há oito anos.

— Ainda está planejando ficar a conferência inteira?

— Sim. Queria que viesse comigo. Poderíamos tirar férias de uma semana.

Começamos a bater papo conforme a água esfriava. Conversar com Beth era um dos poucos prazeres da minha vida. Na verdade, quando a pedi em casamento, tantos anos antes, foi com a seguinte frase: "Não tem ninguém neste planeta com quem eu preferiria jantar dez mil vezes."

A dor nas minhas pernas foi diminuindo aos poucos.

Beth enfim se levantou e saiu da banheira, suspirando ao dar uma olhada no celular.

— O que foi? — perguntei.

— Já passou das quatro horas. Tenho que fazer a mala e chegar na Union Station às seis. Nem adianta tentar voltar a dormir.

— Desculpe por ter acordado você — falei.

Ela vestiu o robe, amarrou a faixa na cintura e se virou para a banheira.

Abaixando-se, Beth me deu um beijo.

— Nunca peça desculpas por isso.

• • •

De manhã, deixei Ava na escola, estacionei perto da estação Arlington Cemetery e peguei a linha azul para Washington.

A sede da Agência de Proteção Genética ficava no Constitution Center, nas mesmas salas que um dia abrigaram o Fundo Nacional para as Artes.

Mostrei meu distintivo para o segurança e peguei o elevador até o conjunto de escritórios do diretor e vice-diretor, onde fui chamado para comparecer a uma reunião com Edwin Rogers às nove.

Esperei do lado de fora, com a secretária que defendia ferozmente o seu posto, por meia hora, e então Edwin saiu pela porta, me cumprimentando:

— Já tomou café?

— Sim, mas sempre posso tomar mais.

— Venha comigo.

Ele era um homem impressionante, que dominava os lugares.

Um metro e noventa e cinco de altura, magro, ombros largos e vestido com um incrível terno sob medida.

Aos sessenta anos, andava com uma velocidade impressionante, e tive que acelerar para acompanhar seus passos longos e confiantes.

Descemos até o pátio central do prédio e entramos na fila de uma vendinha de café. A manhã estava agradável para o fim de novembro, e os dez andares cobertos de vidro que cercavam o pátio de um acre do Constitution Center nos mantinham protegidos do vento que soprava do Potomac e também do barulho da interestadual, ao sul.

Bebemos o café em um banco próximo.

— Como estão essas costelas arrebentadas? — perguntou Edwin.

— Sensíveis, ainda. Vou no médico hoje à tarde.

Edwin tomou um gole do café.

— E a terapia? Se não se incomoda de eu perguntar…

— Está ajudando.

— Que bom. É importante se certificar de que você está processando o que ocorreu em Denver. Poderia ter sido bem pior.

Bebi o café.

Bem acima das nossas cabeças, ouvi o estrondo de um hiperjato rompendo a barreira do som ao decolar do Aeroporto Nacional Reagan.

— Como estamos com Soren? — perguntei.

— Fizemos acusações de tentativa de assassinato. O juiz negou a fiança. Ele ainda está sendo mantido em Denver.

— Ele não tentou fazer um acordo?

— Nem quer falar com a gente.

— O que temos contra ele?

— Pouca coisa. O computador estava limpo.

— Ele nos disse onde ficava a casa. Admitiu ter feito uma entrega lá. Nos mandou direto para uma armadilha.

— E, quando ele pediu um advogado, você ameaçou extraditá-lo ilegalmente para a China.

— Senhor, eu…

— Logan. Estou do seu lado.

— E se a gente colocasse um chip nele e o liberasse?

— Com aquelas nanocoisas experimentais da DARPA?

— Por que não? Ver para onde ele vai.

— Aquelas coisas só são úteis com informantes que querem cooperar. Elas se dissolvem depois de quarenta e oito horas. Além disso, como você sabe, seria

uma pequena violação dos direitos de Soren. Outra vez.

— Então o que vamos fazer?

— Haverá uma audiência preliminar daqui a duas semanas. Vai ser o nosso momento da verdade. — Edwin deu uma olhada no relógio e se levantou. — Tenho que ir ao Capitólio. Quero que você fale com a Divisão de Inteligência. Eles sabem que você está a caminho. Vai ficar com a bunda na cadeira, trabalhando no setor de análise até estar liberado para ação em campo.

Enquanto observava Edwin atravessar o pátio, uma voz familiar me chamou. Vi a minha parceira, Nadine, vindo até mim, sorrindo.

— Oi, sumido — disse ela, sentando-se ao meu lado. — Como está se sentindo?

— Melhor. O diretor me colocou em serviço administrativo, então… diversão garantida.

— Ah, para com isso, é o seu sonho. Você odeia trabalho de campo. Fica todo enjoado.

— É verdade. Também odeio ficar em uma salinha apertada.

Nadine riu.

— É quase como se fosse impossível deixar você feliz.

Revirei os olhos.

— Tem planos para o almoço? — perguntou ela.

— Não.

— Tem um lugar novo de lámen do outro lado da rua. Eu pago.

— Qual é o motivo da comemoração?

— Sei lá. Não posso ficar feliz por você não ter morrido?

— Quanto tempo vai ficar na cidade? — perguntei.

— Vou pegar o loop para Minneapolis hoje à noite. — Ela deu de ombros. — Parece que alguém montou um laboratório genético no porão de um hospital psiquiátrico abandonado.

— Parece o início de um ótimo filme de terror.

— Dou uma passada no setor de análise um pouco antes do meio-dia para te encontrar. — Ela se levantou e fez um brinde com os nossos copos de café. — Bom ter você de volta.

E foi embora, atravessando o pátio.

• • •

Dr. Jeff Stand, meu médico internista há quase uma década, se sentou à minha frente no consultório, analisando o meu prontuário.

— Então, recebi os resultados dos seus raios-X.

— Ok.

Eu me preparei.

Ficamos batendo papo por alguns poucos minutos, mas eu só conseguia pensar naqueles resultados.

Enfim, ele anunciou:

— Encontrei algumas… irregularidades.

Ele retirou duas chapas da minha ficha e as colocou sobre a mesa acolchoada em que eu estava sentado. Elas pareciam idênticas para mim. O médico indicou uma delas.

— Essa é uma imagem dos ossos carpais da mão direita, do rádio e da ulna. Pulso e antebraço. Estão normais.

— Isso é bom, não é?

— Essa chapa é de outro paciente meu.

— Ah.

Ele apontou para o outro raio-X.

— Essa é a imagem do seu pulso e antebraço direitos.

Comparei as duas.

— Está vendo a diferença? — questionou ele.

— Na verdade, não. Fala logo, é câncer?

— Não, nada do tipo. Você chegou a quebrar algum osso quando era criança?

— Quebrei minha clavícula quando tinha treze anos.

— E acabou de quebrar algumas costelas quando esteve em Denver, em outubro.

— Isso.

Ele pegou outra chapa da minha ficha.

— Essa imagem é das suas costelas quebradas no hospital de Denver. Tirando as fraturas e os rompimentos, os ossos estão normais. — Ele apontou para o raio-X mais recente do meu braço direito. — Esses não estão normais.

— Qual é o problema deles?

— Não tem nenhum problema específico. Existe um parâmetro chamado z-escore, que mede a densidade mineral do osso. Qualquer coisa entre menos um e um está dentro da normalidade. Seu z-escore é de 2,75.

— Isso é alto?

O médico deu uma risadinha.

— Em toda a minha carreira, nunca vi ossos tão densos. Se eles estão passando por um ciclo de densificação, isso pode explicar a dor profunda que você vem sentindo.

— O que poderia causar um aumento na densidade óssea?

— Coisas ruins. Câncer de próstata metastático avançado, doença óssea de Paget, picnodisostose, osteoporose… É uma lista longa e assustadora. Mas aí é que está. Você não tem nada disso.

— Tem certeza?

— Fiz todos os exames que a nossa IA conseguiu pensar. Você está perfeito de saúde. Só que tem ossos superdensos agora. Bem menos propensos a quebras e fraturas.

Senti um arrepio repentino.

Meu coração martelava no peito.

Olhei para Jeff, um homem pequeno com a barba cheia e olhos melancólicos.

— Você está compartilhando meu histórico medicinal com a APG? — perguntei.

— Você assinou um documento que me permitia mandar relatórios após o acidente em Denver. Para eles saberem quando vão poder colocá-lo de volta em campo. Por quê?

— Você já compartilhou esses raios-X e as suas avaliações com eles?

— Ainda não.

— Não faça isso.

Jeff pareceu confuso.

— Qual é a sua preocupação?

— Pode fazer mais um mapeamento genético para mim?

— Achei que o seu exame em Denver tinha dado negativo para mudanças.

— Deu, sim.

— Por que ele não teria detectado qualquer mudança se o seu genoma tivesse sido alterado?

— Por uma série de razões — respondi. — Sabemos que aquelas bombas de gelo continham um pacote de edição genética. Talvez o alvo só fossem certos órgãos. Ou o vetor viral pode ter sido programado com um mecanismo de atraso, permitindo que ele ficasse dormente e modificasse o meu genoma depois.

Jeff se levantou.

— Vou mandar o seu DNA para uma nova rodada de sequenciamento genético. Depois comparamos com o último teste. — Ele começou a guardar as chapas de volta na minha ficha. — Se encontrar qualquer anomalia, sou obrigado por lei a reportá-la. Você sabe disso, claro. Mas vou informá-lo primeiro.

Talvez eu estivesse sendo paranoico, mas, se o meu genoma tivesse sido alterado em Denver, gostaria de saber que outras mudanças poderiam estar a caminho. A última coisa que eu queria era que a APG pensasse que eu fizera aquilo comigo mesmo ou uma reportagem no *New York Post* ou no *The Guardian* com uma manchete anunciando que o filho deplorável de Miriam Ramsay fora pego fazendo autoedição.

No entanto, acima de tudo, eu não queria ser a cobaia de outra pessoa.

• • •

Uma frente fria atingiu Washington na hora do rush.

Um turbilhão de céu escuro, vento e chuva; o último prego atravessando o coração do outono.

Conforme eu dirigia pelos últimos quarteirões até a minha casa em Bluemont, bairro de Arlington, folhas mortas rodopiavam pelo ar, e eu conseguia sentir a mudança de pressão como um torniquete apertando as minhas costelas.

Com Beth em Nova York, Ava e eu decidimos pedir comida do nosso restaurante chinês favorito.

Acendi a lareira.

Pela primeira vez naquela estação.

E, enquanto a água gelada escorria pelas janelas que davam para o meu quintal, minha filha pegou o tabuleiro de xadrez feito de jacarandá e começou a organizar as peças de mármore. Pensei ter detectado algo na linguagem corporal de Ava, e um pesar nos seus olhos.

— Como foi o seu primeiro dia de volta? — perguntou ela.

— Bom. Me colocaram para fazer serviço burocrático na Divisão de Inteligência.

— E o que eles fazem lá?

Ela esticou as duas mãos. Havia um peão branco em uma delas, o peão preto na outra. Escolhi a mão esquerda.

Preto.

A primeira jogada era dela.

— Ficam de olho em todos os cientistas que costumavam trabalhar com genética. Tentam prever quais deles são os mais propensos a burlar a lei.

— Como você prevê uma coisa dessas? — perguntou Ava ao fazer o seu movimento de abertura.

Peão na e4.

— Com um programa de inteligência artificial chamado MYSTIC.

Movi o meu peão de forma a encarar o dela.

— Caramba, pai.

— O que foi?

— Você trabalha para o sistema.

Não tive coragem de contar para ela um fato que eu mesmo só começara a aceitar recentemente. Eu não apenas trabalhava para o sistema. Eu era o sistema.

Revezamos as jogadas, avançando com os cavalos.

Depois de dez minutos de jogo, ninguém tinha perdido nenhuma peça ainda.

— Você gosta do seu trabalho? — perguntou Ava.

— É interessante.

— Mas você gosta dele?

— Poucos sortudos gostam do…

— Não foi isso que eu perguntei.

Não consegui deixar de sorrir. Era tão parecida com a avó.

— Mamãe gosta do trabalho dela — alegou Ava.

— É. Ela é uma das sortudas.

— Você já quis ser um cientista que nem a sua mãe?

Assenti, achando aquela pergunta curiosa. Ava quase nunca mencionava a avó. É claro que a minha filha sabia quem ela era e o que tinha feito. Mas era raro falarmos desse assunto.

— Como a minha avó era?

— Uma das pessoas mais inteligentes que já existiu.

— Não, como ela *era* ? Se estivesse aqui com a gente agora mesmo…

— Quase sempre séria. Dava a impressão de que estava pensando em outra coisa, e provavelmente estava mesmo. Mas, quando queria participar da conversa, não tinha dificuldade. Conseguia ser muito engraçada no momento certo.

— Ela era uma boa mãe?

— Sei que ela me amava. Mas digamos que eu não era a coisa mais importante na vida dela. Sua avó queria dominar a criação e edição de DNA. Curar doenças. Melhorar a qualidade da vida humana. Do meio ambiente. Do mundo. E, para ela, não era uma questão de dinheiro. E não ligava nem um pouco para a fama.

— Será que eu gostaria dela?

— Difícil dizer. Ela não seria a vovó Ramsay. Pessoas com esse tipo de ambição… não são como nós. São incansáveis. Acham que querem paz e que, se atingirem o objetivo delas, vão alcançá-la. Mas isso nunca acontece.

Não contei para Ava a verdade nua e crua. Como eu realmente me sentia em relação à minha mãe? Eu a odiava. E a amava. Queria ter tido outra mãe, mas também queria ter sido ela. E teria matado por ela.

— Você nunca tinha feito perguntas íntimas sobre a minha mãe — comentei.

— Adivinha qual catástrofe global estamos estudando na aula de história mundial moderna?

Merda.

Era em momentos assim que eu ficava grato por termos tido a prudência de dar à nossa filha o sobrenome da mãe: *Williams* . Crescer já era difícil, mesmo sem ser a neta da arquiteta do maior extermínio em massa por acidente da história humana.

— Alguém…?

— Só a minha professora sabe. Ela me avisou que íamos estudar o assunto.

Recebi um alerta de que a nossa comida tinha chegado.

Saí de casa e peguei os pacotes do assento de passageiro do veículo autônomo de entrega. Quando voltei, vi que o bispo de Ava ameaçava o meu cavalo. Se eu não tomasse cuidado, e rápido, aquilo me faria perder o jogo.

Coloquei os sacos de papel com a comida na mesa de centro. O cheiro doce e apimentado do frango General Tso e da carne com molho de laranja começava a

permear a sala.

Ava tirou os olhos do tabuleiro.

— Você pediu carne de verdade?

— Resolvi esbanjar.

O sorriso dela fez a taxa adicional de trezentos por cento valer cada centavo.

Voltei ao jogo.

O que Ava estava fazendo — ou tentando fazer — era me enganar para que eu bloqueasse aquela ameaça com um peão. Se eu caísse naquela armadilha, ela levaria a rainha para aquele quadrado recém-desocupado, o d3, depois de duas jogadas, e de lá estaria a treze movimentos (se eu não bloqueasse o peão e o cavalo dela; se bloqueasse, levaria dezessete movimentos) para dar xeque-mate. No entanto, se eu sacrificasse um dos meus cavalos e usasse essa jogada para avançar o meu peão para o b5, a dinâmica do jogo mudaria. Minha rainha e meu cavalo já estavam em posição no lado de Ava do tabuleiro, e, embora eu ainda estivesse longe do xeque-mate, com certeza poderia fazer uma limpa nas peças dela.

Foi muito estranho ver tantas jogadas à frente; em geral, eu só conseguia ver duas ou três, no máximo.

Assim, avancei o meu peão e, onze movimentos depois, dei xeque-mate em Ava no f8 com a minha torre e rainha.

Ela ficou tão chocada quanto eu.

Curiosamente, aquele não parecera nenhum dos nossos últimos jogos. Não achava que ela me deixara ganhar, mas aquela não era, de forma alguma, a Ava que eu estava acostumado a enfrentar. Eu me perguntei se a situação com a avó dela a distraíra do jogo.

Esticando o braço sobre o tabuleiro para apertar a minha mão, Ava perguntou:

— Você tem praticado?

— Não. — Sorri. — Não posso dar sorte às vezes?

— Isso não pareceu sorte.

Ela se levantou e foi até os pacotes de comida.

— Ei — chamei.

Ela se virou para mim.

— Desculpe.

— Pelo quê?

Escolhi as palavras com cuidado.

— Pelo passado da minha família estar afetando você. Queria poder dizer que fica mais fácil.

— Ela era uma pessoa ruim?

— Não. Não tem muita gente ruim de verdade no mundo. Ela só tinha… vários defeitos.

— Não sei o que pensar sobre ser neta dela. Saber que existe uma parte dela em mim. Nem o meu namorado sabe disso. Parece que estou mentindo para as pessoas.

Eu não sabia o que responder, mas ficava de coração partido ao ver a dor causada pelas ações da minha mãe enfim se manifestando na minha filha.

— É uma situação difícil — falei. — Se você quiser conversar com alguém sobre isso… uma pessoa que não seja eu ou a sua mãe… é só dizer.

• • •

Fui para a cama às nove, com uma abertura na janela grande o suficiente para ouvir a chuva.

Abri o livro que estava lendo naquela semana — *Não me abandone jamais* , de Kazuo Ishiguro. Antes de Denver, havia uma torre de doze livros sobre a minha mesa de cabeceira, presentes de aniversário e Natal dos últimos anos. Minha intenção sempre fora lê-los, mas em geral, no fim do dia, eu só tinha energia e capacidade de focar em um ou dois episódios de alguma bobagem na TV que chamava um pouco da minha atenção.

Talvez fosse o fato de ter ficado um mês em casa sem o estresse do trabalho, mas percebi que ultimamente minha concentração e curiosidade haviam aumentado.

Durante as duas semanas anteriores, descobri que, mesmo quando assistia à TV, eu preferia documentários e histórias reais. E ler tinha voltado a ser uma alegria. Não havia nada como a sensação dos meus dedos virando as páginas em silêncio, e eu também me lembrava de livros que tinha lido no passado.

Passagens exatas de prosa.

Até mesmo o que sentira ao lê-las.

Terminei o livro pouco depois da meia-noite, fechando-o com uma pequena faísca de satisfação queimando dentro de mim. Nas últimas duas semanas, havia lido os doze livros que estavam definhando na minha mesa de cabeceira.

Eu *nunca* tinha sido capaz de me concentrar e focar de forma tão intensa. Algo estava diferente. Enquanto fechava os olhos, uma voz baixa sussurrou do canto mais distante da minha mente: "Não é *algo*. É *você* que está diferente."

• • •

O consultório da minha psicóloga ficava em Georgetown. Eu não sabia se a intenção era criar um espaço calmo e relaxante, mas quase todos os itens na sala — carpete, mobília, cortinas, quadros — tinham um tom de cinza.

O nome dela era Aimee. Aquela era a nossa terceira sessão, e eu já conseguia sentir que estávamos esgotando os acontecimentos em Denver. Eu precisava carregar a conversa com mais frequência, muitas vezes usando vinte palavras para comunicar o que só precisaria de dez, fazendo o que podia para preencher os cinquenta minutos.

Mas havia algo diferente naquele dia.

Desde o início da nossa sessão, estava nítido que Aimee tentava guiar a conversa de uma maneira que não tinha feito antes.

Ela não parava de voltar à ideia de que novos traumas reabrem feridas antigas.

— Só estou me perguntando se o acidente em Denver trouxe à tona emoções ou medos que você sentiu na última vez que se machucou. Ou em qualquer outro evento na sua vida — concluiu ela.

Pronto , pensei. Talvez dra. Aimee Frum achasse que estava sendo sutil, porém, na minha opinião, ela carregava um cartaz que não parava de brilhar, escrito: *Estou tentando fazer você falar da sua mãe.*

Acho que a minha única dúvida era se ela realmente acreditava que precisávamos falar sobre a minha mãe para confrontar o ocorrido em Denver ou se enfim fora vencida pela curiosidade, se eu era uma caixa de bombons psicológicos irresistíveis que ela simplesmente não conseguia deixar de abrir.

— Na verdade, não — respondi.

— Até onde sei, você passou algum tempo preso.

— Três anos. Dos vinte e sete aos vinte e nove.

— Deve ter sido difícil.

— Era um presídio de segurança média. Só me meti em duas brigas enquanto estive lá. É por isso que o meu nariz é torto. Eu quase sempre ficava na minha. Nenhuma das gangues me incomodava, e algo bom saiu disso… conheci a minha esposa lá.

— Na prisão?

— Beth é professora de criminologia. Naquela época, ela estava fazendo uma pesquisa no presídio. Ela entrou em contato comigo. Nós nos conhecemos, nos demos bem e começamos a nos encontrar uma vez por semana. Isso continuou por uns meses, até ela ir embora, pois tinha aceitado um emprego na American University. Quando fui liberado, eu a chamei para sair. Vai fazer quinze anos no mês que vem.

— Foi um bom primeiro encontro?

— O melhor.

— Como você se sentiu ao voltar a ser um homem livre depois de tanto tempo?

Ela estava começando a me incomodar.

— Bem.

— Só "bem"?

— A União Norte-Americana pelas Liberdades Civis garantiu que eu fosse perdoado. Muita gente da comunidade legislatória sentia que eu estava sendo punido pelos crimes da minha mãe.

— Como *você* se sentiu?

— Feliz por estar fora daquele lugar.

— Por quê?

Meu Deus.

— Porque não estar na prisão é melhor do que estar na prisão.

— Parece que todas as minhas perguntas estão irritando você hoje.

— Imagina.

— Você poderia tentar ser honesto comigo, Logan.

Eu me recostei na cadeira.

— Beleza. Estou irritado.

— Por quê?

— Tenho certeza de que é uma boa psicóloga, mas não conheço você. Eu não

escolhi estar aqui. E já processei essas coisas anos atrás. Não tenho um ataque de pânico há muito tempo.

— Você tinha ataques de pânico com frequência?

— Sim. Olha, as duas primeiras sessões foram razoáveis…

— Que grande elogio.

— … mas hoje estou com a impressão de que você está sentindo uma curiosidade mórbida.

Foi a vez dela de ficar incomodada.

— Será que você poderia tentar me dar uma chance? Estou aqui para ajudá-lo. Estamos no *mesmo* lado.

— Ainda acha que eu preciso de ajuda?

— Acho.

— Ok, então.

— Tem certeza?

Assenti.

— Como você vê a si mesmo? — perguntou ela.

— Não somos todos heróis das nossas próprias histórias?

Aimee sorriu.

— No jogo da psicologia, isso é o que chamamos de desvio clássico.

Suspirei.

— Quer falar sobre culpa agora?

— Ainda se sente culpado?

Observei a fotografia sobre a escrivaninha dela: um lago em uma montanha com neblina flutuando sobre a superfície. Em preto e branco, é claro. Havia uma frase abaixo da foto, escrita em letras finas: *Tudo bem ser quem você é neste momento* .

Ok.

— Tento não pensar nisso — respondi.

— Quantos anos você tinha quando começou a trabalhar no laboratório da sua mãe?

— Vinte e dois.

— E como descreveria a sua relação com ela naquela época?

— Ela era uma deusa. A bióloga celular mais importante do mundo. Já tinha feito um bilhão de dólares com a Sua História, a empresa de testes genéticos e

ancestralidade. As patentes do Foice eram ainda mais lucrativas.

— Posso ler tudo isso na página dela na Wikipédia. Como *você* se sentia em relação à sua mãe?

— Ela era um exemplo para mim. Eu queria agradá-la. Ela era a única família que eu tinha.

— O que aconteceu com os outros?

— Meu irmão gêmeo, Max, morreu quando tínhamos treze anos.

— Meus pêsames. Essa é uma perda terrível, Logan. Se importa de me contar como aconteceu?

— Leucemia. Ele era o mais inteligente dentre nós dois. O favorito da minha mãe. Meu pai morreu logo depois, e Kara, a minha irmã mais velha, foi para o exterior com o exército.

— Parece que ela deu no pé.

— Não estou dizendo que ela era uma irmã ruim, mas Kara só cuida de si mesma. Então, no fundo, era só a minha mãe e eu.

— Você e Kara são próximos hoje em dia?

— Não. Ela mora em Montana. Nós nos falamos algumas vezes por ano. Gostaria que fôssemos mais próximos.

— Como você vê o seu papel no que aconteceu na China?

Senti um aperto no peito, como sempre acontecia quando eu pensava naquele verão.

— Estávamos tentando fazer uma coisa boa.

O laboratório principal da minha mãe ficava em Shenzhen, e havia uma praga bactericida impactando as folhas de arroz indica de uma região próxima chamada Zhaoqing. Minha mãe queria inserir geneticamente um vírus em gafanhotos. Assim, eles infectariam os arrozais, e nós poderíamos programar o vírus para aumentar a resistência à praga sem causar outras transformações na planta.

Uma coisa é fazer engenharia genética com sementes em laboratórios e cobrar preços escandalosos por elas. Minha mãe não tinha interesse nisso. Ela tentou fazer algo muito mais ambicioso: mandar insetos direto para as plantações e editar os vegetais em tempo real, de maneira orgânica. As aplicações em potencial iam muito além da praga do arroz de Zhaoqing. Elas alcançavam todas as colheitas em celeiros.

Construímos diversas estufas de contenção biológica e libertamos nossos gafanhotos geneticamente modificados, amarelos feito bambu, nas plantas infectadas da unidade de contenção. Funcionou. Não houve clorose ou bronzeamento. As plantas prosperaram.

— Você estava muito envolvido com esses experimentos? — perguntou Aimee.

— Ajudava onde podia, mas tinha acabado de me formar na faculdade. Estava passando o verão lá. Achava que era parte da equipe, mas sei que todos eles me viam como um pirralho que só trabalhava no laboratório porque era filho de Miriam Ramsay.

Senti um incômodo no fundo da garganta. Já fazia anos que não falava tão abertamente sobre o que havia acontecido. Continuei:

— A fase da estufa foi bem-sucedida. Os dados pareciam ótimos. Tínhamos o apoio do conselho de biossegurança chinês, então lançamos os gafanhotos sobre os campos de Zhaoqing.

Inspirei devagar.

— Era um dia perfeito, de céu azul. As montanhas brilhavam sob o sol. Os arrozais encharcados eram de um verde-esmeralda lindo. Eu estava carregando uma bolsa de tecido grande no ombro. Todos nós estávamos. Desfiz o nó da minha e a abri. Ainda me lembro da pontada de orgulho quando vi a nuvem dos nossos gafanhotos modificados se afastar. *Olha só para mim, mudando o mundo* . Os resultados iniciais foram positivos, mas então o sistema de controle viral começou a desenvolver mutações em um ritmo acelerado. Além de proteger os vegetais contra a praga, ele apagou genes essenciais para a produção de sementes. Tentamos contê-lo, mas…

— O vírus havia se propagado — completou ela.

— É.

Miriam tinha criado o vírus para influenciar apenas aquele tipo específico de arroz, mas ele desenvolveu transmissão viral entre espécies, piorou com novos ciclos de mutações e seleção natural, infectando e atingindo outras espécies de cultivo alimentar. Em um ano, os gafanhotos vetores se espalharam exponencialmente.

— Minha mãe morreu mais ou menos na época em que os efeitos começaram a ser sentidos no Meio-Oeste dos Estados Unidos — falei.

— Naquele acidente de carro?

Assenti. Mas acidente? Nem tanto. Miriam jogara o veículo para fora da Highway 1, entre Jenner e Sea Ranch, na Califórnia, onde a estrada atinge a maior altura em relação ao mar.

Nos sete anos seguintes, cada colheita gerou menos e menos comida, e, antes que os gafanhotos fossem enfim erradicados, o suprimento estratégico de grãos da China havia despencado.

A fome se espalhou por todos os continentes e afetou todos os seres humanos. Quando milhões de hectares de plantações eram dizimados, as regiões onde chovia mudavam. Quando arrozais eram destruídos, tudo que dependia deles para sobreviver era destruído também.

Duzentas milhões de pessoas morreram de fome, mas esse número não chegava nem perto do impacto total de caos que desencadeamos. Os efeitos dominó na economia, nos sistemas de saúde, em espécies inteiras e na própria biosfera eram incalculáveis.

— Ontem, minha filha disse que estava estudando a fome na escola. E… hum…

— Tudo bem.

Deixei as lágrimas caírem.

— É muita coisa, sabe?

— É muita coisa mesmo.

— Eu me acostumei a não me importar com o que o resto do mundo pensa de mim, mas…

— Tenho certeza de que a sua filha vê o pai maravilhoso que você é.

Ela me entregou uma caixa de lenços.

— Logan, quando olho para você, vejo um homem que ainda é muito, muito severo consigo mesmo.

Algo dentro de mim se partiu. Ela estava mexendo em uma ferida que nunca se fecharia, que eu havia envolvido com duas décadas de tecido cicatricial.

— Como eu poderia ser diferente? — perguntei, em um sussurro baixo.

• • •

Flocos de neve caíam com força do céu cinza-chumbo, e o vento rápido que

soprava do canal de Washington estava tão frio que fazia os meus olhos lacrimejarem. Aproximei-me da êxedra da praça e olhei para cima, para o pilar de dez metros na plataforma de granito.

Embora soubesse de cor, li a inscrição gravada na pedra.

EM MEMÓRIA DAQUELES QUE PERDERAM A VIDA AQUI OU NO EXTERIOR
DURANTE A GRANDE FOME.
NUNCA ESQUECEREMOS.

Em caráter oficial, ela também era chamada de Fome de Shenzhen.

Informalmente, era conhecida como a Fome de Ramsay.

Sentei-me em um banco de granito ao lado do pilar. Eu tinha o costume de ir ali várias vezes ao ano, em geral no caminho do trabalho para casa, quando sabia que o tempo estava ruim o suficiente para afastar os turistas.

Estava anoitecendo e nevando forte o bastante para fazer o perfil colossal do Novo Pentágono parecer um monólito ameaçador e sem vida.

As buzinas da hora do rush eram abafadas pela tempestade.

Passos se aproximaram.

Virei-me e vi uma silhueta chegando mais perto, o rosto oculto pelo colarinho levantado de um casaco de lã borgonha.

Merda. Eu conhecia aquele casaco.

Nadine se sentou ao meu lado.

— Me seguindo — falei. — Uau.

Ela deu de ombros.

— Vi você vindo para cá quando saiu do trabalho. Sei que vem aqui às vezes.

— O que você quer, Nadine?

— Você pareceu chateado mais cedo.

— Hoje foi a minha última sessão de terapia.

— Não terminou bem?

— Talvez tenha terminado bem demais.

Ela nunca fizera perguntas diretas sobre o meu passado. Entre nós, havia uma compreensão silenciosa. *Eu sei. E estou aqui.*

— Não precisamos conversar — disse ela. — Só fiquei triste ao pensar em você sentado aqui sozinho. Na neve.

Observei o fluxo constante de drones de entrega voando acima do rio entre Arlington e Alexandria.

— Por que você aceitou esse trabalho? — perguntei.

— Eu adoro armas.

Olhei para Nadine. Ela sorriu.

— É brincadeira. Elaborar políticas públicas era algo tão etéreo. Queria *fazer* alguma coisa de verdade, sabe? É a diferença entre planejar uma casa e construí-la.

— Eu odeio o nosso trabalho.

— Eu sei.

— Mas acho que ia odiar ainda mais não fazê-lo.

— Às vezes adoro o que a gente faz. Quando parece que estamos melhorando o mundo. Só queria que esses momentos fossem mais frequentes — respondeu Nadine.

Ficamos sentados no frio, observando as luzes piscando do outro lado do canal. Considerei contar a ela o que suspeitava que estava acontecendo comigo — todas aquelas pequenas mudanças que ficavam cada vez mais impossíveis de serem explicadas. Mas queria ver o resultado da nova análise genômica antes e, além disso, não me sentia confortável em pedir para Nadine guardar segredos da APG.

— Quer beber alguma coisa? — sugeriu ela.

— Acho que é melhor eu voltar para casa.

Nadine se levantou e recolocou o cachecol ao redor do pescoço.

— Se o trabalho o deixa infeliz, peça demissão — falou. Eu olhei para ela. A neve estava cobrindo o seu cabelo. — Sei que você tinha que se redimir pelo passado, mas já pagou o que devia.

E, com isso, ela colocou as mãos no bolso e foi embora.

• • •

Naquela noite, depois do jantar, venci Ava em outros três jogos de xadrez. Ela não chegou perto da vitória em nenhum deles, e, no último, só foram necessários doze movimentos para o xeque-mate.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, dando um peteleco no seu rei

quando viu o final inevitável. — Você pegou leve comigo esse tempo todo, pai?

— Não. — Eu ri.

— Como ficou tão bom de repente?

— O que está acontecendo? — perguntou Beth, do sofá.

— Ele acabou de me ganhar pelo… — Ava calculou as derrotas de cabeça — … nono jogo seguido.

— Impressionante — comentou Beth.

— Impossível — disse Ava, me encarando com suspeita.

• • •

Memórias apareciam na minha mente, e não só de todos os livros que já tinha lido. Momentos aleatórios e insignificantes. Eventos cruciais que moldaram a minha vida.

De um mês atrás.

De uma década atrás.

Da minha infância.

Era uma sensação estranha. Como se alguém estivesse varrendo os cantos escuros da minha mente. Tirando as teias de aranha. Corrigindo conexões desgastadas.

Quando eu tentava relembrar algo, via tudo com uma claridade e uma certeza inéditas para mim.

Max tinha morrido há trinta e um anos, e consegui ouvir a voz dele na minha cabeça pela primeira vez em muito tempo. Podia ver o seu rosto, mantê-lo na minha mente. Analisar o formato do seu nariz. Cada mancha, cada sarda.

• • •

Eu tinha pegado uma nova pilha de livros emprestada na Central Library na Quincy Street a caminho de casa.

O que estava mais animado para ler era *Gödel, Escher, Bach: An Eternal Golden Braid*, de Douglas Hofstader. Já havia tentado duas vezes, uma na faculdade e a outra na prisão. Na segunda vez, cheguei até a metade, fechei o livro certa tarde e nunca mais o peguei. A obra falava sobre teoria dos números,

códigos, paradoxos e sistemas autorreferenciais, e nunca falhava em fazer eu me sentir medíocre, com os conceitos estonteantes de Hofstader esbarrando nos limites da minha inteligência em quase todas as páginas, reforçando o meu mantra autodepreciativo: *Sou uma imitação fraca do intelecto da minha mãe.*

Beth terminou de escovar os dentes e se deitou na cama.

— O que você está lendo? — perguntou.

Mostrei para ela o calhamaço de quase mil páginas.

Já estava na página cento e cinquenta.

— Se importa se eu ligar a TV?

— Nem um pouco — respondi.

Voltei a ler. O tamanho da fonte era microscópico, e lembrei que aquele foi um fator decisivo para abandonar a leitura nas duas tentativas.

Mas, naquela noite, isso não estava me incomodando.

Nem as interrupções ocasionais de Beth ou o barulho da televisão, que antes teriam tirado completamente a minha atenção. Na verdade, eu poderia explicar quase à perfeição os detalhes do episódio a que Beth estava assistindo *e* ainda fazer uma sinopse das duzentas e vinte e quatro páginas já lidas de *Gödel, Escher, Bach* .

Depois de um tempo, notei que Beth não estava mais assistindo à TV.

Senti o olhar dela sobre mim.

— Você está entendendo mesmo isso? — indagou ela.

— Por quê?

— Você troca de página a cada trinta segundos, mais ou menos.

Durante as últimas semanas, o ato de ler tinha passado por uma mudança tectônica para mim. Eu não estava mais consumindo cada frase em ordem consecutiva, mas absorvia a página como um todo, deixando-a formar uma marca na minha mente.

— Estou tentando um exercício novo de leitura dinâmica — falei.

— Está funcionando?

— Parece que sim.

Ela me analisou por um instante, mas não insistiu.

Só voltou a assistir à televisão.

• • •

Terminei o livro às quatro da manhã.

Meus olhos ardiam.

Meus pensamentos se amontoavam, mas não do excesso de ideias contidas no texto.

O que havia começado no início daquele mês como uma melhora na acuidade mental estava se tornando mais intenso e inescapável a cada dia.

Antes de compartilhar aquilo com Beth, ou com qualquer outra pessoa, eu precisava dos resultados da minha nova análise genômica.

Precisava entender o que estava acontecendo comigo.

• • •

No dia seguinte, eu estava sentado à minha escrivaninha temporária — em uma baia no quarto andar do Constitution Center — inserindo dados de um ex-geneticista no MYSTIC, a máquina de inteligência artificial prenunciativa.

Através do monitor transparente, eu colocava as informações básicas: idade, raça, gênero.

Era um preenchimento de dados entediante com um fundo assustador de excesso governamental.

O MYSTIC levava em consideração milhões de dados. Quanto mais informações dávamos ao algoritmo autodidata da IA, mais precisa era a previsão.

O enorme alcance concedido pelo Ato de Proteção Genética tornava legal o uso, por parte da APG, de informações em registros de votação, ligações telefônicas, monitoramentos por circuitos internos de televisão, publicações, histórico de viagens, formulários do censo, documentos da previdência social, restituição de impostos e qualquer outro dado que eles tivessem, tudo dentro do escopo do que foi chamado de Modelação Preditiva de Criminalidade.

E sem necessidade de um mandado ou justa causa.

Isso nos permitia ver detalhes de categorias específicas, como renda, quantidade de dívidas, número de filhos, afiliações, registros de votos, pontuação de crédito e uma infinidade de outros indicadores financeiros.

Quando precisávamos adicionar outros dados, ficávamos à mercê das redes sociais e do histórico de internet do suspeito.

O cientista na minha mira era um homem chamado dr. Clifford Johnson.

Antes do Ato de Proteção Genética, dr. Johnson fazia pesquisas para uma empresa que tentava criar corações humanos a partir de águas-vivas artificiais. Com uma rápida pesquisa na internet, descobri que ele atualmente trabalhava como professor de biologia do ensino médio. Aquilo não era incomum. Muitos cientistas antes envolvidos com pesquisas foram forçados a mudar para o ensino. No sistema escolar público, todos os livros didáticos foram atualizados a fim de refletir a nova posição do governo sobre edição genética: ilegal, perigosa e em desacordo com as leis naturais.

A página do Meta de Johnson era pública, e analisei seus posts dos últimos cinco anos. A imagem do homem que ele se tornara após ser forçado a abrir mão da profissão que escolhera começou a se formar.

Ele estava passando mais tempo com a família.

Trabalhando menos.

Fazendo mais exercícios.

Houvera um período de autorreflexão após a sua antiga empresa ter fechado, e, ao menos para quem via de fora, ele parecia ter tirado proveito máximo disso.

Assim que comecei a registrar as minhas impressões sobre Clifford Johnson, baseadas na minha análise das redes sociais dele — os últimos dados pedidos pelo algoritmo —, meu celular tocou.

Era Beth.

Toquei no meu fone.

— Oi, amor.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Inserção de dados.

— Parece emocionante.

Continuei digitando: *Expressões externas de satisfação com a vida são evidentes. Não há manifestações de sentimentos antigovernamentais (ao menos publicamente).*

— É, não dá para acreditar que me pagam para fazer isso. O que foi?

— Me leva no La Fleur para jantar hoje.

— O que estamos comemorando? — perguntei.

Comer fora, ainda mais em um restaurante chique, era uma extorsão em um mundo pós-fome.

Embora o trabalho anterior do dr. Johnson fosse no setor comercial, ele

aparentemente se ajustou bem à nova carreira no sistema público de ensino.

— Nada — disse ela. — Só estou com saudades. Parece que a gente não se conecta de verdade há um tempo.

Será que Beth havia notado as mudanças pelas quais eu estava passando?

De relance, a presença dele nas redes sociais não mostra sinais de perigo.

— Sete horas? — sugeri.

— Perfeito.

O MYSTIC mostrou uma mensagem no meu monitor: *Não há recomendação de outras ações ou investigação no momento* .

— Vou fazer a reserva — falei.

Ao encerrar a ligação, encarei a caixa de texto no monitor, que eu estava preenchendo quando Beth me ligou.

Uma percepção estranha rastejou sobre o meu corpo.

Eu tinha continuado a escrever minha avaliação sobre a presença de Clifford Johnson nas redes sociais durante todo o tempo em que falava com Beth.

Ao relembrar o que havia acabado de acontecer, cheguei a uma conclusão surpreendente.

Nenhuma das duas atividades — conversar com a minha esposa ou mexer no MYSTIC — mudara para o piloto automático.

Naquele momento, eu estava completamente envolvido em cada tarefa — ao mesmo tempo. Reli o que escrevera sobre Johnson e não havia nenhum erro. Embora não fosse lá um Tolstói, era um parágrafo razoavelmente bem-escrito. Incrível.

Era possível que o vírus a que fui exposto estivesse me tornando *melhor* ?

E onde estava o relatório de Strand?

Foda-se. Eu iria ao consultório dele na hora do almoço.

Meu celular vibrou.

Ao virar a tela para cima, vi uma mensagem de um número que não reconheci:

Eles sabem que você está mudando.

Senti um arrepio de medo, fechei as janelas do monitor e escrevi de volta:

Quem é?

A resposta veio na mesma hora:

Você precisa sair do prédio AGORA.

Meu pulso acelerou.

Levantei-me apenas o suficiente para olhar por cima da minha baia.

O setor de análise era um andar cheio de cubículos que poderia ser parte de qualquer empresa.

Naquele momento, não havia nada fora do normal.

O som de dedos batendo nas teclas.

Música abafada saindo de fones de ouvido.

Algumas conversas baixas.

Dois homens apareceram na porta do outro lado do andar. Não os reconheci, mas aquilo não era necessariamente um presságio. Havia quatrocentos funcionários da APG no prédio, e eu conhecia apenas uma fração deles…

Não.

Havia, sim, algo errado.

Eles não eram meros analistas voltando do almoço. Estavam falando com uma mulher chamada Ronna, gerente do grupo que trabalhava com o MYSTIC. E era um detalhe, impossível de perceber com absoluta certeza àquela distância, mas a linguagem corporal deles demonstrava uma característica que eu nunca tinha visto no setor de análise.

Energia sob pressão.

Aqueles homens estavam acostumados à parte física do trabalho.

Atos violentos.

Uma bomba de adrenalina atingiu o meu sistema nervoso.

Voltei a me sentar na cadeira.

Os homens estavam vindo na minha direção, os ternos baratos e escuros desabotoados. Mesmo a quinze metros de distância, percebi que estavam armados.

Eu não estava.

E precisava tomar uma decisão.

Naquele instante.

Levantei da cadeira, saí da minha baia e fui até um dos corredores que atravessava o andar, me afastando dos homens na velocidade de um funcionário público a caminho de um intervalo muito merecido na copa.

Apenas quando cheguei ao outro lado me arrisquei a olhar para trás.

Os homens estavam na minha baia — e um deles revirava as minhas coisas.

Nossos olhares se cruzaram.

Ele era baixo e parrudo, mas parecia ágil.

Quando falou alguma coisa para o parceiro, eu me virei e disparei, atravessando o corredor às pressas.

Passei por uma sala zumbindo com máquinas de venda.

A copa.

Os banheiros.

— Logan! — gritou alguém às minhas costas.

Não parei.

Não olhei para trás.

Passei por uma porta que levava para a escada e subi os degraus correndo.

Sempre pegava os elevadores do outro lado do andar e nunca tinha feito aquele caminho, mas suspeitava que a escada dava no lobby.

O que era um problema.

O Constitution Center era um prédio governamental que exigia credenciais e passagem por um detector de metais para entrar. Embora a segurança focasse nos visitantes, o lobby era a única saída do prédio.

E havia câmeras *por toda parte* .

Quando passei pelo terceiro andar, ouvi a porta do quarto andar batendo e quatro pés pisando com força nos degraus, reverberando nas paredes de concreto.

Abri a porta seguinte e entrei no segundo andar, deixando-a fechar em silêncio atrás de mim.

Avancei por um corredor que nunca tinha visto antes. Não havia como se esconder ali. Todas as portas pelas quais passei estavam trancadas e requeriam uma habilitação de segurança do TI para entrar. Suspeitei que a maior parte dos servidores do MYSTIC eram mantidos ali.

Fiz uma curva e segui em frente, avistando um sinal de saída que brilhava sobre uma porta. Corri naquela direção com uma velocidade que nunca havia atingido na vida, torcendo para que simplesmente não levasse até o lobby.

Passei por ela. Olhei para trás.

O lugar ainda estava vazio.

Encarei a escada, procurando o celular no bolso, mas eu o deixara na baia. Os degraus davam em uma porta com um sinal vermelho:

Empurrei-a com o ombro.

Os alarmes gritaram, e luzes pulsaram.

Eu estava do lado de fora, bem diante da D Street, e, quando dei o primeiro passo, algo passou por cima da minha cabeça.

Tudo ficou escuro.

Minhas pernas não estavam mais encostando no chão.

E então as minhas costas se chocaram contra o concreto com tanta força que senti o ar escapar dos pulmões e arfei. Tentei desesperadamente arrancar o saco da cabeça, mas alguém me girou, forçando os meus braços para trás e prendendo meus pulsos com abraçadeiras de plástico.

Fui colocado de pé outra vez, por pessoas fortes que agarravam os meus braços na altura dos ombros, me carregando com habilidade, enquanto a ponta dos meus sapatos se arrastava no pavimento.

Gritei. Berrei por ajuda.

Mal dava para ver os raios de sol através das partes puídas do saco.

À minha frente, ouvi o som de uma porta de correr se abrindo.

Fui jogado em um chão de metal.

A porta se fechou, e rolei com a força da aceleração. Uma voz grave masculina dizia:

— Pegamos ele… É… Pela saída de emergência noroeste… Tudo bem… Chegamos em vinte minutos.

Então as duas pessoas me mantiveram no chão e ergueram o saco apenas o suficiente para expor a lateral do meu pescoço.

Senti a picada de uma agulha.

Quatro



Quando voltei a abrir os olhos, estava deitado em um colchão duro.

Sentei-me devagar.

Minha cabeça parecia grande e pesada demais, como se estivesse prestes a sair rolando do pescoço.

Edwin Rogers foi ganhando foco diante de mim.

Ele estava de pé, a cinco metros de distância, e me perguntei há quanto tempo estava lá, me observando dormir.

Eu me virei na cama e fiquei de pé.

Instável.

Senti um gosto amargo na boca.

Cambaleei na direção de Edwin, passando por uma neblina mental pesada.

Depois de alguns passos, parei.

Olhei ao redor.

Comecei a compreender o meu entorno.

Eu estava dentro de um octógono de quatro metros de largura com paredes de três metros feitas de vidro.

Havia uma escrivaninha, uma cama, um vaso sanitário e uma pia.

Do outro lado do vidro, vi um terminal de dados e vários equipamentos médicos.

Olhei para Edwin.

— Que porra é essa?

Ele não falou nada.

Fui até a escrivaninha para tentar levantar a cadeira e jogá-la contra o vidro.

Ela estava aparafusada no chão de concreto.

A voz de Edwin surgiu por um alto-falante no teto:

— O vidro é à prova de balas.

Ele começou a se aproximar, segurando um tablet.

E então estávamos a um metro de distância um do outro, separados apenas pelo vidro da minha cela. Ele parecia sorumbático, e era apenas um detalhe, mas vi que as suas pálpebras inferiores estavam tensas, em uma microexpressão que eu, de alguma forma, sabia ser medo.

Medo de mim?, eu me perguntei. Além disso, como percebi um detalhe tão mínimo?

Ele usava calça jeans e um casaco com a insígnia da APG.

Edwin caminhou até a escrivaninha do lado de fora daquele viveiro e se sentou. O móvel ficava na frente da escrivaninha do lado de dentro, que havia sido aparafusada ao chão.

Ele gesticulou para que eu me sentasse.

Acomodei-me na cadeira diante dele.

— Por que estou aqui? — perguntei.

— Para a segurança de todos.

— Para com isso. Eu vou cooperar. Não precisa me prender.

Ele não disse nada.

— Onde estou?

Ele olhou para o tablet.

— É uma prisão secreta da GPA?

Nenhuma resposta.

— Quanto tempo estão planejando…?

— Logan. Você passou por uma grande mudança genética em um curto período. Você pode ter efeitos colaterais perigosos. Vamos monitorar o seu quadro. Precisamos entender o que você está se tornando. — Ele voltou a encarar o tablet. — Você sabe o que a inibição do gene PDE4B faz?

— Vai se foder.

Edwin retorceu a boca, irritado.

— Por que não nos disse que estava…?

— Porque vocês teriam feito exatamente o que fizeram. Exagerado. Queria provas para poder me defender. Queria saber se eu havia mudado, e como.

— E você sabe?

Neguei com a cabeça.

— Gostaria de saber? Porque estou com tudo aqui.

— Claro.

— Então responda à minha pergunta. O que acontece quando o gene PDE4B é inibido?

Eu não deveria saber, mas pensei e me lembrei de ter lido um artigo na *Scientific American* oito anos antes, em que o PDE4B era discutido como terapia genética para doenças mentais.

— Ele está ligado à baixa ansiedade e à alta resolução de problemas. Bem, pelo menos nos ratos — respondi.

— Isso. Ele foi inibido em você. E se eu dissesse que todo o seu sistema IGF também foi alterado e que seu gene GRIN2B sofreu uma mutação?

Quatro anos atrás (e seis meses e onze dias para ser exato — *Como eu sabia daquilo?*), eu tinha lido um resumo sobre o sistema IGF. Na verdade, conseguia acessá-lo perfeitamente na minha cabeça.

— Alto aprendizado e memória — falei.

— Você sabe tudo isso de cor?

— Eu me lembro de ter lido sobre ele.

— FOXP2?

Balancei a cabeça, certo de que nunca havia ouvido falar daquele gene antes.

— Tem a ver com aprender a fazer associações mais rápidas entre estímulo e resposta. E o NLGN3?

— Aprendizado aprimorado e habilidades de memória espacial.

— GluK4.

— Baixo risco de bipolaridade e maior função cognitiva.

Edwin olhou para mim.

— Sua cognição, memória, concentração e reconhecimento de padrões… tudo isso foi melhorado. Notou mudanças positivas em alguma dessas áreas?

— Notei.

— Desde quando?

— Durante as últimas três semanas.

— Tem ideia do quanto isso é impressionante?

Por um instante, não consegui falar nada. Eu suspeitara que algo tivesse sido

feito a mim, mas ouvir a confirmação me deixou sem fôlego.

— Por que pediu para o dr. Strand fazer outra análise genômica? — perguntou Edwin.

Interessante. Eles interceptaram a minha nova análise antes mesmo de o meu médico conseguir me informar os resultados. Provavelmente estavam me observando de perto desde Denver.

Por fim, consegui responder:

— Já falei para você. Eu queria ver a evidência com os meus próprios olhos. E também porque suspeitei que meu gene LRP5 estava sendo regulado positivamente e talvez tivesse sido modificado.

Em genética, uma regulação positiva significa que a expressão ou o efeito de um gene tem um ganho. Uma regulação negativa significa o oposto. Se alguém expressa OPN1MW, consegue ver cores. Se houver uma regulação negativa, a pessoa será daltônica.

Edwin observou o tablet por um segundo, passando rapidamente pelas páginas.

— LRP5 é o aumento de densidade óssea? — perguntou.

Assenti.

— Quando começou a suspeitar?

— Cinco semanas depois de Denver, comecei a sentir uma dor muito forte pelo corpo.

— Por que escondeu isso de mim?

— Não escondi nada. Eu não sabia o que estava acontecendo. Foi por isso que pedi para o dr. Stand…

— Poderíamos ter feito uma nova análise. Pelo amor de Deus, você trabalha para a Agência de Proteção Genética.

— Eu queria saber se era só um efeito colateral esquisito do vírus ou algo pior antes fazer meu chefe entrar em pânico. Queria ir até você com informações, não com conjecturas. Não contei nem para Beth ainda.

— Vou ler uma lista de outros genes que tiveram aumento ou queda de expressão. Na maioria dos casos, eles sofreram mutações para polimorfismos antes desconhecidos. Em alguns poucos casos, novas e pequenas sequências de DNA foram acrescentadas, possivelmente para melhorar as suas funções.

— Tem mais?

— Ah, sim.

Eu me inclinei para a frente.

— SOST.

— Resistência à perda óssea — expliquei.

— MSTN.

— Músculos fortes e pouca gordura.

— SCN9A, FAAH-OUT e NTRK1. Conhece algum deles?

Balancei a cabeça.

— Aumentam a tolerância à dor. — Edwin continuou: — HSD17B13. Menor risco de hepatite crônica. CCR5.

— Resistência ao HIV?

— Isso. FUT2, IL23R, HBB, PKU, CFTR, HEXA, PCSK9, GHR, GH, SLC30A8, IFIH1=MDA5, NPC1 e ANGPTL3.

— Na ordem que você leu: resistência ao norovírus, à doença de Crohn e colite ulcerativa, à malária, à ocratoxina, à tuberculose, à doença coronariana, ao câncer, os quatro seguintes têm a ver com diabetes tipo 1 e 2, o penúltimo tem ligação com o ebola, e acredito que o último fortalece os lipídios e a saúde cardíaca.

— Uau. Certo. Esses próximos são meio estranhos. EGLN1, EPAS1, MTHFR e EPOR.

— Li um artigo sobre esse sistema genético alguns anos atrás. Em geral, são encontrados em tibetanos, não é?

— Isso mesmo. Eles auxiliam a vida e as funções corporais em grandes altitudes. BHLHE41=DEC2, NPSR1 e ADRB1.

— Não conheço esses.

— Diminuem a necessidade de sono. APOE, APP, NGF, NEU1, NGFR.

Esses genes eu conhecia. Li uma reportagem sobre eles na *Nature Genetics* durante um voo para Minneapolis, sete anos atrás.

— Diminuem o risco de Alzheimer — falei.

— CTNNB1.

— Não conheço.

— Resistência à radiação. CDKN2A e TP53?

— Menor risco de câncer — afirmei.

— TERT.

— Esse não está relacionado ao envelhecimento?

— Está. Mutações no TERT podem matar ou atrasar a função da telomerase, que permite que os telômeros se tornem pequenos demais quando as células se dividem. Como você provavelmente sabe…

— A teoria diz que telômeros pequenos são a principal causa do colapso das células causado pela idade.

— Exato — confirmou ele. — Então é outro gene antienvelhecimento. Seria de se pensar que alguém está tentando transformar você em um super-humano. E essa lista só tem os alelos de que temos algum conhecimento.

— Houve mais mudanças no meu genoma?

— *Milhares.* Estamos fazendo o máximo de referências cruzadas que conseguimos, mas é um trabalho bem grande, e muitos dos sistemas afetados e a forma como eles interagem uns com os outros e com o seu corpo são desconhecidos. Fizeram alterações até no seu DNA não codificante, o que está além da nossa compreensão.

Mesmo em um mundo pós-Foice, Edwin estava falando de algo impossível. Os laboratórios clandestinos mais bem-sucedidos que descobrimos talvez fossem capazes de manipular alguns poucos genes com sucesso. Um conjunto inteiro de mudanças estava além de tudo que eu já tinha visto ou até ouvira falar. Embora existissem aproximadamente vinte e cinco mil genes conhecidos, a variação entre as suas interações chegava quase ao infinito. E, fora os genes conhecidos, o genoma humano continha inúmeras regiões de controle e de DNA não codificante: uma teia de sistemas coletivos e autoajustáveis que evoluíram sob a pressão seletiva do ambiente por mais de três bilhões de anos. Era um sistema de complexidade inimaginável, em que uma única mudança — imagine milhares — poderia se revelar em dezenas de maneiras imprevisíveis.

— Minha família sabe que estou aqui? — perguntei.

— Beth e Ava sabem que você foi detido por suspeita de autoedição.

— Quero falar com Beth.

— Isso é impossível no momento.

— Não fiz isso comigo mesmo, Edwin.

— Então quem foi?

— Sei lá. Henrik Soren? Quem quer que tenha criado o que encontramos em Denver.

— Você não demonstrou nenhuma mudança genética imediata depois de Denver. Fizemos uma análise.

— Se eu tivesse o conhecimento e o equipamento para alterar o meu DNA, por que pediria para o meu médico fazer uma análise em algum laboratório altamente regulamentado? Por que correr esse risco tão idiota, a não ser que não *pudesse* fazer isso por conta própria? Vamos nos ater aos fatos e não ser coniventes com caça às bruxas. Já fui julgado em uma dessas. Sabemos que alguém me infectou com um pacote feito para alterar o meu DNA. Tínhamos presumido, o que foi um grande erro, que não havia funcionado. Mas obviamente era um pacote adormecido, que permaneceu dormente pelo primeiro mês, mais ou menos.

— Isso é possível?

— Será que qualquer uma dessas coisas é possível? Você entende o nível de maestria necessário para fazer isso dar certo?

Edwin desligou o tablet. Ele olhou para mim como se ainda tivesse algo a dizer.

Esperei para ouvir o que era.

Em vez disso, ele se levantou e saiu por uma porta ao lado do terminal.

Minhas mãos tremiam. Suor frio escorria pelas minhas costas. Fechei os olhos e tentei respirar.

Eu estava sendo transformado em algo desconhecido.

Meu chefe tinha me sequestrado e estava me mantendo isolado em uma prisão secreta, após informar sabe-se lá o quê para a minha família.

E o Foice demonstrara que mesmo a mudança genética mais simples poderia ter consequências acidentais e imprevisíveis. A possibilidade — a probabilidade, na verdade — de dano genômico colateral, que poderia, para o bem ou para o mal, subverter a intenção original da função do gene, moldado cuidadosamente pela natureza através dos éons.

Quem quer que tivesse feito isso comigo estava reescrevendo o código da natureza e tomando o controle da evolução. Era um jogo perigoso. Meu genoma, apesar de tudo, tinha informação codificada para se autorregular, combater doenças e lidar com toxinas, ameaças próximas e erros automaticamente, com o objetivo primário da sobrevivência da espécie.

As mesmas edições e inserções de genes que estavam melhorando a minha

perspicácia, e talvez até a minha longevidade, poderiam também desestabilizar todo o frágil equilíbrio do meu genoma. E a minha vida.

Mas esse nem era o pior pensamento existencial.

Quando Watson, Crick e Franklin descobriram a estrutura de dupla hélice do DNA no início dos anos 1950, isso mudou a forma como os cientistas delimitavam as espécies. Em 1980, Niles Eldredge e Joel Cracraft sugeriram que, sob uma definição filogenética, espécies animais que tinham apenas dois por cento de diferença no DNA poderiam ser categorizadas como espécies diferentes.

E se dois por cento do meu genoma tivesse mudado? Aquilo significava que eu era uma espécie completamente nova?

• • •

Duas horas depois, ouvi o trinco na porta da minha cela se abrir.

Uma mulher caminhou na minha direção, com um *taser* apontado para mim. Um homem a acompanhava de perto. Ele estava desarmado, mas era enorme. Mais de um metro e noventa. Parecia esculpido em granito. Guardas.

Comecei a me levantar da cama, mas o homem-besta disse:

— Fique aí mesmo.

Eles se posicionaram de cada lado da porta aberta, e então Edwin apareceu, seguido por uma mulher mais velha com rosto gentil que me lembrava a minha avó paterna.

Olhei para Edwin.

— O que é isso?

— Quero lhe fazer algumas perguntas.

— Então faça.

— Quero saber se você está falando a verdade. Essa é Hana Jalal.

O homem-besta trouxe outra cadeira, colocou-a do lado da mesa e então gesticulou para que eu me sentasse.

Hana se acomodou à escrivaninha e preparou a mesa com uma miríade de sensores apontados para o meu rosto. Reconheci imediatamente o aparelho: um polígrafo de nova geração.

Nos tempos analógicos, poligrafistas amarrariam tubos de borracha chamados pneumógrafos em torno do tórax do suspeito, providenciando uma medição do

ritmo respiratório. Braçadeiras de medição sanguínea ficariam presas por velcro nos braços. Galvanômetros seriam conectados às pontas dos dedos para medir a habilidade da pele de conduzir eletricidade.

Aquele aparelho fazia tudo isso sem a necessidade de contato. Funcionava através de um software de ressonância transdérmica ótica que lia em tempo real a pressão sanguínea, os batimentos cardíacos, a quantidade de suor, o ritmo respiratório e a dilatação da íris com base na entrada da luz ambiente na camada mais externa da pele.

Eu sabia, por experiência própria na aplicação da lei, que detectores de mentira não detectavam mentiras. Eles detectavam sentimentos de culpa, que a maioria das pessoas sentia ao mentir, evidenciados pelas oscilações drásticas nas medidas que o aparelho diante de mim era feito para detectar.

Hana insistiu para que todos saíssem. Então me contou um pouco sobre ela e como fazia o seu trabalho. Falei um pouco sobre mim, embora tivesse certeza de que nada do que revelasse seria novidade para ela.

Hana levantou questões sobre a minha vida. Perguntou como eu me sentia estando em uma cela de vidro.

— Ansioso e com medo — respondi.

— Aposto que sim.

Assim como os melhores poligrafistas com quem trabalhei, ela exalava uma sensação de que *queria* que eu fosse bem-sucedido, que me dava todo o apoio e que acreditava em mim.

Ela já estava montando o meu perfil, claro. Recebendo dados básicos, fazendo uma coleta para uma análise preliminar das minhas reações. Como eu processava perguntas.

— Logan — disse Hana, enfim —, se estiver tudo bem por você, gostaria de começar o exame.

— Se estiver pronta, também estou.

— Lembre-se de responder apenas com "sim" ou "não", por favor.

Dava para ver o reflexo da tela do aparelho no vidro às costas dela.

Ela tocou na tela, o que supus que dava início ao teste, e então se virou para pegar uma folha de papel e um lápis.

— Seu nome é Logan Ramsay?

— Sim.

Ela fez uma marca na primeira pergunta.

— Você mora em Arlington, Virgínia?

— Sim.

Outra marca.

— Já mentiu para alguém?

— Sim.

— Vai mentir para mim durante o exame?

— Não.

Ela fez uma marca na pergunta e analisou o aparelho.

— Você já editou o próprio genoma?

— Não.

— Notou alguma mudança no seu corpo desde que foi ferido em Denver?

— Sim.

— Notou alguma mudança na sua mente desde que foi ferido em Denver?

— Sim.

— Falou com alguém sobre essas mudanças?

— Não.

— Contou para a sua esposa?

— Não.

— Contou para a sua filha?

— Não.

— Contou para a sua irmã, Kara?

— Não.

— Contou para algum amigo?

— Não.

— Alguém mandou uma mensagem para você ontem que dizia "Eles sabem que você está mudando"?

— Sim.

— Você sabe quem é essa pessoa?

— Não.

— Você é filho de Miriam Ramsay?

— Sim.

— Sua mãe ainda está viva?

— Não.

— Você tem trabalhado com ela?

O quê?

— Não.

— Miriam Ramsay mudou o seu genoma?

— Não.

— Você sabe quem mudou o seu genoma?

— Não.

Pela primeira vez durante o interrogatório, ela olhou para mim, em vez de para a folha de papel ou o aparelho.

— Está mentindo para mim, Logan?

— Não.

— Está controlando a sua respiração, Logan?

— Não.

— Está controlando o seu batimento cardíaco?

— Não.

— Está controlando a sua pressão sanguínea?

— Não.

Hana tocou na tela outra vez.

— Pronto — disse ela.

A porta da cela se abriu.

Edwin esperou junto à porta enquanto Hana pegava suas coisas e disse a ela:

— Quero receber o seu relatório…

— Antes do fim do dia — completou ela.

Edwin entrou na sala e se sentou à escrivaninha. Notei que ele usava um fone auricular.

Ele olhou para trás, para o homem-besta e a mulher que segurava o *taser* , e ordenou:

— Esperem lá fora.

Assim que eles fecharam a porta de vidro, falei:

— Por que vocês estão fazendo perguntas sobre a minha mãe?

— Porque ela está viva.

— Vai se foder.

Ele pegou o celular e o colocou em cima da mesa.

— No ano passado, ela invadiu a minha casa e me mandou um vídeo na

minha cozinha, segurando uma taça de vinho.

Apertei o play.

Se o vídeo era deepfake, era uma obra de arte.

O cabelo de Miriam tinha ficado grisalho. Ela fizera diversas mudanças cosméticas (provavelmente para enganar a IA de reconhecimento facial), e o seu rosto estava mais magro e contava com mais rugas do que da última vez que eu a vira. Mas com certeza absoluta era a minha mãe. Eu reconheceria aqueles olhos — sombrios e assustadoramente intensos — em qualquer lugar.

Fiquei zonzo.

E então ela falou:

"*A APG e as suas divisões estrangeiras estão destruindo a pesquisa e as descobertas científicas.*" A voz dela. Sem sombra de dúvida. "*Se mudanças reais na política não forem aplicadas imediatamente, incluindo a permissão para que universidades e empresas privadas voltem a fazer pesquisas genéticas responsáveis, vou cuidar disso sozinha. Vou liberar um impulsor genético viral .*"

— Fizemos uma análise na taça de vinho e testamos o DNA do cabelo que ela deixou deliberadamente para trás. É Miriam, sem dúvida — disse Edwin enquanto guardava o aparelho.

Minha visão ficou turva.

Meu coração apertou, minhas mãos formigavam.

— Tudo bem? — perguntou Edwin. — Estão me dizendo que o seu batimento cardíaco está elevado.

Eu tremia de raiva.

— Entendo que esteja chateado — continuou ele.

— Por que não me contou?

— Porque eu não sabia se você estava trabalhando com ela. Não sabia se a sua mãe tentaria entrar em contato com você. Grampeei os seus telefones e a sua casa. Você ficou sob vigilância por quase dez meses.

Eu queria pular por cima da mesa e acabar com ele. Tinha certeza de que Edwin estaria morto antes que os guardas entrassem no viveiro.

— Como não me contou isso?! — gritei.

Os guardas se aproximaram da cela, mas Edwin os dispensou com um gesto.

Eu tinha sofrido por ela. Lidara com a sua morte da melhor forma possível.

Engoli em seco, completamente destruído.

— Pouco tempo depois, ela me mandou uma mensagem encriptada com algumas exigências. Respondi perguntando que espécies ela atacaria com o impulsor genético — contou Edwin.

— *Homo sapiens.*

— Bingo.

— Que tipo de mudanças?

— Ela não especificou. Só chamou de "um grande upgrade". Também prometeu fazer uma demonstração das suas habilidades.

Eu era a demonstração . Claro, não tinha como saber com certeza. Mas eu *sabia* .

Senti as minhas emoções evoluindo do choque de ver a minha mãe ao horror da ameaça dela.

Um impulsor de genes era a ferramenta de engenharia genética mais poderosa já concebida. Em geral, ao nascer, uma criança recebia uma cópia de cada gene de seus pais, e um acabava se tornando o dominante do par. No entanto, se um sistema focado no impulsor genético de um dos pais fosse inserido na equação, isso poderia suspender as leis normais da hereditariedade. O mecanismo de edição de genes — CRISPR-Cas9, Foice ou qualquer que fosse — seria passado do pai ou mãe para o DNA do filho, junto com instruções para reescrever sorrateiramente a cópia do gene do *outro* progenitor conforme o embrião se desenvolvesse. Digamos que a mãe tinha olhos castanhos, e o pai, olhos azuis. Com o impulsor genético, seria possível sobrepor os genes da mãe para a cor dos olhos no embrião, garantindo, assim, que a criança tivesse olhos azuis. Mas o fato verdadeiramente surpreendente é que a criança passaria o sistema modificado para os *próprios* filhos. Toda a sua prole teria olhos azuis, e assim por diante.

Após algumas gerações, um impulsionador genético teria impregnado a população inteira — e a cópia natural e não editada do gene seria apagada por completo. Todos os *Homo sapiens* teriam olhos azuis.

Um impulsionador genético podia ser usado para um bem incomensurável. Antes da Fome de Ramsay, um deles foi empregado para transformar *todos* os filhotes do mosquito da malária em machos. Como apenas as fêmeas do gênero *Anopheles* são capazes de transmitir a malária humana, isso erradicou a disseminação da doença e, por fim, aquela espécie de mosquito.

Impulsionadores genéticos também podiam ser usados para causar males

horríveis, pois eles não alteravam apenas a composição genética de uma pessoa, planta ou animal. Eles tinham o poder de alterar a trajetória evolutiva de espécies inteiras.

— Se estava me espionando — comecei —, sabe que não tive nenhum contato com a minha mãe. Então por que me colocaram aqui? Não estou trabalhando com ela. Não sabia nem que ela estava viva até cinco minutos atrás. Vocês fazem exames em mim de anos em anos. Não é possível que pensem que sou idiota o suficiente para ter alterado o meu próprio genoma.

— Na verdade, acredito em você, Logan. Mas você está mudando, e ainda não sabemos o que vai se tornar.

• • •

A primeira noite naquele viveiro me fez lembrar da minha primeira noite na prisão. As celas se fechando ao mesmo tempo. O barulho dos holofotes da área comum desligando. O silêncio e a escuridão ao meu redor enquanto eu encarava a realidade de que a minha vida tinha acabado, de que aquelas paredes seriam o meu lar pelos próximos trinta anos.

Eu me deitei no colchão e encarei o teto de vidro.

Minha mãe estava viva.

Havia tantos pensamentos e perguntas rondando a minha cabeça que era difícil ficar parado.

Onde ela estivera?

O que fizera nos últimos vinte anos?

Por que não entrara em contato comigo?

Ela criara aquele upgrade, que estava a anos-luz de distância da engenharia genética mais sofisticada já imaginada?

E, se Edwin tivesse me contado a verdade, o que "um grande upgrade" no genoma humano significava? Minha mãe era, por ordem de grandeza, a pessoa mais ambiciosa que já conheci. Mas nem mesmo ela era louca o suficiente para tentar forçar um upgrade de espécie no *Homo sapiens* . Como seria isso, exatamente? Algo parecido com o que ela fizera comigo?

Mas acima de tudo, em um ponto que criei o hábito de ignorar, eu sentia raiva.

Traição e raiva.

Ela estava viva quando fui julgado pelos seus crimes.

Estava viva quando fui condenado.

Viva e em liberdade na primeira noite que passei na prisão, e em todas as noites que vieram em seguida.

Estava viva no dia em que fui solto.

Viva no dia do meu casamento.

Na noite em que Ava nasceu.

E nunca tinha se dado ao trabalho de entrar em contato comigo.

E a injúria final era que, aparentemente, ela brincara de Deus outra vez. Não com plantações e gafanhotos. Comigo. Seu próprio filho.

As luzes haviam sido apagadas fazia horas, e a única fonte de iluminação eram os LEDs que piscavam no terminal atrás de mim. Eu sabia que alguém, em algum lugar, estava sentado diante de um monitor observando cada movimento, cada respiração, cada lágrima minha.

Eu precisava sair daquele lugar. Mas não sabia como.

• • •

As luzes do teto me arrancaram dos meus sonhos perturbados.

Ergui os braços para cobrir os olhos, me perguntando quanto tempo tinha dormido.

Uma hora? Duas, talvez? E ainda assim me sentia surpreendentemente revigorado e focado, graças à regulação positiva das minhas redes genéticas BHLHE41=DEC2, NPSR1 e ADRB1.

Eu me sentei e vi um homem que tinha prendido sete anos atrás em uma noite de nevasca nas montanhas Bighorn, no Wyoming, do outro lado do vidro.

— Oi, Logan — falou ele, a voz saindo dos alto-falantes acima da minha cabeça.

— Dr. Romero.

— Você se lembra de mim. — Ele pareceu surpreso.

— Nunca fico um dia sem pensar naquela noite.

— Digo o mesmo — afirmou ele, triste, e foi apenas por um centésimo de milésimo de segundo que o seu lábio inferior ficou tenso e uma linha vertical se

formou e desapareceu entre as suas sobrancelhas.

Dr. Romero ainda tinha raiva de mim. E por um bom motivo, com certeza.

Aquela era a terceira vez que eu tinha intuído o estado emocional de uma pessoa com base em sinais faciais sutis. Seria outro novo atributo do meu upgrade?

Eu me levantei e me espreguicei.

— Quando libertaram você da prisão? — perguntei.

— Quatro anos atrás. Poderia vir até aqui, por favor?

Consegui ver que ele estava perto de duas aberturas de metal no vidro. Uma delas com uma bandeja de comida. A outra era redonda e pouco maior do que um punho fechado.

Fui até lá.

— Passe o seu braço pela menor.

Ele estava segurando uma seringa hipodérmica.

— Por quê?

— Preciso recolher seu sangue. A partir de agora, vamos analisar o seu genoma semanalmente.

Não me mexi.

— Olha — disse ele —, não quero machucar você.

Encarei-o através do vidro, me perguntando como a APG tinha convencido alguém com a mente de Anthony Romero a trabalhar em uma prisão científica secreta.

— Você não vai enfiar uma agulha no meu braço — respondi.

Ele suspirou, colocou a seringa em uma bandeja ao lado e ergueu um tablet. Eu não conseguia ver a tela, apenas os dedos dele se mexendo.

Ouvi um som acima de mim. Olhei na direção do ruído e vi um respiradouro na parede de vidro, logo abaixo do teto. A jaula começou a vibrar conforme o barulho do motor por trás do respiradouro ficava cada vez mais alto.

A primeira sensação que tive foi um aperto no peito.

Embora estivesse respirando mais e mais rápido, ainda sentia como se estivesse prendendo a respiração.

O som do motor do respiradouro parou.

O único barulho vinha da minha garganta ofegante.

Caí de joelhos.

Pontos claros explodiam e desapareciam do meu campo de visão.

Desabei.

Consegui sentir as minhas extremidades formigando, famintas por sangue oxigenado — mas aquilo não era nada em comparação aos meus pulmões em chamas e à dor pulsante na minha cabeça.

Cada segundo era um tormento.

Minha visão escureceu.

Meu campo de visão se reduziu.

Então, meu cérebro moribundo captou um som. A princípio, achei que devia ser uma alucinação auditiva, mas ele ficava cada vez mais alto.

O motor do respiradouro estava funcionando novamente.

Abri os olhos.

A escuridão recuava.

O mundo ficou mais claro.

Minha respiração estava acelerada de novo, mas dessa vez alcançava um ponto profundo dos meus pulmões, provocando uma satisfação que superava em muito a de água fresca em lábios secos.

Eu me sentei.

Dr. Romero trocou o tablet pela seringa.

— Não sinto prazer nenhum em fazer isso — disse ele —, mas fui encarregado de estudar o que você é. O que está se tornando. Você precisa entender que a sua cooperação não é negociável. Agora passe o braço pelo buraco, por favor.

Obedeci.

Conforme ele retirava o meu sangue, eu pedi:

— Quero falar com a minha família.

— Só estou aqui para acompanhar o seu quadro. Se você está preocupado com alguma coisa, deveria falar com…

— Com quem? Estou preso em uma cela de vidro. Contra a minha vontade. Será que você pode ter um pingo de humanidade por…?

— Não. Não posso. Já fiz isso uma vez. Você participou do aparato que roubou a minha humanidade.

— Sinto muito por isso. De verdade. Só estava fazendo o meu trabalho e…

— Não tinha escolha? Eu também não tenho.

• • •

— Está se sentindo desperto? — perguntou dr. Romero.

— Sim.

— Gostaria de mais café? Posso pedir para trazerem mais.

— Não, obrigado.

— Está com fome?

— Não.

Eu estava sentado à escrivaninha na minha cela de frente ao dr. Romero, que ocupava o assento da escrivaninha exterior, do outro lado do vidro. Quando o prendi, ele estava no seu auge, mas os anos não foram gentis, o que não era de surpreender. A pele sob os olhos dele estava escura e flácida, e havia veias estouradas ao redor do nariz, indicando que ele se anestesiava com álcool. E o brilho em seus olhos, que eu vira em vídeos das suas aulas em tempos melhores, estava quase extinto. Ele parecia ser um homem em uma posição impossível, um homem cuja alma estava apodrecendo. Apesar de tudo, não conseguia deixar de sentir pena dele: outra vítima da Fome de Ramsay, intelectualmente inanido bem na minha frente.

Um laptop estava aberto ao seu lado, e na minha mesa havia um bloco de papel e diversas canetas.

Começamos com acuidade verbal. Analogias. Reorganização de letras para formar palavras. Quebra-cabeças.

Tudo foi muito fácil até o fim da sessão verbal, quando ele virou o laptop para mim e me mostrou a última pergunta:

> Mitacismo é mais semelhante a qual das palavras seguintes:
> a. pugnaz
> b. mal-uso
> c. poltofagia
> d. idolatria
> e. congoxoso
> f. Não sei

Era a única pergunta até então que tinha me desafiado.

Senti meus neurônios pegando fogo.

Esforçando-se para encontrar algo em que se apoiar.

Eu já tinha visto aquela palavra uma vez, uma única vez, na vida. Doze anos atrás, Beth me dera um calendário de Natal, e cada dia trazia uma palavra bizarra e obscura. A palavra de 12 de novembro era "mitacismo".

Eu conseguia ver o papelzinho quadrado do calendário, que tinha sido reduzido aos últimos dois meses do ano. Estava preso por um ímã de geladeira na primeira casa que Beth e eu compráramos juntos em Bethesda.

Ainda era cedo naquela manhã quando arranquei a folha de 11 de novembro (arrojar: lançar com ímpeto ou força).

Ava tinha dois anos. Já estava acordada e falante, dizendo: "Gau, gau, gau." Tradução: "Quero mingau de aveia." Seu prato favorito na época.

Vi a imagem perfeita da palavra do dia.

12 de novembro
mi-ta-cis-mo
uso excessivo ou errado da consoante *m*

— Alternativa b. Mal-uso — respondi.

Dr. Romero fez uma anotação.

— Essa levou 2,3 segundos a mais que as outras respostas.

— Só tinha visto a palavra uma vez antes.

— Quando? Em que contexto?

Contei para ele.

Ele assentiu e falou:

— Você não selecionou "Não sei" para nenhuma das questões. Pode me explicar como está chegando a essas respostas?

— Simples. Ou sei a resposta, ou não sei, e até agora ainda não encontrei uma palavra que não tivesse visto antes.

— Então você não tentou adivinhar nenhum dos termos?

— Não.

— Você diria que tem uma memória perfeita?

Pensei um pouco.

— Não sei se é perfeita, mas é muito boa.

— Melhor do que antes de Denver?

— Com certeza. E melhora a cada dia.

— Consegue se lembrar do que estava fazendo nesse dia no ano passado?

Refleti um pouco.

— Sim.

— Com que nível de detalhe?

— Como se houvesse uma câmera nos meus olhos, gravando tudo que vi e fiz.

— Você se lembra dos pensamentos que teve?

Um ano atrás, eu estava em Kansas City, Missouri, com Nadine. Estávamos lá para fazer uma operação na casa de um homem que era suspeito de criar e vender kits de edição genética para aprimorar os músculos, principalmente para levantadores de peso e atletas profissionais.

Descobri que era capaz de "conferir" qualquer momento do dia. Acordando no hotel, pegando meu celular da mesa de cabeceira e lendo uma mensagem de Beth:

Bom dia, meu amor, dormiu bem?

Comendo carne na churrascaria Arthur Bryant's. Os cheiros e sons, e até uma conversa na mesa ao lado, em que a mulher dizia que…

— Sim — respondi. — Consigo me lembrar até de alguns pensamentos.

Em seguida, ele testou a minha habilidade matemática, e achei até mais fácil do que a sessão verbal.

— No oceano há um grupo de águas-vivas — disse dr. Romero. — Todo dia, o grupo dobra de tamanho. Se as águas-vivas levam noventa dias para cobrir o oceano inteiro, quanto tempo levaria para cobrir metade do oceano?

— Você está desperdiçando o meu tempo — falei. — E o seu.

— Por favor, responda. Temos que seguir para as perguntas mais difíceis.

— Oitenta e nove dias.

Resolvemos problemas de raciocínio espacial, percepção visual e habilidades de catalogação. Raciocínio lógico. E, por fim, reconhecimento de padrões.

— Logan, qual é o próximo número da sequência: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34?

Analisei a pergunta na tela do laptop.

— Cinquenta e cinco.

— Como chegou a essa conclusão?

— Bem, é a sequência de Fibonacci. Cada número é a soma dos dois que o

precedem.

— E você sabe a sequência de Fibonacci de cabeça?

— Não, aprendi isso no segundo ano da faculdade.

— Teria se lembrado dela antes do ocorrido em Denver?

— Com certeza não.

— Você diria que agora tem a habilidade de acessar tudo que leu ou aprendeu?

Hum. Pensei um pouco.

— Não sei se me sinto confortável para dizer tudo, mas muitas coisas. A maioria das coisas.

— Você estudou um idioma estrangeiro na escola ou na faculdade?

— Francês.

— Antes de Denver, qual era o seu nível de fluência?

— Tinha esquecido quase tudo.

Romero passou os dez minutos seguintes me fazendo perguntas sobre gramática francesa, e descobri que eu lia e falava o idioma fluentemente.

— Tudo que aprendi na faculdade está disponível para mim de novo. É provável que esteja mais fluente agora do que no meu auge durante a universidade.

Dr. Romero me mostrou sequências numéricas cada vez mais difíceis.

Após uma hora, finalmente encontrei um padrão que não consegui resolver.

— Parabéns — falei. — Você enfim conseguiu me deixar empacado.

Dr. Romero fechou o laptop.

— Então imagino que não gabaritei o teste? — perguntei.

— Não, o teste terminou há quarenta e cinco minutos. Sua nota foi perfeita. Só queria ver o quanto uma sequência precisava ser complexa para você não conseguir resolvê-la. E, antes que pergunte, não faço ideia de quanto é o seu QI. Só sei que está acima dos duzentos, que é o máximo de pontuação do teste que acabei de administrar.

— Como é?

Eu o escutara. Só não acreditava no que tinha ouvido.

Ele se inclinou, aproximando-se do vidro.

— Você tem pelo menos duzentos de QI. É o máximo que o teste consegue medir. E a sua memória parece ser preternatural.

Ele se levantou e foi embora.

Não me mexi.

Quando tinha catorze anos, fiz um teste de QI antes de começar o ensino médio. De acordo com a minha mãe, essa era uma ferramenta simples para nos ajudar a entender a forma como eu aprendia.

Minha pontuação foi de cento e dezoito. Acima da média. Entre catorze por cento da população mundial.

Minha mãe escondeu bem, mas devia ter ficado bastante decepcionada.

Rumores diziam que o QI dela era pouco acima de cento e oitenta.

Eu só tirava dez no colégio.

Entrei em Berkeley, minha primeira opção de faculdade.

Eu era disciplinado. *Tentava* ser.

E então encontrei a química orgânica. Não é que fui reprovado ou coisa assim. Só não achava tão fácil. Muitos alunos ficavam exaustos com a matéria. Os poucos que estavam entre os melhores da turma não encontraram dificuldade, e eu deveria ter sido um deles, levando em consideração as minhas ambições, mas tive que lutar pelo meu sete.

Depois de conseguir o diploma em bioquímica e genética, perguntei para a minha mãe se podia passar o verão com ela em Shenzhen, trabalhando no laboratório. Ela concordou.

Então eu, o sr. cento e dezoito, me vi cercado por supergênios que queriam mudar o mundo. Quanto mais tempo passava com eles, compreendendo apenas uma fração do que tentavam fazer, mais claro ficava a maldição que passei a vida inteira evitando.

Ela dizia…

Você nunca terá o intelecto da sua mãe.

É claro que a minha mãe sabia disso. Ela sabia, desde que eu era criança, que eu não tinha o mesmo aparato que ela, nem chegava perto de ter. Tudo que sempre quis foi seguir os passos dela. Era o que tinha feito desde que nasci. Mas, naquele verão em Shenzhen, os passos correram à toda velocidade de encontro ao muro de tijolos que eram as minhas limitações. Ao código genômico com que nasci.

Era bastante cruel a mente conjurar um desejo, em termos funcionais, impossível de realizar. Ninguém ensinava a lidar com a morte de um sonho.

No entanto, aquele não era mais o meu destino. Minha mente estava se tornando um diamante.

• • •

Três noites depois, tive sonhos perturbadores — como se o meu cérebro tivesse sido infectado por Salvador Dalí em uma viagem de cogumelos.

Êxtase.

Euforia.

Medo.

Terror.

Alegria.

E novas emoções que nunca havia experimentado, um híbrido entre a animação pelo futuro e o luto pelo passado.

Sonhei com quem eu era.

Com quem, ou o quê, eu me tornaria.

• • •

Plantar bananeira, com o mínimo de prática, se tornou algo fácil. Eu conseguia fazer isso com apenas uma das mãos.

Na primeira tentativa, dei um mortal para trás da minha cama.

Fiz cem flexões no meio do viveiro, começando a suar apenas nas últimas dez. Depois, passei a fazer flexões só com uma das mãos, coisa que nunca tive força para fazer.

Eu praticava agachamentos no chão e saltos até o tampo da escrivaninha.

Esperava que eles estivessem observando. Esperava que a minha proeza física recém-descoberta começasse a despertar a curiosidade deles.

O viveiro em si era completamente seguro. Eu havia examinado cada centímetro quadrado do lugar, e nenhuma quantidade de músculos me permitiria derrubar as paredes de vidro à prova de balas com socos ou arrancar mobílias aparafusadas no concreto.

Até então, eles só tinham analisado as mudanças na minha mente, algo que poderia ser feito me mantendo trancado ali. Mas a lista que Edwin lera para mim

sugeria que inúmeras transformações físicas estavam ocorrendo também, coisas que não podiam ser medidas através do vidro de um viveiro minúsculo.

Eles teriam que me deixar sair se quisessem fazer mais testes, e, quando isso acontecesse, eu teria a minha chance.

Sabia que a minha densidade óssea e a minha visão noturna haviam sido aprimoradas.

Aparentemente, a minha tolerância à dor também tinha aumentado.

Quanta pressão e força os meus ossos aguentariam depois que a via do gene LRP5 sofrera um upgrade?

Quão forte eu de fato me tornara?

Meus reflexos haviam melhorado?

A que velocidade eu poderia correr? Qual distância e altura alcançaria em um pulo?

Eu queria as respostas para aquelas perguntas e suspeitava que eles também quisessem.

• • •

Eu me exercitava no viveiro todos os dias, provocando-os com a minha força e coordenação crescentes, mas ninguém nem insinuara que eles poderiam estar interessados em estudar as minhas habilidades físicas. E eu não podia mencionar o assunto. Não de forma direta.

Dr. Romero continuava tentando analisar a evolução da minha cognição, mas elaborar questões que poderiam me desafiar pedia um cérebro pelo menos tão afiado quanto o meu.

Passei a desconfiar que eles queriam saber se a minha inteligência havia se estagnado antes de considerarem me tirar daquela gaiola. Mostrar para eles que eu ainda melhorava era inútil. Assim que se sentissem confortáveis com o meu nível de inteligência, criariam um protocolo para me testar em um espaço maior. Uma agência pequena como a APG não tinha como me manter ali para sempre sem que os seus irmãos maiores e mais malvados começassem a ficar interessados. O Departamento de Defesa com certeza já estava respirando no cangote deles. Quanto tempo demoraria para eles assumirem essa operação?

Durante um teste, enquanto fingia pensar profundamente em uma resposta,

fiquei consciente, pela primeira vez, de uma nova sensação. Ou, na verdade, de múltiplas sensações…

O som do ar soprando pelo respiradouro acima.

Meus batimentos cardíacos.

Os pelos dos meus braços se movimentando por conta de micromudanças na pressão do ar.

Todas as texturas na minha cela — vidro, tecido, aço, porcelana — e as texturas fora dela.

Aquilo estava prestes a me sobrecarregar, e, além disso, criava uma ilusão estranha e muito intensa de desaceleração do tempo.

O que permitia que os seres humanos fossem capazes de se concentrar diante de um turbilhão de estímulos infinitos era um processo neurológico chamado bloqueio sensorial. Esse bloqueio filtrava, no cérebro, estímulos de pouca relevância (redundantes ou desnecessários) entre todos os estímulos disponíveis no ambiente. Se isso não acontecesse, teríamos sempre uma sobrecarga de informação irrelevante em nossos centros corticais superiores.

Será que meu processo sensorial estava em transformação?

Imagine caminhar pela Times Square em Nova York e registrar simultaneamente cada estímulo daquele ambiente na mesma medida. A pequena rachadura debaixo do seu pé na calçada recebendo a mesma prioridade que todos os detalhes dos pedestres passando, do cheiro dos escapamentos, das carrocinhas de comida, do vapor dos respiradores do metrô, da urina e das conversas entrecortadas inundando as entradas auditivas junto a uma avalanche de visões, sons, odores e sensações táteis distintas de uma cidade funcionando a cem por cento.

A ausência de bloqueio sensorial era um fator-chave para a esquizofrenia e de fato contribuía para uma pessoa ficar louca. Viver sem esse bloqueio seria uma tortura.

Talvez o meu bloqueio sensorial tivesse sido inativado. Eu teria que reprogramar a minha mente para não deixar a invasão de estímulos me sobrecarregar. Treinar a mim mesmo para absorver mais informação e manter, ao mesmo tempo, a concentração e o foco. Eu não conseguiria fazer isso, já que era capaz de dar a minha atenção completa a duas coisas concomitantemente? Não estava tendo aqueles pensamentos enquanto calculava a raiz quadrada de pi?

Talvez aquela modificação explicasse por que eu passara a ver padrões em todo lugar.

Por exemplo: sempre que dr. Romero aparecia para uma sessão, a primeira coisa que ele fazia era ir até o terminal para logar com a sua credencial. Acompanhar os movimentos musculares mínimos dos antebraços e das mãos, e os barulhos produzidos pelas teclas ao serem apertadas — cinco com a mão esquerda (o dedo mindinho pressionando com menos força [q, a ou z], o dedo anelar um pouco mais forte [w, s ou x; talvez 1]), seis com a direita (digitação pesada com o indicador e o dedo médio [u, j ou n; então i, k, 8 ou 9]) — era como observar o nome de usuário e a senha dele sendo escritos em letras grandes na parede diante de mim.

Essa percepção ajudava de verdade a decifrar a sua linguagem corporal.

Comecei a analisar as mudanças no seu batimento cardíaco e na dilatação da pupila quando ele ficava próximo o suficiente.

O que fazia a respiração dele acelerar.

O que o deixava relaxado.

Eu estava descobrindo que a minha própria linguagem corporal — o menor dos gestos — poderia causar mudanças nas funções autônomas *dele* .

Conforme estudava aquelas mudanças em Romero e nos meus outros detentores, também as estudava em mim mesmo.

E, quanto mais ficava consciente de como os estímulos externos afetavam os meus sinais vitais, mais percebia como um dia poderia controlá-los.

• • •

Acordei de um sonho ao ouvir Edwin se aproximando da minha cela. Sentei-me e o vi à escrivaninha do outro lado do vidro com um exemplar do *Washington Post* .

Cocei os olhos e então saí da cama, caminhando até a pia.

Lavei o rosto.

— Qual a notícia de hoje? — perguntei enquanto escovava os dentes.

— A guerra dos satélites. A China está nos acusando de mandar uma equipe espacial secreta para hackear um dos satélites militares deles.

Eu me acomodei à escrivaninha, com o vidro entre nós.

— É bem a nossa cara — respondi.

Edwin dobrou o jornal de maneira ineficiente — era quase doloroso observá-lo — e nivelou os seus olhos com os meus. Ele estava ali para fazer mais perguntas sobre a minha mãe.

— Já disse que não sei…

— Acredito que você não saiba onde ela está. Mas você pode nos ajudar de outras maneiras.

— Mas não vou ajudar vocês.

— Tudo bem. Você está aqui, e os seus entes queridos estão lá fora.

Ele deixou aquela ameaça velada no ar. Um mês atrás, isso poderia até ter funcionado, mas, apesar de todas as suas falhas, eu compreendia Edwin melhor do que nunca. Tinha uma memória quase perfeita de cada observação feita por ele, e Edwin não ia fazer mal à minha família. Se queria tirar proveito de mim, poderia providenciar o que eu queria — em primeiríssimo lugar, um contato com Beth e Ava.

— Você está fazendo tudo errado — avisei.

— Como assim?

— Deveria me oferecer uma recompensa, não uma punição.

— Sua mãe tinha um laboratório secreto? — perguntou ele.

— O que vou ganhar com isso?

Edwin olhou para o respiradouro do meu viveiro. Então, para mim. Ele enrugou o nariz, e o lábio superior se curvou para cima durante um milésimo de segundo.

Uma microexpressão de desgosto.

— Você está pensando em retirar o oxigênio do viveiro. Romero foi capaz disso porque me culpa, e com razão, pela perda do trabalho dele, da paixão dele. Você não sente raiva suficiente para isso. Fica enjoado só de pensar em me torturar por informações — falei. Ele suspirou, incomodado. — Agora está cogitando chamar um dos seus capangas para fazer o serviço sujo, mas não tem certeza se esse grau de distância será suficiente para atenuar…

— Dá para calar essa boca? Meu Deus do céu. Você não é mais o Logan que eu conhecia.

Aquilo o deixou abalado. Ótimo. Então, eu daria uma pitada de informação para ele.

— Eu não tinha conhecimento algum sobre qualquer laboratório secreto da minha mãe.

Um lampejo de alívio passou pelo rosto de Edwin.

— Mas, se ela estava criando esse upgrade, com certeza precisaria de um.

— E não de um laboratório qualquer…

— Não — concordei —, ela precisaria de um laboratório de biologia molecular de alto nível com biossegurança de contenção nível quatro para culturas celulares e experimentos com animais. Fornecedores de compostos biológicos exóticos. E não poderia fazer isso sozinha.

— Com quantas…

— Talvez duas. Cinco pessoas, provavelmente.

— Tem ideia de…

Eu sabia cada pergunta que sairia da boca de Edwin antes que ele a fizesse. Quanto tempo perdido. Quanta ineficiência.

— … quem eles podem ser?

— Ela precisaria de um grupo de pessoas que abrangesse bioquímica, biologia molecular, genética e bioinformática. Cada uma delas trabalhando no auge das suas capacidades. Não consigo imaginá-la tendo sucesso na missão sem um recozimento quântico ou um processador exascale.

Eu estava falando rápido demais. Uma pessoa normal falava de cem a cento e trinta palavras por minuto. Eu chegava quase às cento e oitenta. Quando aquilo tinha começado? Precisava diminuir a velocidade, parar de chamar a atenção para o meu intelecto explosivo. Isso só os deixaria com mais medo de mim, e, quanto mais medo tivessem, menores seriam as chances de me deixarem sair do viveiro para um estudo físico.

— Então ela precisaria de um engenheiro de computação.

Eu não havia acabado de falar aquilo?

— É. Um fodão. Alguém que conseguisse escrever programas altamente sofisticados e também tivesse experiência em arquitetar códigos de IA autodidata.

— Alguma ideia de quem essa pessoa poderia ser?

Uma pergunta malformulada, mas entendi o que Edwin queria dizer. Ele queria nomes. Não tinha acabado de fazer a mesma pergunta 12,5 segundos atrás?

— Os colegas dela de Shenzhen estão ou mortos ou presos. Não sei quem ela encontrou ou com quem trabalhou depois de fingir a própria morte.

— Consegue pensar em algum indivíduo influente na vida de Miriam que ela possa ter procurado após a fome?

— Não sei o que os amigos e colegas passaram a pensar da minha mãe depois da fome. Imagino que a maioria daria as costas para ela. Ou a entregaria para a polícia. Mas tive uma ideia maluca.

— Qual?

— Vou encontrá-la para você.

Edwin se inclinou na direção do vidro, interessado.

— Quer dizer… deixar você sair — supôs.

Eu estava prestes a descobrir se Edwin estava mais interessado em me estudar ou encontrar Miriam. Havia outra opção, claro: a decisão de o que fazer comigo podia não ser mais dele.

— Coloque um rastreador em mim — falei. — Me vigie o quanto quiser. Sou o único que conseguiria fazer isso.

Ele estava pensando na proposta.

— Não posso — respondeu, por fim.

— Mas espera que eu o ajude enquanto me mantém preso em uma jaula de vidro? Ao mesmo tempo, você está prestes a libertar a única pessoa que pode ter alguma informação.

— Não fui completamente honesto com você sobre como estão as coisas com Soren — admitiu Edwin.

— Deixa eu adivinhar. Soren nunca foi oficialmente registrado no nosso sistema. Você conseguiu que um juiz da DISA concedesse uma prisão de noventa dias.

Edwin não falou nada. Tentou manter o rosto neutro, mas não conseguiu.

— Onde ele está, então? — perguntei. — Em outra das suas prisões secretas? Nessa aqui?

— Ele não está aqui.

— Você também o interrogou — afirmei.

Edwin assentiu.

— Aprimorado?

Ele assentiu de novo.

— Virtual?

Sem resposta. Mas sim.

Eu ouvira rumores disso em casos extremos com bioterroristas estrangeiros, mas senti uma pontada de decepção e vergonha profundas ao ter a informação confirmada por um homem que eu respeitava. Estavam interrogando Soren em um mundo virtual, usando uma interface de rede de nível militar. Eles hackearam a amígdala e as regiões pré-frontal e límbica do neocórtex de Soren para enganar a mente dele, com o objetivo de fazê-lo sentir todos os tipos de prazer e dor. A tortura virtual havia sido proibida há uma década pelas Nações Unidas, mas, como era muito difícil obter provas do uso, a proibição era quase impraticável.

— Suponho que não adianta avisar que ele é cidadão norte-americano — falei. — Ah, espera aí. Eu também sou. Com certeza seria inútil lembrá-lo que ele é um ser humano. Então, o que você arrancou dele?

— Nada. Aparentemente, ele não sabia mesmo.

Edwin se levantou e pegou o jornal.

— Edwin, acabei de responder às suas perguntas. Eu não precisava ter feito isso.

— Eu sei.

— Queria que a minha família soubesse que estou bem. Gostaria de falar com Beth e Ava. Ver as duas.

A maneira como ele olhou para mim — lábios franzidos, sobrancelhas erguidas — revelava uma tristeza logo abaixo da superfície. Eu enxergava as pulsações de Edwin martelando na artéria carótida. Batendo bem mais rápido do que antes… cento e vinte e nove BPM. Não sabia exatamente como tinha chegado àquele número. Não estava contando de forma consciente. Eu só… sabia. Tinha uma consciência específica e detalhada que não existia antes.

Edwin estava triste e nervoso por eu tê-lo desmascarado. E naquele momento eu soube que o que ele dissera para mim no meu primeiro dia ali fora uma mentira. Ele não contara para a minha família que eu tinha sido detido sob suspeita de autoedição.

Na mesma hora, minha mente me mostrou um vídeo em 16K do meu funeral. Caixão fechado. Beth e Ava chorando. Edwin as confortando, lembrando-as que eu era um herói. O silêncio na nossa casa após todos saírem e o luto de verdade

se instalar.

— Você disse a elas que morri em uma operação, não disse?

Tudo que Edwin respondeu foi:

— Sinto muito.

E se retirou.

• • •

Tirei as roupas e fui tomar banho. O boxe era apertado, com paredes de vidro. Não havia privacidade ou espaço. Eu sabia que alguém, em algum lugar, estava sentado diante de um monitor observando cada movimento meu.

Não suportava pensar em Beth ou Ava. Imaginá-las chorando pela minha morte tinha acabado comigo.

Assim, enquanto a água quente caía sobre o meu corpo, pensei na minha mãe. Fiquei me perguntando onde ela estava naquele momento. Tentando entender qual era o seu objetivo final. Será que ela também tinha se exposto a esse upgrade?

Uma memória borbulhou até a superfície — uma conversa que presenciei durante aquele verão na China, antes de tudo dar errado.

Nas raras ocasiões em que Miriam queria relaxar e tirar os seus pós-doutores do laboratório, nós íamos em um bar de cerveja belga no distrito de Nanshan chamado Monge Cambaleante.

Antes de Denver e do upgrade na minha memória autobiográfica, eu nunca teria me lembrado desse momento com uma perfeição tão cristalina, mas certa noite, depois de muitos drinques, nosso grupo estava tendo um debate acalorado, que começara quando a minha mãe propôs uma questão hipotética: qual é a maior ameaça à nossa espécie?

Todo mundo estava bêbado, feliz e falando alto, dando suas opiniões.

Aumento do nível do oceano.

Desertificação.

Colapso dos ecossistemas.

Níveis perigosos de CO_2.

Basri, o pós-doutor que era o braço direito da minha mãe, falara:

— Todas as ameaças à nossa existência estão sob o guarda-chuva da mudança

climática.

Em silêncio, minha mãe estivera nos observando da cabeceira da mesa com seus olhos grandes e enigmáticos, dando pequenos goles no seu cálice de Westvleteren 12.

— Todos vocês estão errados — disse ela, por fim.

A mesa ficou em silêncio, e nós nos viramos para ela. Miriam mal tinha erguido a voz. Não dava para termos ouvido ela com o ruído do bar, mas havia algo quase mágico a respeito da minha mãe e seus acólitos.

— Você não acha que a mudança climática é a grande ameaça à nossa espécie? — perguntou Basri.

Ela o encarou.

— A maior ameaça à nossa espécie está dentro de nós.

Todos se entreolharam, desconfortáveis, sem saber o que ela queria dizer.

Dentro do microboxe do meu viveiro, vinte anos depois, eu relembrei vividamente que não fazia a menor ideia do que ela estava falando e que senti um frio na barriga ao encarar mais uma evidência da minha limitação se acumulando dentro de mim.

— Fome, doenças, guerra, aquecimento global… essas ameaças se assomam sobre nós como gigantescas nuvens de tempestade. Mas noventa e nove por cento das pessoas lê sobre o mundo em ruínas nas manchetes matinais e então as ignora, continuando com seus afazeres. — Ela olhou para as pessoas na mesa. — Estamos todos aqui em Shenzhen, tentando fazer a nossa parte para reduzir a perda da colheita, o que pode ser um passo para resolver a fome. Estamos tentando fazer parte da solução.

Ela se inclinou para a frente, de repente energizada.

— Se mais pessoas fossem como nós, imaginem o que poderíamos alcançar. Novas plantações para alimentar os milhões que passam fome. Impedir pandemias de se alastrarem pelo mundo. Acabar com a maioria das doenças, a pobreza e todas as guerras. O fim das extinções em massa. Energia limpa, renovável e infinita. Espalhar a humanidade pelo Sistema Solar.

Vinte anos depois, conforme a água quente acertava as minhas costas, senti um arrepio correndo pelo meu corpo.

— Então você está dizendo que as pessoas são burras demais? — perguntou Basri.

— Não só isso — respondeu Miriam. — É o negacionismo. O egoísmo. O pensamento mágico. Não somos seres racionais. Buscamos conforto em vez de uma visão clara da realidade. Consumimos, nos enfeitamos e nos convencemos de que, se mantivermos a cabeça enterrada na areia, os monstros vão embora. Resumindo de forma simples, nos recusamos a ajudar a nós mesmos enquanto espécie. Nos recusamos a fazer o que precisa ser feito. Cada perigo que encaramos está, em última instância, ligado a esse defeito.

Saí do banho e, enquanto me vestia, um dos meus detentores — *como chamá-los de outra forma?* — apareceu com o café da manhã.

Acomodei-me à escrivaninha do lado de dentro com o cheiro bom e rico do café invadindo o viveiro.

Meus pensamentos ainda estavam acelerados.

Depois do bar, peguei um táxi com a minha mãe até a casa que alugávamos no distrito de Bao'an, na baía de Qianhai.

Eu tinha bebido demais, e as luzes de Shenzhen passavam em um borrão.

Observei minha mãe, que olhava pela janela, sem dúvida pensando no trabalho do dia seguinte. Sempre o trabalho.

E, como meu estado de consciência estava alterado, eu simplesmente fiz a pergunta a ela, algo que nunca teria acontecido se estivesse sóbrio:

— Você faria isso se pudesse? Digo, mais gente como nós? — Logo me corrigi: — Como você?

Ela olhou para mim e, talvez porque também estivesse zonza, foi franca de uma maneira que só tinha visto uma ou duas vezes na vida.

— Sim — respondeu. — Faria.

— Mas é só um sonho, né? Uma ideia?

Ela deu de ombros.

— Sempre que uma pessoa se inscreve na Sua História, ela tem que completar um teste de personalidade de trezentos e cinquenta perguntas e usar o nosso aplicativo de imagens para submeter um escaneamento total do corpo, que nos dá uma montanha de dados. Tenho o código genômico de setenta e nove milhões de indivíduos e mais de vinte e três mil informações de fenótipos para cada um. De todo o planeta. *Se* eu pudesse desenvolver uma IA poderosa o suficiente para lidar com essa quantidade de dados e fazer as perguntas certas, quem sabe o que eu conseguiria alcançar? — E então ela olhou para mim com uma intensidade

assustadora. — Uma coisa é criar uma forma de vida nova, curar doenças ou até mesmo tentar o que estamos fazendo com os nossos gafanhotos. Mas mudar a forma como membros de uma espécie completamente senciente *pensam* é com certeza a expressão máxima do poder da edição genética.

Diante do que havia acabado de acontecer comigo, aquela conversa passou a ter uma relevância completamente diferente. Minha mãe tentara editar alguns arrozais e acabou matando duzentas milhões de pessoas. Que estrago ela poderia causar — de forma intencional ou por meio de consequências involuntárias — ao tentar mudar algo tão fundamental quanto a forma como o *Homo sapiens* pensa?

• • •

Sonhei com Beth e Ava.

Estávamos em um campo plano, sem nada de especial.

O céu era do mesmo cinza escuro que a terra, e não daria para ter noção alguma de espaço — nenhum horizonte, nenhuma sensação de profundidade — se o chão não fosse um pouco mais escuro.

De repente, ele se rachou entre nós.

Uma fenda preta começou a aumentar.

E aumentar.

Eu queria pular e me juntar a elas, mas a distância já era muito grande.

Então ficamos lá, observando enquanto nos afastávamos cada vez mais.

• • •

Despertei do abismo da inconsciência profunda e, mesmo antes de estar plenamente acordado, notei um som.

Um *bum bum bum* abafado.

Tiros?

Eu me sentei, abri os olhos.

Estava sozinho no viveiro e, embora o lugar estivesse escuro, ainda conseguia ver.

Escutei um grito ao longe — atenuado pelas paredes externas e pelo vidro da minha cela.

Um homem atravessou correndo a porta ao lado do terminal.

Reconheci ele na hora, mesmo com pouca luz: era um dos agentes que tinha ido até o quarto andar do Constitution Center para me prender. O baixinho parrudo. Não o vira durante o tempo que passei na cela. Ele segurava uma pistola e mantinha a outra mão na lateral do corpo, arfando, sangue pingando dos seus dedos, deixando pegadas sangrentas conforme andava.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Quando ele se virou para mim, a porta se escancarou de novo, e ouvi um som ensurdecedor. A cabeça dele desapareceu em uma névoa vermelha.

Alguém vestindo um casaco preto atravessou a porta. A pessoa carregava uma espingarda tática e usava uma máscara de esgrima. Na mesma hora, consegui sentir algo diferente na maneira que ela se movia. Algo *correto* . Não havia desperdício. Não havia ineficiência. Ultimamente, não podia deixar de notar como Romero, Edwin e os meus outros detentores eram atrapalhados e imprecisos ao se movimentar. Como bebês atarantados e gigantes, seus corpos transmitindo tudo.

E, embora fosse algo estranho de perceber naquele momento, fiquei impressionado com a elegância do porte daquele indivíduo.

Ele ou ela fez um movimento minúsculo com o dedo.

Eu sabia exatamente o que a pessoa queria.

Fui até o fundo da cela, peguei o colchão da cama para usar como escudo e me encolhi atrás dele do outro lado do viveiro.

O barulho dos pentes redondos da espingarda era de estourar os tímpanos — projéteis corroendo o vidro à prova de balas, a chuva de cacos rasgando o colchão e caindo sobre mim.

Quando os tiros pararam, joguei o colchão de lado e fiquei de pé.

O vidro grosso do meu viveiro não era páreo para as balas da arma.

Saí da cela pela primeira vez em vinte e cinco dias.

Meus ouvidos zumbiam.

Máscara de Esgrima se aproximou.

— Quem é você? — perguntei.

A pessoa balançou a cabeça. *Aqui não* .

— Vão mandar mais gente — falei. — Mais do que…

Uma voz modulada me interrompeu:

— Você não tem ideia do que sou capaz de aguentar.

Eu me agachei, peguei a pistola que o homem morto deixara cair quando perdeu a cabeça e dei uma olhada rápida na câmara.

— Fique perto de mim — disse Máscara de Esgrima.

Fui atrás de quem quer que fosse para fora do cômodo e segui por um corredor mal-iluminado, com cabos colados na parede com fita adesiva. A arma que eu segurava era uma Smith & Wesson .45, pegajosa por causa do sangue.

No final do corredor, uma das luzes fluorescentes acima de nós piscava sem parar, criando momentos de completa escuridão.

Passamos por dois homens caídos no chão sobre poças ainda crescentes do próprio sangue. Eles foram pegos ao sair de uma sala cheia de monitores com transmissões em tempo real do meu viveiro em vários ângulos diferentes.

— Você matou Edwin Rogers ou um sujeito gordinho com cara de cientista? — perguntei.

— Apenas guardas armados.

Ao nos aproximarmos da interseção seguinte, ouvi vozes.

O estranho ergueu o braço.

Parei.

Máscara de Esgrima pendurou a espingarda no ombro e acelerou quando três homens apareceram no nosso caminho.

Guardas fortemente armados.

Máscara de Esgrima cortou a garganta do primeiro homem com uma faca de trincheira, mas o segundo já erguia a sua pistola Desert Eagle.

Vi tudo muito claramente: Máscara de Esgrima estava prestes a levar um tiro de .50 na cara.

Enquanto aquele pensamento passava pela minha mente, a pessoa responsável pelo meu resgate deu um passo maravilhosamente cronometrado para o lado. O segundo homem apertou o gatilho e acertou a cabeça do terceiro homem por acidente.

Máscara de Esgrima deu outro passo para o lado e, enquanto o último homem vivo brandia a arma, tentando mirar, ele ou ela fez um movimento abaixo do braço do segurança, pegando-o com cuidado e quebrando-o em três lugares.

Era como observar uma arma sendo desmontada, mas com ossos.

Conforme o homem uivava, Máscara de Esgrima retalhou duas vezes a sua

barriga.

Ele caiu de joelhos e, com o braço que permanecia intacto, tentou manter tudo que vazava dele no lugar.

O interlúdio inteiro demorou 2,5 segundos. Os movimentos de Máscara de Esgrima foram especialmente rápidos, mas também graciosos e letais — um balé de violência.

— Vai! — gritou Máscara de Esgrima para mim.

Viramos em um corredor que terminava em uma escada em caracol.

Segui Máscara de Esgrima, nossos passos ecoando no metal.

Lá em cima, Máscara de Esgrima tentou abrir um alçapão, mas não conseguiu.

— Alguém trancou a passagem — falou. — Tem outra saída, mas teremos que passar por outros guardas para chegar lá.

Tive uma ideia.

— Espere aqui.

Atravessei os corredores às pressas, voltando à sala que acomodava o viveiro. Sentando-me diante do terminal, acendi a tela e digitei o nome de usuário de Romero, que eu já sabia. Embora não soubesse exatamente qual era a senha, das vezes em que analisei os movimentos dos dedos de Romero de dentro da cela, havia dezessete possibilidades.

Consegui na sexta tentativa. Acessei rapidamente a interface até encontrar um protocolo de segurança que destrancaria algumas portas, incluindo a do meu viveiro, de um arsenal, de um centro de vigilância e de algo chamado alçapão de saída.

Eu a destranquei e voltei depressa pelo corredor.

A pessoa responsável pelo meu resgate já tinha atravessado o alçapão. Quando cheguei ao topo da escada, Máscara de Esgrima estendeu a mão, me puxando para a escuridão.

Estava congelante.

Conforme os meus olhos se ajustavam, vi ferramentas velhas penduradas em paredes. Caibros acima de mim. Uma escada que levava a um sobrado cheio de feno. Um trator antigo.

O complexo do viveiro fora construído sob um celeiro velho.

Corremos até uma porta aberta.

Máscara de Esgrima parou sob a soleira.

Olhou para o lado de fora.

A lua clara iluminava tudo, pintando o pasto diante de nós em um tom azul-elétrico e apagando as estrelas.

As luzes da casa da fazenda brilhavam à distância.

Meu fôlego virava vapor no ar frio.

— Consegue correr? — perguntou Máscara de Esgrima.

Assenti.

Disparamos pela grama congelada. Era a primeira vez que o meu corpo ficava a céu aberto, e eu nunca conseguira correr tão rápido na vida. Me senti jovem outra vez. Fluindo com uma energia infinita. Corremos por quinhentos e cinquenta metros até chegarmos à cerca que delimitava o pasto, então passamos por cima dela até uma estrada de terra e continuamos a nos afastar da casa, do galpão e do celeiro.

Colinas cercavam tudo, como ondas escuras e congeladas.

Pastos mais altos reluziam ao luar.

Eu continuava olhando por cima do ombro conforme as luzes da fazenda se distanciavam.

Depois de quatrocentos metros, alcançamos um portão e um mata-burro.

Pulamos o portão.

O pavimento puído de uma estrada rural brilhou sob a luz da lua.

O único som era o vento congelante mexendo as últimas folhas nos galhos acima de nós — esqueletos de coisas que já foram verdes um dia. Era a primeira vez que eu ficava ao ar livre desde que o meu upgrade tinha alcançado todo o seu potencial, e eu me esforçava para impedir que a ofensiva de estímulos me esmagasse.

Corremos pelo canto da pista. Depois de algumas centenas de metros, Máscara de Esgrima diminuiu a velocidade e apontou para algo tão bem escondido que demorei para ver o que era. Estacionado um pouco adentro da mata, vi um reflexo de algo cromado, de metal e vidro.

Entramos no cupê Google Roadster.

Enquanto as portas se fechavam, a pessoa responsável pelo meu resgate enfim tirou a máscara, jogando ela e o modulador de voz no banco traseiro.

Por cima do console central, encarei minha irmã.

Cinco



Fazia três anos que não via Kara.

Seis meses desde a última vez que nos falamos.

Embora ligássemos um para o outro nos nossos aniversários e no Natal, ela quase sempre estava em serviço no exterior.

Minha irmã estava com uma aparência mais bruta do que eu lembrava, e havia uma nova cicatriz atravessando o seu rosto que eu não tinha visto antes. Sabia que ela fora capturada alguns anos antes durante uma das suas operações em Mianmar e que fora mantida como prisioneira de guerra por várias semanas antes da missão de resgate libertá-la, mas eu não sabia exatamente o que tinha acontecido lá. Nós nunca chegamos a conversar sobre isso.

De repente, saímos da lateral e entramos na estrada.

Kara pisou no acelerador.

Uma velocidade louca, muito alta.

Atravessamos o interior sem ligar os faróis.

Embora a minha visão noturna tivesse melhorado bastante, eu não teria me sentido confortável em dirigir tão rápido quanto Kara naquelas estradas cheias de curvas, iluminadas apenas pelo luar. Mas ela parecia perfeitamente apta para isso.

Olhei para a minha irmã, e, antecipando-se à minha pergunta, ela falou:

— Durante o verão passado, na varanda do meu chalé em Montana, uma abelha me picou. — Ela fez uma curva tão fechada que até sentimos a força centrífuga. — A dor foi rápida, sem inchaço, mas duas noites depois acordei com a pior febre que já tinha sentido… Lençóis encharcados de suor, delírio. Após

três dias no hospital, melhorei.

Ela falava a uma velocidade estonteante.

— Fizeram exames e nada foi descoberto? — perguntei.

Kara assentiu.

— Decidiram que você tinha pegado algum tipo de influenza e se recuperado?

— Exatamente.

Ela diminuiu a velocidade quando entramos em Luray, Virgínia, uma cidade-dormitório ao pé das montanhas. A rua principal estava deserta àquela hora. Os sinais de trânsito piscavam amarelo nos cruzamentos, e a lua estava brilhante o suficiente para iluminar o céu e revelar uma parede preta a oeste: a escarpa de Shenandoah.

— Dezesseis dias depois — contou Kara —, uma mulher que peguei certa noite estava procurando suco de laranja na geladeira. O tablet na bancada da cozinha passava o jornal, e ela estava vendo meio distraída. Nesse instante de atenção dividida dela, percebi que ela ia fechar a porta da geladeira, se virar e, com o cotovelo do braço que estava segurando a caixa de suco, acertar o copo que pusera na ponta da ilha. Não era uma suspeita. Era como uma equação de física escrita na superfície da realidade só para mim. Todas as variáveis apontando para um resultado inevitável. Vejo essas equações em todos os lugares agora. Todo esse processo mental se deu enquanto eu girava uma panqueca e observava, pela janela sobre a pia, o reflexo dela se inclinando para dentro da geladeira. A panqueca acertou a frigideira; eu larguei a espátula, me abaixei, peguei o copo no meio da queda, um microssegundo antes que ele explodisse no azulejo.

— Quando você notou todas as outras mudanças?

— Antes, era uma consciência que eu estava ganhando aos poucos. Mas naquele momento era como um grito para mim em uníssono. Mais capacidade de concentração, visão noturna, memória, menos sono, massa muscular aprimorada, maior tolerância à dor.

— Ler a expressão das pessoas de uma maneira que nunca tinha sido capaz?

Ela assentiu.

— A abelha era um drone — falei.

Kara sorriu.

— Ela não se decompôs nem um pouco.

Depois de vinte e cinco dias interagindo com pessoas… como chamá-las, de normais?… era maravilhoso conversar com alguém cuja mente era tão rápida quanto a minha.

Chegamos ao topo das Blue Ridge conforme a aurora exalava um sopro de lavanda pelo céu. A luz surgiu, a visão se estendendo pelo horizonte. Vi o vale seguinte escondido sob uma camada curta de neblina. As luzes dos vilarejos e das cidades brilhavam à distância.

— Achei que tinha sido alvo de algum tipo de alteração genética. Fui atrás de você.

— Por quê?

— Eu sabia que quem quer que estivesse por trás disso não tinha me escolhido por coincidência. Era porque eu sou uma Ramsay… por causa da nossa mãe. Assim, ou você teria algo a ver com isso, ou estaria na lista de alvos também.

— E aí você começou a me monitorar.

— Eu precisava saber dos seus pontos fracos caso não quisesse me ajudar ou tentasse me prender. Foi assim que descobri que você tinha sido um alvo como eu e que seu chefe estava de olho em você.

— O que entregou que eu estava mudando?

— O xadrez.

— Foi você que mandou a mensagem dizendo que a APG estava atrás de mim?

— Ficou claro para mim que você estava mudando. Sabia que eles iam descobrir mais cedo ou mais tarde. Desculpa. Devia ter entrado em contato antes.

— Foi a nossa mãe que fez isso com a gente — falei.

Ficamos em silêncio.

Kara olhou para mim, e rechacei o pensamento dela.

— Ela está viva — revelei. — Quer liberar um upgrade genômico enorme.

— Em quem?

— Na raça humana.

Então contei tudo para ela.

• • •

Às sete e meia da manhã, Kara parou no estacionamento da pousada Maple Leaf, em Kingwood, no estado de Virgínia Ocidental.

Estava nevando forte, e uma camada de gelo começava a se formar sobre as estradas.

Nós dois colocamos balaclavas para proteger o rosto durante a corridinha até o quarto, dolorosamente conscientes de que havia câmeras em todo o lugar.

Embora não fosse necessariamente um segredo de estado, o programa de vigilância e grampo telefônico do Departamento de Justiça também nunca fora confirmado para o público. E mesmo que a maioria dos americanos pensasse que sabia a extensão do estado de vigilância em que viviam, eles não faziam ideia do seu poder e da integração insidiosa no seu cotidiano. Para cada cem pessoas nos Estados Unidos, havia 48,7 câmeras, e, por trás delas, uma rede governamental de programas de reconhecimento facial impulsionada por inteligência artificial ao lado de leis de privacidade bastante defasadas.

Depois do que aconteceu na noite passada, Edwin devia estar louco para me encontrar, mas eu duvidava que ele seria capaz de divulgar a busca para outras agências de segurança. O que ele diria? *Um agente da APG, que eu estava mantendo preso ilegalmente, escapou. Por sinal, ele sofreu um upgrade genético enorme, e, ah, o sobrenome dele é Ramsay.*

Não, aquilo seria resolvido internamente.

No entanto, bastaria o reconhecimento de uma única parte do meu rosto para algum algoritmo gerar um alerta da minha localização.

O quarto tinha duas camas. Uma escrivaninha pequena perto da janela. Um aquecedor antigo, que não parava de fazer barulho. Pôsteres de flores que conflitavam uns com os outros.

Usei um dos laptops de Kara para encomendar preenchimentos faciais, pagando uma pequena fortuna pela entrega por drone em vinte e quatro horas.

Então me joguei em uma das camas. O colchão tinha um calombo, mas, depois de três semanas no viveiro, parecia que eu estava descansando sobre uma nuvem.

— O que você fez lá na fazenda foi incrível — falei. — Você sempre foi boa assim ou isso é uma nova melhoria?

— Sempre fui fodona. — Kara riu e, por um segundo, voltou a soar como era antes. — Qualquer que tenha sido o upgrade que recebi, ele só intensificou as

minhas habilidades.

— Como é isso? — perguntei. — Lutar daquela maneira.

— Já esteve em uma briga?

— Duas, na prisão.

— Como se saiu?

— Levei uma surra.

— Aconteceu rápido, não foi?

— Muito rápido. Meu corpo congelou. Eu me senti paralisado.

— Agora, quando os meus níveis de adrenalina chegam ao limite, o oposto acontece. O tempo vai desacelerando até quase parar. Noto todos os detalhes ao meu redor. Vi aqueles homens vindo para cima de mim na metade da velocidade. Minha habilidade de ler movimentos corporais foi aprimorada. A menor contração muscular indica cada uma das suas intenções. Apagá-los não exigiu quase nenhum esforço.

Eu tinha sentido a mesma coisa, claro.

A ideia de que o cérebro ficava mais acelerado durante situações estressantes era um mito. Quando uma pessoa sentia medo, a amígdala ficava mais ativa, mostrando memórias extras que coincidiam com as memórias normais do dia a dia. Eram essas memórias adicionais e mais detalhadas que davam a impressão do tempo passando mais devagar. Mas eu suspeitava que, assim como eu, o senso de dilatação temporal de Kara era mais do que uma ilusão proporcionada pela reação ao medo. Com o nosso bloqueio sensorial diminuído, haveria uma inundação de estímulos em momentos de foco intenso. Então, desde que nosso cérebro não fosse esmagado por essa invasão, isso realmente nos permitiria antecipar e reagir com velocidade sobre-humana.

— Eles não vão deixar passar o que aconteceu — falei. — Você sabe disso, não sabe?

Ela deu de ombros.

— Sei que não somos próximos, mas você é o meu irmão. Mataria um exército inteiro por você.

— Minha família está bem?

— Sim. Mas elas acham que você morreu.

Eu já sabia daquilo, mas, mesmo assim, fiquei com os olhos marejados.

Não podia telefonar para Beth. Não podia tentar nenhuma forma de contato,

já que isso poderia fazer com que ela e Ava fossem acusadas de me acobertar, além de envolvê-las ainda mais nessa bagunça do que já estavam envolvidas simplesmente por me conhecer.

Por enquanto, era mais seguro continuar deixando-as pensar que eu estava morto.

Duzentas milhões de pessoas morreram por causa do trabalho em que me envolvi, meu tempo na prisão, a morte dos meus pais, a perda do meu irmão gêmeo… tudo perdia a intensidade em comparação a isso, a coisa mais difícil pela qual já tinha passado.

— E agora? — perguntou Kara.

Fiz uma avaliação rápida da situação: nós dois fomos alvos, supostamente por parte da nossa mãe, por razões desconhecidas. Não havia muito com o que trabalhar.

— Não sei — respondi. — Mas o que quer que ela esteja planejando, temos que impedi-la.

Então fechei os olhos e dormi.

• • •

Quando acordei, a luz que atravessava as cortinas tinha diminuído, e, no banheiro, o chuveiro estava ligado. Levantei-me, fui até a janela e dei uma olhada lá fora no entardecer azulado e nevoso.

Os carros no estacionamento da pousada estavam cobertos de neve.

As ruas também.

Não dava para ver os prédios do outro lado da rua por causa da neve que caía.

A bolsa preta de Kara estava em cima da mesa.

O chuveiro continuava ligado.

Eu abri a bolsa e dei uma olhada lá dentro.

Quatro armas, incluindo um fuzil de precisão CheyTac M200. Caixas de munição. Granadas de atordoamento. Abraçadeiras. Vários laptops. Equipamento de vigilância. Dois maços de dinheiro. Três passaportes, cada um com um nome diferente. Cinco celulares não rastreáveis.

Peguei um deles e encarei o aparelho, quase dominado pela vontade de mandar uma mensagem para Beth e dizer que eu estava vivo. Não conseguia

imaginar a dor que ela e Ava deviam estar sentindo.

E então uma coisa estranha aconteceu.

Eu diminuí a intensidade dos meus sentimentos.

Talvez fosse uma nova habilidade, talvez ela sempre tivesse existido — finalmente acessível pelo upgrade —, mas descobri que era capaz de deixar de lado a emoção e a empatia que sentia pela minha família.

Era como colocá-las em uma gaiola de Faraday, mas em vez de me proteger de campos eletromagnéticos, quando as minhas emoções estavam lá dentro, a gaiola me protegia dos meus próprios sentimentos. Ou, na verdade, do seu efeito controlador.

Eu podia guardar os meus sentimentos dentro dessa gaiola, lá no fundo da minha mente.

Podia fechar a porta.

E, com um esforço extraordinário, até trancá-la.

Eu era capaz de existir à parte dessas emoções.

Era uma habilidade inquietante, que mais parecia trapaça e que me fez questionar certas coisas. Esse upgrade também atacara o cerne das reclamações da minha mãe sobre o genoma falho da nossa espécie? Ela descobrira uma maneira de recalibrar o equilíbrio entre sentimento e razão do *Homo sapiens*?

O chuveiro foi desligado.

Joguei o celular de volta na bolsa e fechei o zíper.

• • •

Kara pegou um dos seus laptops.

Eu tinha as credenciais de Romero, mas achava que, a partir do momento em que fizesse login, teríamos meia hora, talvez menos, antes que os agentes aparecessem na pousada.

Então, pelas nove horas seguintes, baixei e li cinco livros sobre a arquitetura da internet e dei uma olhada em inúmeros fóruns em que as pessoas compartilhavam dicas "hipotéticas" para acessar um servidor do governo de forma clandestina.

Na minha vida pregressa, eu levaria meses para absorver toda aquela massa de informação desorganizada e errônea e teria morrido de tédio. No entanto, minha

nova habilidade de manter o foco sem esforço me ajudou.

Entrei na internet através de um VPN. Não me importava tanto que eles soubessem que alguém estava acessando os servidores com os dados de Romero. Eu pegaria o que quisesse antes de terem tempo de reagir. Só não podia deixá-los descobrir que os servidores estavam sendo acessados de Kingwood, Virgínia Ocidental.

Além de garantir a segurança na comunicação entre o laptop de Kara e os servidores, o VPN também ocultaria o meu IP e a minha localização — por um tempo. Tudo que restava era fazer uma troca de chaves sem ser detectado, o que consegui com a ajuda de um algoritmo da dark web.

Havia apenas um arquivo com o nome "Ramsay, Logan".

Enquanto eu examinava o meu próprio arquivo na APG, Kara pegou o casaco de lã e a balaclava e saiu para conseguir um pouco de comida; estávamos precisando.

O arquivo continha os resultados do polígrafo (eu passei). Os testes que dr. Romero tinha feito. Um registro dos meus padrões de sono. Tabelas de alimentação. Observações de Edwin e de Romero detalhando cada interação que tivemos. Registros médicos da minha estadia no hospital de Denver e do meu internista em Washington. As notas da psicóloga das nossas três sessões. Áudios e vídeos dos grampos na minha casa em Arlington.

Porém, eu estava interessado sobretudo no arquivo das mudanças genômicas.

Era enorme.

Quando abri a análise do código genômico, um pensamento ressurgiu; um sussurro no canto mais profundo da minha mente.

Miriam nunca fez nada sem motivo.

Se o objetivo era assustar a APG, não fazia sentido dar o upgrade para Kara também. E não era possível que ela esperasse mudar as políticas da APG. Talvez ela quisesse assustá-los, mas não abriria o jogo só para isso. Tinha que haver algo por trás. Algum objetivo que Edwin e os outros não estavam vendo.

Minha mãe tinha um plano para nós. O que significava que em algum lugar, de alguma forma, ela deixara migalhas de pão indicando o caminho. Pistas do que deveríamos fazer a seguir. Estava estudando as páginas da análise genômica — três *bilhões* de letras —, e o mistério do momento era inegável: eu era um ser consciente lendo as instruções da minha própria criação.

Parei.

Encarei a tela.

Uma ideia começava a borbulhar do fundo da minha mente em direção à superfície.

Ouvi uma batida à porta. Senti uma facada de pânico ao pensar que a APG tinha, de alguma forma, me localizado. Mas não, a APG não bateria à porta. Eles a derrubariam.

Dei uma olhada pelo olho mágico e vi Kara de pé na neve. Tirei o ferrolho e a deixei entrar. A lã preta de seu casaco estava coberta de neve, e seu cabelo estava úmido. Ela carregava dois sacos de papel e os largou na minha cama.

— Estação de recarga gourmet. Era a única coisa aberta.

Dei uma olhada nas compras: fast-food, sanduíches, burritos.

— Algum progresso? — perguntou ela.

— Não muito, mas tive uma ideia. — Abri um pacote de batatas chips e comi um punhado. — Você sabia que dá para escrever palavras com DNA?

— Não.

— Em termos de capacidade de armazenamento de dados, a densidade de informações do DNA é milhões de vezes maior do que a de um HD comum.

— Acha que nossa mãe deixou uma mensagem no nosso DNA?

— Não sei. Talvez.

Kara parecia bastante cética.

— Nosso genoma não tem três bilhões de letras?

— Tem.

— Então encontrar uma mensagem dela seria o mesmo que procurar uma agulha no palheiro.

— Seria mais como buscar um átomo específico de uma agulha dentro de um oceano de agulhas — falei.

Voltei a me sentar diante do laptop.

— Por onde devemos começar, então? — perguntou ela.

— Se eu quisesse escrever uma mensagem no seu código genético, não poderia fazer isso em qualquer lugar.

— Por que não?

— Porque poderia danificar algo vital. De repente, um órgão pararia de funcionar. Ou a mutação genética causaria câncer ou esclerose lateral

amiotrófica. Se ela fez isso conosco… o que ainda é um grande *se* … provavelmente inseriu a mensagem em um porto seguro genético.

Dava para ver que Kara não fazia a mínima ideia do que eu estava falando.

— Pense no seu corpo como um enorme programa de computador biológico — expliquei. — Se você acessá-lo e começar a mexer com o código, uma coisa importante pode acabar quebrando. Mas os cientistas descobriram portos seguros, que são áreas naturais do genoma com a capacidade de acomodar a integração de novo material genético sem danificar outros genes ou causar alterações ruins ao genoma anfitrião. — Comecei a digitar. — Acho que vou abrir uma consulta de dados pedindo todos os locais em que o meu genoma mudou, mas limitando os resultados da busca a possíveis áreas de porto seguro. Isso deve reduzir drasticamente as possibilidades.

Levei alguns minutos para gerar a SQL da query no banco de dados. Como estava trabalhando com um laptop, e não com um supercomputador, achava que demoraria algum tempo para os resultados da pesquisa surgirem.

Kara e eu nos sentamos na cama, engolindo alguns burritos da estação de recarga.

Uma hora depois, tínhamos o nosso primeiro relatório.

Depois de Denver, meu genoma havia sido alterado em vários portos seguros genéticos bem documentados, incluindo o AAVS1, SHS231, hROSA26 e CCR5.

Executei um relatório para cada região do DNA, destacando a extensão das edições feitas.

O CCR5 é uma proteína na superfície dos glóbulos brancos, associados ao sistema imunológico. Foram feitas modificações profundas no meu CCR5. Eu não saberia dizer o que eram, mas um aumento de oitenta e nove kilobyte de pares de bases foi feito — um livro inteiro só de código.

Em seguida, abri o relatório de mudanças no AAVS1, uma antiga e inofensiva carga genética por efeito de carona e o lugar ideal para adicionar DNA sem causar danos.

Hum. Eu me inclinei. As mudanças no meu AAVS1 foram minúsculas: uma linha curta de código genético novo inserido no braço mais longo do cromossomo dezenove.

Tinha apenas cento e cinquenta e seis pares de base de extensão.

Talvez cinquenta e dois códons, se traduzidos em proteínas.

E, de acordo com leituras de sequenciamento genético, o código fora inserido no genoma em todas as células do meu corpo — um feito desafiador e incomum. Embora o genoma inteiro estivesse contido em cada célula do corpo, as porções do código que se *manifestavam* por cada célula eram determinadas por sua função biológica específica. Todas as células do corpo de uma pessoa continham as instruções para a cor dos olhos, mas uma intervenção do Foice para a cor dos olhos teria como alvo apenas a porção minúscula de células que afetavam a pigmentação da íris.

Então, por que mudar todas as células? Para ser impossível não ver?

— Pode ser isso aqui — falei.

Kara analisou a nova sequência de DNA.

TCC CCC CCG ACC CGA CCC ACG CAC CGC ACC CCT CTC GTG GTC ACC GCA CCC ACC CGG GAC CCC ACG GGT CCC CCC CCC CCC CCC CCC CCC GAC CCG ACC CAC GCA CCG CAC CCC TGG TGT CGG TCG GTC GGT CGG ACC CCG GGA CAC CCG CAC CCC

— Você acha mesmo que essas letras formam uma mensagem? — perguntou ela.

— Talvez. A edição do outro porto seguro foi uma inserção de quase mil kb. Seria uma mensagem bem longa. Essa é pequena demais para ser um novo gene, e a proteína que a codifica não faz sentido.

— E agora?

— O DNA pode ser lido em duas direções e três bases no quadro de leitura por direção. Por enquanto, vou presumir que isso segue as convenções para inserções, o que significa que devemos ler da esquerda para a direita. Então agora precisamos descobrir como converter a mensagem biológica em uma mensagem humana.

— Alguma ideia?

— Nenhuma.

• • •

A morte do meu irmão foi a primeira fissura no fosso que engoliria toda a minha família. Eu tinha treze anos, e, dois anos depois, meu pai tirou a própria vida em uma manhã nebulosa no pico do monte Diablo, a leste da Bay Area.

O fato de minha mãe ter fingido se suicidar, apesar de tudo que passei, era incompreensível para mim.

Depois que o meu pai se foi, Kara largou Cornell, onde estudava tecnologia da informação, e entrou no exército. Chegou às forças especiais. Na época, tudo que disse foi: "Quero fazer alguma coisa de verdade."

Então restaram só Miriam e eu, até os nossos gafanhotos liberarem sem querer uma fome sobre o mundo.

E, após a morte da minha mãe e o meu encarceramento, era só eu.

Tudo aquilo dava um quê especial para aquela noite. Mesmo que as circunstâncias estivessem longe das ideais, fazia anos que eu não passava um tempo com a minha irmã mais velha.

Comemos comidas gostosas, mas ruins para o organismo, e conversamos. Kara só havia encontrado Beth e Ava duas vezes, e contei tudo sobre elas. Ela me contou sobre a sua vida em Montana.

Eu estivera lá uma vez com Nadine. Visitamos o chalé de Kara depois de uma operação em Helena. Sentamo-nos na varanda ouvindo cervos bramindo pelo vale. Era verão, a noite estava fresca, o céu iluminado por estrelas. Conversamos sobre vida, trabalho e família. Tinha sido legal ver Nadine e a minha irmã se dando bem.

Havia sentido isso naquela noite e senti novamente que ficar na companhia de Kara saciava alguma sede evolucionária. Uma necessidade genética primordial de pertencer a um grupo.

Ela era o único ser humano que de fato entendia a transformação pela qual eu estava passando. Era também o único ser humano que realmente compreendia o meu passado.

— Já pensou em juntar os trapos com alguém? — perguntei a ela.

— Esposa? Filhos?

— Algo assim.

— Você fica incomodado por eu ter encontrado outro jeito de ser feliz? — perguntou ela.

— Você supõe que acho que filhos e casamento correspondem à felicidade. Existe correlação? Claro. Mas é a causa? Não. Você *é* feliz?

— Antes de tudo isso, eu estava feliz como nunca. Morava em um chalé que tinha construído a dois quilômetros acima de Butte. Eu esquiava no inverno.

Pescava no verão. Caçava no outono. Você esteve lá.

— Queria que tivéssemos nos encontrado mais — falei. — Teria gostado de fazer parte da sua vida.

— Cara, eu não sou mais a irmã mais velha que brincava de pique-esconde, montava coisas com Lego e fazia fortalezas com você.

— Quem é você?

— Agora? É uma pergunta interessante. Antes do drone me picar, eu achava que era uma mulher em busca de paz em um lugar só meu. — Então, ela olhou para mim de forma estranha. — Você quer saber, não é?

A cicatriz começava no canto do olho esquerdo e ziguezagueava pela bochecha até a ponta do queixo. Ela a tocou e falou:

— Ácido clorídrico. — Kara engoliu em seco. — Foi em um campo de treinamento no estado de Kachin, no alto das colinas do Himalaia. Chegamos à noite. Eles tinham câmeras infravermelho, e os atiradores de elite derrubaram todos menos eu. Eu fui capturada. Eles nunca tinham visto uma agente das forças especiais antes. Era meio que uma novidade para eles. Fui colocada em uma jaula de metal onde mal conseguia ficar de pé. Na maior parte do tempo, estava vendada. Eles me fizeram passar por quatro execuções simuladas e coisa pior. Bem pior.

Fui até a cama da minha irmã e me sentei ao lado dela.

Tentei pegar sua mão, mas Kara a afastou.

— Um deles falava inglês. Tinha nascido e estudado em Londres. Conversamos três vezes. Na última, perguntei como ele conseguia fazer as coisas que estava fazendo comigo. As coisas que tinha feito com os outros, que eles tinham queimado, afogado, apedrejado, decapitado. Eles eram budistas, afinal. Uma coisa é torturar e matar em nome de um deus que você acha que criou o universo, mas a principal crença deles é que nada é fixo, nada é permanente. Eles deveriam acreditar em *acabar* com o sofrimento.

— O que ele disse?

— A voz dele era tão suave. Quase delicada. Ele respondeu: "Às vezes, você precisa causar sofrimento para acabar com o sofrimento."

Ela ficou calada por um tempo.

Só havia o barulho de uma televisão em um quarto adjacente atravessando as paredes finas. O aquecedor antigo do nosso quarto ligando outra vez.

Eu me perguntei se a memória dela fora tão aprimorada quanto a minha. Havia diversos momentos ruins no meu passado que eu conseguia reviver com perfeição brutal. Mas nada como o que ela havia acabado de descrever para mim.

— Sinto muito por isso ter acontecido com você — falei.

— Eu também.

— Você ainda tem contato com os soldados que resgataram você?

Kara sorriu.

— Alguns deles são os meus melhores amigos.

• • •

Sirenes me acordaram durante a madrugada. Enquanto eu corria até a janela, Kara puxou a espingarda de baixo da cama.

Através do vidro cheio de gelo, observei diversas viaturas elétricas da polícia e um caminhão dos bombeiros acelerando pela rua principal. Embora o meu coração estivesse martelando no peito por causa da reação instintiva de medo, a parte mais fria e analítica da minha mente sussurrou que eles não teriam vindo com um caminhão de bombeiros para me prender, e com certeza não teriam ligado as sirenes.

Kara parou do meu lado.

— Não é por nossa causa — falei.

Voltei para a cama e apaguei as luzes, permitindo que o meu cérebro sobrepusesse a sequência de DNA no teto chapiscado.

TCC CCC CCG AC CGA CCC ACG CAC CGC ACC CCT CTC GTG GTC ACC GCA CCC ACC CGG GAC CCC ACG GGT CCC CCC CCC CCC CCC CCC CCC GAC CCG ACC CAC GCA CCG CAC CCC TGG TGT CGG TCG GTC GGT CGG ACC CCG GGA CAC CCG CAC CCC

Havia algo me incomodando naquilo. Algo que olhava nos meus olhos e que ainda assim eu não conseguia compreender.

Rodei uma análise de frequência na cabeça.

Doze *Ts*.

Dezenove *As*.

Noventa e dois *Cs*.

Trinta e três *Gs*.

Havia muitos *Cs*.

Será que aqueles números significavam alguma coisa?

Deixei que eles vagassem pela minha mente como nuvens em um dia de verão. Observei-os: 12, 19, 92, 33, 12, 19, 92, 33, 12, 19, 92, 33. Eu os reverti: 21, 91, 29, 33, 21, 91, 29, 33.

Dezenove era número primo. Pensei nisso, mas de nada adiantou.

• • •

Abri os olhos.

Era manhã.

Kara roncava baixinho.

Minha mente devia ter pensado no problema enquanto eu dormia, porque descobri o que me incomodava na sequência.

Os *Ts* e os *As* nunca se repetiam.

Pulei da cama e acendi as luzes. Fui até a escrivaninha, que estava coberta de papéis com tentativas malsucedidas de decifrar o código — se é que era mesmo um código.

Desamassei a nota fiscal que Kara trouxera da estação de recarga e escrevi a sequência genética de memória, removendo os espaços entre os códons e sublinhando todos os *Ts* e *As*.

TCCCCCCCGACCCGACCCACGCACCGCACCCCTCTCGTGGTCACCGC
ACCCACCCGGGACCCCACGGGTCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCGACCC
ACCCACGCACCGCACCCCTGGTGTCGGTCGGTCGGTCGGACCCCGGGA
CACCCGCACCCC

— O que você está fazendo? — resmungou Kara da cama.

— Só um segundo.

Se a intenção da minha mãe era mandar uma mensagem através do código genético, ela precisava contornar um problema: como se comunicar usando apenas quatro símbolos e como criar uma cifra com *A* , *C* , *G* e *T* que só poderia ser detectada por alguém que estivesse procurando por ela.

Kara se aproximou e colocou a mão no meu ombro.

Olhei para ela e falei:

— E se os *Ts* e *As* não representarem letras ou outros símbolos?

— Por que isso?

— Porque eles não se repetem. Talvez o objetivo deles seja indicar o início de uma palavra ou… — E de repente vi como eu criaria uma cifra de substituição tendo as quatro letras do DNA como base. — Minha nossa.

— O que foi?

— Se você tivesse criado esse código, quais seriam as duas unidades básicas de comunicação essenciais para a cifra indicar?

— Números e letras.

— E se os *Ts* e *As* indicassem o próximo caractere? Um deles, o *A* talvez, pode indicar que o próximo caractere é um número. E o *T* significa que você precisa ir um pouco além e traduzir o número para uma letra do alfabeto.

— Como se um significasse *A*, dois significasse *B*, até vinte e seis significar *Z*?

— Exatamente.

— Então os *Gs* e *Cs* representam números? — perguntou ela.

— É assim que eu faria. E, se tivesse somente dois símbolos para escrever qualquer número, usaria algo como o sistema de algarismos romanos. Vamos supor que o *G* represente o cinco, e o *C* , um. Ou o contrário. Olha só a primeira sequência.

Escrevi *TCCCCCCCG* .

— Vamos supor que *T* significa que *CCCCCCCG* está formando um número. A sequência poderia ser doze ou trinta e seis. Ou *T* pode indicar que a sequência está formando uma letra, o que significa ter que fazer outra operação para descobrir a letra do alfabeto. Então, ou é *L* … espera, não. — Analisei o código de novo, sorrindo. — É. Se a minha teoria estiver correta, sei o que *C* e *G* representam. *G* é um, *C* é cinco.

— Tem certeza?

— Veja a segunda sequência. *ACCCG*. Vamos supor que *C* é um. Você não escreveria o número *oito* assim com algarismos romanos. Escreveria *GCCC*.

— Então *G* é um, *C* é cinco.

— Por enquanto, vamos dizer que sim. Isso significa que a única grande dúvida que resta é o que significam *T* e *A* . Com base na nossa suposição de que *G* é um e *C* é cinco, tenho apenas que resolver essa cifra como se *T* representasse

uma letra e *A*, um número, e depois fazer o contrário.

— Os *Ts* não podem representar letras — disse ela.

Olhei para a primeira sequência de novo.

— Tem razão.

Sete *C* s seguidos por um *G* daria trinta e seis. Alto demais para corresponder a uma letra do alfabeto.

Passei um café e, enquanto ele ficava pronto, dei outra olhada lá fora através das cortinas. A neve tinha parado de cair. O relógio marcava oito da manhã, e a cidade começava a acordar.

Voltei para a escrivaninha e comecei o processo de transpor a sequência genética, fazendo os *Ts* apontarem números, e os *As*, letras.

Os primeiros nove caracteres se traduziam no número trinta e seis.

As próximas cinco sequências soletravam a palavra *point.*

Corri para transpor o restante.

36POINT5625NORTH106POINT217777WEST

— Kara. Consegui resolver.

Tomei um gole de café enquanto Kara se aproximava e encarava a tela do computador.

— Coordenadas? — perguntou ela.

— É.

Kara colocou uma cadeira ao lado da minha, assumiu o controle do laptop e abriu um programa de buscas.

Na caixa de pesquisa, ela digitou: 36.5625N, 106.217777W.

Nós nos aproximamos do monitor, esperando a tela carregar.

Um mapa surgiu.

Um pin de GPS se afixou em uma área verde.

— Não sei onde é — falei.

Kara diminuiu o zoom até a tela exibir as palavras FLORESTA NACIONAL DE CARSON.

Ela diminuiu ainda mais o zoom, e, por fim, vi um nome que reconhecia.

Santa Fé.

As coordenadas indicavam uma floresta nacional a mais ou menos cento e trinta quilômetros a norte-noroeste de Santa Fé, Novo México.

Voltamos a dar zoom no pin e mudamos a tela para o modo satélite. Vimos

uma imagem em ultrarresolução de árvores verdes com alguns pontos amarelos que pareciam álamos-trêmulos.

Olhei ao redor na imagem, procurando alguma coisa, *qualquer coisa* , que fosse interessante.

— Só vejo árvores — disse Kara.

— Eu também.

— Quais são as chances dessa cifra ter cuspido números aleatórios que por acaso são também as coordenadas de um lugar real?

— Infinitesimais. Ela soletrou *point* , *west* e *north* .

— Mas isso fica no meio do nada. Não vejo construções ou qualquer infraestrutura.

— Podemos não ter enxergado algo nas sombras. Ou talvez seja uma imagem antiga.

Kara analisou as coordenadas outra vez e comentou:

— Um segundo de latitude são quase trinta metros. Um segundo de longitude são vinte e quatro.

— Essas coordenadas abrangem quase setecentos e cinquenta metros quadrados. Não é uma área grande.

— O que é *isso* ? — perguntou Kara.

— Não sei. Quer ir até o Novo México e descobrir?

O computador emitiu um alerta: um drone tinha acabado de deixar os meus preenchimentos faciais na frente da porta do quarto da pousada.

• • •

Cortei e pintei o cabelo na pia do banheiro. Optei pelo preto, distante do grisalho que surgira depois dos meus quarenta anos. E, por ter passado mais de três semanas sem me barbear devido ao aprisionamento na fazenda, estava com uma barba considerável salpicada de branco, cinza e preto. Pintei tudo de preto para combinar.

A mudança na cor do meu cabelo ajudaria a me esconder de olhos humanos, mas o software de reconhecimento facial dos circuitos internos de TV e drones não procuravam detalhes tão mundanos quanto a cor dos cabelos ou dos olhos. Eles mediam aspectos mais sofisticados e imutáveis das características físicas.

Formato dos olhos e das orelhas. Distâncias milimétricas entre o canto do olho e da boca. Estrutura óssea.

Eu assistira a dois seminários de tecnologias emergentes de reconhecimento facial nos últimos cinco anos e tinha acesso a todas as palavras no panorama de memórias da minha mente.

Usei um delineador semipermanente para estender de maneira artificial o comprimento dos meus olhos e criar a ilusão de que eles eram maiores e mais próximos.

Diferente do Botox (uma neurotoxina que causava paralisia em áreas determinadas do rosto, a fim de acabar com as rugas), os preenchimentos faciais simplesmente enchiam espaços vazios por conta da idade com uma substância macia, parecida com gel, injetada por via subcutânea.

Estudar sobre os preenchimentos foi muito mais assustador do que o hackeamento clandestino dos servidores da APG. Devido ao risco de complicações estéticas e de saúde, a autoinjeção era contraindicada diversas vezes.

Assisti a todos os tutoriais que consegui encontrar, me concentrando em pacientes que buscavam transformações faciais drásticas. Analisei como os médicos seguravam as seringas, quais produtos eram recomendados para mudar determinados traços, doses e locais apropriados para a injeção.

Enfim chegara a hora.

Preparei as seringas e apliquei as agulhas no filtro labial (o sulco vertical entre a base do nariz e o limite do lábio superior), nas sobrancelhas, no lóbulo das orelhas e nos cantos da boca.

Sozinha, nenhuma injeção parecia ter feito muita diferença; no entanto, o efeito cumulativo foi profundo.

Encarei o resultado final no espelho rachado do quarto da pousada.

Eu não parecia comigo mesmo. E, mesmo que não me sentisse confortável para me arriscar na segurança e vigilância pesada de um aeroporto ou estação de loop, estava confiante de que poderia ir sem ser detectado até onde Kara e eu precisávamos chegar.

Por fim, chamei minha irmã:

— Terminei! Pronta para mudar de rosto?

Seis



Chegamos em St. Louis ao entardecer, estacionamos em uma estação de recarga e fomos procurar um restaurante aberto entre todas as vitrines com as portas de ferro baixadas.

O último resquício do Gateway Arch — uma torre oscilante de vinte metros coberta por aço inoxidável — brilhava de forma cegante sob o sol poente. A atração fora destruída em uma tempestade sete anos antes. Em vez de reconstruí-lo, o governador afirmou que seria melhor gastar os milhões em vales de comida e em ajuda para os outros bairros de St. Louis destruídos pela tempestade.

Ficar livre no mundo com o meu upgrade era uma experiência chocante. Era como se eu estivesse vendo cores pela primeira vez.

Tudo era mais arrojado e brilhante. Os contrastes tinham aumentado.

Acima de tudo, eu era atraído pelas pessoas.

Passamos por um músico de rua que tocava seu saxofone com emoção, e não consegui deixar de processar cada detalhe: as manchas de sol no seu rosto, o ritmo da respiração dele, as roupas, o chapéu puído virado de cabeça para baixo pedindo doações, a infinidade de cicatrizes causadas por fragmentos de granada no pescoço, como ele mantinha o peso na perna esquerda de uma forma que sugeria uma ferida antiga — eu praticamente conseguia ver a explosão de granada que acontecera do seu lado direito, e isso foi antes de avistar parte de uma tatuagem que aparecia por baixo da manga esquerda de sua camisa, a âncora do EGA, o emblema dos fuzileiros navais —, e, de repente, um retrato do homem se materializou. Ele havia lutado na Ucrânia, fora ferido, voltara para casa e encontrara um departamento de veteranos de guerra dilapidado,

benefícios insignificantes, plano de saúde de merda e…

Uma mulher passou usando um vestido justo vermelho, salto alto e óculos de sol. Tinha uma firmeza no rosto: bochechas repuxadas, coração acelerado, rastros de lágrimas recém-secadas. Há dezenove segundos, eu a vira saindo de um bar no quarteirão mais adiante, onde algum tipo de relacionamento havia acabado de terminar.

Era difícil não se sentir sobrecarregado pela onda de novos estímulos. Além das pessoas, havia a complexidade de uma cidade em constante transformação: barcaças, drones, tráfego de pedestres, tráfego aéreo, tráfego terrestre… tudo aquilo atraía o meu foco e a minha curiosidade, me desafiando a encontrar novos padrões, a notar coisas que nunca havia notado antes.

Claro, era um problema de bloqueio sensorial.

Não era uma questão de diminuir o volume, mas de aprender a processar tantas coisas ao mesmo tempo. De aprender a viver e respirar enquanto eu assimilava *tudo* .

Minha curiosidade não tinha fim.

Um lugar que fazia pizzas em forno a lenha era o único restaurante aberto. Tinha vista para o Mississippi e para as sete pontes que atravessam o rio nos arredores do bairro.

Comemos rápido, ávidos para voltarmos logo para a estrada.

• • •

Era a minha vez de dirigir.

Pegamos a I-44 atravessando o Missouri conforme a noite caía.

Fiquei feliz por estar dirigindo à noite, com menos estímulos para tirar a minha atenção da estrada.

Kara pegou no sono depois de uma hora, então fiquei só eu, meus pensamentos e o asfalto iluminado pelos faróis do carro praticamente silencioso.

Pensei na minha mãe.

Ela havia voltado para os Estados Unidos depois que a situação na China saiu de controle. Na minha ignorância, eu não fazia ideia de como a gente tinha ferrado com tudo. Apenas achava que o experimento com os gafanhotos dera errado.

É claro que ela sabia exatamente o que ia acontecer.

Ela morava na casa da família, no bairro de Elmwood, em Berkeley, algo que eu achava estranho e bastante triste. Com as mortes de meu pai e de Max, e com Kara servindo no exterior, o silêncio na casa só servia para me lembrar do que tínhamos perdido.

Uma cápsula do tempo que apontava o quanto os Ramsay tinham decaído.

Havia dor na perfeição da minha memória.

Eu nunca teria vindo se minha mãe não tivesse me chamado.

Ela prepara o jantar para nós, e nos sentamos à velha mesa de jantar em uma espécie de silêncio trágico.

Não falamos sobre Shenzhen ou sobre o que os nossos gafanhotos estão fazendo com os arrozais.

Minha mãe quase nunca demonstra nostalgia, mas esta noite é uma exceção.

Ela me pergunta sobre os meus momentos favoritos ao crescer aqui.

Até compartilha alguns dos dela.

E então diz uma coisa que até mesmo a minha mente comum não consegue esquecer:

— A vida nunca segue o caminho que queremos ou esperamos. Até quando conseguimos exatamente o que queríamos, depois vemos que não queríamos aquilo de verdade. Então, meu filho, se encontrar um pingo de felicidade e paz, fique grato e viva. Não tente conseguir mais, porque um pingo é o máximo que a maioria das pessoas consegue.

— Foi isso que você fez? — pergunto. — Tentou conseguir mais?

Nunca vou esquecer a maneira como ela me encarou do outro lado da mesa.

Depois, minha mãe se sentou ao piano de cauda e tocou a minha peça favorita: "Träumerei", de Cenas da infância*, de Schumann. Ela estava bêbada àquela altura, o piano ligeiramente desafinado e algumas das notas arrastadas.*

Penso em outros tempos, tempos melhores, quando ela tocava de forma perfeita para toda a nossa família — Natais, Réveillons ou apenas noites aleatórias quando estávamos todos juntos, felizes e, por sorte, sem ter ideia de que nem sempre seria assim.

Minha mãe se oferece para arrumar a minha velha cama, mas dou uma desculpa, digo que preciso voltar para o meu quarto no dormitório da faculdade e estudar para uma prova.

Então, ela me acompanha até a porta e me abraça.

Há uma ferocidade na forma que ela me segura, como se estivesse se agarrando a algo que escorrega para longe.

— Vai ficar tudo bem — diz ela.

Não penso muito sobre isso na hora. Acho que ela bebeu demais e caiu em um raro turbilhão de sentimentalismo.

Na caminhada até o meu carro, ouço a porta se fechando às minhas costas.

O ar está carregado do aroma doce de menta e pinho do eucalipto grande que cobre o jardim, um odor intrinsicamente ligado à minha infância e ao meu senso mais profundo de identidade.

Não tenho consciência disso na hora, porque na vida quase nunca se percebe que está vivendo o último capítulo, mas nunca mais vou ver a minha mãe.

Três dias depois, ela vai se jogar da Highway 1 e mergulhar trezentos metros até o Pacífico.

• • •

Amanheceu nas pradarias do norte do Texas.

Era manhã de Natal.

Eu ainda estava dirigindo e, devido às mutações nos meus genes BHLHE41=DEC2, NPSR1 e ADRB1, não me sentia nem um pouco cansado.

Pensei na minha família, e não havia nenhuma imperfeição na imagem. Via Beth e Ava tão claramente como se estivessem comigo em carne e osso.

Imaginei o que estariam fazendo sem mim e, conforme os meus olhos se enchiam de lágrimas que fragmentavam a luz da manhã, peguei a emoção bruta que crescia e a enfiei na gaiola mental cujas grades ficavam cada vez mais resistentes.

Odiava fazer aquilo.

Ficava cada vez mais fácil, e, embora àquela altura suprimir meus sentimentos ainda fosse uma operação consciente e penosa, eu conseguia imaginar um futuro não tão distante em que o controle e a supressão de sentimentos seriam instintivos.

• • •

Paramos em Amarillo para trocar a bateria do carro, tomamos o café da manhã em um restaurante de beira de estrada e seguimos pela pradaria iluminada pelo sol.

No Novo México, a paisagem ficou árida.

No decorrer de uma hora, vi quatro foguetes sendo lançados a sudoeste no espaçoporto perto da cidade de Truth or Consequences. Eram bilionários passando a manhã de Natal em órbita terrestre baixa.

Na hora do almoço, avançávamos pelo meio do deserto perto de Santa Fé. A Cidade Diferente, como era chamada, era a segunda cidade mais antiga dos Estados Unidos. Ao nos aproximarmos, Santa Fé parecia se esconder no horizonte, com seus prédios baixos e da cor de terra se misturando às colinas marrons.

Seguimos até o centro e pegamos uma suíte em um enorme hotel de adobe chamado La Fonda. No saguão, havia lâmpadas pendendo de vigas de madeira, uma árvore de seis metros de altura e famílias em todo o canto com suéteres horrorosos.

Dormi durante a tarde e acordei com um apetite voraz.

Conforme a noite caía, fomos procurar um lugar para comer.

Foi bom caminhar pelas ruas sinuosas que pareciam ter sido congeladas no tempo. Aquela cidade turística oferecia um passeio pelos Estados Unidos antes do grande declínio, uma chance de estar em um lugar no qual o futuro ainda parecia o futuro.

Árvores de Natal piscavam através das janelas de casas de adobe, e o aroma de lenha queimando que escapava pelas lareiras perfumava o ar frio e limpo. As montanhas a leste da cidade começavam a brilhar com a luz da lua do deserto. Senti tanta saudade de casa que chegou a doer. Por um momento, deixei a dor correr livremente.

Jantamos em um restaurante de tapas perto da praça central que era absurdamente caro, pois ostentava um cardápio proteico não sintético.

— Não é bem como você imaginou o Natal desse ano, né? — perguntou Kara.

Balancei a cabeça e bebi um gole do excelente Ribera del Duero. Era quase impossível encontrar vinhos espanhóis, já que as principais regiões de cultivo mudaram mais para o norte. Muitas vinícolas icônicas não produziam mais a bebida.

A experiência de provar um dos melhores vinhos do mundo pós-upgrade era alucinante. Sempre pensei ter um paladar decente, mas de repente eu conseguia registrar uma explosão de sabores e aromas. Descobri que podia saboreá-los de forma individual e coletiva ao mesmo tempo: terra, luz do sol, frutinhas pretas empoeiradas, pétalas de rosa e a permeabilização fantástica entre carvalho e tempo.

— O que você estaria fazendo hoje à noite? — perguntei.

Kara pegou uma das fatias de pão de tomate com *jamón* .

— Depende do clima — respondeu ela. — Se estivesse nevando, ficaria em casa. Faria o meu famoso vinho quente. Assistiria a *Papai Noel às avessas*. Se as estradas estivessem boas, iria até a cidade. Fumaria uns com o pessoal que não tem para onde ir no Natal no El Moro. Não. — Ela se corrigiu. — Isso é o que eu teria feito pré-upgrade. Agora? Ficaria em casa, lendo e pensando.

— Sua memória melhorou a ponto de ficar perfeita? — questionei.

— Sim.

— A minha também.

— É difícil — disse ela. — Minha vida em Montana foi baseada em *esquecer* quem eu era. De onde vinha. — Kara me encarou do outro lado da mesa, o rosto marcado pela cicatriz quase grotesca a luz de velas. — Tenho memórias que adoraria esquecer para sempre. Você está passando por um momento difícil, não está?

Eu sabia o que ela queria dizer.

— Emoções? — perguntei.

Ela assentiu.

— É.

— Tem coisas que você pode fazer.

— Eu sei. Já estou fazendo.

— Fica mais fácil.

— É isso que me assusta.

— Por quê?

Olhei de esguelha para a mesa ao nosso lado. Um casal estava ouvindo a nossa conversa. Suspeitei que não era o conteúdo da conversa que chamou a atenção deles, mas a velocidade com a qual falávamos.

Dei uma olhada feia para o casal e disse baixinho para Kara:

— Nós deveríamos conversar em uma velocidade normal.

— Certo.

Respondi à pergunta dela, me forçando a falar de forma mais devagar e deliberada.

— Fico assustado porque tenho medo de perder a capacidade de sentir as coisas com profundidade.

— Me diz uma vantagem de sentir as coisas com profundidade — pediu ela. — As emoções não ofuscam a lógica e a razão?

— Até certo ponto. Emoções também são o núcleo da compaixão e da empatia. Estamos nos tornando capazes de racionalizar tudo. Talvez as emoções nos ajudem com as checagens e os balanços.

— É verdade. Ou talvez você só esteja com medo de deixar as pessoas que ama para trás.

Mais comida chegou.

Eu precisava usar toda a minha força de vontade para filtrar as sete conversas dentro do alcance da minha audição e os inúmeros cheiros fluindo das outras pessoas, da cozinha, das mesas.

— Você queria não ter recebido o upgrade? — perguntou Kara.

— Essa é complicada. Finalmente tenho a mente que sempre quis ter.

Ela bebericou o vinho.

— Deve ter sido difícil.

— O quê?

— Conviver com o círculo da minha mãe. Saber que você não merecia estar ali.

— Você sabia que eu me sentia assim?

— Claro. Nossa mãe tinha uma mente que só surge uma vez por geração. Sempre pensei que a sua obsessão por seguir os passos dela estava fadada ao fracasso.

— Meus psicólogos falavam que era por causa de Max. Quando você perde um gêmeo…

— Você perde metade da sua identidade. Sua conexão com ela serviu para preencher essa outra parte perdida de você.

— Pensei nele na noite passada enquanto estava dirigindo. Coisas que havia esquecido há muito tempo. Momentos que só lembrava em parte. Está tudo tão

claro agora. E dói — falei.

Kara sorriu.

— Não precisa ser assim.

• • •

Caminhamos de volta ao hotel sob um céu azul-marinho cravejado de estrelas.

No meio da praça, havia um coral cantando. Eles seguravam velas com chamas tremulantes, e as vozes melodiosas subiam friamente até o céu.

Eu não vi aquele momento. Não de verdade.

Vi a história por trás do momento: um conto passado por dois mil anos sobre o filho de um superser enviado para salvar o mundo.

Nunca tinha analisado o *Homo sapiens* tão profundamente. Era uma espécie, no seu nível mais fundamental, de contadores de histórias.

Criaturas que colocavam histórias em tudo, mas sobretudo nas próprias vidas, e que, ao fazer isso, conseguiam imbuir uma existência fria, aleatória e às vezes brutal com significado forjado.

• • •

Acordei no nascer do sol com as badaladas dos sinos da Catedral Basílica de São Francisco de Assis, um templo de pedra imponente em frente ao hotel.

Comecei a fazer o café e abri a porta de correr para a sacada.

Entrei na varanda.

Fazia um frio mordaz.

Santa Fé estava silenciosa e sem movimento.

Eu já estava tenso.

O dia parecia crucial.

• • •

Estávamos na estrada antes das oito, acelerando em direção ao norte pela US 84 por uma das paisagens mais bonitas que já vi, ainda mais vibrante com a minha nova perspectiva.

Tudo tinha uma aparência radiante e rica.

Todas as cores estavam hiperssaturadas.

Além dos limites de Santa Fé, o deserto se desenrolava.

A sensação de espaço era de tirar o fôlego.

A cada instante, uma nova cor se revelava.

Perspectivas mudavam a cada segundo.

Luz e sombra evoluíam sobre o arenito.

Arroios.

Chapadas imponentes.

Monumentos épicos.

Senti que estava vendo através do tempo conforme atravessávamos a zona de transição entre o planalto do Colorado e a grande fenda do Rift.

Vi o horizonte como nunca antes. A estratigrafia plana mesozoica exposta na base das montanhas, os sedimentos mais novos do Cenozoico sob o arredondamento nos picos.

Por um tempo, pude ver o tubo branco de hiperloop se esticando pelo deserto ao longe — a linha entre Denver e Albuquerque.

Cruzamos rios dos quais tinha ouvido falar enquanto assistia a faroestes com o meu pai.

A leste, montanhas cobertas de sálvia e junípero iam se transformando em florestas de coníferas e picos altos que brilhavam com a neve acima da região arbórea.

E tudo sob um céu tão vasto quanto um oceano, acima de um deserto que, há quatrocentos e cinquenta milhões de anos, durante o fim do Cretáceo, fora um mar raso.

Paramos para uma carga rápida em Ojo Caliente — a única estação de recarga que havíamos visto desde Santa Fé — e então seguimos em frente.

Eu tinha digitado Vallecitos no nosso aplicativo de navegação. Era uma comunidade pequena em uma área sem nada ao redor dentro da Floresta Nacional de Carson e a cidade mais próxima do pin do nosso GPS.

Chegamos às 9h30 e descobrimos que Vallecitos não era uma cidade, nem mesmo um vilarejo. Era um povoado de outra época. Era o lar de apenas algumas poucas centenas de pessoas e, embora algumas das construções fossem claramente habitadas, várias outras estavam caindo aos pedaços.

Passamos por uma velha igreja cujo teto havia desabado.

E então pelas ruínas de um bar. Velhos anúncios de cerveja em neon pendiam diante de janelas sem vidro, e uma placa de madeira que dizia MIS AMIGOS ainda se dependurava acima de uma entrada para o nada, desbotada pelas décadas de luz do sol a pino.

Kara dirigia.

Eu olhava para o celular dela.

— Não tem sinal — falei —, mas o GPS do carro está funcionando. Vou colocar as coordenadas exatas e ver o que acontece.

Converti os graus decimais para o padrão de grau/minutos/segundos e digitei 36°33'45"N, 106°13'04"W no GPS.

O mapa na tela enorme mudou para mostrar a localização de um pin, que ficava a catorze quilômetros de distância.

A voz automatizada falou:

— Aviso: só é possível ir de carro até um quilômetro de distância do destino.

• • •

Pouco mais de três quilômetros depois do povoado, a estrada mudou de asfalto para terra.

Subimos o sopé das montanhas.

Pinheiros se amontoavam nas laterais da estrada.

Depois de oito quilômetros, ainda não tínhamos passado por qualquer prédio ou indivíduo.

Só nós, o carro e uma trilha de poeira no encalço.

A nove quilômetros e meio, viramos em uma estrada mais apertada, com mais pedras e neve derretendo à sombra.

Kara precisou diminuir consideravelmente a velocidade, e estávamos começando a perceber que a suspensão do carro do Google não havia sido feita para velhas estradas usadas para a extração de madeira.

A treze quilômetros, a estrada acabou.

A assistente de navegação disse:

— Você seguiu o máximo possível pelas estradas conhecidas. Seu destino fica a aproximadamente seiscentos metros a norte-nordeste da sua posição atual.

Kara desligou o carro.

Eu saí.

O som da minha porta batendo ecoou pela floresta.

Kara saiu, deu a volta no veículo e abriu a mala.

Fui até ela e vi que sua bolsa estava aberta. Ela estava tirando de lá um minicomunicador por satélite Garmin, que possibilitava o uso de GPS sem ser rastreado.

Kara o entregou para mim.

— Pode colocar as coordenadas aqui?

Enquanto eu programava o aparelho com 36°33'45"N, 106°13'04"W, Kara enfiou um pente em uma Glock e depois a colocou em um coldre de quadril, fixado por uma fivela magnética. Então carregou com projéteis a mesma arma que usara para me tirar do viveiro.

• • •

Saímos da estrada a pé e nos embrenhamos na floresta, o Garmin nos conduzindo por uma trilha que seguia para o norte.

O dia estava frio e claro.

As árvores bloqueavam os raios de sol, criando pontos de luz na mata.

O ar cheirava a pinho e abeto.

Subimos uma elevação gentil.

Apesar de estarmos a quase três mil metros de altura, nenhum de nós tinha problemas para se locomover. A hemoglobina no nosso sangue captava eficientemente o oxigênio do ar rarefeito graças às modificações nos nossos genes EGLN1, EPAS1, MTHFR e EPOR.

A floresta era grande, e não havia muita vegetação rasteira. Se tivéssemos um veículo mais alto, poderíamos ter subido essa montanha de carro.

Dei uma olhada no Garmin.

Estávamos a pouco mais de quatrocentos metros de distância das nossas coordenadas.

— Tem alguma coisa lá na frente — disse Kara.

Eu não tinha visto nada.

— Onde?

— A uns cinquenta metros. Vi um reflexo entre as árvores.

Seguimos um pouco mais.

E então vi uma picape antiga.

A metade dianteira estava em uma clareira iluminada pelo sol. Kara notara o brilho do retrovisor cromado.

Nós nos aproximamos.

Não havia nenhum som além dos nossos pés no chão cheio de folhas de pinheiro.

A uns cinco metros de distância, paramos.

Era uma Chevy velha, amarela e branca. Uma das primeiras picapes completamente eletrônicas. Folhas de pinheiros cobriam quase todo o para-brisa, e o pneu esquerdo traseiro estava arriado.

Em silêncio, chegamos mais perto, e Kara, com um movimento suave, apoiou a espingarda no ombro e mirou na porta do motorista, que tinha acabado de entrar no nosso campo de visão. A parte de dentro da janela estava coberta de gelo.

Minha irmã parou a alguns metros de distância.

Senti um embrulho no estômago, uma premonição de que estávamos indo direto para uma armadilha.

De novo.

Kara olhou para mim e gesticulou na direção da porta.

— Abra — sussurrou ela.

— Tem certeza?

— Tem alguma outra ideia?

— Tenho. Sair daqui e voltar com trajes de proteção biológica.

Ela revirou os olhos, foi na direção da picape e escancarou a porta do motorista.

Havia uma pessoa deitada no banco.

— Meu Deus — disse Kara.

Ela se afastou quando o cheiro fétido a atingiu. Meu trabalho como agente da APG me obrigara a ver uma boa quantidade de cadáveres, e, embora com certeza tivesse visto coisa pior, aquilo era bastante desagradável.

Kara apoiou a arma na árvore e colocou a parca sobre o nariz. Eu me aproximei ainda mais, dando uma olhada rápida na caçamba da picape. Estava cheia de neve velha e suja, que cobria os restos de lenha.

Dei a volta até a porta do passageiro.

Ela deu um guincho quando a abri.

Eu estava respirando pela boca; meus olhos lacrimejavam graças aos gases de decomposição que se acumularam dentro do veículo.

Kara apareceu atrás de mim.

O cadáver usava um casaco de flanela azul, calça jeans e botas de trilha.

Um emaranhado de cabelos grisalhos se espalhava pelo banco, e a cabeça descansava sobre o braço direito, que estava dobrado. A única pele visível era a da mão, em que vi evidências de autólise e manchas escuras onde o sangue e tecidos internos liquefeitos se instalaram.

O rosto estava escondido debaixo da confusão do cabelo.

No chão do assento do passageiro, vi uma seringa e um frasco vazios. Usei o Garmin para virá-lo e ler o que estava no rótulo.

— Morfina — falei.

Analisei o corpo novamente. Havia algo de pacífico e desesperado no seu descanso final. Por um instante, esqueci por que tinha ido até lá. Estava desligado de mim mesmo, vivendo puramente naquele momento. Eu me perguntei em que estado mental uma pessoa teria que estar para dirigir até o meio do nada e injetar uma dose letal de morfina nas veias.

Esticando a mão, retirei com cuidado o cabelo de cima do rosto da pessoa.

A pele estava ressecada, de um roxo profundo e rachada em alguns lugares, como se tivesse passado por períodos de congelamento e descongelamento. Os olhos estavam fechados, os lábios azuis, abertos.

Havia um colar pendurado no pescoço, caindo no assento de vinil branco.

Eu me aproximei para ver o pingente.

Era uma dupla-hélice de platina, a estrutura do DNA.

Vejo papel de embrulho espalhado em volta da árvore. Estou abrindo uma caixa de Lego. Max está deitado no sofá, já cansado pelos estágios iniciais da doença que o levará embora no ano seguinte. Kara está mexendo no tablet novo, e sinto um cheiro reconfortante e doce dos bolinhos assados que nossa mãe faz em todas as manhãs de Natal. Escuto Miriam dizer: "Ah, Haz, é tão lindo." Observo-a tirar um colar com um pingente de dupla-hélice de uma caixa pequena cor de vinho.

"Foi feito sob encomenda por um joalheiro da Filadélfia", comenta meu pai.

"Aqui, deixa eu colocar em você." Então, ele para atrás dela e delicadamente passa o colar sobre a sua cabeça e o prende, enquanto a minha mãe afasta o cabelo do pescoço.

Cambaleei para longe da picape.

Minha boca estava seca.

Apontei para o carro.

— Acho que é a nossa mãe — avisei, rouco.

Kara se inclinou para dentro do veículo, examinando o rosto do cadáver.

— Como você sabe?

— O colar.

Vi o momento em que ela o reconheceu.

Observei Kara se preparando para a grande onda de emoções. Vi a onda atravessando as suas defesas, o rosto demonstrando confusão, horror, raiva, tristeza, choque.

Andei um pouco pela floresta.

O vento esfriou as lágrimas no meu rosto.

Sentei-me na grama sob um raio de sol.

Atrás de mim, Kara gritou para o cadáver:

— Vai se foder!

Desabei.

Minha mãe estava morta.

De novo.

• • •

Quando enfim voltei, com dificuldade, a ficar de pé, a luz havia mudado. O sol estava mais alto. Sentada no chão, encostada no pneu da picape, Kara encarava o nada.

Fui até ela, me agachando à sua frente.

Havia rastros de lágrimas no seu rosto.

A raiva irradiava dela.

Não falei nada.

Ela finalmente olhou para mim.

Segurando as lágrimas.

O queixo tremendo.

— Que tipo de pessoa faz isso com os próprios filhos?

— O que vamos fazer com ela? — perguntei. — Avisamos alguém? Enterramos o corpo?

— Você acha que alguém se importa com o fato de que Miriam Ramsay morreu? Pela segunda vez. E se pensa que vou perder o dia inteiro colocando ela debaixo da terra… O melhor é esquecermos que isso aconteceu. Voltar para Santa Fé… ainda temos a chave do quarto… e beber até cair. Foda-se esse dia. Foda-se tudo que aconteceu hoje.

— Concordo, mas tem uma coisa.

Kara olhou para mim. Mostrei o Garmin.

— De acordo com isso, ainda estamos a quase quatrocentos metros do nosso destino.

Kara pegou o Garmin e o encarou.

— Não é óbvio que já encontramos o que deveríamos ter encontrado? — questionou ela.

— Talvez. Mas já chegamos até aqui. O que é mais meio quilômetro?

Ajudei-a a ficar de pé, depois nos arrastamos morro acima.

Eu me sentia fraco.

Cada passo era árduo.

Entre a explosão de adrenalina de ter encontrado aquele corpo e o choque emocional de ter descoberto quem era, eu estava drenado.

Passamos por uma pequena clareira.

A mata ficava mais densa do outro lado.

Uma floresta de pinheiros mais escura e fria.

Estávamos andando sobre neve.

O Garmin vibrou na minha mão. Encarei a tela.

Você chegou ao seu destino.

— Aqui diz que chegamos — avisei.

Olhei para cima e ao redor. O local do nosso destino não tinha nada de especial. Pinheiros, algumas pedras, uma camada de neve velha cobrindo tudo. As árvores estavam juntas demais para que o sol iluminasse o chão.

Era impossível dizer ao certo onde estávamos em relação às coordenadas 36°33’45”N, 106°13’04”W.

Coloquei o Garmin no chão para marcar o local.

Kara olhou para mim.

— O GPS tem uma margem de erro de cinco metros, então deveríamos expandir a nossa busca para uma área de trinta por trinta e cinco metros — expliquei.

— Vou começar por aqui.

Ela seguiu pelas árvores.

Comecei a andar.

Devagar, dando passos metódicos que esmagavam a neve.

Olhei para o chão.

Para todas as árvores.

Para todas as pedras pelas quais eu passava.

Quanto mais avançava, mais começava a suspeitar que Kara estava certa. Já tínhamos encontrado o que deveríamos encontrar. Um *foda-se* final da nossa mãe por razões que provavelmente nunca iríamos saber.

Ao terminar a quarta travessia da área e voltar na direção oposta, ouvi Kara me chamando:

— Logan.

Ela estava a quinze ou vinte metros de distância, escondida atrás das árvores.

Corri pela neve, seguindo a direção da voz dela. Quando enfim tive um vislumbre da minha irmã, Kara estava de pé, ao lado de um toco que um dia fora um pinheiro frondoso. A árvore havia caído fazia muito tempo, aparentemente derrubada por um raio. Havia marcas de fogo por metade do toco enorme.

Fui até Kara.

O tronco tinha um metro e vinte de altura.

Irregular, escurecido, oco.

Dei uma olhada por cima dele.

Uma alça de aço inoxidável se projetava para fora da neve. Olhei para Kara, então me agachei e segurei a alça. O que quer que a estivesse prendendo estava enterrado na neve.

— Me dá uma ajuda?

Ela se abaixou e pegou a alça.

Nós dois puxamos com força.

Depois de um tempo, ela se soltou do gelo, e nós cambaleamos para trás, nos

afastando do toco, segurando um baú preto reforçado com metal. Aparentemente, tinha sessenta centímetros em cada lado.

Fechado, mas, até onde eu consegui ver, destrancado.

Eu o coloquei de pé.

Parecia caro. À prova d'água. À prova de quedas. À prova de poeira.

Era feito de um polímero leve, e todo o aço externo era inoxidável.

Kara se ajoelhou, abrindo as três travas.

Com cuidado, abriu a tampa.

Lá dentro, protegido por uma espuma escura, havia um laptop robusto. Já tinha visto gente da SWAT usando aquele tipo de máquina para comandar drones com câmeras termográficas, mas eu mesmo nunca tinha usado um daqueles.

— Isso é equipamento militar — comentou Kara, abrindo o laptop.

— Quais são as características?

— Resistente a calor, frio e explosões. Resistente a radiação. Bem pesado.

Ela apertou o botão de ligar várias vezes, mas nada aconteceu.

Virando o computador de cabeça para baixo, Kara expôs um espaço vazio abaixo dele.

— Está sem bateria — falou.

Retirei uma camada da espuma. Abaixo havia uma bateria selada a vácuo e seis drives de PCM. Com a faca de combate, Kara retirou a bateria do pacote.

— Se isso não funcionar, tenho uma fonte de energia no Google.

Ela inseriu a bateria no laptop e apertou o botão de ligar de novo.

A tela ganhou vida.

Não fazia ideia de quanto tempo o computador estivera ali, mas ele pareceu ligar sem problemas, e, depois de dez segundos, estávamos encarando uma tela vazia com um único ícone no centro: um arquivo AVI com o nome "Para os meus filhos".

Senti a minha pulsação pular de setenta e oito bpm para cento e cinco.

Olhei para Kara.

— Quer ver isso aqui nesse lugar?

Ela levou o cursor até o arquivo e clicou.

Demorou um instante para carregar. Nós dois esperamos, ajoelhados na neve diante do baú reforçado como se fosse uma espécie de altar.

Nossa mãe apareceu na tela.

— Puta merda — murmurou Kara.

Uma coisa era descobrir que a nossa mãe estava viva. Outra completamente diferente era vê-la com os meus próprios olhos.

Miriam se afastou da câmera, como se tivesse acabado de prender o celular em um tripé. Ela não estava naquela floresta. Nem nessa montanha. Ela estava no deserto que tínhamos atravessado para chegar ali, usando as mesmas roupas que havíamos visto na picape.

A luz sugeria que era início da manhã.

O vento balançava seus cabelos grisalhos. Ela os afastou do rosto e se sentou em uma pedra.

O capô da Chevy branca e amarela aparecia um pouco à esquerda da tela, e o fundo era composto por quilômetros de deserto rosado que acabava com o elevado planalto violeta que eu tinha visto mais cedo.

Ela olhou para a câmera.

— Não sei se estou falando com Logan e Kara ou com apenas um de vocês, mas, se estiver vendo isso, estou orgulhosa. Isso significa que encontraram a mensagem que incluí no AAVS1. Significa que o upgrade funcionou.

Notei alguns choupos atrás dela.

As folhas eram de um amarelo impressionante.

Ela tinha gravado aquilo no outono. Em outubro, talvez?

— Vim aqui com o seu pai uma vez.

Ela sorriu.

— Estava grávida de você, Kara, mas ainda não sabia. Estávamos com cerca de vinte anos. Sem dinheiro. Dirigindo de Boston para Berkeley para a minha primeira bolsa de pós-doutorado. Ficamos em um hotel barato nos limites de Santa Fé chamado Desert Aire. No dia seguinte, dirigimos a norte da cidade. Sempre quis ver a paisagem que Georgia O'Keeffe passou a vida inteira pintando. Estão vendo essa montanha atrás de mim?

Ela olhou para o planalto violeta, uma silhueta no céu poente.

— É Cerro Pedernal. O'Keeffe o pintou vinte e oito vezes. Ela contou certa vez: "É minha montanha particular. Pertence a mim. Deus me disse que, se eu a pintasse vezes suficientes, poderia ficar com ela." É assim que me sinto sobre o meu trabalho.

"*Quando se chega ao fim da vida, começa a pensar nos tempos bons e nos tempos ainda melhores. Aquela viagem com seu pai foi uma das melhores. Talvez eu esteja apenas idealizando um momento, mas Haz e eu tínhamos acabado de sair da faculdade, e o futuro era tão amplo quanto esse deserto. Nada de ruim havia acontecido. Nada que não poderia ser desfeito.*

"*Chegamos a um vilarejo no pé da montanha chamado Vallecitos. Era um dia quente de outono, e paramos para tomar umas cervejas em um bar que não parecia acostumado a receber turistas nem saber o que fazer com eles. Era chamado de Mis Amigos.* "

Ela desviou o olhar por um instante, encarando o vazio, então se voltou para a câmera.

— Logan, você e eu tivemos uma conversa muitos anos atrás. Você me perguntou… se eu pudesse, faria mais pessoas como nós?

"*Vinte anos se passaram desde aquela noite, e as coisas estão piores do que nunca. Passei as últimas duas décadas trabalhando em um laboratório no meu lugar favorito do mundo, tentando fazer algo que poderia tornar todos os membros da nossa espécie mais parecidos conosco. Tentando oferecer ao* Homo sapiens *algo que talvez nos desse a capacidade de sobreviver por quinhentos, mil ou dez mil anos.*

"*Esse presente é um upgrade genético que aumenta o nosso desempenho cognitivo. Assim, podemos coletivamente deixar os motores da razão guiarem o nosso comportamento, em vez dos amortecedores dos sentimentos.*

"*Os genes que fazem com que sejamos guiados pelos sentimentos e por padrões de crença ainda estão presentes no nosso genoma. Eles eram uma vantagem na aurora da humanidade, quando não tínhamos conhecimento algum do universo. Eles nos levaram a inventar mitos, religião e tradição, sistemas que, sem dúvida alguma, nos colocaram no caminho da estabilidade e cooperação.*

"*Mas agora estão nos fazendo ignorar os fatos ao nosso redor. Pobreza, doença, fome e todo o ódio que essas dificuldades trazem pioram a cada década, enquanto tiramos as últimas gotas dos últimos recursos do planeta. Não podemos negar o que está acontecendo ou esperar que outra pessoa resolva o nosso problema.*

"*Os dinossauros nunca viram o fim se aproximando. Eles morreram porque certa manhã, do alto do céu azul, um asteroide de dez quilômetros de extensão acertou a península de Iucatã a cento e sete mil quilômetros por hora. É possível*

ver o fim do Homo sapiens *surgindo no horizonte. Ele é anunciado por milhares de métricas. O que significa que temos uma chance. Mas só se decidirmos agir juntos. Se nada mudar, morreremos pela razão mais estúpida possível: porque nos recusamos, por diversos motivos infantis, a fazer as coisas óbvias que nos salvariam.* "

Algo mudou nos olhos da minha mãe.

Eles ficaram mais distantes, sombrios.

— A primeira versão do upgrade está completa, mas ainda há trabalho a ser feito. Não inventei um mecanismo de dispersão e não terei a chance de fazer isso.

Poucas vezes na minha vida eu vi o que aconteceu a seguir.

Minha mãe ficou emotiva.

Era tão raro quanto neve caindo no deserto.

— Pela primeira vez na vida, minha mente está falhando, e, por ser quem eu sou, buscar tratamento não é uma opção. Porém, depois de duzentos milhões de mortos, talvez eu mereça que a única parte de mim que já amei seja tirada das minhas mãos. Estou esquecendo coisas. Às vezes, não consigo nem pensar. Na verdade, hoje é o melhor dia que tive em meses, então decidi que hoje será o dia que vou morrer. Queria me despedir da minha própria maneira, enquanto ainda sei quem sou.

Ela limpou as lágrimas.

— Não consigo suportar a ideia do upgrade não ver a luz do dia, então fiz algo drástico. Kara, contratei um homem para entregar um drone no seu chalé, carregado com o meu upgrade. Logan, como tenho certeza de que já sabe a essa altura, contratei Henrik Soren para atraí-lo para aquela casa em Denver. Eu não tinha mais ninguém em quem confiar além de vocês dois. Torço para que essa confiança não tenha sido equivocada. Torço para que o upgrade tenha funcionado. Torço para que não estejam com muita raiva de mim.

"*Então, meus filhos, se estiverem assistindo a isso, saibam que são o próximo passo da evolução humana. Vocês são as únicas duas pessoas desse planeta que receberam o meu upgrade, e têm o destino da nossa espécie em suas mãos. No baú de onde tiraram esse laptop, vocês encontrarão drives de memória de mudança de fase com o mark I das novas sequências e funções do upgrade. Considerem isso a sua herança. Vocês decidirão o que fazer com ela.* "

Apesar do frio, eu estava suando.

Tentando compreender a magnitude do que havia dentro daquele baú reforçado.

— *Me desculpem pela maneira como tiveram que me encontrar. Nunca quis magoar vocês. Nunca quis fazer mal a todas aquelas pessoas. Penso nos que morreram todos os dias. Penso em vocês dois. E em Max. E no meu querido Haz. Sei que não fui a mãe que queriam, mas amei vocês da única maneira que eu conseguia.*

Ela se levantou.

A luz da manhã tocou seu rosto.

Ela olhou para o deserto.

— *É tão lindo aqui. Gostaria que pudessem ver esse lugar comigo.*

E então ela se virou para a câmera.

— *Adeus, Kara. Adeus, Logan.*

Sua voz falhou.

— *Agora, salvem a nossa espécie.*

Ela esticou a mão na direção da câmera.

Por um segundo, a tela se voltou para o céu. Então, ficou preta.

Kara e eu ainda estávamos ajoelhados na neve diante do baú.

Não tinha olhado para ela enquanto o vídeo estava sendo reproduzido, mas enfim a encarei.

O rosto dela estava neutro. Sem lágrimas. Sem raiva. Ela simplesmente olhava para outra direção.

Fechei o laptop.

Olhei para os drives de memória de mudança de fase seguros na espuma, cada um do tamanho da minha mão. Kara analisou um deles. Sentiu seu peso, então o colocou cuidadosamente no lugar e fechou a tampa.

O vento soprou pelo topo das árvores, produzindo um som solitário e duradouro.

Ela olhou para mim. *E agora?*

— Acho que deveríamos encharcar esse baú com gasolina e acender um fósforo.

Kara estreitou os olhos.

— Ela tentou editar uns poucos arrozais e acabou matando duzentas milhões de pessoas — argumentei.

— O que ela fez com a gente deu certo — respondeu Kara. — *Funcionou.*

— Em duas pessoas. Não significa que o upgrade é seguro para todos os seres humanos do planeta.

— Por que precisa ser seguro para todos? Por que esse é o limite?

— Você está mesmo cogitando isso? — perguntei.

— Se ela estiver certa sobre a nossa extinção iminente, o que temos a perder?

Eu me levantei e olhei para baixo, para a minha irmã.

— Tudo que significa ser humano.

Kara ficou de pé.

— Sei que você estava lá quando ela libertou aqueles gafanhotos nos campos e não posso fingir que sei como é carregar essa culpa. Mas e se esse momento… eu e você nessa floresta… for crucial para a nossa espécie? Precisamos encarar isso com razão, não com sentimento. Sem nostalgia por uma espécie condenada. Se não fizermos nada, a humanidade desaparecerá em cento e cinquenta anos. Podemos levar a nossa espécie para o futuro. Você e eu.

— Meu Deus, você está sendo tão arrogante quanto nossa mãe.

— Você está falando isso para tentar me magoar?

— Está cometendo o mesmo erro que ela. Ser inteligente não torna a pessoa infalível. Apenas mais perigosa — argumentei.

Kara me estudou por um momento.

Foi um detalhe.

O *menor* dos detalhes.

Mas o seu queixo se ergueu imperceptivelmente, e o canto interno das suas sobrancelhas se juntou e foi para cima: uma microexpressão de tristeza surgindo e desaparecendo em menos de um quarto de segundo.

Como se quisesse escondê-la.

Uma voz na minha cabeça perguntou: *Por que ela tentaria esconder que está triste?*

Porque ela estava triste sobre alguma coisa que não queria que eu soubesse.

O que ela não quer que eu saiba?

A resposta chegou sem alvoroço ou esforço, como uma brisa gentil.

Kara não quer que eu saiba que ela vê aquele momento como ele é. Duas pessoas em uma floresta do Novo México com o futuro da humanidade nas mãos. Ela acha que está certa e que eu estou errado e, como o que está em jogo é a

extinção da nossa espécie, está disposta a fazer algo inimaginável.

Estiquei a mão e peguei a alça do baú.

— O que você está fazendo? — perguntou Kara.

— Não podemos deixá-lo aqui. Não deveríamos voltar?

Ela me encarou por um instante.

— Tudo bem.

Era tudo que podia fazer para não olhar para a faca de trincheira na bainha na sua coxa direita e a Glock no coldre à sua esquerda.

Virando-me depressa, levantei a gola do meu casaco para que ela não pudesse ver a minha artéria carótida martelando.

Minha pulsação tinha subido para cento e quarenta e quatro. Eu estava ficando melhor em controlá-la, mas ainda não a ponto de fazê-la diminuir para um patamar normal rápido o suficiente para enganar Kara. E temia que, se ela notasse o meu pulso acelerado, aquilo lhe daria uma ideia do que eu suspeitava que ela estivesse pensando, o que poderia piorar a situação antes que eu tivesse a chance de pensar em como escapar dela.

Será que tinha feito o ajuste a tempo? Ela já havia notado? Havia outras indicações que poderiam alertá-la do meu sistema nervoso entrando no modo de luta ou fuga? Pupilas dilatadas? Tensão muscular?

O baú tinha rodas, mas elas não rolavam na neve velha. Arrastei-o às minhas costas, descendo a montanha na área 36°33'45"N, 106°13'04"W.

Eu me sentia zonzo, tonto.

Será que tinha enlouquecido?

É claro que a minha irmã, que eu amava e que me amava também, que viveu sob o mesmo teto que eu por dezesseis anos, não queria me matar. Aquilo era verdade. Ela não *queria* . Fora convencida pela nossa mãe da importância desse upgrade e sabia que precisava tomar uma decisão urgente.

O erro dela não foi demonstrar tristeza; ela poderia ter mentido com facilidade, dando outra explicação, como ter encontrado a nossa mãe morta em uma picape no pé da montanha.

O erro dela foi a tentativa de subterfúgio. A supressão da tristeza.

Eu me agachei e peguei o Garmin quando passei por ele.

Kara estava atrás de mim na neve, a quase três metros.

Passamos para chão seco, as rodinhas do baú derrapando montanha abaixo,

por cima de raízes e pedras.

Eu precisava olhar de volta para ela, reunir mais informações, mas tinha receio de que Kara lesse o medo no meu rosto e decidisse que…

— Talvez você esteja certo, Logan.

Havia uma monotonia em sua voz que me parecia tanto um escudo quanto uma armadilha. Se eu respondesse, meu tom e padrão de fala provavelmente revelariam como eu me sentia.

Limpei o suor da testa antes que ele queimasse os meus olhos, meu pulso disparando para cento e sessenta e cinco. Pressão sanguínea até o limite.

Fique. Calmo.

Respirei conforme entrávamos na clareira ensolarada.

Ela vai me matar nessa floresta. Não faz sentido para ela esperar. Esse é o lugar perfeito para isso. Ela simplesmente vai me deixar aqui com a nossa mãe.

E, ainda assim, eu não estava nem um pouco perto da certeza. Poderia estar imaginando tudo. Baseado em uma única microexpressão que vi por uma fração de segundo.

Pensei em como Kara tinha se comportado na fazenda. Havia matado três homens em três segundos. Embora eu com certeza estivesse mais forte e mais rápido do que nunca, duvidava que podia me equiparar à velocidade, ao controle e à presciência física da minha irmã. Ela já era uma mestre da luta antes do upgrade. Eu não. Suspeitava que o abismo entre as minhas habilidades físicas e as dela continuava do mesmo tamanho. Além disso, eu estava desarmado, e ela caminhava atrás de mim com uma faca de trincheira, uma Glock e a sua letalidade geneticamente aprimorada e afiada.

Vi a picape da nossa mãe ao longe, a uns oitenta metros de distância.

Kara havia deixado a espingarda encostada em uma árvore perto do veículo. Vi um caminho até ela, onde os pinheiros cresciam mais juntos. Eles poderiam providenciar uma cobertura módica. Mas antes eu tinha que romper as defesas de Kara, dar um golpe no seu processo cognitivo e no seu tempo de reação. Fazê-la pensar como antes, para dar ao meu eu em desvantagem uma chance de lutar.

— Você se lembra do que me falou de noite no hospital depois que Max morreu? — perguntei, do nada.

Kara parou.

— Logan.

Eu continuei andando.

— Logan.

Parei, dei uma última olhada no caminho através dos pinheiros e me virei devagar.

Ela estava a quase quatro metros de distância, levemente acima na montanha, olhando para mim. Havia lágrimas nos seus olhos, as mãos estavam ao lado do corpo e o fecho magnético que prendia a Glock no coldre se encontrava aberto. Eu tinha certeza absoluta de que ele estivera fechado quando começamos a voltar. Ela o abrira em silêncio enquanto me seguia montanha abaixo.

Aquela era a única confirmação de que eu precisava, e certamente ela viu a mágoa no meu rosto, porque os meus olhos estavam marejados também.

— Você me disse… — falei.

— Pare.

— … "Sou a sua irmã mais velha e sempre serei…"

— O que você está…?

— "… e vamos superar essa perda juntos." Você me disse que eu sempre poderia contar com você.

A máscara de controle da minha irmã caiu, e, por um rápido instante, ela parecia a Kara de antigamente. A agonia nítida em seus olhos e, logo depois, uma resignação sombria.

Larguei a alça do baú. Ele caiu sobre as folhas de pinheiro.

— O que quer que eu diga, Logan?

— Quero que diga que sou o seu irmão e que isso significa mais para você do que…

— Mas não é verdade. Gostaria que fosse. Gostaria mais do que tudo que fosse. Mas é só um sentimento bonito e…

Corri no meio da frase.

Sem aviso.

Simplesmente me virei e disparei montanha abaixo pelo caminho sinuoso que tinha mapeado na cabeça através dos pinheiros.

Ouvi Kara gritando meu nome a alguma distância atrás de mim e quase parei. Algo na voz dela — um quê de surpresa ou mágoa — me fez questionar se eu tinha entendido tudo errado…

E então veio o tiro.

Um pedaço de árvore explodiu sessenta centímetros à minha esquerda.

A picape estava bem à frente, a quase cinquenta metros.

Olhei para trás rapidamente e notei um movimento entre as árvores.

Outro tiro.

Desviei para a esquerda, depois para a direita, tentando me tornar um alvo difícil.

Depois corri em linha reta.

Mais dois tiros ecoaram pela floresta em rápida sucessão, e senti algo no meu ombro esquerdo.

Continuei correndo. A picape estava mais perto.

Já via a espingarda que Kara deixara encostada na árvore.

Meu ombro esquerdo estava vibrando, e doía, a sensação se espalhando pelas minhas costas e pelo meu pescoço.

Outro tiro.

Uma bala atravessou o para-brisa do carro.

Um ponto de dor ardia no meu ombro, um calor molhado e radiante. Encostei nele, e minha mão voltou ensanguentada. Kara havia me acertado.

Passei as mãos pelo meu peito e ombro. Sem ferimento de saída.

Desacelerei quando cheguei à picape, peguei a espingarda e dei a volta na árvore para me dar cobertura.

A dor era um latejar incessante, mascarado pela adrenalina. Meu coração martelava a duzentos e três bpm. Ouvi um graveto se quebrando em algum lugar montanha acima.

Tentei estabilizar a minha respiração.

A arma era uma Benelli semiautomática. Já tinha usado uma antes. Eram armas robustas com uma capacidade de 5+1, embora Kara tivesse modificado essa para ter um pente mais longo.

Puxei o guarda-mão.

A floresta tinha caído em silêncio.

Nenhum vento. Nenhum pássaro cantando. Nada se mexia.

Meu ombro doía como se alguém o tivesse acertado com um bastão de beisebol, e o sangue corria pela parte de dentro da minha perna esquerda, escorrendo pela bainha da minha calça, criando uma trilha escura pelas folhas amassadas e marrons.

Olhei para trás.

Nada.

O que ela estava fazendo? Dando a volta para me flanquear? O que eu faria se fosse ela?

Kara tinha um rifle de precisão na bolsa — um CheyTac desmontado, a arma de maior alcance usada pelo exército dos Estados Unidos. Podia acertar alvos a dois quilômetros de distância e estava na mala do Google. Se ela não queria arriscar me matar com a pistola, aquilo certamente daria conta do recado. Eu nem a veria. Nunca nem ouviria o tiro.

A Benelli era uma arma de curta distância, carregada de munição 00 buck, que só era letal a uns cinquenta metros. Ela provavelmente retornara para pegar os drives de memória de mudança de fase. Então Kara poderia correr para o Google dando uma volta maior, que a manteria longe da minha linha de tiro.

Cheio de dor, coloquei a espingarda no ombro e analisei a floresta pela mira da arma.

Tudo estava quieto.

Consegui ficar de pé, instável. A visão borrada. Meu sapato esquerdo sujava tudo de sangue conforme eu ia na direção da picape.

A porta do motorista da Chevy continuava aberta. Entrei no carro, tentando me manter agachado, torcendo para que ainda tivesse bateria.

O cheiro me fez lacrimejar.

Peguei a minha mãe pelos ombros, retirando-a do carro da forma mais cuidadosa possível. Mas logo percebi que não tinha como ser elegante ou gracioso nessa tarefa. Era como tentar mover um saco gigante de pedras.

Puxei-a com força e ela deslizou do carro, caindo sem cerimônia no chão da floresta.

— Desculpe, mãe — falei.

Voltei para dentro do veículo e fechei as portas do passageiro e do motorista, seus guinchos metálicos ecoando pela floresta.

Se Kara estivesse por perto, se ela não tivesse partido na direção do Google, eu seria um alvo fácil.

Eu só precisava que a maldita picape ligasse.

Pelas minhas contas, o carro estava ali desde outubro. De oito a doze semanas. Quando estacionada em modo de baixo consumo, com a carga completa, a

bateria deveria durar seis semanas. Se ela tivesse parado na mesma estação de recarga que a gente em Ojo Caliente, a 45,7 quilômetros de distância, ainda deveria haver muita carga, mesmo em um modelo antigo como esse. Se não, bem, eu provavelmente morreria nos próximos trinta minutos.

Pressionei o botão de ligar.

Nada.

Tentei de novo.

O motor zumbiu de leve.

Depois parou.

— Anda.

Olhei rápido pelo para-brisa e pelos retrovisores.

Nenhum sinal de Kara.

Tentei outra vez.

O motor zumbiu de novo, mais rápido dessa vez.

— Anda!

Na quarta tentativa, o motor ganhou vida. Pisei no acelerador, os pneus carecas rodando por intermináveis segundos e então encontrando tração.

A picape pulou para a frente, e girei o volante, guiando a Chevy de volta na direção da estrada, pisando fundo no acelerador, porque cada segundo dava a Kara uma chance de…

Balas acertaram o lado do passageiro do veículo. A janela explodiu. O que eu esperava que fossem apenas cacos de vidro atingiram a lateral do meu rosto. Não foi o ataque único e penetrante de uma bala de rifle, mas o tinir em *staccato* de armas completamente automáticas.

Tive um rápido vislumbre de Kara — de pé, usando o casaco preto em uma clareira ensolarada que fazia o seu cabelo claro brilhar, com uma metralhadora no ombro.

Vi o estouro de um disparo…

E me abaixei quando o para-brisa foi atingido, depois me levantei, desviando a tempo de evitar a colisão com uma árvore.

Conforme a parte de trás do carro era cravejada de balas, vi de relance a estrada à distância e o Google azul com a mala ainda aberta.

Saí da floresta, pisei no freio e fiz o carro parar com um estrondo a poucos metros do carro de Kara.

Os tiros haviam cessado.

Peguei a espingarda e abri a porta do motorista.

Segurando a arma na altura da cintura, gastei alguns cartuchos no pneu traseiro direito. O Google afundou um pouco. Acertei o pneu traseiro esquerdo. Embora eu soubesse que poderia vencer de Kara naquela última e pedregosa parte da estrada, o carro dela com certeza me alcançaria nas partes mais suaves.

Kara saiu da floresta.

Não hesitei. Coloquei-a na mira e atirei três vezes. Ela se agachou atrás de uma árvore caída, e eu joguei a espingarda dentro da picape, entrei rapidamente e pisei fundo no acelerador.

Disparei pela estrada com os amortecedores destruídos, e a picape parecia que ia se desfazer a qualquer segundo.

Cheguei até os sessenta quilômetros por hora, mal conseguindo ver pelo para-brisa estraçalhado. Meu assento estava coberto de sangue, e parecia que uma pessoa estava enfiando um atiçador em chamas nas minhas costas.

Olhava sem parar pelo retrovisor lateral, esperando ver o Google se aproximar, mas havia apenas uma trilha de poeira laranja.

Minha adrenalina baixou. A dor começou a vir com tudo.

Depois de vários quilômetros, tive que desacelerar, porque não confiava mais em mim mesmo para manter a picape na estrada. Estava com dificuldade para enxergar, me sentia tão tonto…

Não sabia quanto tempo passara desde que Kara atirara em mim, mas estava sangrando havia tempo demais. Daquilo eu tinha certeza. Precisava parar ou morreria.

Recostei-me no banco e pressionei a mão na ferida. O sangue escapava pelos meus dedos. Não podia dirigir e fazer pressão na área atingida simultaneamente, mas tinha que continuar dirigindo. Tinha que ficar o mais longe possível dela.

Estava entrando em choque hipovolêmico, que acontecia quando o corpo humano perdia vinte por cento do sangue. Minha respiração estava rápida e curta, e sentia a minha pressão sanguínea despencando a níveis perigosos.

Fiquei com frio de repente, a confusão se instalando. Tentei superar tudo isso, tentei usar o poder do meu intelecto para ficar alerta, vivo, mas um vazio cinzento se arrastava pelo meu campo de visão.

• • •

Um tom.

Estridente.

Contínuo.

Ele me chamava, de leve, nas profundezas desse túmulo escuro.

Erguer a minha cabeça foi o ato físico mais difícil da minha vida e, quando o fiz, o barulho parou.

Abri os olhos.

A luz os invadiu.

Vi raios cintilantes de cristais.

Senti gosto de sangue. Estava escorrendo aos montes pelo meu rosto. Eu ainda estava sentado ao volante da velha Chevy. Logo além do capô, vi o tronco enorme e enrugado de um choupo. Tinha batido na árvore.

Havia alguns prédios por perto.

Vi as ruínas do Mis Amigos.

Havia alguém de pé, e virei o rosto devagar, piscando por conta do sol claro de inverno.

Ele tinha onze ou doze anos e olhava para mim pela janela. Aquela devia ser uma das cenas mais perturbadoras da sua jovem vida.

Um homem sangrando até morrer em uma picape cravejada de balas que cheirava a cadáver.

A voz dele surgiu aguda e abafada pelo vidro:

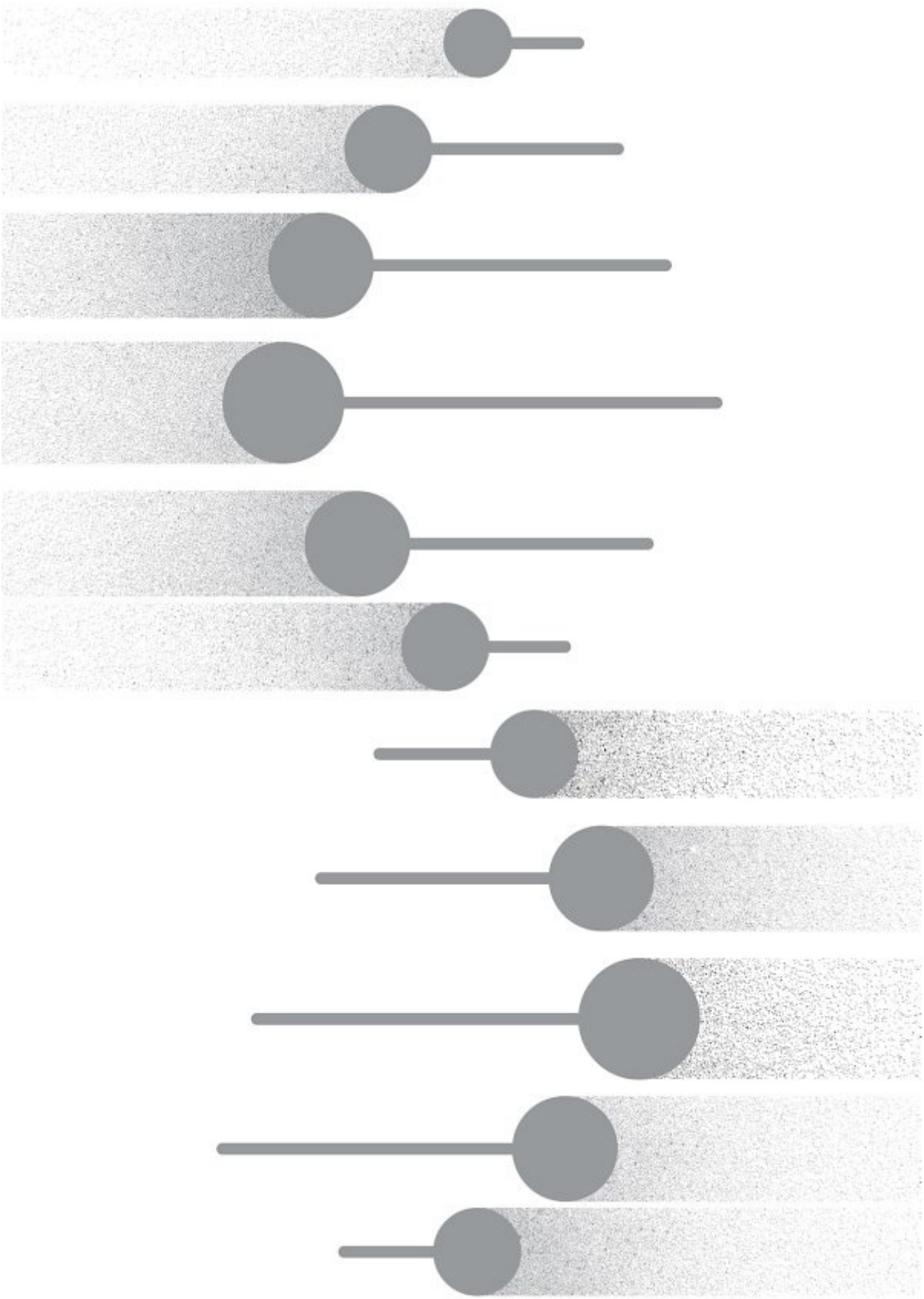
— *¿Necesitas ayuda?*

— *Sí* — respondi. Minha voz soava tão fraca. — *Por favor.*

Havia outras pessoas na rua atrás dele, vindo na direção do acidente de carro no meio do seu pacato vilarejo.

E eles não sabiam — não tinham como saber — que o homem moribundo dentro da Chevy tinha acabado de travar uma batalha pelo destino da nossa espécie.

Uma batalha que ele havia perdido.



PARTE DOIS

A habilidade de ler a sequência do nosso próprio genoma tem o teor de um paradoxo filosófico. Um ser inteligente pode compreender as instruções para criar a si mesmo?

— John Sulston

Sete



UM ANO DEPOIS

É 11 de janeiro, e hoje só vi a água em vislumbres efêmeros, quando a névoa acelera, vindo do mar. O vento balança minhas venezianas de tempestade, e a chuva cai sem parar pelas janelas. Acabei de colocar mais madeira no forno a lenha.

Estava planejando permanecer apenas uma semana aqui, mas talvez fique mais. Há uma selvageria ignorada nesse local que combina comigo.

Com o que eu sou.

Com o que estou me tornando.

Na maior parte do tempo, apenas me sento à janela da cozinha, observando o mar mudar. No breve período que passei aqui, já o vi cinza e turbulento e também brilhante e calmo. Obscuro conforme uma tempestade avança pelo continente (é o caso de hoje) e parecendo um verniz brilhante e negro sob a lua.

Mais do que em qualquer outro lugar em que estive, há uma sensação de que o mar tem uma presença, e uma presença mercurial — temperamental, firme, serena.

E em constante evolução.

Acho que você e Ava iam gostar daqui. Quando o tempo está bom, há uma pequena trilha pela encosta até a praia, e a cidade fica a apenas um quilômetro e meio.

Espero que você esteja bem. Espero que esteja encontrando o seu caminho para a felicidade de novo. Espero que, se um dia nos reencontrarmos, você entenda por

que tive que deixar você acreditar que eu estava morto. É porque conheço o seu coração, Beth. Você colocaria a sua segurança e a sua liberdade em risco para me encontrar.

Eu sinto tanta saudade que daria tudo para

Interrompi a escrita. Olhei pela janela, para o mar. Riscando a última frase, voltei a colocar a caneta no papel.

Não estou sendo sincero, Beth. Estou escrevendo coisas que o velho Logan escreveria, guiado por uma nostalgia vestigial pela minha vida antiga. Se não posso ser sincero com você, mesmo quando dói, então de que adianta?

Interagir com pessoas se tornou um desafio. Imagine saber o que alguém está tentando dizer muito antes que a pessoa possa falar de maneira deselegante. Imagine estar intensamente consciente de cada microexpressão que desmente as suas palavras. Imagine um abismo entre você e todos os outros. Imagine não se sentir mais humano. Para mim, agora, conversar com um adulto genial é como travar uma conversa com uma criança de dez anos. Sei que isso parece pedante, mas é verdade.

Consigo relembrar cada detalhe da nossa existência compartilhada. Não a vejo simplesmente como uma foto de quem você era no nosso último momento juntos — em nossa cozinha em Arlington, preparando o nosso segundo café do dia, um pouco de leite, uma pitada de adoçante, e eu lhe dando um beijo de despedida no caminho até a porta, e você parando o que estava fazendo, me encarando profundamente e me beijando de verdade, não uma coisa automática, nenhum de nós com a mínima ideia de que não nos encontraríamos de novo.

Vejo você como a Beth que era naquele dia na prisão, com vinte e cinco anos de idade e usando seu primeiro terno, tentando esconder o nervosismo. Vejo a Beth na cama do hospital, exausta e feliz, segurando a nossa filha pela primeira vez. Vejo você na manhã em que soube que o seu pai havia morrido. E na tarde de quarta-feira de outubro, seis anos e meio atrás, que não teve absolutamente nada de especial exceto pelo fato de que foi o momento mais divertido que passamos juntos — duas garrafas de vinho, risadas, uma conversa ótima e algumas lágrimas. Tudo o que é bom sobre nós dois.

Todos esses momentos são reais para mim na mesma medida. Todos esses momentos seus. Dói não poder vivê-los outra vez. E talvez doa ainda mais por saber que, mesmo se pudesse, não sentiria agora o que senti no passado.

Durante o último ano, passei por uma vida inteira de mudanças.

Mal posso ser reconhecido como o homem que se despediu de você na cozinha. Suspeito que pensaria que me tornei distante, retraído e reservado. Talvez até frio.

A chuva parou. As nuvens estão se afastando. O sol ilumina os leixões. Se eu estreitar os olhos da maneira certa, uma dessas formações rochosas lembra um navio talhado na pedra.

Eis a verdade que, no passado, jurei sempre lhe contar: se eu me permitir, posso acabar em um lugar muito sombrio. Posso deixar a nossa separação e a minha solidão acabarem comigo. Mas estou forte demais para isso agora.

Estas são coisas difíceis de escrever.

Temo que nunca mais a verei de novo.

E temo também que, se encontrá-la, nossa conexão terá mudado demais.

• • •

Tampei a caneta, fechei o caderno. Ele estava cheio de cartas semelhantes — algumas para Beth, outras para Ava. Escrever para elas havia se tornado uma espécie de autodisciplina. Escrevia cartas que nunca enviaria para me lembrar de como era fazer parte de uma família. Para me lembrar de como era ser humano. Ser encorajado, ao menos até certo ponto, por sentimentos. Minha habilidade de *sentir* era um músculo atrofiado, que, se parasse de usar, eu perderia por completo.

Era início da noite, e eu estava faminto.

Mandei mensagens para os detetives cibernéticos, particulares e da corporação que listei para encontrar Kara. Então me levantei, me espreguicei e peguei o casaco impermeável do cabideiro ao lado da porta da cozinha.

Saí cruzando um campo de grama esmeralda até o limite da falésia.

As ondas se chocavam contra as pedras, trinta metros abaixo.

Conforme eu seguia por uma trilha angulosa que levava até a praia, pensei em Kara pela oitava vez naquele dia.

Quando a minha irmã atirou em mim, acertou o meu deltoide esquerdo, rasgando o músculo, mas errando a minha clavícula e plexo braquial. A bala acabou alojada no meu peitoral maior esquerdo, a cinco centímetros do coração. Cinco centímetros de um tiro fatal.

Eu quase sangrei até a morte na picape destruída da minha mãe no que servia como uma rua principal no vilarejo de Vallecitos.

Fui levado a um hospital em Santa Fé, onde os médicos salvaram a minha vida.

O Novo México não tinha a obrigação de notificar tiros, e eu torcia para que a equipe do hospital respeitasse o sigilo médico e não chamasse a polícia para me interrogar sobre o que tinha acontecido em Vallecitos.

Mas era impossível ter certeza.

A cada segundo que passava no leito, havia um risco maior de captura.

Doze horas após dar entrada, saí da cama. Minhas roupas haviam sido cortadas na sala de operações, e andar aos tropeços por Santa Fé vestindo uma camisola de hospital, no meio da noite, parecia uma forma certeira de ser descoberto e detido.

Então saqueei os armários dos quartos dos outros pacientes até encontrar as roupas de um cavalheiro mais velho que cabiam em mim.

Saí do hospital St. Vincent às três e quarenta e cinco da manhã para uma noite fria com pouco mais de quinhentos dólares em espécie, guardados do meu tempo com Kara.

Sem identidade. Sem cartões de crédito. Sem celular.

Foi a noite mais difícil da minha vida.

Pior do que a prisão.

Pior do que a incerteza do viveiro.

Foi agonizante.

Exaustiva.

Congelante.

Sem o upgrade, com certeza teria morrido.

Fui até a estação de trem assim que ela abriu e comprei uma passagem só de ida no primeiro trem até Albuquerque. Santa Fé era pequena demais para eu permanecer ali, e Albuquerque parecia ser o tipo de lugar com violência o suficiente para que eu pudesse passar despercebido.

A luz que atravessava a janela aqueceu o meu rosto.

O balanço gentil do vagão do trem me fez adormecer.

O condutor me acordou com uma chacoalhada quando chegamos à estação Montaño.

Eu saí cambaleando do trem e vomitei em uma lata de lixo.

Comprei gaze, bandagens de primeiros socorros, antibiótico em pomada e analgésico na primeira farmácia que vi.

Tirei a camisa no banheiro. O sangue vazava do último curativo feito no St. Vincent. Pressionei uma toalha de papel no ferimento até ele coagular novamente, enchi de antibiótico e refiz o curativo com bandagens novas.

Ao terminar, estava cansado demais para ficar de pé. Dormi por várias horas na cabine, debruçado na lateral de um vaso sanitário imundo até um estoquista me encontrar e me expulsar.

Mais uma vez do lado de fora, minha previsão pesou sobre mim.

Eu estava falido. Sem teto. Muito machucado. E sendo perseguido.

Como não conseguia parar de ver padrões ao meu redor, estava consciente de que nada que eu estava vivendo era novo. Quantas pessoas já se viram cansadas, sem dinheiro, com frio e sozinhas nas ruas? E nenhuma delas tinha os recursos do meu upgrade para salvá-las.

O sino da torre de uma igreja tocou à distância, perfilado contra um céu dolorosamente azul do Novo México.

Eu me arrumei da melhor maneira possível e fui até a recepção.

Uma mulher gentil ficou com pena de mim e me deixou usar o telefone.

O terceiro abrigo para o qual telefonei tinha uma cama disponível.

• • •

Depois de alguns dias no abrigo, meu ferimento de bala estava se curando rapidamente, e eu enfim conseguia andar sem ter vontade de me deitar no chão.

Foquei em tentar impedir Kara. Antes que pudesse fazer isso, precisava de liberdade para circular. Para ter liberdade para circular, precisava de uma identidade blindada, o que requereria tempo e dinheiro.

O problema do dinheiro era um enigma.

Com o meu upgrade, eu conseguiria realizar qualquer trabalho no mundo.

Mas não poderia.

Eu era Logan Ramsay, e havia gente virando o país de ponta-cabeça para me encontrar.

Furto, roubo, fraude — tudo isso parecia contrariar os meus esforços de

permanecer invisível.

Porém, de acordo com a pesquisa que eu havia feito na biblioteca que visitava durante o dia, havia seis cassinos em Albuquerque.

Então comprei algumas roupas em um brechó, tomei um banho e entrei em um cassino pela primeira vez uma semana depois de Kara atirar em mim.

As câmeras me deixaram nervoso. Estavam *em todos os lugares.* Meus preenchimentos faciais durariam pelo menos um ano, mas eu logo descobriria se as alterações que fiz no meu rosto na Virgínia Ocidental eram suficientes para enganar a IA de reconhecimento facial que com certeza estava rastreando os bancos de dados de circuitos internos de TV por toda a nação.

No entanto, diante de tudo aquilo, não importava.

Eu precisava de dinheiro. Não havia outras opções.

Os caça-níqueis seriam perda de tempo. Quando se tratava de blackjack, um gênio matemático como eu com certeza poderia contar as cartas, mas contra um conjunto de seis e oito baralhos levaria muito tempo. Qualquer sucesso aconteceria puramente por sorte.

Pôquer, porém, parecia uma boa oportunidade. Eu já havia jogado algumas vezes antes, e nunca fora muito bom.

Mas agora…

De repente, calcular as possibilidades de pote no pôquer se tornou fácil. E, sentado à mesa, me lembrei de forma instantânea dos sete livros de estratégia que havia lido no dia anterior na biblioteca, que focavam em como calcular as chances de um oponente baseado nas suas apostas, como apostar nas *blinds* grandes contra as pequenas, contra as *late positions* .

Esse era um jogo que recompensava um grande poder de cálculo e a habilidade de absorver uma série de regras específicas bem rápido. E, além das mecânicas matemáticas, o pôquer, em última instância, se resumia em decifrar as pessoas. Sua animação, suas tentativas de esconder a animação, seu medo, seu tédio, seus lodos, seus arrependimentos. E então fazer escolhas de acordo com isso.

Em uma noite de sexta-feira, sentei-me a uma mesa sem limites de Texas Hold 'em com quatrocentos e trinta e dois dólares. Havia oito pessoas na partida, e, conforme o *dealer* entregava as primeiras cartas, meu ferimento de bala latejou. Ignorando a dor, comecei a jogar.

Observei — mesmo entre os melhores jogadores — o levantar ínfimo das sobrancelhas quando pegavam uma boa carta que não estavam esperando. Um "mergulho interior" quando isso não acontecia. Fiz equações para cada oponente, a fim de acompanhar os seus escapes emocionais. Se Fidel, o cara à minha frente, visse uma carta e reagisse ao expor mais de dez por cento do branco dos olhos, eu sabia que ele tinha algo melhor do que um par. Vinte por cento? Eu desistiria, a não ser que tivesse cartas que achasse que poderiam derrotá-lo.

Jogadores diferentes deixavam escapar os seus segredos por microexpressões diferentes.

Uma mulher sempre contorcia sutilmente o nariz quando via uma carta que não ajudava a sua mão. Como se ela fedesse.

A pulsação de um jovem sempre ia acima de cento e dez quando ele blefava.

Levei algumas mãos para ler cada um deles, mas logo cataloguei as suas diversas reações, observando o humor subir e cair com o *flop*, o *turn* e o *river*.

Conforme jogava e acumulava fichas, não pude deixar de me perguntar se a minha mãe tinha se sentido daquela forma durante a maior parte da sua vida adulta. Como se estivesse correndo, pensando, funcionando dez vezes mais rápido do que as outras pessoas. Finalmente entendi como isso poderia formar uma fachada de arrogância e, lá no fundo, extremo isolamento. Ela não tivera a minha habilidade de compartimentalizar as emoções, então a sensação de estar à parte de todos — dos seus alunos, dos seus amigos, até da sua família — devia ter sido excruciante.

Acabei a primeira noite com mil novecentos e sete dólares. Eu me senti tão bem como se fosse o primeiro dinheiro que ganhei cortando a grama dos vizinhos no verão em que fiz doze anos.

Cada noite, ia a um cassino diferente.

Reconstruindo o meu tesouro aos poucos.

No final da segunda semana, tinha oito mil dólares e estava jogando em mesas mais competitivas. Um jogador até comentou comigo sobre um jogo ilegal de altas apostas em Rio Rancho.

Saí do abrigo e dei a eles a maior doação que podia. Então, peguei um quarto na pousada mais barata que encontrei, que alugava aposentos por semana.

Jogava pôquer à noite e, durante o dia, comecei o meu processo de construir

uma nova identidade.

Fazer uma do zero estava além das minhas capacidades, e eu não confiava na dark web para conseguir documentos aceitáveis.

Com os meus ganhos, comprei um laptop e comecei a procurar um indivíduo muito específico cuja identidade eu poderia roubar.

Esse indivíduo precisava ter mais ou menos a minha idade e um rosto semelhante ao meu, para que eu pudesse alterar os meus traços a fim de enganar a onipresente IA de reconhecimento facial. Ele teria que ser natural de uma cidade bem distante da minha cidade natal de Berkeley, na Califórnia. De um lugar em que nunca estivera e onde não conhecesse ninguém. O indivíduo precisava estar morto, nunca ter se casado e não poderia ter filhos. Precisava ser alguém que não estivesse presente nas redes sociais. E, de preferência, sua morte deveria ter acontecido em terras estrangeiras, em alguma espécie de desastre em massa.

A ideia era que, se conseguisse encontrar alguém com todos esses critérios, seria improvável que os registros de nascimento do indivíduo estivessem ligados aos registros de morte. O que significava que a sua identidade estaria simplesmente flutuando em um éter burocrático, esperando para ser pega por mim e para me garantir liberdade de circular.

É claro que seria uma busca gigantesca, mas eu tinha o foco e a velocidade de internet para vasculhar milhares de obituários em uma única tarde sem nunca me desconcentrar, nem mesmo por um segundo, conforme escutava audiolivros no dobro da velocidade e guardava cada palavra na memória.

Quando encontrasse o indivíduo, investigaria mais para descobrir a sua data e local de nascimento, o nome dos pais e o nome de solteira da mãe.

Assim que conseguisse essas informações, alugaria o escritório mais barato de Albuquerque, estabeleceria ele como a minha residência e escreveria uma carta para o departamento de registros públicos do estado desse indivíduo, pedindo uma nova certidão de nascimento.

Com a certidão de nascimento e algumas cartas endereçadas ao meu escritório de Albuquerque como comprovante de residência, conseguiria uma carteira de motorista.

Então poderia pedir um novo número de previdência social.

E, depois disso, um passaporte.

Eu estava a caminho.

• • •

Cheguei à praia e segui para o norte, deixando pegadas na areia fria e encharcada.

O vento uivava.

Eu estava morto de fome.

Pensei em caminhar até a cidade para jantar. Sentar-me a um balcão de bar. Pedir uma bebida.

A identidade que havia encontrado era de um homem chamado Robbie Foster. Ele era de Duluth, Minnesota, e morrera em uma viagem inesquecível, quando um barco pegou fogo e afundou no meio da noite na parte peruana do rio Amazonas.

Construiria a minha identidade a partir disso.

Ganhei dinheiro suficiente apostando para comprar um carro.

Eu estava ficando famoso na pequena comunidade de pôquer de Albuquerque, o que significava que era hora de partir.

O desejo de voltar para casa, para Beth e Ava, ainda existia. Mas eu tinha consciência de que, se me permitisse ir até elas, não estaria dando fim a dor nenhuma. Apenas criaria mais.

Eu as arrastaria para a minha situação impossível.

Tinha certeza de que ocupava o topo secreto da lista de mais procurados da Agência de Proteção Genética. Eles não sabiam que tinha sido a minha irmã que me libertara na fazenda, mas, se fossem espertos, deveriam ter suspeitado disso e tentado encontrá-la. Só que ela era apenas uma suspeita. E a minha cúmplice. Do ponto de vista deles, eu havia matado inúmeros agentes e seguranças terceirizados e escapado com a intenção de trabalhar com a minha mãe para introduzir um upgrade genético em toda a humanidade.

O simples ato de avisar a minha família que eu estava vivo significaria colocar a vida delas em risco.

E ainda assim… minha fraqueza quase prevaleceu.

Eu só queria aliviar a dor delas, informá-las de que estava vivo.

• • •

Parecia uma coisa tão pequena.

Mas o meu caminho de volta para a minha família, para o meu lar, não era pela porta da frente da nossa casa. Eu só poderia voltar para casa depois de encontrar Kara e impedir seus planos, acabando com a maldição Ramsay.

Ao menos, era o que eu dizia a mim mesmo. Mas uma verdade mais profunda, difícil e dolorosa já começara a se apresentar sutilmente para mim.

Talvez você já tenha se afastado demais de casa. Talvez não haja como voltar.

• • •

Eu estava sempre em movimento.

Nômade.

Fui a partes do país que nunca visitara antes.

Os montes Ozark.

As montanhas brancas de New Hampshire.

Ver os Estados Unidos da estrada — os lugares fora de mão, os fins de mundo, as ruas principais de cidades pequenas — foi uma experiência profunda. Compreendi o nosso sofrimento coletivo sob um novo prisma. As vitrines vazias e as prateleiras vazias. Os olhares frios e sem esperança que via nas varandas pelas quais passei.

Havia uma enorme desigualdade na qualidade de vida.

Era possível ficar no centro da cidade de Washington e pensar que estava vivendo em um futuro brilhante. E então dirigir à costa do golfo de Mississippi, que fora atingida por dois furacões de categoria sete na última década e deixada praticamente sem economia, e se perguntar como as pessoas encontravam vontade de viver.

Em muitos lugares, havia apenas uma existência sombria.

E abaixo dela, raiva.

Eu podia ter permanecido em um só lugar, mas a minha curiosidade me arrastava pela estrada.

Passei um mês em um lago do Wisconsin, onde a luz do meu verão solitário durava até depois das dez da noite, a água parecendo vidro até um peixe saltar, e

o sol se demorando, se demorando… um convidado que nunca ia embora.

Certa tarde, no meio de outubro, dirigindo pelas montanhas Smoky, vi a placa de um mirante em que tinha parado com a minha família três anos antes, em um fim de semana prolongado.

Parando no estacionamento, desliguei o motor.

A vista era de uma floresta pirotécnica que cobria as montanhas mais antigas do mundo.

Pulei a mureta de pedra e desci por uma clareira íngreme.

Ao andar pela floresta, logo detectei o barulho de água corrente.

Era um riacho pequeno, o ar mais fresco e com odor mais doce perto da margem. Três anos antes — mil cento e quinze dias para ser exato —, me sentara naquele mesmo lugar. Lembrava-me perfeitamente da experiência de observar o riacho fluindo por essa floresta primordial. Achei aquilo sublime. Fiquei extremamente emocionado pela tranquilidade do lugar, cheio de alegria enquanto ouvia Ava e Beth conversando do outro lado.

Mas, na verdade, eu não vira nada daquilo. Aquele lugar fora apenas um espelho — refletindo a fragilidade do meu estado emocional.

Eu não era mais aquele homem.

As coisas que o emocionavam não emocionavam a mim.

Vi os componentes que criaram aquela cena.

Os pedregulhos de arenito metamorfoseados na corrente. A velocidade da água. O padrão erosivo na outra margem, evidências de uma cheia de verão. As quatro trutas na correnteza — duas delas com parasitas. A maneira como a luz refratava na água em inúmeros ângulos, e as equações por trás das sombras que eles criavam, e cada folha caída, verde, seca, empurrada por uma brisa delicada, cuja evaporação refrescava a minha nuca, e o odor forte dos óleos essenciais nos amontoados de rododendros, de louro-da-montanha, e o cheiro outonal de morte de açúcares e compostos orgânicos escapando de um bilhão de folhas, e, sob tudo isso, a decomposição mais tênue e insidiosa — cujo aroma eu só conseguia sentir quando o vento mudava de leve ao norte — indicando os restos de um veado ou roedor a quarenta metros de distância.

Passei uma hora apenas observando.

Podia ter ficado um ano estudando o encaixe de todas as peças daquele pedaço insignificante de terra.

E senti uma pontada de luto por aquele Logan, pelo homem que fui mil cento e quinze dias atrás, que havia simplesmente aproveitado aquele lugar idílico.

• • •

Comecei a jogar pôquer na internet. Era mais difícil sem a vantagem de ler o rosto dos meus adversários, mas achei a pureza matemática relaxante. Eu me certifiquei de perder dinheiro suficiente para que os algoritmos não me banissem, mas alguns bons potes por semana eram o suficiente para eu me manter, tudo pago em cripto. Não tinha nenhum interesse por dinheiro além da liberdade que ele proporcionava.

Contratei detetives particulares em todos os estados para encontrar minha irmã.

Eu me coloquei no lugar dela e tentei imaginar as coisas de que ela precisaria para completar o trabalho da nossa mãe.

Relembrei as minhas conversas com Edwin.

Kara precisaria das mesmas coisas que eu havia dito a ele que seriam necessárias para minha mãe distribuir o seu upgrade: um laboratório de biossegurança de contenção nível quatro, uma equipe de duas a cinco pessoas, possivelmente mais, levando em consideração a sua falta de experiência. Indivíduos fluentes em biologia molecular. Em virologia. Genômica computacional. Segurança.

A equipe dela teria que saber o que estava criando. Teriam que concordar em correr o risco de serem presos. Como *eu* encontraria pessoas assim?

Seria difícil, e eu vinha desse mundo.

Se eu ainda trabalhasse na APG e tivesse acesso aos recursos da agência, eu me conectaria ao MYSTIC e tentaria encontrar Kara usando a base de dados de reconhecimento facial dos circuitos internos de televisão.

Eu sempre pensava no processador exascale ou de recozimento quântico de que ela precisaria.

Ela poderia comprar o restante dos equipamentos de laboratório no mercado clandestino, e essas transações seriam quase indetectáveis. Mas ela não precisaria comprar os processadores em segredo. Não eram ilegais. Eram apenas muito caros e incomuns. Mas ela saberia que eu estaria de olho. Apagaria seus rastros.

Apenas sete empresas no mundo fabricavam o tipo de hardware de que ela precisaria: Atom Computing, Xanadu, IBM, ColdQuanta, Zapata Computing, Azure Quantum e Strangeworks.

Contratei detetives particulares profissionais para encontrar listas de clientes e pedidos de compra, sabendo, claro, que havia outra possibilidade.

Nossa mãe poderia já ter um laboratório preparado com tudo necessário para dar à luz o seu upgrade. A localização poderia estar escondida no baú reforçado que ela deixou para nós na floresta do Novo México, incluindo contatos para a equipe.

Se fosse o caso, então Kara já estaria quase terminando o trabalho da nossa mãe e poderia começar a próxima fase.

• • •

Como tinha o cérebro que sempre quis, decidi checar a afirmação da minha mãe: *É possível ver o fim do* Homo sapiens *surgindo no horizonte. Ele é anunciado por milhares de métricas.* É claro que eu acreditava naquilo. Mas queria saber de verdade, entender essas métricas por mim mesmo.

Havia informações que levariam vidas inteiras para absorver, e não fazia sentido, com o meu bloqueio sensorial reduzido, ler apenas um livro de cada vez.

Eu podia ler um livro enquanto ouvia um audiolivro e compreender cada um deles com um nível de setenta por cento de precisão.

Eu lia tudo. Lia constantemente. Lia rápido. Eu mal dormia.

Milhares de publicações científicas, os estudos por trás dos artigos e os dados por trás dos estudos.

Analisei os riscos de catástrofes globais antropogênicas — ou seja, causadas pelo comportamento humano — em contraste aos riscos naturais, como supervulcões, asteroides e outras ameaças cósmicas. Terrorismo nuclear; bioterrorismo; pandemias naturais e fabricadas; acidentes com nanotecnologia; IA superinteligente; fome; incêndios; enchentes; aumento do nível do mar; aquecimento global e do oceano; clima extremo; perda de colheitas; colapso agrícola; desmatamento; desertificação; escassez e poluição massiva da água; exaustão de recursos minerais; falhas em usinas de energia; todo tipo de guerra (cibernética, nuclear, civil, genética, orbital).

Exceto por uma superinteligência descontrolada ou uma explosão de nanotecnologia, seria necessária uma combinação de ameaças, todas trabalhando em conjunto, para diminuir a civilização humana a ponto do perigo extremo.

A fome que minha mãe causara tinha apagado apenas dois por cento da população global, mas, vinte anos depois, ainda tínhamos dificuldade de alimentar pessoas. Os efeitos colaterais mataram milhões a mais e mergulharam até camadas superiores da civilização no caos.

E as próprias ameaças não poderiam ser analisadas isoladamente. Vieses cognitivos teriam que ser levados em consideração nesse labirinto de equações. Negligência de escopo: a noção de que humanos são ruins em distinguir entre duzentos e dois milhões de mortos. Desconto hiperbólico: a tendência de valorizar recompensas menores de curto prazo em vez de recompensas maiores de longo prazo, ou fazer escolhas no presente que os nossos eus do futuro teriam preferido que *não* tivéssemos feito. Heurística afetiva: as emoções atuais influenciavam a tomada de decisões críticas. O excesso de confiança: a confiança de uma pessoa nos próprios julgamentos era bem maior do que a precisão deles. E isso era só o começo.

Quanto mais informação eu consumia, mais começava a compreender de verdade o que a minha mãe viu quando levou em consideração o estado da humanidade.

Éramos primatas que se reuniram e que, contra todas as chances, construíram uma civilização formidável. Mas, de forma paradoxal e trágica, a complexidade da nossa criação havia ido muito além da habilidade do nosso cérebro de gerenciá-la.

Colocando em termos simples: estávamos fodidos e não fazíamos o suficiente para desfoder a situação.

Apesar de toda a arrogância, ambição e orgulho imprudente, minha mãe não estava errada sobre para onde estávamos indo.

Mas ela também errava. Shenzhen provara isso.

O que significava que, por pior que fosse o problema, liberar a sua última criação no mundo poderia não ser a solução.

• • •

Caminhei um quilômetro e meio pela praia, então segui uma trilha arenosa até Trinidad, na Califórnia.

O tempo tinha voltado a piorar, com névoa vindo do mar.

Estava chovendo, e as luzes da cidade brilhavam no crepúsculo azul como um convite reconfortante.

Caminhei pelas ruas silenciosas conforme a escuridão caía, por fim parando em uma taverna desgastada pelo sal que ficava no alto de um penhasco com vista para o mar. A fumaça escapava por uma chaminé de tijolos. Tinha cheiro de peixe de verdade.

Lá dentro estava quente e cheio. Famílias ocupavam mesas perto de um forno de pedra, jogando jogos de uma coleção que enchia uma estante inteira.

Sentei-me na única banqueta livre do bar.

O cardápio no quadro-negro mostrava duas opções: peixe com fritas ou bacalhau com manteiga de limão.

O bartender se aproximou. Seu rosto enrugado e cabelo grisalho o faziam parecer tão parte do ambiente quanto as estacas no mar castigadas pelas ondas.

Perguntei se era peixe de verdade.

— Pescado na praia hoje de manhã.

— Vou querer peixe com fritas.

Havia três televisões sobre o bar.

Duas exibiam jogos de futebol americano — eram as oitavas de final —, e outra, o jornal.

Enquanto esperava pela minha comida, peguei o caderno pequeno com capa de couro que sempre carregava comigo. Folheei até a página em branco seguinte e comecei uma carta nova.

Ava — estou sentado em uma taverna no norte da Califórnia, esperando para comer o meu primeiro peixe de verdade em meses. Você se lembra daquele pub em Fort William, nas margens do lago Linnhe, na Escócia? Aquele em que um sujeito lhe fez uma pergunta e você não entendeu nenhuma palavra? Esse lugar me faz lembrar de lá.

Tem um pai e uma filha jogando damas perto da lareira atrás de mim. Vi os dois quando entrei e me veio uma faísca de sentimento, acho que era solidão. Por um minuto, permiti que essa solidão respirasse. Me permiti sentir inveja daquele homem e da sua filha. Me permiti sentir falta dos nossos jogos de xadrez. Nossas

conversas durante o caminho para a escola. Me permiti sentir saudades de saber tudo sobre a sua vida.

E então, tão fácil quanto apertar um interruptor, desliguei essa emoção.

Voltei ao meu coração de pedra.

Ao evitar meus sentimentos, será que estou me afastando cada vez mais de você? Digo a mim mesmo que não tenho escolha — que, se não fechasse essa porta, eu iria atrás de você e da sua mãe, colocando as duas em perigo. E talvez seja verdade. Mas não é a verdade inteira. Escapar da gravidade das emoções humanas, viver sem toda aquela raiva, decepção, desgosto… é muito mais fácil. Mais calmo.

— Senhor? Desculpe interromper. Pode me passar o ketchup?

Desviei os olhos do caderno e vi uma mulher sentada na banqueta ao meu lado. Ela estava na casa dos sessenta anos e tinha olhos arregalados e gentis.

Peguei o ketchup e passei para ela.

— Escrevendo no seu diário? — perguntou ela, dando uma olhada no caderno.

— É uma carta para a minha filha — respondi, tentando falar em uma velocidade normal. Já fazia nove dias desde a minha última interação com outro ser humano.

O bartender com o rosto enrugado apareceu com o meu prato — um glorioso pedaço de peixe com fritas — e um segundo copo da deliciosa *amber ale* da cervejaria local.

Fechei o caderno e guardei-o na mochila.

— Quantos anos? — perguntou ela.

— Quinze.

— Ah, você ainda está no meio do caminho.

A caminhada no frio me deixara com um apetite monstruoso. Desde que havia recebido o upgrade genético da minha mãe, estava sempre com fome. Suspeitava que tinha algo a ver com a atividade neural aumentada.

Mergulhei no prato, que estava extraordinário pela sua raridade. Nenhum preparo rebuscado conseguia salvar a carne emborrachada e esquisita de peixe sintético.

Mas esse bacalhau, preparado à perfeição e pescado havia pouco tempo no oceano que eu via de onde estava sentado, simplesmente se desfazia e derretia na

boca.

— Meus filhos já estão crescidos — disse ela, puxando conversa.

— Quantos?

— Dois. Mark mora em Chicago. Amy, na Bay Area. — A mulher me contou sobre eles enquanto eu comia. O que faziam da vida. Como eram os netos. — Passa tão rápido — comentou ela. — Qual é o seu nome?

— Robbie — respondi.

— O meu é Miranda. Você é daqui, Robbie?

Ela não estava buscando informações de forma maldosa. Miranda também não interagia com ninguém tinha algum tempo. Eu conseguia detectar a rouquidão de falta de uso na voz dela.

— Só de passagem.

— Eu também. Aquele Winnebago no estacionamento é meu. Comprei depois da morte do Francis.

Eu tinha visto o carro ao entrar, e "preparado para a estrada" não fora algo que surgira na minha cabeça.

— Seu marido?

Ela assentiu.

Tomei um gole da cerveja.

— Sinto muito — falei.

Estava evitando olhar com atenção demais para Miranda enquanto ela falava. Ler as microexpressões e as intenções, sobretudo em um lugar como aquele, quando eu só queria me sentir normal por um segundo, poderia ser esmagador.

Então a encarei. Vi uma fachada de maneirismos e bravura escondendo um luto ainda agudo que não conseguia cicatrizar.

— Perdi a casa depois que ele morreu.

— Você mora no Winne?

— Isso mesmo. Não é tão ruim quanto pensei que seria. Estou tentando encontrar uma caravana à qual me juntar. Algumas delas compartilham recursos. Francis e eu sempre falamos de comprar um trailer depois da aposentadoria. Visitar todos os lugares do país que só tínhamos visto na TV. Nunca achei que estaria fazendo isso sozinha. E por necessidade. A vida não para de surpreender a gente, né?

Eu me perguntei por que ela havia perdido a casa, mas não questionei.

Provavelmente fora a mesma tragédia que retirou tantos aposentados das casas em que viveram pela vida toda: os valores da aposentadoria foram dizimados pela inflação.

Brindei o meu caneco de cerveja com a taça de vinho dela.

— Pois é.

— Sua família não está viajando com você? — perguntou ela.

— Infelizmente, não. Estão em casa.

— E onde vocês moram?

Aquela era uma pergunta complicada para alguém que vivia na estrada, vendo o máximo do país possível. Detectei um sotaque da costa Leste — Connecticut ou Rhode Island —, então escolhi uma localização remota no Oeste.

— Sul do Arizona.

Vi em seus olhos que ela nunca estivera lá. Também notei que ela queria bisbilhotar um pouco mais sobre a minha família. Por que estava viajando sozinho? Novamente, aquilo não vinha de uma suspeita maliciosa. Era apenas curiosidade e solidão.

Ela olhou para cima, para as telas de televisão, e percebi quando ela arregalou os olhos. Segui o olhar. Como a televisão estava no mudo, só pude observar o que parecia ser uma gravação de um drone sobrevoando uma rodovia.

Havia soldados colocando barreiras amarelo fluorescente pela estrada.

Li a manchete na parte de baixo da tela:

GLASGOW, MONTANA, COLOCADA SOB QUARENTENA MILITAR DEPOIS DE 95 MORTOS POR DOENÇA MISTERIOSA

— Você está acompanhando isso? — perguntou Miranda.

— Não, o que está acontecendo?

— Um tipo de vírus, parece.

Encarei a televisão, mas as legendas não estavam ativadas. Tudo que aparecia era o sobrevoo do drone. A tela mudou para uma imagem de soldados usando trajes de proteção biológica e respiradores andando no meio do que poderia ser a rua principal de qualquer cidadezinha.

Tirando a minha curiosidade sobre a reportagem, havia algo mais específico naquela manchete que me incomodava.

Conseguia sentir o meu subconsciente escavando para fazer a conexão, mas Miranda começou a falar outra vez, perguntando para onde eu iria a seguir.

Tentei ser educado e me envolver na conversa pelo restante da refeição. Coloquei a curiosidade em um canto distante da minha mente para voltar a ela depois.

Quando Miranda se retirou para usar o banheiro, paguei pela minha refeição e pela dela. Estava saindo da banqueta quando ela voltou para o bar.

— Já vai? — Havia um toque de tristeza na sua voz.

— Tenho uma viagem grande amanhã — falei. — Preciso acordar cedo.

Então ela me deu um abraço, e a tensão da necessidade intocada e do isolamento pareciam vibrar dos seus ossos. Se tivesse permitido isso, poderia ter sentido o mesmo graças à minha empatia por ela.

— Gostei muito de ter conhecido você, Robbie.

Desejei boa viagem a ela.

Depois voltei para a chuva forte e fria.

Mesmo na cidade, não havia sinal de celular.

Estava escuro e úmido demais para arriscar a subida da praia pela falésia até a minha casa alugada, então corri para o sul, pela estrada que saía da cidade.

Cada vez mais rápido.

Uma das maiores alegrias da minha transformação foi o meu físico aprimorado. Meu corpo funcionava como uma máquina perfeita. Não era como se tivesse voltado aos meus vinte anos. Eu estava bem melhor. Meu tornozelo imprestável, que nunca havia se recuperado por completo depois de uma torção feia, não me incomodava mais. Nem a artrite no meu joelho esquerdo. Eu podia beber seis drinques, dormir por algumas horas e acordar novo em folha. E nunca ficava doente. Havia sido corredor quando era mais jovem, até os incômodos e as dores do meu corpo de meia-idade enfim me relegarem a elípticos, máquinas de remo e academias com ar-condicionado. Mas eu não tinha mais problemas. Corria distâncias de maratonas simplesmente porque queria. Subia montanhas correndo. Nadava em lagos alpinos. Minha energia não tinha fim. Eu me sentia invencível.

Ao avistar as luzes do meu chalé à beira-mar, percebi o que naquela manchete zumbia como uma mosca no meu cérebro. No voo de volta para os Estados Unidos, quando deixei o laboratório da minha mãe na China uns vinte anos

atrás, li um artigo na revista do avião sobre Glasgow, Montana, que dizia que aquela era a cidade mais remota do país. Os parâmetros eram específicos. Qual é a cidade com mais de mil habitantes mais distante de uma metrópole com uma população de ao menos setenta e cinco mil pessoas? A metrópole mais próxima de Glasgow ficava a quatro horas e meia de distância.

Como a cidade mais remota dos Estados Unidos poderia ser o epicentro de um novo vírus?

Estava ensopado quando atravessei a porta do chalé.

Pendurei meu casaco impermeável e tirei minhas roupas úmidas. Não havia mais nada no forno além de brasas ardentes. Abri a porta de vidro e coloquei mais um pouco de lenha lá dentro.

Então liguei a televisão e parei no primeiro canal de notícias que encontrei.

Um novo jornal estava começando, e o âncora dizia:

— … monitorando a situação no nordeste de Montana, onde noventa e cinco pessoas morreram na semana passada de uma doença misteriosa. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças chegou há dois dias, e a Guarda Nacional foi chamada para impor uma ordem de quarentena e isolamento, feita pelo governador de Montana. A lei marcial foi acionada, todas as estradas entrando e saindo da cidade foram fechadas, e, três horas atrás, o wi-fi da cidade foi bloqueado.

Na tela, a imagem mudou para mostrar uma equipe de médicos usando trajes de pressão positiva carregando uma pessoa dentro de um saco para fora de uma casa.

— O CCPD vai fazer uma coletiva de imprensa a qualquer momento, e vamos nos juntar a eles assim que começar. Enquanto isso, convidamos o dr.…

Mudei para outro canal de notícias.

Um epidemiologista especulava que isso poderia ser uma cepa virulenta da gripe, mas era óbvio que ele estava enrolando e não tinha informações reais.

O outro canal de notícias que encontrei estava apenas recapitulando o que eu já ouvira.

Deixei a televisão ligada e fui até o meu laptop na mesa da cozinha. Fiz uma busca rápida por notícias de Glasgow. Li trinta matérias de fontes legítimas, mas não havia nada de novo.

As redes sociais eram uma latrina de teorias da conspiração e memes, mas eu

vi um vídeo específico ser compartilhado várias vezes.

Mutei a televisão e apertei o play.

Tinha um minuto e vinte e um segundos. Era muito pixelado, filmado de um celular.

Começava com uma garota adolescente segurando o aparelho e se inclinando para a câmera. Havia um som no fundo que parecia uma risada histérica. Não dava para saber com certeza por causa da baixa qualidade, mas ela parecia ter lágrimas nos olhos.

— *Não sei o que está acontecendo aqui .*

Ela se levantou e caminhou por um espaço borrado.

A risada foi ficando mais alta.

A garota caminhava na direção do som.

Quando enfim parou, vi que ela estava de pé em uma sala de jantar mal-iluminada de um casebre duplo.

Ela mudou para a câmera frontal do telefone, mostrando um homem raquítico sentado em uma poltrona reclinável. Ele tremia violentamente e, de poucos em poucos segundos, deixava escapar uma explosão de risada que só podia ser descrita como patológica.

— *Pai, o que está acontecendo?*

Ele não respondeu. Nem olhou para a filha.

— *O que está acontecendo com você, pai?*

O homem tentou ficar de pé, mas não conseguia se equilibrar.

Ele caiu, se esparramando pelo chão.

A imagem da câmera ficou borrada de novo quando a garota se mexeu, acelerando por um corredor apertado. Ela entrou em um quarto.

No canto da cama havia uma mulher sentada com um roupão meio aberto. Ela também tremia, mas não tão forte.

— *Mãe, deixa eu levar você para o hospital.*

— *Ohospitaltálotado.*

— *Eu levo vocês dois de carro para Billigs.*

— *SAIDAQUI!!! SAIDAQUI!!!*

A mãe atacou a filha.

Houve um corte, e então a garota estava de volta ao quarto dela, chorando.

— *Está assim em todos os lugares. Nossa cidade está caindo aos pedaços. Acho*

que estou ficando doente também. Senti dor no corpo todo nas últimas três noites. O telefone de emergência não funciona. Dirigi até o hospital, mas tinha uma fila na porta. Precisamos de ajuda. Não sei o que…

A risada maníaca começou de novo, bem atrás dela.

Ela virou o rosto na direção de uma silhueta de pé na soleira da porta do quarto.

O vídeo acabou.

Permaneci no silêncio do chalé, a chuva escorrendo pelas janelas.

Meu pulso estava aumentando. Cento e nove. Cento e dez. Cento e quinze.

O vídeo havia sido compartilhado quarenta mil vezes.

Li alguns dos comentários.

> Puta merda! É assim que começa o apocalipse zumbi?
> Mais alguém acha que esse cara deveria interpretar o Coringa?
> Garota, eles vão te comer. Sai daí!
> COLOCA OS DOIS NO CARRO E LEVA ELES PRO HOSPITAL AGORA.

Não havia nenhuma informação nova. Eu não conseguia nem confirmar se o vídeo era real.

Olhando para a televisão, vi que a coletiva de imprensa havia começado.

Voltei para a sala, sentei-me perto do forno e aumentei o volume.

O sargento Jackson Tolmach falava em um monte de microfones enquanto um Boeing C-17 de transporte militar taxiava por uma pista ao fundo. Ao lado dele estava o meu antigo chefe, Edwin Rogers.

— … barreiras de automóveis na interseção da rodovia 2 com a rodovia 24 na área a sudeste da cidade, na rodovia 2 a noroeste da cidade, na rodovia 246, na Aitken Road e na rodovia 42. As escolas, as empresas e os prédios governamentais estão fechados. O aeroporto de Glasgow e a estação de trem estão fechadas. Todos os trens da Northern Transcon serão desviados para não passar pela cidade. Não haverá serviço de hiperloop regional em Glasgow. A ordem de isolamento permanece em vigor sem exceções para atividades essenciais. Um carregamento de rações acabou de chegar da Guarda Nacional de Montana, que serão distribuídas para todas os residentes impactados de Glasgow. Se você precisa de atenção médica imediata, hospitais de campanha estão sendo montados no cruzamento da First Avenue North com a Fifth Street North. Agora passarei para o dr. Manpearl.

O comandante da Guarda Nacional deu um passo para o lado, e um homem

de terno com cabelo castanho e barba por fazer se aproximou do microfone.

O sujeito do exército era de fato um sujeito do exército, emanando uma frieza eficiente.

Mesmo através dos pixels, eu conseguia ver que Manpearl estava aterrorizado.

— Boa noite. Sou David Manpearl, diretor de comunicações do CCPD. Cinco dias atrás, recebemos as primeiras informações do Francis Mahon Deaconess Hospital sobre uma doença de origem desconhecida. Havia cinco casos, e os pacientes deram entrada no hospital algumas horas um depois do outro.

"*Os sintomas incluem mudanças de personalidade repentinas, perda de memória, comprometimento das habilidades cognitivas, insônia, falta de coordenação, tremores e surtos vocais. Os pacientes notaram os primeiros sintomas três semanas antes, todos passando por um declínio mental contínuo. No dia seguinte, onze pessoas foram ao hospital com sintomas semelhantes. No terceiro dia, o número subiu para trinta. O hospital local tem apenas vinte e cinco leitos, então isso logo se tornou uma crise médica.* "

Ele deu uma olhada em suas anotações, depois se voltou para a câmera.

— Até agora, temos duzentos e dezoito casos. O hospital foi transformado em um centro de triagem, e estamos acrescentando mais leitos e hospitais de campanha em coordenação com a Guarda Nacional e a FEMA. Estamos trazendo médicos e enfermeiros de todo o país. Até dez minutos atrás, cento e quatro pessoas haviam morrido.

Um repórter perguntou:

— Qual é a taxa de mortalidade?

— Bem, até agora é de cem por cento.

Outro repórter indagou:

— Qual é a causa da morte?

— Os pacientes entram em coma e passam por falência múltipla de órgãos, mas a pneumonia por aspiração é a maior causa de mortes.

Outra pessoa questionou:

— Vocês já encontraram o paciente zero ou descobriram com qual tipo de doença estão lidando?

— A resposta curta é não, mas estamos fazendo diversas autópsias.

Desliguei a televisão e fiquei sentado no silêncio do chalé, ouvindo a chuva grossa batendo nas janelas e o barulho incessante das ondas quebrando na praia.

Na minha mente, repassei cada frame do vídeo a que assisti, mas foquei em um momento em particular: "Acho que estou ficando doente também. Senti dor no corpo todo nas últimas três noites."

Dava para sentir uma teoria lutando para emergir da névoa de possibilidades. E dava para sentir a minha resistência de forma subconsciente. Não porque ela não tivesse mérito.

Era porque, se fosse verdadeira, significava que algo horrível tinha acontecido. Algo pior do que toda essa gente morrendo.

Fui até o quarto apertado, peguei a minha mala do armário e as minhas roupas das gavetas e comecei a arrumar tudo rapidamente.

Era tarde, e o tempo estava ruim, mas não podia desperdiçar nem mais um segundo.

Eu iria para Montana naquela noite.

Oito



Dois dias depois, eu estava acelerando por Montana debaixo do maior céu que já tinha visto, a quase mil e quinhentos quilômetros a oeste de Glasgow.

Era uma paisagem de delicada desolação. Na planície, eu observava, de tempos em tempos, celeiros ou escolas caindo aos pedaços a distância em um grande e absoluto mar de nada.

Cidades quase fantasmas cuja única infraestrutura eram uma agência de correio e um moinho de grãos.

As onipresentes usinas eólicas, com as suas lâminas brancas rodopiantes, eram as únicas evidências de que eu estava dirigindo pelo Ocidente do meio do século XXI.

Tirando isso, a paisagem parecia completamente à parte do tempo.

E as distâncias não eram apenas vastas. Pareciam galácticas.

Eu dirigia a minha Mercedes Sprinter 4x4 elétrica, que eu havia transformado em um leito improvisado e laboratório de biologia molecular básico. Houve épocas em que eu não conseguia encontrar uma casa para alugar e as paredes desse carro eram a minha casa. Eu abria a cama acoplada, desligava os motores e dormia com o uivo dos coiotes no deserto de Sonora ou balançando com os fortes ventos enquanto uma tempestade no Colorado atingia o mundo lá fora.

A oitenta quilômetros a oeste de Glasgow, liguei o rádio e procurei a estação pública local.

— *… fazendo testes em gado nas fazendas das redondezas e nas carnes de mercados de Glasgow. Até agora, não há indícios de que carne contaminada com encefalopatia espongiforme bovina, também conhecida como doença da vaca*

louca, seja responsável pelas cento e setenta e sete mortes em Glasgow na última semana.

Passei por duas sinalizações de tráfego posicionadas algumas centenas de metros uma da outra.

A HIGHWAY 2 A LESTE DE HINSDALE ESTÁ FECHADA PARA TODO O TRÁFEGO RUMO A LESTE

E:

CONTORNO AO NORTE NA HIGHWAY 5 OU AO SUL NA HIGHWAY 200

Continuei no caminho para o leste.

Hinsdale, Montana, população de duzentas e quarenta e duas pessoas, era uma cidade tão pequena que, se piscasse, poderia nem vê-la. O vilarejo repousava sob a sombra de uma turbina de vento de mil metros.

À medida que eu dirigia pela rua principal, avistei luzes piscando à distância.

Oitenta metros depois, seguindo na direção leste, havia um trio de viaturas elétricas fechando as duas pistas e o acostamento.

Quando me aproximei do bloqueio, um policial de calça cáqui, casaco abotoado verde-militar e chapéu de aba reta saiu do carro.

Parei o veículo a seis metros das viaturas.

Parecia um milagre, mas, durante o ano anterior da minha vida nômade, nunca tinha sido parado pela polícia. Eu me sentia confiante de que as automodificações que fizera no rosto passariam despercebidas em uma análise. E, embora a minha identificação nunca tivesse sido analisada por um agente da lei, ela havia me servido bem inúmeras outras vezes.

Nivelei o meu pulso para setenta bpm.

O policial fez um círculo no ar com o dedo, indicando para eu abaixar a janela.

Obedeci.

Ele usava um óculos de aviador que refletia minha imagem atrás do volante. Eu me perguntei se era uma armação de display ótico que podia transmitir informações relevantes sobre mim e o meu veículo na face interna das lentes ou

se era do tipo antigo.

Notei cortes no rosto e no pescoço do policial. Ele fizera a barba naquela manhã.

— Por favor, desligue o carro.

Desliguei o Sprinter.

Não gostava de não poder ver os olhos dele. Analisar o movimento dos olhos era de longe o melhor método de decodificar o estado emocional e as intenções de alguém.

— De onde está vindo? — perguntou ele.

Meu Sprinter tinha placas do Novo México.

— Novo México — respondi.

— Ok. Você viu as placas uns trinta quilômetros atrás?

— Vi, sim.

— Então sabe que tudo ao redor de Glasgow está fechado por causa do surto.

— Sou biólogo molecular do Laboratório Nacional de Los Alamos. Estou indo para Glasgow.

Ele retirou os óculos e me encarou com olhos azul-claros.

— Qual é o seu nome?

— Robbie Foster.

— Identidade.

Eu já estava com os documentos à mão.

O policial os pegou e voltou para a viatura sem dizer uma palavra.

O vento soprava forte da pradaria.

O Sprinter balançou.

Depois de cinco minutos, ele saiu do carro e veio na minha direção.

— Bem-vindo a Montana, sr. Foster. Trabalha para o CCPD?

— Sou mais um freelancer.

— Bem, estamos felizes de ter você aqui.

O nome na plaqueta do uniforme dizia D. TRAUTMANN. O D era de David.

Ele era um dos duzentos e trinta e sete policiais rodoviários de Montana e fazia parte do Distrito V, com sede na cidade de Glendive. O Distrito V cobria dezesseis condados, incluindo Valley, onde eu estava naquele momento. David tinha vinte e quatro anos e se formara na academia fazia um ano.

Muito inexperiente.

Ele respondia ao sargento Betsy Lane, que respondia ao capitão Sam Houghton, que respondia ao major Tommy Meadows, que respondia à coronel Jenna Swicegood. Naquela manhã, eu passara duas horas me atualizando sobre a cadeia de comando da polícia rodoviária de Montana e como ela estava interagindo com o CCPD e a Guarda Nacional de Montana em relação a Glasgow.

Profissionais de saúde foram os responsáveis por estabelecer a divisão mais externa de posto de controle a quarenta quilômetros do epicentro.

Duas horas antes, eu havia telefonado para a coronel Swicegood por um número forjado de Atlanta, imitando Ron Auerbach, diretor de ações estratégicas intergovernamentais do CCPD. Eu tinha dado a ela uma lista de três cientistas que estavam a caminho de Glasgow na rodovia 2, incluindo os números das placas, a descrição dos veículos e o tempo que demorariam para chegar no posto de controle de Hinsdale.

— O que tem no carro? — perguntou o policial.

Ele não estava suspeitando de nada nem sendo intrometido. Detectei uma curiosidade genuína.

Saí do carro. Mesmo a oitenta metros de distância, o som das enormes lâminas brancas das turbinas de vento que cortavam o ar era audível, enchendo os arredores de uma vibração monótona e distante.

Abri a porta de correr, e a primeira coisa que vimos foi um traje de proteção biológica branco pendurado no teto.

Havia um congelador que chegava a –20°C.

Uma minicentrífuga.

Um microscópico fluorescente com uma câmera de vídeo.

E uma máquina cinza da forma e do tamanho de um micro-ondas.

— É um sequenciador automatizado e digital de DNA com tecnologia nanoporos — expliquei. — Visto o traje, vou até a zona de surto e coleto DNA de pessoas infectadas. Amostras de células da pele, muco, sangue. Então coloco as amostras na máquina para analisar o DNA e detectar quais doenças a pessoa pode ter. Se conseguirmos descobrir a sequência ou o que foi modificado geneticamente, temos uma chance de entender com qual tipo de doença estamos lidando.

— Ouvi dizer que tinha alguma coisa a ver com carne estragada — comentou

ele.

Havia algo na voz… mais do que apenas interesse mórbido.

— Ainda não sabemos. Você mora por aqui?

— Malta.

— Você conhece alguém que está doente.

Eu estava fazendo uma afirmação, não uma pergunta, e isso o pegou de surpresa.

— Meu cunhado. Ele e a minha irmã moram em Glasgow.

— Sinto muito.

— Faz dois dias que não consigo falar com ela.

— Quais são os nomes deles?

— Tiffany e Chris Jarvis.

— E o endereço?

Ele escreveu para mim no verso de um cartão de visitas, que guardei no bolso.

— Vou tentar dar uma olhada neles. Nós vamos descobrir por que isso está acontecendo.

Percebi que a minha proposta o deixou emocionado, mas tudo que o policial falou foi:

— Eu agradeceria muito se fizesse isso. Se o senhor encontrá-la…

Eu o observei tentando suprimir as emoções.

— Vou passar a mensagem.

• • •

A estrada entre Hinsdale e Glasgow estava apocalipticamente vazia. Eu sabia que o bloqueio pelo qual havia acabado de passar não seria o último nem o mais seguro. Mas não tinha intenção alguma de contar com a sorte em outro posto de controle. O próximo que eu encontraria seria comandado por militares, e não por policiais rodoviários a trinta quilômetros de distância que não sabiam de quase nada.

Faltando cinco quilômetros para Glasgow, guiei a van para fora da estrada e estacionei perto das únicas árvores que tinha visto o dia inteiro, escondendo o veículo da melhor forma que pude. Eram abetos que cresciam às margens do rio Milk, um afluente de mil cento e setenta e três quilômetros do Missouri, que fluía

a oitenta metros de Glasgow.

• • •

Minha lista de coisas para levar incluía o traje de proteção, o Garmin, binóculos, uma pistola H&K VP9, armadura de proteção, NightShades (óculos de visão noturna de tecnologia de ponta que lembravam antigos óculos de sol Oakley), um laptop e um estojo contendo seringas e tubos BD Vacutainer EDTA para coleta e armazenamento de sangue.

Completamente cheio, o bote não chamava tanta atenção. Eu o comprara no dia anterior por noventa dólares na seção de artigos esportivos em um Walmart na cidade de Spokane.

Coloquei as minhas coisas no bote e esperei escurecer.

Helicópteros, drones e aviões passavam com frequência, em altitudes baixas, se aproximando de Glasgow. Mas nenhum veículo passou pela estrada.

Eu me recostei no tronco de um abeto, observando o sol descer no horizonte.

No escuro, o frio se estabeleceu.

Vi a primeira estrela aparecer.

Às oito da noite, arrastei o bote pela margem do rio, subi nele e usei um dos remos para entrar na correnteza.

A água estava extremamente fria.

Pedaços de gelo flutuavam, cercando o bote.

A lua era apenas um ponto brilhante no céu. Mesmo que a minha visão noturna inerente fosse boa, o NightShades tornava tudo visível.

O único som era o mergulho do meu remo na água escura e gelada.

Era um rio perfeito para aquilo — ele seguia devagar para lugar nenhum. Largo e sem um banco de areia sequer.

A lenta correnteza não seguia para dentro da cidade, mas dava inúmeras voltas em curso serpenteante e sinuoso por áreas de fazenda.

Conseguia ver as luzes distantes das casas nas fazendas, brilhando como sóis verdes, e o brilho forte e coletivo das lâmpadas de Glasgow.

Eu estava há horas na água.

Toda vez que o bote fazia uma curva no rio, as luzes da cidade ficavam um pouco mais claras, um pouco mais próximas.

Eu observava tudo com cuidado, analisando cada metro da margem com cautela. Embora eu duvidasse que houvesse um posto de controle no rio, não dava para ter certeza. Eu achava que, mesmo que a Guarda Nacional e o CCPD não quisessem ninguém entrando na cidade, o foco principal seria impedir a saída da população de Glasgow.

Às 22h45, meu Garmin apitou.

Havia passado boa parte da noite anterior estudando imagens de satélite do Google Earth de Glasgow e dos terrenos em volta, e, antes de entrar na água, havia estabelecido um pin no GPS como o ponto do meu desembarque.

Remei até a margem, pulei para fora do bote e arrastei-o até o chão.

A fronteira da cidade ficava a apenas alguns milhares de metros a leste, no outro lado de um descampado.

Peguei os meus binóculos e analisei o lugar.

Escondido pelas sombras, avistei um posto de controle militar na rodovia 246, a aproximadamente algumas centenas de metros a oeste da cidade. Havia barreiras de concreto e arame farpado atravessando a pista, e meia dúzia de soldados com trajes de biossegurança rodeavam dois Humvees.

No tanque de um dos veículos, vi um soldado usando NightShades e fazendo varreduras lentas e firmes das áreas adjacentes, incluindo a que eu teria que cruzar para chegar à cidade. Se eu desse uma volta maior pelo descampado e me mantivesse próximo ao chão, tinha quase certeza de que poderia me manter encoberto pela inclinação.

Escondi o bote entre as árvores, coloquei a minha mochila nos ombros e comecei a rastejar lentamente pelo longo caminho até Glasgow.

• • •

Era meia-noite quando cheguei aos limites da cidade.

Tirei a mochila e peguei o traje de proteção biológica, menos preocupado em contrair alguma doença e mais interessado na cobertura que ele talvez me desse. Quanta atenção um sujeito vestindo um traje de proteção biológica chamaria andando por uma área de epidemia?

Coloquei a armadura magnética e passei vários minutos vergonhosos tentando entrar, no escuro, no meu traje Tyvek. Então peguei o respirador,

posicionei a H&K em um coldre improvisado que tinha feito no traje e coloquei a mochila de volta nos ombros.

Eu me movimentava com cuidado através das árvores que separavam o descampado de Glasgow. O prédio mais próximo era uma oficina mecânica no limite da cidade, cercada pelas carrocerias que enferrujavam no mato.

Eu me abaixei e parei para observar por um instante.

Casas modestas brilhavam à distância.

De acordo com o protocolo da Guarda Nacional de Montana, o toque de recolher obrigatório colocaria um soldado em cada bloco da cidade do poente à aurora. De vez em quando, Humvees ou tanques Bradleys fariam patrulhas móveis.

Um homem da Guarda Nacional com uma máscara tática e uma metralhadora surgiu, andando na direção oposta a mim pelo meio de uma rua que em outras circunstâncias estaria vazia. Depois de catorze segundos, outro soldado atravessou o cruzamento mais próximo em uma trajetória perpendicular, e cinco segundos depois — e dois quarteirões acima — um terceiro soldado apareceu, caminhando brevemente na minha direção e depois virando à direita.

Calculei as respectivas velocidades em quilômetros por hora, e elas variavam ligeiramente, então fiz uma equação mental rápida, vetorizando a mim mesmo no rastro deles e encontrando a minha janela de invisibilidade.

Quando a hora certa chegou, deixei a proteção das árvores, me movendo rapidamente pela calçada e não gostando muito da visão restritiva da minha máscara de proteção facial e da diminuição geral do input sensorial causada pelo meu traje.

Ouvi algumas coisas.

Um cachorro latindo.

Um homem soluçando enquanto implorava para uma mulher chamada Jane acordar.

Uma voz ampliada por um megafone a cinco ou seis quarteirões de distância, gritando instruções para uma multidão.

O que pareciam tiros no outro lado da cidade.

E em mais de uma casa aquela risada maníaca que ouvira no vídeo que viralizou.

Tecidos — panos de prato, toalhas, camisetas velhas — estavam pendurados em todas as portas por que passei. Havia três cores: verde, vermelho e preto.

De acordo com a KLTZ, a rádio AM de Glasgow, o CCPD e a Guarda Nacional ordenaram que todas as casas mantivessem um código na porta da frente para identificar a condição dos ocupantes.

Verde = sem doença.

Vermelho = alguém demonstrava sintomas.

Preto = havia alguém morto na casa.

Avançar pela Ninth Street S. era algo devastador — nove entre dez casas tinham um pedaço de pano preto pendurado na maçaneta.

Quando via novos soldados em patrulha, adicionava as variáveis à minha equação.

As primeiras casas das quais me aproximei eram impossíveis. Tinham cães latindo, luzes acesas na parte de dentro ou estavam trancadas. Eu não queria acionar nenhum alarme. Precisava de uma casa escura, sem cachorros e com a porta destrancada.

Ao norte, vi de relance o epicentro da atividade.

Tendas brancas reluzindo sob holofotes.

Filas de pessoas aguardando tratamento.

Drones sobrevoando tudo.

Parei por um instante, tentando assimilar aquilo.

Dava quase para sentir o medo no ar, como se fosse uma coisa viva. Senti pena daquelas pessoas. Deviam estar completamente apavoradas, se perguntando que reviravolta psicótica do destino tinha trazido essa doença até elas. E, ao contrário de mim, não tinham como ignorar o medo.

Eu precisava encontrar uma casa.

Pegar a minha amostra.

Voltar para a van.

Bem na hora, no reflexo do para-brisa de um carro do outro lado da rua, detectei movimento — um soldado com camuflagem noturna dando a volta no quarteirão.

Mesmo a quarenta metros de distância, percebi que a trajetória dele me colocaria no seu campo de visão em menos de dois segundos.

Eu me abaixei na frente de um carro, me jogando no meio-fio.

Esperei até o soldado passar.

No quarteirão seguinte, vi um endereço familiar. Caminhei até a varanda coberta. O tecido preto pregado na porta era um pedaço de uma camiseta da turnê de despedida da Beyoncé.

Bati na porta.

A lâmpada da varanda brilhava acima de mim, mas as luzes de dentro da casa não estavam acesas. Ergui a mão e retirei a lâmpada.

Então pressionei o ouvido na porta.

Nenhum passo.

Nenhuma voz.

Abaixei a mão e tentei a maçaneta.

Não estava trancada, então continuei girando, abrindo a porta com facilidade.

A casa estava escura.

Silenciosa.

Dei um passo para dentro e fechei a porta.

O fedor de morte me atingiu mesmo pelo respirador.

Caminhei por uma sala de estar pequena.

Atravessando uma passagem em arco, entrei na cozinha.

Acendi um interruptor na parede.

Luzes em trilhos iluminaram balcões cobertos de louças com cheiro podre.

— Oi? — chamei.

O vazio engoliu a minha voz e não deu resposta.

Subi a escada acarpetada até o segundo andar, chegando a um corredor que dava acesso a várias portas.

Todas fechadas.

Abri a do meio — um banheiro com portas nas laterais, provavelmente ligando-o aos quartos adjacentes.

A porta à direita dava para um escritório.

Liguei a luz.

Havia uma escrivaninha coberta de fotografias e várias ferramentas de corte.

Na parede acima da escrivaninha, havia uma foto emoldurada de várias gerações de uma família na frente de uma árvore de Natal. Tempos que, com certeza, foram melhores.

Passei pelo banheiro e abri a porta que dava para o segundo quarto do andar

de cima.

Meus olhos começaram a lacrimejar.

Ouvi — abafado pelo meu capuz — um som baixíssimo de algo raspando.

Larguei tudo, peguei a pistola e quase atirei em uma mulher usando uma camisola de seda no canto mais distante e escuro do cômodo.

Ela só olhou para mim, sentada e imóvel com os braços em volta dos joelhos, o cabelo caindo no rosto.

— O que você está fazendo na minha casa? — O tom monótono indicava que ela estava em choque, e sua voz estava rouca.

— Vi a camiseta preta na porta — falei. — Bati, mas ninguém atendeu.

A mulher não tinha se mexido. Estava quase invisível no escuro.

Baixei a arma e dei alguns passos na direção dela.

— Posso fazer alguma coisa por você? — perguntei.

Achei ter visto a cabeça dela balançar.

Fui até a parede e acendi o interruptor.

Uma lâmpada na mesa de cabeceira brilhou, iluminando um homem inchado deitado sobre a cama queen-size. Os olhos dele estavam abertos. A pele tinha um brilho pálido, como se fosse cera. Estava na casa dos quarenta ou quarenta e cinco anos, usava uma camiseta e calças de pijama, e havia dezenas de fotografias emolduradas ao seu redor, como um memorial improvisado.

As fotos eram do homem morto e da mulher sentada no canto.

Na London Eye.

Na Chichén Itzá, em Iucatã.

Aos pés da Space Needle de Seattle.

Em um show.

Em snowmobiles.

— Quando ele faleceu? — perguntei.

— Três dias atrás. Tentei ligar para a mãe dele, mas vocês desligaram o wi-fi. Bloquearam todo sinal de celular com exceção do número de emergência.

— Ele estava agindo de forma estranha antes de morrer?

— Sim.

— Ficou sentado na cama? Tremendo?

Ela assentiu.

— Risada compulsiva?

— Foi ficando cada vez pior. Ele não queria comer nem beber nada. Não ia ao banheiro. Se recusou a ir comigo até o hospital. Quando enfim pedi ajuda, já estava o caos na cidade.

— Ninguém veio ajudar você?

Ela negou com a cabeça.

— No fim, ele nem me reconhecia mais. — As lágrimas rolaram pelo seu rosto. — Perdi o meu pai para a demência cinco anos atrás. Foi como passar por toda a doença de novo em dez dias. Da última vez que tentei fazer ele beber água, ele me bateu. Quebrou a minha mandíbula. — Eu me aproximei e vi a lateral do rosto da mulher. Estava escuro e inchado. — Aí ele parou de responder. Ficava encarando o nada por horas. Depois que ele entrou em uma espécie de coma, eu me deitei ao seu lado na cama, com a mão no peito dele, sentindo subir e descer. Eu dormi, e, quando acordei, ele não estava mais se mexendo.

— Você se importa se eu passar um cotonete no interior da boca dele?

— Por quê?

— O material genético vai nos ajudar a compreender a doença que o matou.

— Ele está morto. O material não está inutilizável?

— Talvez. Vamos torcer para que não.

— Acho que não importa mais.

Coloquei a mochila no banco aos pés da cama. Peguei um kit de coleta de amostras: um frasco de plástico e um cotonete de quinze centímetros.

A boca do homem morto estava fechada, e eu torci para que o rigor mortis já tivesse passado. Caso contrário, teria que cortar um pedaço da pele de um dedo.

Felizmente, consegui abrir a boca dele com o mínimo de esforço. Passei o cotonete entre os seus dentes e pelo interior da bochecha, então enfiei o cotonete no tubo de plástico.

— Eu vou morrer também? — perguntou a mulher.

A voz dela estava tão baixa.

Transbordando de medo.

Fui até ela.

— Você está tendo sintomas semelhantes aos do seu marido?

Ela balançou a cabeça.

— Mas não estou me sentindo bem.

— Como assim?

— Toda noite sinto muita dor no corpo. Parece que os meus ossos estão se desfazendo dentro de mim.

— O que mais? — perguntei.

As lágrimas surgiram nos olhos dela de novo.

— Minhas memórias mudaram.

— Como?

— É como… se eu me lembrasse de todos os momentos com Chris. Vejo eles com uma nitidez perfeita agora. Mais nítidos do que nunca. Mais nítidos do que qualquer lembrança que já tive na vida. Nós nos conhecemos treze anos atrás em um bar em Bozeman. Consigo dizer a você cada palavra que ele falou. Cada coisa que senti. Não sei desenhar, mas, se soubesse, poderia mostrar como Chris estava naquela noite, até a barba por fazer no queixo. Uma mecha do cabelo arrepiada. Poderia descrever a você o cheiro dele. Como ele transmitia a sensação de lar. Como eu soube naquela noite que passaria o restante da vida com ele.

Ela me encarou com olhos suplicantes.

— Nunca achei que fosse acabar dessa maneira.

Queria ajudá-la, amenizar sua dor.

Mas eu estava zumbindo com uma mistura de animação e horror.

Animação por descobrir essa mulher que demonstrava os mesmos sintomas iniciais do upgrade — embora com uma evolução mais rápida — que eu havia experimentado após as bombas de gelo detonarem naquele porão de Denver.

Horror por causa do que aquilo significava.

A adolescente no vídeo viral havia mencionado dores no corpo, e, mesmo que aquilo tivesse impulsionado as minhas suspeitas e me forçado a vir até ali, aquela era a confirmação que eu estava procurando. Ou o mais próximo disso que eu teria antes de passar o DNA deles pelo meu sequenciador, pelo menos.

Eu me ajoelhei na frente dela.

— Você se importaria se eu pegasse uma amostra da sua boca?

— Por quê?

— Só quero entender o que está acontecendo.

Ela assentiu.

Peguei outro cotonete e tirei um pouco de muco da bochecha direita dela.

— O que você vai fazer com isso? — perguntou a mulher.

Fui até a cama e peguei a caneta preta do meu kit de amostras, identificando o

tubo plástico da mulher como "ela/sem doença".

— Vou analisar o seu DNA e o do seu marido. Tentar entender por que ele ficou doente e você, melhor.

— Melhor? — indagou ela. — Não me sinto melhor.

— Sim. Mas vai sobreviver. — Coloquei a mochila nos ombros e falei: — Por favor, considere ir ao hospital de campanha para dar uma olhada na sua mandíbula.

Abri a porta, fui até o corredor e olhei para o quarto mais uma vez.

— Encontrei o seu irmão no posto de controle de Hinsdale hoje. David. Ele está preocupado. Quer conversar com você, mas não deixam nem policiais rodoviários entrarem na cidade. Ele me pediu para dizer que te ama.

Ela começou a chorar.

— Sinto muito pela sua perda, Tiffany.

Fechei a porta e desci a escada, já mapeando a minha rota para fora da cidade, de volta ao carro.

No vestíbulo, algo me atingiu com a força de um caminhão.

Meu corpo formou uma cavidade na parede.

Minha arma caiu no chão.

Meu queixo foi atingido por um cotovelo — estrelas e escuridão.

Eu nem sabia contra o que estava lutando, não sabia como tinha sido pego completamente de…

A pessoa me atacando tinha sofrido um upgrade como eu.

Outro golpe, dessa vez no meu estômago. Eu me curvei, sem ar.

De repente, estava a dois metros de altura, erguido como se não pesasse nada.

Então fui jogado, atravessando o ar por 0,85 segundo.

Atingi o chão de madeira na entrada da cozinha.

Eu ouvia os meus próprios gemidos. Consegui ignorar a maior parte da dor e, erguendo a cabeça, vi um homem aos pés da escada pegando a minha H&K do chão.

Ele não usava um respirador, ou seja, sabia que a doença não era uma contaminação do jeito que conhecíamos.

Ouvi passos no andar superior.

Ele também os ouviu, olhou para cima, ergueu a pistola, esperou e atirou.

Tiffany caiu pelas escadas e parou aos pés do homem. Ele tirou o pente da

pistola, ejetou a bala na câmara e desmontou a arma enquanto caminhava descalço na minha direção, as partes da pistola fazendo barulho ao caírem no chão.

O homem tinha aproximadamente trinta e cinco anos. Sem barba. Queixo quadrado. Cabelo na altura dos ombros. Usava calça jeans e uma camisa polo apertada que mal conseguia cobrir seus braços enormes. Era alguns centímetros mais baixo do que eu, de peito e ombros largos e cintura fina. O corpo intimidador de um lutador.

Com certeza ele tinha passado pelo upgrade, mas ainda não havia dominado o controle das suas microexpressões. Era como se estivesse gritando o quanto adorava praticar violência e causar dor. O pior tipo de pessoa com um upgrade que se poderia encontrar.

Até onde pude ver, ele não carregava arma nenhuma.

Permaneci no chão, deixando ele se aproximar.

Meus pensamentos disparavam na velocidade da luz.

Como ele me encontrou aqui?

Simples.

Estava me esperando.

Ele fizera o mesmo reconhecimento por Google Earth que eu, determinou que o rio Milk era a melhor forma de entrar na cidade; o descampado pelo qual me arrastei, a abordagem mais segura.

E tinha esperado eu aparecer.

Eu estraguei tudo.

Estivera tão concentrado em encontrar a melhor forma de invadir uma cidade em quarentena que falhara em cogitar que alguém da mesma inteligência que eu teria identificado a mesma rota.

Eu deveria ter escolhido a segunda ou terceira melhor opção. Ou ao menos deveria estar minimamente preparado para esse possível resultado.

Mas isso não importava naquele momento.

Quando ele chegou a 1,2 metro de distância, me joguei em cima dele.

O homem simplesmente desviou.

Caí no chão e então me esforcei para ficar de pé, arrancando o meu respirador para ter uma visão melhor e deixando a minha mochila cair dos meus ombros.

Ele olhou para mim, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Oi, Logan.

Senti a minha mente fazendo uma busca, tentando combinar aquela voz a todos os seres humanos que já encontrei.

Como se lesse os meus pensamentos, ele falou:

— Nunca nos vimos antes.

— Há quanto tempo está esperando por mim? — perguntei.

— Três noites.

— Onde?

— Em um carro abandonado no ferro-velho.

Eu passara bem na frente dele.

— Minha irmã está aqui?

Ele apenas riu enquanto eu tentava descobrir se ele tinha vindo ali para me matar ou me capturar.

— Pegou as suas amostras? — perguntou ele.

Nós nos encaramos na sala.

Cronometrei o movimento do ombro esquerdo dele vindo para a frente, o direito retorcendo para trás. Desviei do soco cruzado direito que teria me feito cair no chão. Dei um gancho esquerdo no rosto do homem enquanto ele perdia o equilíbrio, então acertei a ponte do nariz dele com o cotovelo.

O homem cambaleou para trás, o sangue escorrendo do seu rosto.

Trocamos socos, alguns errando o alvo, outros, acertando. Até os meus golpes mais fortes pareciam insuficientes — era como lutar com um carvalho.

Depois de acertá-lo na têmpora direita, ele balançou a cabeça e atacou, abrindo os braços musculosos. Minha mente gritava: *Não deixe ele te derrubar.*

Estávamos no corredor que levava à sala de estar, e, quando ele atacou minhas pernas, pulei para cima, apoiando os meus pés nas paredes, e depois caí bem em cima dele, meu joelho acertando sua nuca com um baque alto.

Enquanto ele estava tonto, de cara no chão do vestíbulo, agarrei seu cabelo comprido com a mão direita e bati a cara dele no chão.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Quatro.

Ele começou a ficar de pé, por mais impossível que parecesse, mas agarrei suas

costas e me pendurei nele, apertando seu pescoço com meu braço direito e fazendo o máximo de força, na tentativa de um estrangulamento que apertaria a artéria do seu cérebro e me daria alguns segundos preciosos para entender…

Ele me jogou na parede, a força me fazendo ficar sem ar, então deu meia-volta e me lançou na outra parede do vestíbulo, tão forte que o impacto formou rachaduras no gesso.

Minhas costelas estavam agonizando.

Ele me bateu contra a parede.

De novo.

E de novo.

E de novo.

Até que eu não conseguisse mais segurá-lo.

Até que não conseguisse respirar.

Afrouxei o braço.

Desabei no chão, e, enquanto arfava, o homem deu diversos socos no meu rosto…

• • •

Quando recuperei a consciência, estava deitado no chão da cozinha. O homem, à mesa de jantar, pegava uma seringa de uma pequena bolsa preta.

Tudo doía.

Eu me sentia destruído, a dor indo além do que eu era capaz de ignorar.

Eu o observei dando petelecos na seringa, e, quando ele se virou para mim, fechei os olhos.

O chão rangeu quando ele se aproximou e se ajoelhou ao meu lado. Senti a mão quente dele no meu ombro e sabia que a agulha estava chegando.

Abri os olhos, abri a mão direita e a enfiei direto na garganta macia dele.

Foi um golpe perfeito.

Ele fez um som de engasgo terrível e deixou cair a agulha, segurando o próprio pescoço.

Seu rosto ficou vermelho.

O pânico encheu seus olhos.

Rolei e fiquei de pé, encarando-o enquanto ele tentava respirar. Ele parecia

estar conseguindo um pouco de ar, mas longe de ser suficiente. Pelas minhas contas, ele ainda tinha dois minutos profundamente desagradáveis de consciência. De quatro a doze minutos antes da morte cerebral.

— Eu destruí a sua traqueia — falei, gemendo com a minha própria dor. — Posso deixar você morrer por asfixia ou salvar você.

Ele assentiu violentamente, o rosto ficando roxo.

— Tem uma faca na bolsa?

Ele assentiu de novo, lutando para respirar.

Quinze segundos.

A bolsa preta do homem estava aberta no balcão. Dentro dela, havia uma Kimber Micro 9mm, algemas, frascos, seringas e uma faca Viper-Tec Blue Phantom.

Corri de volta até ele, que estava apoiado em um armário de cozinha, sufocando até morrer.

— Deite-se de costas — falei. — Tire as mãos do pescoço.

Quarenta e um segundos.

Era muito estranho tentar matar esse sujeito e então salvá-lo após poucos instantes, mas ele tinha informações.

Fiquei em cima dele.

— Pisque errado e retalho você.

Ele assentiu freneticamente.

Seu rosto estava muito machucado, e eu conseguia ver exatamente onde o meu golpe tinha acertado no pescoço. Eu havia destruído a parte de cima da laringe. Corri o dedo pela garganta dele até encontrar outra protuberância — a cartilagem cricoide. O recuo entre isso e o pomo de adão era onde eu faria a minha incisão.

Abri a Blue Phantom, e o homem arregalou os olhos.

A lâmina era bastante afiada.

Eu o cortei, e ele choramingou conforme o sangue escorria do novo ferimento. Com cuidado, empurrei a lâmina pela membrana até ela perfurar a via respiratória.

O rosto dele estava ficando azul.

Setenta e oito segundos.

Soube que tinha atingido a via respiratória porque um pouco de sangue foi

sugado para dentro da ferida. Aumentei a incisão para um centímetro.

Fosse pela dor ou por privação de oxigênio, o homem ficou inconsciente.

Retirando a lâmina, fiquei de pé e comecei a abrir as gavetas da cozinha, procurando um canudo ou…

Peguei uma caneta Bic com marcas de mordida na ponta, rapidamente separando a parte de fora e a carga.

O corte que fiz no pescoço do homem estava feio — irregular e sangrando sem parar, mas, com algum esforço, consegui enfiar cinco centímetros do envólucro oco da caneta pelo pescoço dele.

Ele não estava se movendo.

Coloquei os lábios na caneta, assoprei duas vezes na via respiratória e esperei.

Nada aconteceu.

Comecei a fazer massagem cardíaca — cem contrações peitorais por minuto.

Então, mais duas assopradas na caneta.

Repeti.

Quatro minutos, doze segundos.

Estava prestes a recomeçar o ciclo de massagem respiratória quando a caneta estremeceu no buraco da garganta e ouvi um som gorgolejante.

O homem abriu os olhos. Ele respirou profunda e desesperadamente pela caneta e me encarou com uma intensidade impotente. A cor do seu rosto estava voltando ao normal.

Ele abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra foi emitida.

Observei o pânico retornar e, por uma fração de segundo, quase senti pena dele.

— Sua vida está nas minhas mãos — falei.

Ele assentiu. Ele sabia.

Encostei na caneta.

— Isso é tudo que está mantendo você vivo.

Corri até a sala, tirei o laptop da mochila e voltei para a cozinha.

Sentei-me ao lado do homem de garganta destruída e abri um documento em branco.

Não tinha muito tempo. Alguém devia ter ouvido o tiro que matou Tiffany.

— Qual é o seu nome? — perguntei, entregando o laptop para ele.

Ele digitou: Andrew

— Minha irmã está em Glasgow?

Ele negou com a cabeça.

— Como você se envolveu com Kara?

Estávamos em Mianmar juntos. Eu era da equipe que a resgatou. Ela me procurou ano passado para fazer parte do projeto dela

— Por que o upgrade está matando pessoas?

Não sei

Provavelmente era verdade.

— O que você veio fazer comigo?

Tirar você daqui

— Para me levar até Kara?

Sim

— Onde ela está?

Não sei

Eu me inclinei e puxei a caneta.

Arquejos.

Desespero.

Ele agarrou o pescoço, e aquele roxo faminto por oxigênio voltou a colorir o seu rosto.

— Acha que não aguento ver você sufocando aos poucos?

Andrew digitou freneticamente: Colorado

— Onde no Colorado?

Perto de Silverton. Por favor

— Me dê um endereço, então deixo você respirar de novo.

Eolus Way 58

Enfiei a caneta de volta no buraco da garganta dele, e, enquanto ele puxava o ar, eu o observei, tentando deduzir se estava mentindo. No entanto, o trauma da traqueostomia estava apagando qualquer expressão, isso sem falar em microexpressões legíveis.

Ouvi passos na varanda. Agarrei o laptop, fiquei de pé e atravessei a sala correndo, enfiando-o na mochila enquanto alguém batia na porta.

Peguei a bolsa de Andrew da mesa de jantar e passei por ele, destrancando a porta dos fundos no momento em que a da frente se abria.

Soldados entraram na casa.

Disparei pelo quintal, deixando uma churrasqueira velha e um barracão para trás, depois saltei por uma cerca oscilante de noventa centímetros e caí em um

beco.

Enfim respirei fundo, e uma dor se espalhou por todo o meu torso. Minhas costelas foram golpeadas durante a luta, e a dor no peito estava aumentando, mas eu não podia parar.

Continuei correndo.

Por quintais.

Atravessando uma rua vazia.

Por fim, saí de um quintal e não havia nada além de escuridão adiante. Tinha chegado ao descampado pelo qual me arrastei mais cedo. Corri o mais rápido possível, então me agachei em uma vala de irrigação e coloquei o NightShades, que milagrosamente havia sobrevivido — um pouco retorcido, mas ainda intacto.

Dei uma olhada acima da vala. As luzes de Glasgow brilhavam, verdes. Três pessoas saíram de trás das árvores que cercavam a cidade.

Soldados da Guarda Nacional.

A apenas quinze metros de distância, eu conseguia ver os rifles e respiradores. Não estavam usando óculos de visão noturna. Observei um deles caminhar um pouco pelo descampado, um homem baixo e parrudo. Ele deveria ter algum tipo de mira noturna no rifle, porque ficou parado, analisando metodicamente o campo.

Eu me virei, sem fazer barulho, para o fundo da vala e esperei.

Ele se aproximou.

Ouvi a terra sendo amassada pelos coturnos dele.

O soldado parou a alguns metros de distância.

Escutei a sua respiração.

Vi o cano da arma.

Um dos outros soldados gritou:

— Alguma coisa?

Ele hesitou por um instante, ainda fazendo a varredura da paisagem.

— Não — respondeu, começando a voltar na direção dos colegas. — Quem quer que fosse, deve ter voltado para a cidade. Avise aos outros.

Subi pela lateral da vala e observei enquanto eles desapareciam entre as árvores.

Fiquei ali por um momento, meu coração martelando na terra fria, cada

respiração uma explosão de agonia.

Antes do meu upgrade, esse nível de dor teria me matado. Mesmo depois, chegava perto.

Precisei reunir todas as minhas forças. Ignorei a dor e comecei a me arrastar longa e demoradamente pelo campo, pensando nos residentes de Glasgow.

Naqueles que tinham morrido.

Naqueles que foram abandonados — aterrorizados, confusos, devastados.

Eles não sabiam — não tinham como saber — que, no seu luto, estavam vivendo um dos momentos mais importantes da história do nosso planeta.

Toda grande guerra tem a sua primeira batalha.

A invasão nazista à Polônia, que desencadeou a Segunda Guerra Mundial.

O forte Sumter, na Guerra Civil dos Estados Unidos.

Lexington e Concord, na Guerra de Independência.

Os enxames de drones que acertaram Taiwan quando a China invadiu.

A Batalha de Glasgow não era uma guerra de armas. Era uma guerra de genes e mutação. Uma guerra de seleção natural.

O primeiro ataque já tinha acontecido, mas ninguém sabia disso ainda: a violência furiosa a nível celular em cada cidadão de Glasgow que a minha irmã conseguiu infectar.

O que estava em jogo era maior do que ideologia, território ou mesmo religião.

O que estava em jogo era o futuro da nossa espécie.

Para onde iríamos.

O que nos tornaríamos.

Kara tinha dado início à Guerra Genética.

Nove



Cheguei ao meu Sprinter quando o sol estava nascendo na pradaria. Era uma luz suave, exceto no ponto mais a leste do horizonte, que estava vermelho nas beiradas, como se a própria noite tivesse tido uma noite difícil.

Aproximei-me da van com cuidado, alerta à possibilidade de alguém estar esperando por mim.

A Guarda Nacional.

Ou o pessoal da minha irmã. Eles tinham previsto com sucesso como eu entraria em Glasgow. Talvez estivessem esperando perto da minha van.

Mas o carro estava intocado, e as únicas pegadas que vi nas imediações eram as minhas.

Entrei, gemendo enquanto removia o meu traje de segurança. Depois retirei a camiseta, que estava ensopada de suor.

Não sabia quantas, mas tinha certeza de que várias das minhas costelas estavam feridas por causa da luta.

As baterias solares estavam com a carga completa, e eu já as havia conectado ao microdispositivo de preparação de DNA e ao sequenciador com tecnologia nanoporos. Carregando as amostras de Tiffany e Chris, além de uma minha e o DNA de um humano sem o upgrade como controle, a máquina começou a funcionar.

Depois de purificar o DNA, ela leria cada nucleotídeo, fita por fita, e gravaria todos os pares de bases em sequência, depois faria o upload da leitura para um software que construiria um alinhamento genômico completo desde o início.

A sequência inteira, e sobretudo a análise dessas amostras, levaria de oito a

dez horas.

Conforme o sequenciador começava a ler os fragmentos de DNA, liguei o carro elétrico e deixei Glasgow para trás.

• • •

Silverstone ficava a pouco mais de mil e quinhentos quilômetros — uma viagem de dezesseis horas pelo sul, atravessando Montana, Wyoming e, por fim, o sudoeste do Colorado.

Tinha acabado de cruzar a fronteira de Wyoming quando cheguei no limite do meu corpo e do meu foco. Estacionei em uma parada de descanso em Ranchester, peguei um pouco de morfina do meu kit de emergência, apliquei alguns miligramas no meu braço…

e a dor

simplesmente

desapareceu.

Baixei o colchão, tirei a roupa e as botas e subi na cama.

Não me sentia tão cansado desde que Kara tentara me matar no Novo México, desde que tinha sido forçado a fugir do hospital no meio da noite.

Mas, por um segundo abençoado, toda a dor sumiu.

Observei a luz do meio-dia brilhando pelo para-brisa sujo até não conseguir ficar mais de olhos abertos.

E flutuei para longe ao som dos cliques e chiados reconfortantes do sequenciador de DNA.

• • •

Quando acordei, já era noite, e a van estava em silêncio.

Sentei-me devagar, tentei respirar.

A morfina tinha deixado de fazer efeito, então a dor havia retornado, embora menos abrangente do que antes.

Saí da cama, peguei três Advils do kit de emergência e fui até o sequenciador de DNA, que zumbia baixinho.

Liguei a tela sensível ao toque e vi uma mensagem: *Sequência A carregada e*

analisada. Analisando Sequência B. Tempo restante: 51 minutos.

Bebi três copos de água e me sentei na banqueta que também servia de escritório.

Liguei o laptop e abri o programa de análise, um software chamado LifeCode. A Sequência A era a amostra do DNA de Tiffany, e, como eu tinha sequenciado e anotado o meu genoma com muito cuidado, sabia exatamente onde procurar. Eu tinha uma lista de genes e vias que sofreram mutação para alterar sua atividade prévia e seus níveis de expressão como resultado do upgrade que a minha mãe forçara em mim. Na verdade, eu já tinha decodificado o código-fonte do analisador e escrito um programa muito superior usando a minha sequência de DNA como modelo para alinhar e comparar outros genomas.

Humanos eram 99,9 por cento idênticos no seu DNA haploide/sequência genética de aproximadamente 3,2 bilhões de pares de bases. No entanto, embora tivessem em geral os mesmos genes, havia polimorfismos — pequenas diferenças na sequência desses genes — que levavam a mudanças nos níveis de expressão e até alteravam a função de um gene. Essas diferenças sutis eram o que tornava cada ser humano único como membro da mesma espécie.

Eu tinha codificado o meu programa para encontrar e apontar essas diferenças.

Carreguei o arquivo enorme contendo o DNA puro de Tiffany na busca do meu programa.

Enquanto o computador trabalhava, peguei uma lata de sopa do armário e a esquentei na panela do meu cooktop.

Estava morrendo de fome.

Li os resultados da análise do DNA de Tiffany enquanto comia.

Como eu esperava, os mesmos genes que foram alterados no meu genoma também haviam sido alterados de forma correspondente no dela.

Até as modificações eram as mesmas.

A carga de DNA já estava começando a fazer as suas edições em uma miríade de genes, envolvendo múltiplas vias de expressão — cada uma delas era um toque leve no genoma, quase um efeito borboleta que, com o tempo, teria mudado o genoma de Tiffany e aumentado a sua inteligência, longevidade e resiliência, elevando-a, por fim, a alguma versão do meu nível de existência.

Depois de ver Kara e Andrew, comecei a suspeitar que, embora o upgrade

alterasse os níveis de inteligência, memória e habilidades físicas como um todo, ele podia aumentar em muito tendências preexistentes — força, agilidade e coordenação para pessoas como Andrew e Kara. Reconhecimento de padrões e leitura de pessoas para aqueles com tendências mais intelectuais, como eu.

Tiffany estava na mesma jornada que eu para se tornar uma forma aprimorada do *Homo sapiens* quando Andrew atirou nela na escada.

Usando o software, comecei a isolar os dados genéticos de múltiplos pacotes virais que haviam dado o upgrade a ela. Cada um era uma sequência de oito quilobases, uma parte insignificante de DNA, mas que carregava um código. Embora tivesse sido replicado, não parecia estar empacotado e excretado a ponto de se tornar transmissível.

Tiffany nunca fora contagiosa.

Mas a verdadeira questão era o que estava acontecendo com a Sequência B.

Ouvi o sequenciador de DNA apitar, indicando que estava fazendo o upload da Sequência B no LifeCode.

Como não parecia que o vírus de Kara podia se espalhar de pessoa para pessoa, eu me perguntei como ela conseguira infectar tantos residentes de Glasgow. Será que tinha enviado uma equipe para se infiltrar na cidade muitos meses antes e infectar manualmente a maior quantidade de gente possível? Ela podia ter escolhido apenas um punhado de lugares e já teria boas chances de infectar ao menos metade da população.

Uma mensagem apareceu no meu laptop avisando que a Sequência B (o DNA de Chris) tinha acabado de ser carregada no LifeCode.

Coloquei os arquivos na busca do meu programa customizado e saí para mijar.

O céu estava nublado e sem estrelas.

O aroma fresco de neve permeava o ar, e a escuridão rodeava as áreas iluminadas da parada de descanso.

Voltei para a van e fui logo checar as descobertas iniciais da Sequência B.

De cara, vi que havia algo de errado no código.

Embora Chris também tivesse recebido a carga viral do upgrade, apenas alguns deles tinham ocorrido. Em muitos casos, eram apenas parciais, e, em vez de completar as mudanças, embaralharam partes de genes vitais.

Em vez de dar início ao upgrade, a carga viral tinha ligado o fusível de um

novo fragmento genético e começado uma série de edições de genoma fora do alvo.

Copiei as novas sequências e as coloquei na busca geral para ver se conseguia encontrar uma combinação e possíveis interações.

Não era de surpreender que nenhuma combinação genômica havia sido encontrada.

Mas observei, horrorizado, quando a lista de resultados de "50%-95% de sobreposição" apareceu: scrapie, mal da vaca louca, encefalopatia espongiforme de camelo (EEC), encefalopatia transmissível de vison (ETV), doença crônica degenerativa (DCD), encefalopatia espongiforme felina (EEF), encefalopatia de ungulados exóticos (EUE), encefalopatia espongiforme, doença de Creutzfeldt-Jakob (DCJ), doença de Creutzfeldt-Jakob iatrogênica (DCJi), doença de Creutzfeldt-Jakob variante (DCJv), doença de Creutzfeldt-Jakob familiar (DCJf), doença de Creutzfeldt-Jakob esporádica (DCJe), doença de Gerstmann-Sträussler-Scheinker (GSS), insônia familiar fatal (IFF), kuru, prionopatia variável sensível à protease (VPSPr).

Puta merda.

Eram todas formas de doenças de príon.

Príons eram proteínas cujo enovelamento ocorreu de forma errônea e que tinham a habilidade assustadora de transmitir por catálise seu formato errado para variantes normais da mesma proteína. Essas mutações causavam erros no enovelamento das proteínas do cérebro, literalmente destruindo massa cerebral e causando um show de horrores de doenças neurodegenerativas. As vítimas perdiam a habilidade de reconhecer pessoas e lugares e de cuidar de si mesmas. Nos últimos estágios, paravam completamente de pensar.

Em geral, doenças de príon eram extremamente raras — menos de trezentos casos relatados nos Estados Unidos por ano — e avançavam devagar. E o método de contágio era bastante específico. Só era possível contrair a doença de três maneiras: passando de pai para filho, através de transplantes de córnea ou equipamentos médicos contaminados ou, no caso de kuru, que contaminara o povo fore, de Papua-Nova Guiné, por meio de canibalismo.

Fechei o laptop, desliguei o sequenciador e liguei o Sprinter.

Minha mente estava a mil.

Para pessoas como Tiffany e eu, o upgrade estava fazendo o que deveria.

Porém, se, de alguma forma, o upgrade desse totalmente errado, uma doença de príon era exatamente o tipo de anomalia que seria de se esperar.

Dez



Estava chovendo quando cheguei em Silverton, Colorado, uma antiga cidade mineradora com população de quinhentas pessoas. Ela ficava em um vale alto, cercado pelos picos irregulares e quebrados de trinta milhões de anos de uma cordilheira formada quando duas placas continentais se chocaram.

Dirigi pela cidade silenciosa.

Não havia nada aberto a não ser um pé-sujo de um lado e um restaurante barato do outro. Metade dos prédios estava em estágios variados de degradação. Parecia o tipo de lugar que não tivera uma mudança significativa em cem anos, um lugar que desafiava os desejos do futuro.

E estava morrendo.

No final da cidade, estacionei no acostamento da estrada.

De acordo com o meu GPS, o número 58 da Eolus Way ficava apenas cinco quilômetros ao norte da minha posição atual, e, ao observar aquela cidade vazia e moribunda, não conseguia deixar de pensar que Andrew havia mentido para mim. Ou talvez não. Talvez ele estivesse me jogando direto nas mãos de Kara.

De qualquer forma, eu saberia em breve.

• • •

A um quilômetro e meio ao norte da cidade, o pavimento acabava. A estrada de terra estava lamacenta, com água em alguns pontos, e a chuva caía mais forte conforme a estrada se embrenhava por uma floresta de pinheiros.

As nuvens estavam baixas e sombrias, decapitavam os picos mais altos.

Passei pela base de uma montanha que já tinha sido usada para esquiar. A pousada estava escura, as janelas, quebradas, e as cadeiras do teleférico balançavam ao vento. Dois tratores de neve abandonados há muito tempo enferrujavam em silêncio.

Depois de mais três quilômetros, o GPS me alertou que eu havia chegado a Eolus Way, 58.

Não parei.

À minha direita, uma via de mão única abria caminho pela lateral da montanha antes de desaparecer na escuridão da floresta — sem endereço à vista, apenas um portão fechado para essa estrada, com um teclado e um interfone ao lado. Já havia visto tudo isso em baixa resolução no mapa de satélite quando parei para me preparar no dia anterior.

Avancei algumas centenas de metros pela estrada, enfim parando o carro a uma distância segura da entrada do chalé de Kara.

A chuva martelava o para-brisa.

Fui até os fundos da van e abri a bolsa de Andrew. Ele havia desmontado minha arma na casa de Tiffany, em Glasgow, mas eu estava com a Kimber Micro de 9mm dele. Verifiquei o tambor da arma: capacidade de 7 + 1 balas. Era uma arma minúscula, mas, naquele momento, era melhor do que nada.

Do lado de fora do veículo, o ar estava impregnado com o cheiro de pinheiro úmido e madeira queimada. Avancei pela floresta chamuscada, subindo pela lateral da montanha repleta de árvores.

Depois de quinze minutos, estava muitas centenas de metros acima da estrada e enxergava, à distância, a entrada de carros de Eolus Way, 58, abrindo um caminho que serpenteava entre as árvores. Suspeitava que havia câmeras e sensores infravermelhos por toda a estrada.

Continuei a me arrastar montanha acima, mantendo os olhos na estrada, mas ainda escondido na mata.

Uma hora depois, enfim cheguei ao limite de uma clareira. Bem na minha frente estava o chalé da montanha. Lá dentro, luzes brilhavam de leve pelas janelas.

Eu me recostei em uma árvore, deixando os galhos da copa me protegerem da chuva gelada. Conforme a tarde mudava para noite e a luz desaparecia, peguei o meu binóculo da mochila e observei a casa.

Nenhum movimento lá dentro.

Eu tinha feito uma pesquisa sobre o imóvel. Ele tivera um único dono desde a sua construção, doze anos antes, uma entidade chamada J6 — uma sociedade anônima limitada com um agente registrado em Delaware e nenhuma outra informação disponível. Eu havia invadido os registros do escritório de vistoria predial de Silverton e encontrado as plantas. Se os construtores a tivessem seguido, eu saberia me movimentar pela casa.

Enquanto esperava a escuridão cair, me ocorreu que eu estava em uma montanha do Colorado, a mais de três mil metros de altitude em janeiro, e chovia em vez de nevar. Houve uma época em que essas montanhas estariam cobertas por metros de neve fresca. Houve uma época em que essas florestas estariam verdes. Mas os incêndios dos verões excessivamente longos as deixaram amarronzadas.

A noite chegou.

Fiquei de pé, permanecendo entre as árvores e contornando o perímetro da clareira até chegar à lateral da casa.

Seguindo pelo muro de pedra, contornei a casa e entrei no quintal. Um deque amplo se estendia da construção até o limite da floresta. Parei na primeira janela que encontrei.

E lá estava ela.

De costas para mim, cortando vegetais em uma ilha de granito, apenas a três metros de distância.

Segui em frente. Se a planta fosse confiável, haveria uma porta do outro lado da casa, que levaria a um jardim de inverno. Aquilo me daria mais cobertura para me aproximar de Kara, e, se eu tivesse que quebrar algum vidro, era improvável que ela ouvisse da cozinha.

Atravessei o deque e corri pelos fundos da casa, finalmente chegando a uma parede de vidro escuro com vapor do lado de dentro.

Tirando a Kimber Micro do meu casaco, estiquei a mão na direção das portas francesas.

Girei a maçaneta.

Senti o ar quente em meu rosto.

Entrei, fechando a porta de leve às minhas costas.

O lugar era usado como um quarto de música, com um piano de cauda de

madeira marrom cercado por paredes de vidro. Uma coleção de fotografias emolduradas havia sido cuidadosamente disposta na tampa fechada do instrumento.

Eu as inspecionei na escuridão.

Max e eu aos oito anos andando de cavalo em Sierra Nevada.

Kara usando chapéu e beca na formatura do ensino médio.

Nosso pai, Haz, capitaneando o veleiro que ele amava na baía de São Francisco, sorrindo com seus óculos de sol.

Aniversários, Natais, Dias de Ação de Graças, Dias das Bruxas.

Houve uma época em que essas imagens teriam acabado comigo. Eram artefatos de uma família arruinada. No entanto, eu sentia apenas o trovão longínquo da emoção, e era tão fraco, tão distante do meu horizonte emocional, que eu quase não o percebia.

Teria sido ali que a minha mãe vivera em segredo depois do mundo acreditar que ela desviara o próprio carro da pista na costa da Califórnia?

Havia um machucado na madeira da tampa do teclado, e eu logo o reconheci. Décadas atrás, quando aquele piano estava na nossa casa em Berkeley, eu o tinha acertado sem querer com um patinete enquanto Kara corria atrás de mim.

Eu imaginei Miriam sentada ali, tocando as músicas que havia apresentado para nós em tempos mais felizes, encarando todos aqueles momentos congelados e inalcançáveis.

Desfiz os nós dos cadarços e tirei os sapatos, então saí do jardim de inverno e segui pelo amplo corredor que dividia o primeiro andar, meu coração batendo cinco bpm mais rápido no ar rarefeito conforme o som da minha irmã na cozinha se tornava audível.

Havia oito Vermeers pendurados na parede do lado direito do corredor, e a pátina sutil na superfície dos quadros indicava que eram todos originais.

Quatro O'Keeffes enormes decoravam o lado esquerdo, iluminados pelo brilho dos spots que destacavam cada molécula de vivacidade.

No vestíbulo, vigas de madeira aparente cruzavam o teto em abóboda. A lenha queimava em uma lareira de dois andares que se abria tanto para a sala, onde eu estava, quanto para a cozinha do outro lado.

Apertei a arma com mais força e fui para a lateral da lareira.

Respirei fundo e dei um passo, virando-me e vendo minha irmã.

Ela continuava de pé diante da ilha, cortando uma cebola mais rápido do que eu já vira alguém cortar uma cebola.

Ela não olhou para mim na hora, embora eu tivesse certeza de que tinha me visto.

— Andrew está morto? — perguntou ela, como saudação.

— Não. Mas não diria que está bem.

Até onde enxerguei, Kara estava desarmada. Usava calça legging e um top. Seu cabelo estava mais curto, e parecia que ela tinha feito autoimplantes no rosto.

— Tem…?

— Estou sozinha — disse ela, falando mais rápido do que da última vez que nos encontramos.

Ou talvez eu só não estivesse acostumado a me comunicar com outro ser humano aprimorado.

— Estava esperando por você, irmão.

Havia outra coisa que eu estava captando da sua linguagem corporal que não conseguia descrever com exatidão.

— Está pensando em atirar em mim? — perguntou ela enquanto se aproximava do cooktop e jogava a cebola em uma frigideira cintilando com a manteiga.

— Depende.

Ela cortou velozmente ramos de aspargo no balcão de madeira, colocou-os em uma travessa de cerâmica, besuntou tudo em azeite e colocou no forno aquecido.

— Vamos comer — disse Kara. — Você pode atirar em mim depois. Estou desarmada. Mas ou você me mata agora, ou para de apontar essa merda para mim.

Baixei a arma. Kara gesticulou para que eu me sentasse à sua frente na ilha. Ela alcançou uma panela no apoio do teto e foi até a geladeira para pegar um saco de frango.

— Então essa era a casa dela — falei.

— Essa e outras. Ela juntou milhões de dólares antes de o governo tomar os bens. Como foi em Glasgow?

— Peguei algumas amostras do seu trabalho.

— Até agora, duas mil e dezesseis pessoas receberam o upgrade. Há duzentos e setenta e quatro casos confirmados de doenças semelhantes às causadas por

príon.

— Intencionalmente? — perguntei.

Kara balançou a cabeça.

— Não sei por que 13,6 por cento desenvolvem príon em vez do upgrade.

Ela habilmente abriu dois peitos de frango em borboleta e os rolou pela mistura de temperos. Seus movimentos eram certeiros, com uma velocidade e precisão que nunca vi em chefs profissionais. Mesmo enquanto cortava a carne, os olhos dela nunca deixavam os meus.

Mantive a Kimber fora do campo de visão de minha irmã, logo abaixo do tampo de granito.

— Você sabia que eu iria para Glasgow? — indaguei.

— Eu esperava que sim, supondo que tivesse sobrevivido ao que aconteceu em Novo México. Mandei Andrew para lá, caso você aparecesse.

Para me guiar até aquele chalé.

— Sequenciei as amostras de Glasgow — comentei. — O upgrade não é transmissível.

— Tinha que ter certeza de que o upgrade estava funcionando antes — respondeu ela.

— Então vai voltar para a estaca zero?

— Não, estou em paz com uma taxa de erro de 13,6 por cento. Com uma terapia gênica dessa intensidade, efeitos colaterais e erros são inevitáveis. Fico surpresa por esse número não ser maior.

Kara foi até o cooktop e jogou vinho branco nas cebolas sauté. Uma nuvem de álcool em evaporação perfumou a cozinha.

— Você já tem uma versão transmissível? — perguntei, parte de mim com medo da resposta.

— Em breve.

Meu Deus. Eu suspeitava daquilo, mas ouvir a confirmação de Kara…

— Estou usando células HEK293 modificadas para criar títulos altos do vírus que carrega o upgrade.

Assenti. As HEK293 eram uma cepa de células de rim embrionárias humanas, usadas por décadas na indústria de tecnologia genética, devido à facilidade com que cresciam e à sua eficiência para transferir DNA exógeno. Eu as teria usado também.

Ela colocou o frango na chapa de ferro do cooktop.

— Qual é o número básico de reprodução do projeto?

— É de 8,7, com cobaias disseminando o vírus quinze dias após a exposição inicial.

Era um número muito alto. Na virologia, o R0 (número básico de reprodução) indicava o nível de contágio de uma doença. Era o número previsto de casos que uma única pessoa infectada iria causar. O sarampo, o vírus mais contagioso conhecido pela humanidade, tinha um R0 de doze a dezoito, o que significava que cada pessoa infectada passaria a doença para um número de doze a dezoito pessoas. Em comparação, a gripe espanhola de 1918, que matou cinquenta milhões de pessoas, tinha um R0 muito abaixo, entre 1,4 e 2,8. A covid-19 tinha um R0 de 5,7.

— Se você expuser todo ser humano ao upgrade e se as porcentagens de Glasgow se mantiverem, serão um bilhão de pessoas mortas. Isso não vai tirar seu sono?

— Pode ter certeza de que vai tirar meu sono. Mas seria egoísmo não fazer o que é preciso só porque vai afligir o que resta da minha consciência. Esse é o momento de corrigir o curso. Ou fazemos um upgrade na nossa inteligência coletiva para um nível em que podemos nos unir e nos salvar, ou o próximo século será o último da humanidade.

Ela se voltou ao frango, que tinha fritado bem. Kara usou pinças para misturar os pedaços no molho de vinho branco, então adicionou ervas frescas por cima.

— Onde está terminando o upgrade? — perguntei.

Ela apenas sorriu para mim.

— Hora de comer. Pegue o vinho. A adega fica atrás de você.

Esperei ela de fato servir a comida antes de sair da banqueta.

A adega da nossa mãe tinha paredes de pedra e temperatura controlada. Depois de algum tempo pensando, escolhi um Cabernet Sauvignon de um vinhedo próximo a Walla Walla, em Washington. Era a minha região favorita antes de pegar fogo.

Kara estava colocando os pratos quentes na mesa da sala de jantar no momento em que cheguei com a garrafa. Quando a viu, falou:

— Do ano do seu nascimento. Boa escolha.

Sentamo-nos um de frente para o outro, e repousei a arma no banco ao meu

lado.

A comida estava excelente. A noite caía. Não havia nada além de escuridão do lado de fora das janelas e da luz do fogo da lareira refletindo nas paredes.

Kara olhou para mim.

— Você não acha que estamos em perigo?

— Acho. — Dei outra mordida naquele frango maravilhoso. — Vejo o que a nossa mãe viu. Sei o que está a caminho. E isso me assombra.

— Então por que não estamos trabalhando juntos?

— E se essa não for a solução? E se você acabar matando um bilhão de pessoas à toa? E se você acabar criando um mundo de Miriam Ramsays… todas convencidas de que sabem o que é melhor, todas capazes de infligir danos inimagináveis se estiverem erradas? E se criar um monte de pessoas que são dramaticamente melhores no que já eram? Soldados. Criminosos. Políticos. Capitalistas.

Ela tomou um gole minúsculo de vinho e me encarou do outro lado da mesa de madeira rústica, na qual imaginei que a minha mãe tivera muitas refeições solitárias. Ou talvez não tivessem sido nem um pouco solitárias. Talvez ela adorasse a solidão e a companhia da própria mente.

Eu continuei:

— Você está se baseando em uma premissa falha. Ter uma inteligência mais alta não torna alguém menos ganancioso, ou menos autocentrado, ou maligno. Não necessariamente o torna uma boa pessoa.

— Não estou dizendo que o upgrade vai resolver tudo. Não é uma varinha mágica. Mas, se pudermos dar às pessoas o poder de ver o mundo como ele realmente é e a inteligência para fazer algo a respeito, não estaremos no mínimo nos dando uma chance? Não devemos isso à nossa espécie? Olha, eu entendo. Você quer saber o que nos aguarda no futuro. Quer saber de antemão que estamos tomando a decisão certa. Mas não é possível.

— Mostre para mim a prova de que o upgrade vai resolver esses problemas. Mostre os testes e dados rigorosos.

— Eu sei que mudei para melhor. Só me resta acreditar que a maioria das pessoas que sofrerem o upgrade vão ter uma experiência semelhante.

— Então, no fundo, está baseando tudo isso na sua *crença* ?

— Estamos perdendo tempo, Logan. Tudo que podemos fazer é tentar ao

máximo usar os fatos à disposição e examinar as nossas motivações. Já olhei para as minhas. Não estou fazendo isso por dinheiro ou fama. Nem por poder ou pela posteridade.

— Por qual razão então? Porque acha que está certa?

— Certo e errado são conceitos que têm origem no sentimento humano. São só histórias que criamos e para as quais damos algum significado. Não correspondem a nenhuma realidade objetiva. A única coisa real é a sobrevivência.

— Talvez a compaixão e a empatia sejam apenas emoções fracas. Ilusões criadas pelos nossos neurônios-espelho. Mas será que importa de onde elas vêm? São essas emoções que nos tornam humanos. Talvez sejam o que nos tornam *dignos* de sermos salvos.

— Pare com isso, Logan. Chega dessas abstrações. Talvez você não acreditasse que o tempo estivesse acabando lá no Novo México, mas acredita agora. E sabe que não posso deixar isso acontecer. — Kara ergueu a taça de vinho. — Está comigo ou não?

Ergui a taça e brindei. Conforme bebíamos, mantive o contato visual com a minha irmã, esticando a mão devagar, muito devagar, na direção da arma…

Pratos, taças, decantador, garrafa de vinho, comida, talheres — tudo veio para cima de mim quando o peso da mesa me levou ao chão, caindo sobre o meu peito.

Eu não esperava por aquilo. Ela não demonstrara o menor indício da sua intenção, mas é claro que tinha lido no meu rosto que falhara em me convencer.

Com esforço, me contorci e saí de baixo da mesa, enfim conseguindo pegar a minha pistola.

— Pare!

Kara se virou devagar e congelou na passagem para a sala de estar, completamente imóvel. Olhei para as mãos dela, procurando uma arma. Estavam vazias.

Ela olhou para mim com uma intensidade repentina e surpreendente.

— Eu amo você, Logan. Estou lhe dando todas as chances possíveis. Não me obrigue a fazer isso. Sei que é apenas um sentimento, mas não quero perder você também.

Mirei na perna esquerda da minha irmã, esperando um vislumbre de tristeza

ou medo, mas o seu rosto permaneceu impassível.

— Onde você está purificando o vírus?

— Ava está herdando um planeta moribundo. Consigo ver no seu rosto que você…

— É claro que odeio isso! — Minha voz ecoou pela casa vazia.

— Então por que está apontando uma arma para mim?

— Porque precisa existir outro jeito.

— Ótimo. Qual é?

— Não sei.

— Bem, enquanto você pensa sobre isso, eu estou fazendo alguma coisa.

— Onde você está purificando o vírus?

Ela apenas me encarou.

— Não quero machucar você — falei.

— Eu sei.

Mirei no reto femoral esquerdo dela, o músculo que flexionava o quadril e se estendia pela parte de baixo da coxa até o joelho. Aquilo a incapacitaria sem ameaçar sua vida.

O tiro foi ensurdecedor nos confins da casa.

Meus ouvidos zumbiam.

Kara ainda estava de pé. Procurei por sangue, mas não havia nenhum. Busquei pelos sinais de impacto, mas também não encontrei nada.

Ela estava um pouco à direita de onde eu mirei.

Ilesa.

Eu…

Ela se moveu.

… atirei outra vez.

Por um instante, eu me perguntei se ela, de alguma maneira, havia colocado balas de festim no pente, se aquilo fora uma armadilha cuidadosamente orquestrada. Mas então vi o buraco do projétil no chão atrás dela.

Dei um passo à frente.

Apenas três metros de distância entre nós.

De novo, ela se moveu no instante exato em que apertei o gatilho e desapareceu, dando a volta na lareira.

Que merda era essa?

Corri atrás dela até a sala, tentando entender como minha irmã desviara de três balas à queima-roupa. É claro que ela não desviara das balas. A maioria dos projéteis de 9mm se moviam a uma velocidade de trezentos e sessenta e cinco metros por segundo. Nenhum ser humano, tenha sofrido o upgrade ou não, era capaz de se movimentar a uma velocidade parecida.

Ela estava antecipando e se movendo durante aquele nanossegundo entre a minha intenção e o aperto do gatilho. Porém, mesmo com as minhas percepções aprimoradas, eu não teria conseguido fazer aquilo.

Uma tábua do chão rangeu atrás de mim.

Quando me virei, o pé de Kara acertou o meu peito e me jogou para trás. Caí sobre uma mesa de centro feita de vidro e tentei levantar a arma, mas, com um chute, Kara tirou o revólver da minha mão e caiu em cima de mim, pressionando, na minha garganta, a ponta da faca que tinha usado para abrir o frango.

— Já pensou que talvez tenha uma razão para ela ter aprimorado nós *dois* ? — Conseguia sentir a lâmina começando a perfurar minha pele. — Talvez ela soubesse que você não era capaz de fazer essa escolha difícil.

— Você fez um upgrade em si mesma de novo, não é?

Ela não respondeu. Coloquei a mão no bolso, peguei o controle remoto, apertei o botão e segurei. Dentro do bolso esquerdo do meu casaco, senti uma vibração silenciosa quando o mecanismo de engate e o gerador de vácuo começaram a zumbir.

Kara olhou para mim, sua máscara se desfazendo. Estava com raiva e decepcionada.

— Quero que você saiba que não desejo fazer isso de jeito nenhum.

Mas ela faria. Ela havia permitido que eu a encontrasse para uma última tentativa de me convencer. Como falhara, Kara precisaria fazer algo muito difícil.

— Me desculpe — disse ela, lágrimas surgindo nos olhos.

— Se me matar, nós dois morremos.

Minha irmã avaliou o meu rosto, procurando por algum sinal de que era mentira. Não encontrou.

— Estou apertando um botão. Se eu soltar, o dispersor no meu casaco vai soltar um jato contínuo na mesma hora…

— Um jato de quê?

— Ricina.

As pupilas dela se dilataram. Um pico de adrenalina.

Ricina era uma proteína inativadora de ribossomos, que infectava células e bloqueava a habilidade de sintetizar a própria proteína, acabando com funções vitais do corpo. Ela vinha da semente de mamona, que era usada para fazer o inofensivo óleo de rícino. Vastamente disponível e bem fácil de produzir, bastaria apenas 1,78 mg de ricina, injetada ou inalada, para matar um adulto médio. A quantidade de alguns poucos grãos de sal.

— Sabe o que acontece quando uma pessoa inala ricina? — perguntei.

Kara estava totalmente parada.

— Depois de algumas horas, você desenvolve uma tosse seca e sangrenta. Seus pulmões se enchem de fluido. Você se afoga. E não há tratamento. Não existe antídoto.

— Ótimo blefe.

Levantei o braço esquerdo.

— Está vendo o tubo dentro da minha manga?

Ela olhou para minha manga e depois voltou a olhar para mim.

Eu a observei, meu dedo ainda no botão. Kara encarou a Kimber a 2,5 metros de distância.

— O dispersor foi feito sob medida. Vai encher esse cômodo com nanopartículas secas em aerossol antes de você tocar na arma.

— E você tinha um desses à mão?

— Tire a faca da minha garganta.

Ela afastou a lâmina.

— Jogue do outro lado do cômodo.

O metal tilintou no chão atrás de nós.

— Não importa — disse ela. — Não vai conseguir me impedir.

Se eu tivesse certeza de que matar Kara impediria a ameaça do upgrade de ser liberada no mundo, teria tirado o dedo do controle remoto. Mas ela mencionara um virologista. E tinha recrutado e aprimorado Andrew, que me atacara em Glasgow. Outras pessoas estavam trabalhando com ela, pessoas que podiam terminar o upgrade em sua ausência. E parecia que a linha de chegada estava perto.

— Saia de cima de mim. Devagar.

Ela foi para o lado, para o chão.

— Fique de bruços — mandei.

Ela rolou, o rosto no vidro quebrado, e falou:

— Se você se aproximar daquela arma…

— Não vou.

Dei uma olhada na porta. Seis metros de distância.

Eu me sentei.

Fiquei em pé devagar.

Kara me observava pelo canto do olho direito, as palmas da mão no chão, pronta para se levantar.

Com cuidado, dei um passo para trás.

E então outro.

Quando estava a três metros de distância, dei meia-volta e corri em direção à porta enorme. Ouvi o som de vidro esmagado atrás de mim e de Kara se movendo, mas não parei, torcendo para a porta estar aberta, porque o segundo extra que eu perderia me atrapalhando com a fechadura provavelmente custaria a minha vida.

Escancarei a porta e atravessei a passagem quando ouvi um tiro às minhas costas.

Desci a escada correndo.

Fora da área de iluminação da luz exterior, acelerando pela chuva congelante, eu ainda segurava o controle remoto com firmeza.

Não caia, não caia, não caia.

Mais tiros ecoaram pelas montanhas ao redor. Meus pés descalços tinham uma frágil tração na lama.

Não olhei para trás, não parei.

Correndo ladeira abaixo pela clareira, só precisava chegar à escuridão protetora da floresta. Meu pulso martelava a cento e noventa e cinco bpm, e entre o barulho de tambor que meu coração parecia fazer e a chuva forte, não fazia ideia se minha irmã me perseguia.

Adentrei a floresta incendiada, o terreno ficando mais íngreme, minha visão noturna captando cada raio de luz disponível, desviando de árvores, pulando troncos. Dava para sentir a gravidade ameaçando me mandar montanha abaixo.

Diminuí o ritmo, enfim parando atrás de um pedregulho.

Eu me esforçava para ouvir.

Nada.

Estava começando a tremer. Meus pés estavam destruídos e queimados por conta do frio. Ouvi alguma coisa. Não era um passo. Era um barulho distante, mecânico. Uma porta de garagem se abrindo.

Doze segundos depois, dois cones de luz passaram brevemente pela floresta, iluminando a chuva que caía. Ouvi pneus sobre o asfalto.

Vi apenas por um momento: o brilho de faróis descendo pela entrada de carros.

Kara estava indo embora. Ela não precisava daquela briga. Já tinha ganhado.

Com a mão esquerda, retirei o disperso do bolso e o desliguei manualmente. Só retirei o dedo do controle remoto quando tive certeza de que os mecanismos tinham parado de funcionar.

Enquanto eu tremia incontrolavelmente, pensamentos sombrios passavam pela minha cabeça.

Você falhou.

Perdeu a guerra.

De alguma forma, ela havia aprimorado suas habilidades. Estavam tão além das minhas que era capaz de desviar de balas. Sim, eu sobrevivera, mas e daí? Não tinha chance.

Mas então algo me ocorreu.

• • •

A porta para o chalé da minha mãe ainda estava aberta.

Entrei.

O silêncio era absoluto.

Kara levara a arma, mas eu não havia voltado por isso.

Fui até o segundo andar e encontrei o quarto onde Kara estivera dormindo. O closet estava cheio das roupas dela. Havia um copo de água na mesa de cabeceira.

Entrei no banheiro. Artigos de higiene pessoal cobriam o balcão, e, entre eles, achei o que estava procurando. Peguei a escova de cabelo, examinei-a de perto e senti uma minúscula sensação de esperança.

Presos nas cerdas havia vários fios de cabelo da minha irmã, um deles ainda

com o folículo.

Onze



Deixei o chalé tarde naquela noite, me deslocando para o oeste e saindo do sul do Colorado. Quando os primeiros sinais do nascer do sol pintaram o céu, eu estava nas estradas desertas do Monument Valley, as espirais de arenito captando os primeiros raios solares, mesmo enquanto o solo permanecia na escuridão violeta de antes do amanhecer.

Parei no acostamento para fazer um intervalo.

Desci do carro.

O silêncio era ensurdecedor.

Nem mesmo uma brisa, um fiapo de nuvem.

E, conforme a luz avançava por aqueles monumentos que pareciam ter saído de outro mundo e seguia em direção ao chão de um vale que certa vez fora um mar paleozoico, me confortei com a permanência daquela paisagem.

O deserto estava coberto por uma fina camada de neve e, ao meu redor, havia planaltos e picos vermelhos que existiam há centenas de milhões de anos antes de os humanos governarem a Terra e continuariam existindo por muito tempo depois de desaparecermos.

• • •

Era uma tarde de fim de janeiro e ainda fazia uns quarenta graus quando acelerei pela I-15 na direção de Vegas. A muitos quilômetros de distância, a espetacular avenida Strip explodia no deserto como uma flor alienígena se abrindo.

Eu me aproximei da zona de cassinos, passando pelo Meta Frame no norte,

um hotel superalto que tinha o formato de um porta-retratos de mil metros, em que a imagem era uma projeção contínua de fotos aleatórias de feeds de redes sociais.

Entre as demonstrações de arquitetura que desafiavam a gravidade havia os cassinos menores, mais sujos e perto da data de validade, relíquias de quarenta, cinquenta e sessenta anos atrás.

Avançando pela Strip, cheiro de maconha, vômito, urina, álcool e o perfume das garotas se infiltrou pela van.

Passei pelas águas radiantes e iluminadas pelo sol das fontes Bellagio. Uma vez por dia, usavam água de verdade. No restante do tempo, eram hologramas.

O Caesars Palace havia sido destruído, e, em seu lugar, um multiconglomerado construíra a Torre de Babel — uma verdadeira montanha feita pelo homem que se elevava por exatamente 1,6 quilômetro sobre a Strip. Uma via cheia de árvores chamada Jardins Suspensos começava na base da torre, subindo em uma espiral ao redor da estrutura do prédio e enfim terminando, após dezesseis quilômetros, no cume. Por todo o caminho havia jardins, lojas, restaurantes, cafeterias, longas áreas para caminhar, shows de água digital, lugares para dar uma parada, sentar um pouco e observar a cidade cintilando e o deserto ao longe.

Na extremidade sul da Strip, a mais nova atração de Vegas brilhava contra o céu do início da noite. Era chamada de Terra Azul: uma esfera imensa que reluzia como um globo espelhado de discoteca sob o sol do deserto e fulgurava como uma réplica impressionante da Terra à noite.

A Strip era cercada por cortiços horríveis, moradias para as pessoas que faziam Vegas funcionar.

E cercando os cortiços, como outro círculo do inferno, estava o resto de Las Vegas, abandonada vinte anos atrás depois que o lago Mead secou.

Dirigi pelas ruas vazias, desviando de lixo e entulho.

A oeste, o sol se punha na Califórnia, mudando a cor do deserto Mojave de laranja para vermelho, para magenta, para roxo.

E então ele desapareceu, os subúrbios de Vegas na escuridão, os cassinos explodindo em neon.

• • •

Estacionei a alguns quarteirões de distância de um prédio abandonado que havia sido um Walmart, desci da Sprinter e comecei a caminhar pela rua silenciosa.

Conforme me aproximava, peguei uma garrafa de uísque do casaco que tinha comprado em um brechó enquanto saía do Colorado. Abri a garrafa, joguei um pouco da bebida na roupa, tomei um gole e cuspi.

O estacionamento estava vazio. Havia postes de luz caídos em todo o lugar. E havia também carcaças queimadas de carros e sobras de diversos acampamentos de sem-teto: barracas rasgadas, barris de metal e os detritos do desamparo.

Não havia lua, mas a luz das estrelas iluminava o meu caminho.

As antigas entradas da fachada da loja tinham sido fechadas com tábuas de madeira. Era, portanto, impossível passar por elas.

Caminhei pela lateral do prédio, me arrastando como um bêbado, e senti o cheiro da fumaça de cigarro e o aroma imperceptível de perfume barato mesmo antes de virar a esquina.

Fui até os fundos do prédio. À distância, no meio de sua extensão, vi quatro SUVs estacionados perto da área de carga.

Ouvi vozes. Estavam falando russo.

Cinco homens. Não. Sete.

Estava a quinze metros de distância quando eles voltaram a atenção para mim. Não tinha dúvida de que me viram minutos antes. Com certeza havia câmeras ao redor do prédio. Mas fui confundido com um vagabundo, cambaleando, bêbado, pela escuridão.

Eles ficaram em silêncio, me observando, esperando para ver se eu passaria por eles.

Parei e os encarei.

Um homem enorme vestindo uma roupa esportiva preta se afastou do grupo.

— Circulando — disse ele, indicando o corredor com o cigarro.

Fui na direção dele, mantendo o andar bambo.

— Você é surdo?

Ele chegou perto de mim, a três metros dos outros, se movendo com uma leveza e uma graça que contrastava com seu tamanho. O homem era bem mais alto do que eu, como se um pedregulho tivesse ganhado braços e pernas.

— Feld está lá dentro?

Notei a sua reação à luz das estrelas: surpresa. O homem ergueu o braço

esquerdo e falou na sua língua materna, cobrindo a boca com a ponta da manga do agasalho. Depois de trinta segundos, o olhar dele mudou; ele estava ouvindo alguém no fone de ouvido.

Ele respondeu:

— *Da, da, da.*

Os cantos de seus lábios se ergueram em um sorriso completamente desconectado dos olhos. Ele estava prestes a me machucar, e a violência o animava.

O braço direito se moveu na direção de uma arma na parte de trás da cintura, que eu conseguia ver no reflexo cromático de um dos retrovisores do carro.

Dei um chute no seu joelho esquerdo. Foi um dos piores sons que já ouvi — um *créc* — e, enquanto ele caía para trás, estiquei a mão até sua cintura. Peguei uma MP-443 Grach, girei-a na mão e abri a cabeça do homem com o cabo.

No momento em que ele atingiu o chão, atirei no terceiro, primeiro, quarto e sexto homens, exatamente na ordem de quem demonstrava ter a melhor coordenação e graça. Nenhum deles, na verdade. Foi um caos deselegante quando seus amigos começaram a cair ao seu redor e os homens pegavam suas armas de forma atrapalhada.

O segundo homem estava fumando um cigarro, e a hesitação salvou a vida dele. O quinto, o mais sábio do grupo, simplesmente levantou as mãos.

— Dá para entrar por esses portões de carga? — perguntei.

— Dá — respondeu o quinto homem.

Peguei uma abraçadeira de plástico do meu passador de cinto e joguei na direção dele.

— Prende ele — mandei, mantendo-os na mira conforme ele prendia os pulsos do segundo homem às costas, mas também observando as câmeras apontadas para o corredor.

Se estivessem me observando pelas filmagens, tinham várias opções. Mandar mais gente — se é que tinham mais pessoas — ou tentar escapar por outro caminho.

— Feld está aqui?

O homem terminou de prender o colega. Ele olhou para mim. Minha pergunta o assustara. Ele assentiu.

— Quantos guardas tem lá dentro?

— Dois.

Estava falando a verdade.

— Qual é o seu nome?

— Alexei.

— Me leve lá para dentro, Alexei.

Desarmei o homem e o segui pela escada até o portão de carga, que ele ergueu o suficiente para passarmos agachados.

Caminhamos pelo chão de concreto lustrado de um armazém vazio. Havia lâmpadas acesas nas vigas do teto. Eu conseguia ouvir o ronco distante dos geradores.

— Me leve até Feld — mandei.

Alexei me conduziu por um corredor escuro.

No final, ele tirou um molho de chaves do bolso e destrancou uma porta pesada de aço.

Entramos em um cômodo que me lembrava uma exibição de zoológico. As paredes estavam cheias de terrários e aquários de diversos tamanhos, e o odor de serragem, fezes de animais e produtos de limpeza tomava conta do lugar.

Passamos por uma parede com compartimentos pequenos atrás de um vidro. Dava para ver placas de Petri em vários deles. Braços robóticos espremiam soluções de conta-gotas ou moviam os recipientes transparentes para pegar novos ângulos de luz ou calor.

Os compartimentos foram ficando maiores conforme avançávamos.

Em um deles, notei uma espécie de larva se remexendo na terra, quase impossível de ver a olho nu.

Em outro, pequenos corpos rosados do tamanho de castanhas de caju que lembravam filhotes de ratos.

Mudas do que pareciam ser pinheiros, mas com folhas vermelhas.

Havia uma seção inteira cheia de terrários com insetos que eu nunca havia visto ou imaginado.

Um compartimento estava cheio de água — um habitat marinho ou ripário com peixes translúcidos e amorfos que pareciam ter vindo de outro planeta.

Então passamos por terrários e aquários ainda maiores.

Vi uma criatura parecida com um marsupial do tamanho de um gato comum dependurada de cabeça para baixo por três garras. Ela abriu seus olhos índigo, as

pupilas pretas estreitas como alfinetes.

Uma enguia com uma cabeça em cada ponta do corpo nadava por um aquário cheio de algas rosas. Ela brilhava como mercúrio conforme a eletricidade pulsava por baixo de sua pele.

Não consegui me conter e parei diante do maior habitat que tinha visto na vida. O vidro ia do chão ao teto, e o espaço ocupava mais ou menos a mesma área de um closet.

A criatura estava sentada em um canto da cela, sob a sombra de um ramo de palmeira. Ela me lembrava um gremlin do filme de 1984, mas com orelhas menores e asas, além de ser menos assustadora.

Uma porta no fim do viveiro se abriu.

Puxei Alexei para perto de mim e coloquei a arma na cabeça dele.

Um homem de jaleco branco apareceu na porta e, ao me ver, abriu um sorriso. Ty Feld era cinco centímetros mais baixo do que eu, com cabelo encaracolado, preto e grisalho, costeletas volumosas e um bigode que mais parecia pertencer a um dono de bar do Velho Oeste. A APG ficara de olho em Feld por anos. Nunca fomos atrás dele, mesmo sabendo que ele morava na cobertura da Torre de Babel e conduzia as suas operações em um punhado de prédios velhos na parte abandonada de Las Vegas. Nunca nos disseram oficialmente por que não podíamos prendê-lo, mas todos sabíamos. Ele era um fornecedor clandestino da DARPA. Vendia biotecnologia ilícita para eles e, de vez em quando, dava uma informação legítima sobre bioterroristas e seus competidores para a APG. Então, desde que não causasse problemas, ele recebia permissão para continuar o seu negócio de criaturas sintéticas exóticas, contanto que fizesse por merecer a liberdade que lhe permitiam ter.

Atrás dele, havia dois homens de agasalho preto com traços eslávicos.

— Logan Ramsay, meu garoto — cumprimentou ele.

— Olá, dr. Feld.

— Veio me prender?

— Não trabalho mais para a APG.

— Veio me matar?

— Preciso de um laboratório emprestado.

— E por que eu faria isso em vez de matar você?

— Se acha que pode me matar, então deveria fazer isso. Os sete guardas

treinados que você deixou na área de carga e descarga não conseguiram, mas talvez os dois que estão se encolhendo atrás de você sejam os bonzões? Se eles quiserem tentar, vou ter que matar o Alexei aqui. Preferiria não fazer isso… Ou… apenas pensando alto… você poderia reconhecer que está em desvantagem e ceder de uma vez.

Dr. Feld riu com alegria.

— Da última vez que o vi, você devia ter uns doze anos de idade. Eu estava dando uma palestra em Berkeley, e a sua mãe me convidou para jantar — disse Feld.

— Eu tinha nove anos, na verdade. E você ficou lá em casa.

— É mesmo?

— Nós jogamos xadrez.

— Não me lembro disso. Quem ganhou?

— Você acabou comigo depois de treze movimentos.

— Que bom. — Ele olhou para os homens atrás de si. — Podem relaxar.

Libertei Alexei, que se moveu na direção de Feld, a cabeça baixa como um cão repreendido.

— Matem ele — ordenou Feld.

Um ponto dois segundo depois, todos os três homens estavam mortos aos pés de Feld, e eu ainda tinha uma bala na arma, que estava apontada para o rosto dele.

— Desculpe — falou o cientista. — Precisava ver com meus próprios olhos.

— Então está fazendo dragões agora? — perguntei, gesticulando na direção do maior habitat.

— Você ficaria surpreso com o quanto as pessoas estão dispostas a pagar por uma forma de vida nova em folha que ninguém mais viu. Assim que conseguir aperfeiçoar o design, vou vender esse carinha por cinquenta milhões.

— Ele consegue voar?

— Não. Mas as asas batem. Infelizmente, não é capaz de soltar fogo.

— Você tentou?

— Nós *exploramos* a ideia. Há criaturas no mundo animal que conseguem suportar temperaturas extremas. Demos uma olhada no genoma do verme-de-pompeia, que vive perto de fontes hidrotermais em temperaturas acima dos 76ºC. E também na rã-da-floresta do Alasca e nos tardígrados, que conseguem

sobreviver em quase zero absoluto. Mas não existe estrutura biológica interna no reino animal, ao menos que eu tenha descoberto, que consiga sobreviver a quinhentos graus. — Ele riu. — E eu nem saberia por onde começar a criar um órgão capaz de produzir e expelir fogo.

— Você o gerou em uma espécie existente ou em laboratório?

— Em laboratório, usando um útero sintético e autônomo. Chamamos ele de Smaug.

Não parecia o poderoso dragão mitológico. Parecia, bem… meio patético.

A pele da criatura tinha espinhos e era dura, encaroçada. Suspeitava que eles haviam pegado emprestado um pouco de DNA do genoma de crocodilo. As patas traseiras pareciam as pernas de um dragão-de-komodo.

O dragão abriu os olhos. Era reptiliano e alienígena. Ela nos encarou pelo vidro.

— É uma criatura altamente imperfeita — explicou Feld. — Conforme crescia, sua massa aumentou mais rápido do que as juntas dos ossos conseguiam aguentar. Acabamos de editar somaticamente os ossos para aumentar o tamanho e a densidade. Vamos saber se deu certo nas próximas semanas.

O dragão saiu de baixo dos ramos de palmeira, baixou a cabeça angulosa na direção de uma pequena poça de água e começou a beber.

— Por que está aqui? — perguntou Feld.

— Viu as notícias de Glasgow?

— É claro. Ouvi dizer que o exército está cercando a cidade. Estão prendendo todos lá dentro.

Eu o atualizei sobre tudo, e, quando terminei, ele jogou a cabeça para trás e gargalhou por muito tempo. Chorou de tanto rir.

— Sua mãe… — começou Feld. — Ela matou duzentas milhões de pessoas, acabou com todo um campo científico… e com o trabalho da minha vida inteira… depois forjou a própria morte só para ter uma chance de voltar e fazer algo mais radical ainda. — Ele suspirou, se recuperando. — Esse upgrade funciona?

— Em algumas pessoas.

— Como ela conseguiu isso?

— Não faço ideia, mas se tivesse que adivinhar diria que ela processou os próprios biodados da Sua História em um computador exascale.

— Sim, claro. — Os olhos dele se iluminaram, e tive um vislumbre do cientista por trás do criminoso. — Miriam tinha o conjunto de dados. Provavelmente criou um algoritmo para fazer engenharia reversa em códigos de DNA a partir dos atributos físicos dos clientes. Uau. Ela conseguiu. Montou um programa para extrapolar genótipo com base no fenótipo. — Eu o observei enquanto ele pensava. — As pessoas podem mentir em um questionário. Ela provavelmente desenvolveu bots para analisar registros públicos e comparar certificados de óbito. Redes sociais. Hackeou algumas companhias de seguros e comparou os dados que tinha com os relatórios médicos deles. Para conseguir uma proporção de segurança razoável.

Havia inveja por trás do júbilo.

— Minha irmã vai liberar o upgrade da minha mãe — contei.

— Como?

— Através de um vírus transmissível e assintomático.

— Qual é o R0?

— Quase nove.

Feld balançou a cabeça, impressionado.

— Teremos tempos interessantes à frente.

— Preciso de um laboratório.

Ele deu de ombros.

— Acha mesmo que vale a pena impedi-la?

Por uma fração de segundo, vi o poço sem fundo que era o luto em seus olhos.

— Acabou, Logan. É tarde demais para tirar água do navio. Não que alguma vez tenhamos tentado de verdade. E não há botes salva-vidas. Viva como se o mundo estivesse acabando, porque está mesmo. — Ele me encarou por um momento. — Não consegui convencer você, né?

— Não.

— Bem — disse ele, olhando para os homens mortos. — Acho que *mi casa, su casa* .

• • •

O laboratório principal ocupava muitos metros quadrados no canto do antigo Walmart. As paredes eram cheias de servidores e de uma variedade de

impressoras de DNA.

Feld me mostrou a interface 3-D de uma estação genética, logou no sistema e me deixou sozinho.

Usando o folículo que tinha pegado da escova de cabelos de Kara, meu programa customizado havia feito uma análise funcional comparativa entre o meu genoma e o dela. Kara selecionara alguns genes no seu DNA, modificando a expressão deles muito além dos limites estabelecidos pelo upgrade inicial da minha mãe — sobretudo os sistemas de redes genéticas regulatórias que controlavam a concentração, o reconhecimento de padrões e a cognição geral.

Fiz o upload da análise do novo genoma de Kara para a interface de IA de Feld, que logo montou uma lista principal de modificações, com os órgãos e sistemas genéticos correspondentes.

Se eu quisesse ter chance de impedir Kara, teria que aprimorar minhas habilidades para chegar ao nível dela ou ir além. Ela podia ter feito as modificações aos poucos, uma a uma, em um período de meses. Infelizmente, eu não tinha tempo. Qualquer que fosse o meu plano, teria que ser na base da gambiarra.

Mas eu tinha uma ideia, porque tudo que já havia lido e aprendido sobre engenharia genética estava na ponta da língua.

Cada pessoa tinha duas cópias da maioria dos seus genes e sequências reguladoras. O upgrade inicial da minha mãe tinha seguido o plano da natureza, modificando apenas uma cópia do gene. Mas modificar ambas, também conhecido por aumento na dosagem gênica, era um método provado, mesmo que arriscado e à força bruta, de aumentar a expressão fenotípica. Por exemplo, um aumento de cinquenta por cento na dosagem gênica do cromossomo 21q alterava o tempo, o padrão e a extensão do desenvolvimento, criando a desordem genética conhecida como síndrome de Down.

Para igualar o que Kara tinha feito, e rápido, eu dobraria muitos dos meus genes já modificados ao ativar a cópia silenciosa para expressão máxima — um verdadeiro coice em um sistema delicadamente equilibrado.

Eu cochilava na Sprinter quando tinha tempo. De vez em quando, os biólogos celulares e virologistas de Feld vinham ver o que eu estava fazendo, mas eu mantinha a cabeça baixa, conversando o mínimo possível.

Usando forjas de DNA, fiz meia dúzia de minicírculos diferentes de DNA, e

cada um deles servia como um vetor de entrega autocontido e autorreplicante para um conjunto específico de genes e instruções.

No terceiro dia, fiz o upload das sequências genéticas cruas e coloquei as forjas de DNA de Feld e os dispositivos de ligação para criar DNA em quantidade e pureza exatas, com tudo que eu precisava que fosse quimicamente sintetizado.

Mas ainda precisava de um método de entrega, algo que se integraria ao meu sistema com velocidade muito maior do que o vetor viral que a minha mãe usara para entregar o primeiro upgrade e que Kara usara para o segundo. Eu precisava de algo que pegaria a mistura de sequências de DNA e minigenes e estouraria o novo DNA nas minhas pobres células esgotadas.

Já estava trabalhando sem parar há vinte e duas horas.

Deixando a estação de trabalho, caminhei pelos corredores pilhados do que havia sido a seção de esportes.

Eu me lembrei de um artigo que havia lido quinze anos antes em um voo supersônico de Washington a Los Angeles, sem compreendê-lo por completo na época. Porém, estava perfeitamente preservado na minha cabeça.

O artigo examinava as vantagens e desvantagens de vários métodos de entrega de genes, uma delas por força hidrodinâmica — uma técnica que usava uma injeção pressurizada de um bom volume de DNA para basicamente detonar um pacote de genes através das superfícies das células por choque osmótico, permeando o corpo com grande eficiência. A força hidrodinâmica era pesada para o recipiente, mas para a entrega rápida de mudanças sistêmicas que eu precisava, seria difícil encontrar um método melhor.

Além de aplicar a injeção, eu também precisaria de um sistema de entrega especializado para cruzar a barreira hematoencefálica e efetuar as mudanças no meu cérebro. Algo rápido e delicado. Para isso, fabricaria nanopartículas para abrigar os meus pacotes genéticos, que iriam direto para o cérebro por meio de um inalador.

Quando contei a Feld o que estava fazendo, ele olhou para mim como se eu fosse louco.

— Existem maneiras mais divertidas de se matar do que falência total dos órgãos — disse Feld.

— Tem ideia melhor para uma entrega rápida? — perguntei.

Ele não tinha.

• • •

Seis dias depois da minha chegada, cumprimentei Feld na área de carga e descarga e o agradeci pela hospitalidade, que ele me dera sem ter escolha.

— Você vai morrer se fizer isso. Sabe disso, não sabe? O corpo humano não consegue aguentar o que você está prestes a fazer.

— É provável que você esteja certo — falei.

— Ainda assim, desejo boa sorte. Lembre que ajudei você.

— Depois de tentar me matar. Duas vezes.

— É. Só duas vezes.

Enquanto ele sorria, desci da área de carga e descarga e caminhei pelo asfalto quente na direção da minha Sprinter.

• • •

Estava ficando sem tempo para encontrar Kara, então, pela primeira vez desde que tinha estabelecido uma nova identidade, decidi pegar um avião.

Doze minutos depois da decolagem do aeroporto internacional Harry Reid, nós nos estabilizamos a noventa e cinco mil pés. Era um Boeing de oitenta lugares, e, apesar dos ramjets nos propelirem a um quilômetro e meio por segundo, não havia sensação de movimento até eu ver os antigos aviões supersônicos dez quilômetros abaixo; e os aviões subsônicos mais antigos ainda seis quilômetros abaixo deles. Todos pareciam estar correndo para trás.

Eu observei a curvatura da Terra — a frágil névoa azul da atmosfera mudando para o vácuo escuro do espaço.

Depois de vinte minutos de altitude de cruzeiro, ouvi e senti os motores desligando. O piloto anunciou que tínhamos começado a descida planada em Washington.

Pela primeira vez em mais de um ano, eu estava voltando para casa.

Doze



O relógio do painel indicava 18h45. Estava escuro e chuvoso lá fora. Minha casa fora pintada — o revestimento de madeira havia sido renovado, os detalhes foram de vinho para azul-marinho, a porta estava vermelha.

Aquela era a primeira vez em meses que eu me sentia indeciso. O pequeno cooler com o meu novo upgrade estava preso com o cinto de segurança no banco do passageiro. Eu poderia tê-lo aplicado em Vegas. Deveria tê-lo aplicado em Vegas. Mas, em vez disso, vim para cá.

Não sabia o que ia acontecer e queria ver a minha família uma última vez.

Estava ajeitando o cabelo no retrovisor, tentando ficar um pouco mais apresentável, quando a porta da casa se abriu.

Beth apareceu sob o batente.

Ela estava usando um vestido envelope verde que eu nunca tinha visto antes e mudara o cabelo que batia na altura dos ombros para um corte assimétrico e arrojado.

Beth fechou a porta e começou a caminhar pelos ladrilhos em direção à rua.

Era a minha hora.

Porém, quando estiquei a mão para abrir a porta do carro, faróis surgiram ao longe, a luz se dispersando pelas gotas de chuva que escorriam pelo para-brisa.

Esperei, observando o carro automatizado parar junto ao meio-fio.

Beth abriu a porta do passageiro e entrou no veículo.

• • •

Após três quilômetros, o carro de Beth parou na frente de um restaurante chamado La Fleur, onde tínhamos jantado em diversas ocasiões especiais. Era um local para comemorar aniversários e bodas de casamento. Um local para tentar impressionar alguém, com um menu sem carne sintética e preços exorbitantes. Eles vendiam algo pelo qual algumas pessoas estavam dispostas a pagar um bom dinheiro: a experiência de comer fora no mundo de antes.

Beth saltou do carro, andou apressadamente pela calçada e desapareceu lá dentro.

Estacionei na primeira vaga que encontrei e saí em direção à noite chuvosa.

Apesar do tempo, as calçadas estavam cheias.

Eu me movimentei por nuvens de perfumes.

Havia um bocado de gente na entrada do La Fleur, se enfileirando diante da recepcionista. Beth não estava entre elas, e as mesas estavam escondidas por trás de cortinas vermelhas.

Eu me apertei no meio das pessoas e pedi desculpas conforme avançava pela multidão, passando escondido pelas cortinas enquanto a recepcionista dava uma olhada na lista de reservas com uma caneta-lanterna.

O salão estava escuro e barulhento.

Todas as mesas estavam ocupadas — muitas delas com baldes de champagne e cobertas por toalhas brancas iluminadas à luz trêmula de velas.

Ao sair da frente de um garçom que usava smoking e carregava uma bandeja de martínis, vi o vestido verde de Beth.

Ela estava de costas para mim, sentada a uma mesa mais íntima no canto, aos fundos.

De frente para um homem.

Eu os encarei através do caos controlado de garçons e comensais.

Tudo ao meu redor se dissolveu.

Não vi nada além do rosto do homem sentado na frente da minha esposa. Ele era bonito e estava muito bem-vestido, usando um blazer preto sob medida por cima de uma camiseta branca cara.

Ele se inclinou na direção dela e riu. Conforme eu me aproximava, vi que o braço direito dele estava sobre a mesa, a mão a alguns centímetros da mão de Beth.

— Senhor?

Virei-me para encarar a recepcionista.

— Está procurando a sua mesa?

— Sim — respondi, disfarçando —, mas não encontrei o meu grupo. Achei que já estavam aqui.

— Qual é o nome na reserva? Posso ver se eles já entraram.

— Não sei quem fez a reserva.

— Tudo bem, qual é o seu nome?

— Robbie.

— Se quiser, pode esperar no bar.

Ocupei o único assento disponível, que tinha uma vista perfeita da mesa de Beth, e reconheci o ciúme fervente que sentia em relação àquele homem. Mas, como tantas das minhas emoções, esse sentimento foi contido pela minha habilidade de ignorá-lo. De ver além das minhas próprias emoções.

Pedi uma bebida, não toquei nela e observei a mesa de Beth.

Eles pediram drinks, vinho, comida.

A conversa fluía sem esforço.

A linguagem corporal, o ambiente, o fato de ser uma noite de quinta-feira em um restaurante francês escuro — tudo indicava que era um encontro. O terceiro. Talvez o quarto.

Um garçom levou a garrafa de vinho para eles. O acompanhante de Beth fez um show ao examinar a rolha e estudar com cuidado a cor do líquido assim que caiu na taça.

Depois que o sommelier se retirou, o homem com quem Beth estava se levantou. Eu o observei caminhar até um corredor no outro lado do restaurante que provavelmente levava aos banheiros.

Coloquei uns trocados no balcão e comecei a ir na direção da mesa de Beth.

Ela estava a apenas seis metros de distância, mandando uma mensagem para alguém pelo celular.

Meu batimento cardíaco chegou aos cento e sessenta bpm. Parecia que outra pessoa havia tomado conta do meu corpo, e é claro que eu sabia quem era. O antigo Logan. Ainda prisioneiro das necessidades humanas. Lançado no oceano da sua existência por ventos que não conseguia controlar nem entender.

O novo Logan não gritava, mas dizia com uma voz calma e firme: *Você sabe que não devia fazer isso. Vai colocá-la em perigo.*

Cheguei a três metros da mesa.

Então um metro e meio.

Você sabe que não devia fazer isso.

Em meio a todos os odores que competiam pela minha atenção no restaurante, captei o da minha esposa — a química do seu perfume, do sabonete, dos cremes e, abaixo de tudo isso, a alquimia misteriosa de feromônios e do aroma elemental, que atingiu o que sobrara do meu cérebro reptiliano. O impacto emocional foi mais forte do que tudo que eu sentira desde o upgrade.

Eu ainda a amava.

E então a sensação desapareceu. O antigo Logan foi trancafiado.

Em um sobressalto repentino de lucidez, me vi no restaurante. O véu se ergueu. Vi as forças que me levaram até lá.

As velhas garras do ciúme, do medo e da dor.

Por egoísmo, jogando fora a lógica da verdade.

Eu era um perigo para Beth, para a nossa filha.

Não era mais o melhor para elas.

Beth notara a minha aproximação pelo canto do olho.

Começou a virar a cabeça na minha direção.

Eu dei as costas rapidamente e passei pela mesa dela, e então pelo homem com quem ela estava jantando, que tinha acabado de sair do banheiro. Ele não me viu. Estava completamente focado em Beth, e consegui ver no rosto dele as microexpressões de interesse, excitação, desejo.

• • •

De volta à rua, sentei-me no carro enquanto a chuva caía, observando as pessoas passaram pela calçada.

Desafivelei o cinto que prendia o cooler e abri a tampa. Mergulhando a mão na água gelada, peguei a primeira das oito seringas grandes — cada uma com uma etiqueta que indicava um local específico no meu corpo.

Colocando o meu novo upgrade no painel, arregacei a manga do braço esquerdo, amarrei um elástico em cima do cotovelo e limpei o local da injeção sobre a minha antecubital com uma compressa de álcool.

O cheiro acentuado de isopropanol encheu o carro.

Ergui a seringa e forcei uma única gota da substância pela agulha. Uma vez injetada, os efeitos começariam em uma hora. Eu tinha um quarto de hotel reservado no Mandarin Oriental. Estava usando uma injeção pressurizada para o choque hidrodinâmico dos principais upgrades sistêmicos, e um inalador nasal modificado para as nanopartículas passarem pela barreira hematoencefálica e atingirem diretamente o cérebro. Eu voltaria para o hotel antes de soprar as nanopartículas, já que o efeito seria imediato.

Através do vidro molhado pela chuva, tive um vislumbre de algo verde. Beth estava indo até a calçada, protegida por um guarda-chuva que seu acompanhante segurava. Estava de braços dados com ele. Não havia aliança no dedo. Os dois conversavam, mas eu não conseguia ouvir as palavras com a chuva batendo no teto do carro.

A maior parte do seu rosto estava coberta pelo guarda-chuva, mas conseguia ver a boca da minha esposa.

Ela estava sorrindo.

Aquela seria a última vez que eu veria Beth?

Uma pergunta do antigo Logan.

Eles passaram bem ao lado da minha janela, e captei um fragmento da risada de Beth através do vidro. Aguda e melódica. Tinha algo nela que sempre me fazia lembrar a luz do sol.

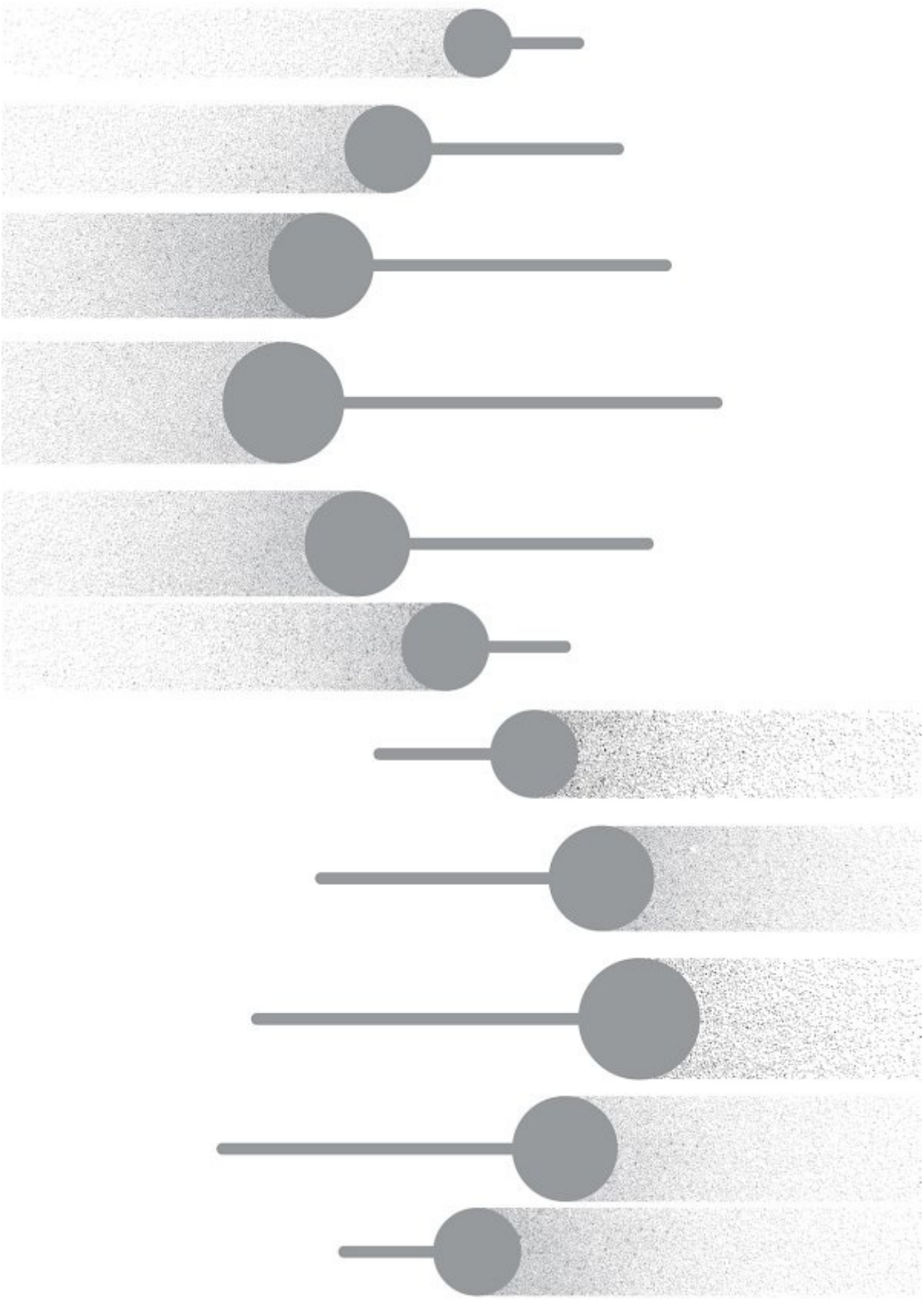
E então eles desapareceram — apenas mais um casal em um mar de guarda-chuvas. Fiquei outra vez impressionado, como um observador externo, com a forma como os membros da nossa espécie precisavam uns dos outros. Todas aquelas pessoas na chuva fria. Para rir e beber. Para conversar sobre nada. Era quase como se a necessidade de conexão e toque fosse a nossa força vital — quer dizer, a *deles* .

Eu não me sentia solitário.

O antigo Logan se sentia solitário. Mas ele estava morrendo.

Olhei para a seringa.

E então enfiei a agulha na minha veia.



PARTE TRÊS

No século XXI, o terceiro grande projeto da humanidade será adquirir os poderes divinos de criação e destruição e elevar o Homo sapiens *à condição de* Homo deus.

– Yuval Noah Harari, Homo deus

treze



Chovia fogo dentro do meu cérebro.

Meus olhos se reviraram, meu corpo sofria convulsões, meus braços se enrolavam, saliva escorria da minha boca.

A convulsão passou.

Parecia que os meus ossos estavam derretendo, como se alguma coisa estivesse tentando abrir caminho pelo meu crânio com um picador de gelo. Alcancei o azulejo frio do banheiro do meu quarto de hotel e me arrastei pela lateral da banheira, que eu tinha enchido de gelo.

Ao entrar na água fria, gemi.

Tudo doía.

Minhas células gritavam.

Conforme minha pele quente derretia o gelo ao meu redor, pensei: *Eu vou morrer.*

• • •

Minha mente estava se desfazendo. Sem centro para assimilar as coisas. Sem priorizar os estímulos que surgiam. O ângulo dos arcos dos meus pelos do braço, a água pingando da pia a intervalos de quarenta e dois segundos, o reboco no teto texturizado, a frequência do meu piscar de olhos, o padrão dos azulejos na parede, a diferença de grossura do cimento… conforme o meu pulso caía para os quarenta, pensando no meu tálamo, o transmissor subcortical de informação sensorial da periferia ao córtex, que filtrava e organizava as informações

sensoriais, os circuitos tálamo-corticais que governavam o controle de atenção da informação sensorial e sustentava as interações funcionais com as áreas corticais e entre elas… eu tinha acabado com ele.

Eu tinha acabado com tudo.

Destruído a minha própria mente.

Gemi.

Tortura cerebral.

A velocidade do tempo diminuía até um rastejar interminável.

Eu encarava um dilúvio de informação sensorial em câmera lenta caindo pelo meu rosto, focando intensamente em cada gota ao mesmo tempo, minha consciência se dividindo, se dividindo, se dividindo e…

Havia uma pedra escaldante do lado esquerdo do meu peito.

Ficando cada vez mais quente, e o meu sangue parando de circular dentro de mim.

Órgãos se esforçando.

Falhando.

A dor explodindo em todos os lugares. Não conseguia respirar…

• • •

… Respirei fundo, o coração batendo de novo.

Meus batimentos ficaram em cento e quarenta e oito durante segundos excruciantes, e eu ainda estava afundando em um redemoinho de informação sensorial, meus próprios pensamentos parecendo vir de uma voz fora do meu corpo, de muitas vozes, e a minha mente se dividindo sem parar.

Pensando oito coisas ao mesmo tempo.

Depois dezesseis.

Então…

Feche os olhos.

Escuridão.

Alívio momentâneo.

• • •

Recuperei a consciência tremendo em uma banheira com água a vinte graus Celsius. Agarrei a lateral e tentei ficar de pé, mas não tinha forças para isso.

Olhei em volta.

A sensação de horror irracional e sem rumo havia desaparecido, embora eu ainda não soubesse se a tempestade genética havia realmente passado ou se eu continuava no olho do furacão.

• • •

Raios de luz quentes passaram por entre as cortinas. Não fazia a menor ideia de que dia era. Quanto tempo havia ficado naquele quarto. Tudo que eu sabia era que eu estava com uma sede desesperadora e uma febre escaldante.

Eu me sentei na cama, peguei a primeira garrafa de água que vi e bebi. Eu tinha administrado em mim mesmo uma solução salina intravenosa antes de inalar as nanopartículas, mas havia me mexido tanto durante a primeira convulsão que arranquei o cateter.

Depois de duas garrafas de água, tentei ficar de pé.

Fui cambaleando até uma das janelas e dei uma olhada lá fora. Tive que proteger meus olhos do ataque da luz na mesma hora.

Céus nublados e invernais cobriam a capital da nação. Da suíte do oitavo andar, conseguia ver as marinas do canal de Washington e o domo branco distante do Jefferson Memorial.

Minhas forças já estavam desvanecendo.

Caí na cadeira ao lado da janela.

• • •

Naquela noite, meus sonhos foram caleidoscópicos.

Testemunhei a minha própria mente se reconectando e se transformando.

Estava no limite sutil entre agonia e êxtase.

Compreendia todas as forças — genéticas, ambientais, a minha cascata de escolhas predestinadas — que me fizeram ser quem *eu* era naquele momento. Vi a mim mesmo como a solução inevitável à equação da minha existência. Por fim, compreendi que não havia livre-arbítrio, porque não podia escolher os meus

desejos, apenas se os seguiria ou não.

Vi todas as versões antigas de Logan ao longo do tempo.

Do zigoto àquele momento.

Eu me perguntei quem eu tinha me tornado.

O que eu tinha me tornado.

Chorei.

Gritei.

Ri histericamente.

Enfiei as unhas na pele e arranquei os cabelos.

Queria morrer.

Queria viver para sempre.

• • •

Quando acordei de manhã, sabia que a tempestade já havia passado. Saí da cama e fui até a sala de estar.

Olhei ao redor, deixando tudo me atingir.

Ainda estava ultraconsciente de cada estímulo sensorial, mas algo havia mudado. Eu conseguia dividir a minha mente em mais de duas linhas de consciência. E, mais importante, conseguia controlar a carnificina sensorial se quisesse.

Fiz um teste, focando…

Na maneira que o aquecimento central dava a impressão de que as cortinas respiravam, como os pulmões de uma criatura alienígena.

Numa mosca zumbindo sem parar dentro da lata de lixo ao lado do frigobar.

No frigobar tinindo a quarenta e nove hertz por causa de um compressor sujo.

No meu intelecto, que já voltava o seu poderoso motor na direção de Kara.

Na minha sede — um artefato neurológico que, na verdade, era o resultado da angiotensina II agindo em cima dos receptores da angiotensina II no órgão subfornical, uma região do cérebro perto dos ventrículos com alta vascularização, em resposta ao baixo nível de volume sanguíneo.

Na minha fome — outro artefato sensorial, sobre o qual eu estava intensamente consciente: eram apenas os neurotransmissores de serotonina (5-HT) e catecolamina nos meus neurônios serotoninérgicos, no meu plexo

mioentérico intestinal, nas minhas células enterocromafins na mucosa do meu trato gastrointestinal, e minhas plaquetas sanguíneas me mandando comer.

Quanto mais pensamentos e input sensorial eu me permitia receber e processar, uma coisa curiosa acontecia.

O tempo parecia se alongar, se esticar. Semelhante à reação de medo que ativa a amigdala para mostrar mais memórias, minha consciência multipontiaguda também estava apresentando mais memórias por um fator X, onde X era o número de vezes que eu dividia a minha consciência. E isso dava a impressão de que o tempo desacelerava por uma fração que também correspondia a X.

Em outras palavras, ao dividir a minha consciência e focar simultaneamente em múltiplos estímulos, eu podia desacelerar a minha percepção do tempo. E, quanto mais eu dividia a minha consciência, mais devagar o tempo parecia passar.

Eu me perguntei se podia prolongar instantes, deixar cada segundo se tornar um mundo próprio. No laboratório de Feld, consegui antecipar com facilidade os movimentos corporais dos seus capangas, mas não era nada comparado ao novo upgrade.

Fora isso que acontecera na banheira, e havia sido uma tortura porque eu não conseguia controlar os estímulos. Não conseguia pará-los. Mas agora eu conseguia. Era como se eu pudesse mesmo desacelerar o tempo.

O som que vinha pelas janelas com as cortinas fechadas estava diferente. Abafado. Começara a nevar.

Caminhei até as portas francesas e saí para a varanda.

Deixei a minha consciência se dividir, se dividir, se dividir e se dividir até que os flocos de neve estivessem *quase* parados. Observei um se arrastando pelo ar, a uma curta distância da ponta do meu nariz. Os carros estavam parados, as pessoas nas calçadas a quase vinte e cinco metros lá embaixo mal se moviam, e um hiperjato avançava lentamente pelo céu.

Pisquei, voltando à consciência única.

O mundo voltou à velocidade normal.

Então entendi: era assim que Kara desviava de balas.

E também entendi outra coisa. Se antes eu só tinha teorias vagas e palpites embasados, naquele momento, conforme a neve derretia no meu rosto, eu soube claramente como a minha irmã liberaria o upgrade.

Eu sabia até mesmo onde.

• • •

Apliquei a injeção na veia dele com tanta habilidade que ele mal se mexeu. Depois de apertar o êmbolo, coloquei um pedaço de esparadrapo sobre a agulha, que ainda estava em sua pele, e então voltei para a cadeira.

O quarto estava escuro, e a cadeira rangeu com o meu peso conforme eu me acomodava.

Respirei fundo algumas vezes, em silêncio.

Os segundos passavam na metade da velocidade, já que eu estava ali naquele momento, mas também pensando na minha irmã.

Um gato preto passou pelas minhas pernas ronronando, feliz.

Edwin Rogers se mexeu, rolou para o outro lado e voltou a ficar parado.

Havia apenas o som do seu ronco leve e o sussurro do aquecedor central despejando calor pelos respiradores.

Meu cérebro queria engajar com vinte e nove fontes distintas de input sensorial, mas não deixei. O processo de negação ainda era um esforço consciente. Eu logo iria me adaptar.

Eu estava no segundo andar da casa de tijolos vermelhos do diretor da APG, em Georgetown, a quatro quarteirões do Potomac.

Eram duas e vinte e sete da madrugada.

Pigarreei alto. Edwin se mexeu debaixo dos lençóis. Dei outro pigarro, mais alto dessa vez. Edwin acordou de repente e se sentou na cama, encarando a escuridão.

— Esse barulho não era um sonho — falei.

Ele esticou a mão para a mesa de cabeceira, abrindo a gaveta.

— A arma não está aí. Está comigo.

Edwin olhou na minha direção. Estava tão escuro no quarto que eu tinha certeza de que ele só conseguia ver a minha silhueta. Eu podia vê-lo perfeitamente.

— Quem está aí? — perguntou ele.

— Seu antigo parceiro de laboratório.

Por um instante, Edwin ficou completamente parado. Vi quando ele olhou

para o antebraço esquerdo. Vi a mão dele encostar na seringa que eu tinha prendido ao seu braço. Vi quando ele notou o êmbolo pressionado. Ele arrancou o esparadrapo e retirou a agulha da veia.

— O que você injetou em mim?

— Vamos falar disso depois.

— Você está maluco, Logan? Se a minha esposa…

— Sei que ela não está na cidade.

— Tenho seguranças lá fora. Como…

— Não importa.

Eu me inclinei e liguei o abajur.

Edwin me encarou, completamente aterrorizado.

Antes do upgrade, a maioria dos humanos era um mistério completo para mim, como montanhas envoltas por nuvens e névoa. Eu sabia que estavam lá, mas seu formato verdadeiro permanecia escondido. Minha habilidade para prever os comportamentos de terceiros — até os da minha esposa e da minha filha — sempre fora elusivo. O primeiro upgrade havia afastado um pouco da névoa.

Quando o segundo upgrade começou a se manifestar, uma rede interconectada de forças antes invisíveis se revelou para mim. Não vi apenas o medo de Edwin, mas todas as pressões que agiam sobre ele e que tinham esse medo como resultado — suas diversas identidades que competiam entre si como marido, pai, avô, diretor da APG, agente da lei, mentor, amigo, traidor, cientista e organismo vivo que não queria morrer.

Era a diferença entre ver as árvores se movendo ao sabor do vento e ver o vento chegando muito antes de as árvores começarem a se mexer. E saber *exatamente* o quanto elas se mexeriam.

A distância entre quem eu achava que Edwin era e quem ele de fato era diminuíra. Eu me lembrava de tudo sobre ele, cada palavra que o ouvi dizer, cada reação dele durante os anos pré-upgrade — todas se unindo para criar um modelo mental quase perfeito de quem ele era naquele momento e o que faria no momento seguinte. Não era como se eu conseguisse ler a mente de Edwin. Assim como eu não conseguia parar o tempo de verdade. Nenhuma dessas observações me dava a informação exata, mas as impressões que elas transmitiam criavam uma fundação rica para dedução.

Eu via *dentro* dele.

A estrutura secreta de sua identidade estava ali, na minha frente, às claras, sem obstáculos.

Uma montanha que eu enxergava perfeitamente, em um belo dia de outono.

Não havia mais mistério. Ele estava preso em um loop eterno dos seus desejos mais profundos, e eles acabariam com qualquer impulso em direção à imprevisibilidade.

Ele agiria em algum momento.

Ele se moveria conforme o vento o atingisse.

Eu podia ver o vento.

E eu podia ser o vento.

Naquele instante, ele pensava: *Eu não sabia o que fazer com você. Não sabia como o upgrade o modificaria. Me desculpe.*

E então ele falou:

— Me desculpe por tudo. Tratei você como uma cobaia de laboratório. Menti para a sua família.

Esperto. Começar se livrando disso.

— Você estava fazendo o seu trabalho. Entendo quais eram os incentivos. As várias pressões sobre você — respondi, olhando para o revólver .357 que pegara na mesa de cabeceira de Edwin. — Mas, por favor, não esqueça… Eu poderia ter matado você hoje pelo que fez comigo e com a minha família.

Ele teve uma hemorragia de alívio.

— A pessoa que me libertou da sua prisão clandestina era a minha irmã. Ela matou os seus seguranças contratados. Minha mãe também deu o upgrade para ela — contei.

— Por quê?

— Porque Miriam estava morrendo. O upgrade era a sua *magnum opus*, e ela sabia que não ia conseguir viver o suficiente para vê-lo implementado. Então, ela aprimorou os seus dois filhos restantes e deixou os últimos estágios do upgrade para que nós o completássemos. Eu não queria seguir com aquilo. Kara, sim.

Conforme eu contava tudo a ele, observei o medo de Edwin pela sua própria segurança se tornar horror diante do que a minha irmã estava planejando.

— Então Glasgow foi só um teste? — perguntou ele.

Assenti.

— Acabamos de terminar o sequenciamento de alguns genomas dos mortos.

— Prinopatia — falei.

— Isso.

Ele parecia surpreso por eu saber daquela informação.

— Esse é o menor dos seus problemas. Minha irmã está purificando o vírus nesse momento. Está a semanas, talvez dias, de fazer um upgrade transmissível. Imagine Glasgow em uma escala global.

Observei o pavor nos olhos de Edwin.

— Como ela poderia fazer isso? — perguntou ele.

— Assim que as mortes em massa começarem, os governos vão responder com lockdowns e quarentenas. Sei que muitos países já estão trabalhando em terapias antiFoice. Se eu fosse Kara, precisaria me certificar de que o upgrade estivesse *em todos os lugares* antes de essas coisas acontecerem. Precisaria infectar um monte de pessoas dispostas a serem hospedeiras e então mandá-las, *ao mesmo tempo* , aos confins da Terra.

— "Um monte" quanto? — perguntou Edwin.

— Considerando a taxa de rejeição, entre setenta e cinco e cento e cinquenta pessoas.

— E quando você diz "aos confins da Terra"…

— Existem cento e vinte e oito cidades com população com mais de cinco milhões de habitantes. Eu mandaria os hospedeiros para lugares como Tóquio, Deli, Xangai, São Paulo, Cidade do México, Daca, Cairo, Pequim, Mumbai, Osaka, Istambul e Moscou. Eu com certeza saberia o tempo de contágio e acompanharia de perto, pois, enquanto os meus hospedeiros estivessem transmitindo o vírus altamente contagioso, estariam passando por aeroportos e indo a shows, festivais, eventos esportivos, protestos.

Edwin parecia aterrorizado.

— Como encontrar pessoas *dispostas* a serem hospedeiras? Seria um desafio, não?

Uma excelente pergunta. Para a qual eu já tinha uma teoria.

— Com certeza — respondi. — Eles precisam saber exatamente o que estão fazendo. Precisam saber que existe uma chance de 13,6 por cento de morte. Precisam *querer* ajudar Kara nesse evento evolucionário forçado.

— Estou tentando imaginar quem iria *querer* …

— Geneticistas — respondi. — Geneticistas em apuros, insatisfeitos e frustrados. Pessoas que acham que o Ato de Proteção Genética foi um erro. Mas sobretudo aqueles que acreditam que o mundo já está acabando mesmo, então por que não tomar uma atitude desesperada? Em outras palavras, geneticistas que também se identificam como ambientalistas fervorosos. *Devotos.*

— Você precisa de acesso ao MYSTIC — disse Edwin. — Acha que consegue rastreá-los?

— Acho. E quero Nadine trabalhando nisso. Ela é uma das poucas pessoas que confio que não vai me trair.

— Feito. Sabe onde sua irmã está agora?

— Tenho um palpite.

— Vou ajudar a encontrá-la. Do que você precisa?

Examinei o rosto de Edwin. Ouvi o seu batimento cardíaco. Naquele momento, ele não estava mentindo para mim, mas aquilo não significava que ele não poderia mudar de ideia depois, quando estivesse fora de perigo iminente. Ou permitir que outras forças o fizessem ficar contra mim.

— Por que me procurou? — indagou Edwin. — Foi um risco enorme.

— Porque não acho que a minha irmã vai prever o meu retorno às pessoas que me traíram. E isso pode me dar uma chance de encontrá-la.

— Como eu vou saber…

— Que você pode confiar em mim?

Ele assentiu.

— Você mesmo vai analisar os dados. Vai confirmar a taxa de fatalidade. Vai imaginar o que acontecerá se isso varrer o planeta e vai decidir que, se houver alguma chance de eu estar falando a verdade, não vai ter escolha a não ser me ajudar.

— É justo.

— Injetei em você um pacote genético adormecido, que criei no laboratório de Ty Feld. Você não está em perigo agora, mas posso ativá-lo a qualquer momento. E, se algo acontecer comigo, ele será ativado por um gatilho ambiental.

— E o que aconteceria?

— Uma cascata de merdas horríveis dentro de você.

— Não tenho interesse em…

— Eu sei.

Eu acreditava nas intenções de Edwin. Mas não confiava e não podia controlar as pessoas acima dele, principalmente o Departamento de Defesa. Os mesmos chefes que não dariam permissão para Edwin prender e processar Ty Feld estariam muito interessados em mim caso eu surgisse de novo no radar deles.

— Sem querer soar repetitivo, mas se eu morrer, ou for capturado, ou se você me trair de novo, você vai morrer.

— Isso não vai acontecer, Logan.

Eu acreditava nele. Ele tentaria me proteger dali em diante. Poderia até sacrificar a própria vida por isso, porque uma bala ou uma cela de prisão eram medos conhecidos. O que eu injetei próximo ao seu genoma era uma matéria-prima desconhecida digna de pesadelos.

• • •

Estávamos em uma planície sem nada de especial.

O céu era do mesmo cinza-chumbo da terra, e não haveria dimensão naquele espaço — nenhum horizonte, nenhum senso de profundidade — se o chão não fosse minimamente mais escuro que o céu.

De repente, ele se abriu entre nós.

Uma fissura preta cada vez maior.

Ava e Beth gritavam o meu nome conforme a distância entre nós aumentava. Ava olhou para a mãe. Olhou para mim. Então deu vários passos para trás e começou a correr na direção do precipício.

Não! , berrei. *Você não quer isso!*

Mas ela continuou correndo.

Cada vez mais rápido.

Observei quando o pé dela encostou na beira do abismo e ela pulou…

Os braços se movendo, as pernas ainda correndo no meio do ar.

Vindo até mim por cima do vazio.

Nós nos encaramos por um momento, e Ava sorria.

Estou indo, pai. Estou indo com você.

Ela caiu na lateral do abismo, segurando a beira com os braços, os pés lutando

para subir. Corri até ela, mas, quando tentei alcançar sua mão, ela perdeu a firmeza, os dedos escapando entre os meus.

De joelhos, encarei o abismo sombrio enquanto Ava caía, se afastando de mim.

Mergulhando na escuridão sem fim.

Acordei de repente.

Meu coração martelava no quarto de hotel escuro.

Eu estava repetindo o nome da minha filha, baixinho, sem parar.

Saindo da cama, fui até o banheiro e enchi um copo de água.

Bebi, voltei a enchê-lo e bebi de novo.

Estava começando a me acalmar, meus batimentos cardíacos lá pelos cento e vinte. Algo acontecera durante o sonho. Minhas emoções tinham se libertado da gaiola de Faraday, e eu senti — por um momento agonizante — o tempo que passei longe da minha família.

Eu me agachei no chão do banheiro.

Um soluço escapou. E então outro. Uma represa de luto sendo aberta e, por sessenta segundos, permiti que aquilo me destruísse, vendo com clareza tudo que eu tinha perdido.

• • •

Edwin me buscou em frente ao hotel à meia-noite. Subi no seu 911E, e aceleramos, atravessando a cidade.

O Porsche era um daqueles novos carros elétricos "vintage" de longo alcance, com um chassi quad-motor que podia ir de zero a sessenta em menos de um segundo e alcançar mil e quinhentos quilômetros com a bateria cheia. Edwin tentava conversar comigo, mas minha mente estava em outro lugar. Eu estava me preparando para o tempo que passaria com o MYSTIC.

Ele estacionou no meio-fio da D Street SW, e entramos por uma porta na parte calma do Constitution Center, que, por sinal, era a mesma porta que eu havia atravessado quando tentei escapar daquele prédio mais de um ano e dois upgrades antes.

Não achava que ele seria idiota o suficiente para me trair tão cedo, meras vinte e duas horas depois de eu ter aparecido em seu quarto no meio da noite, mas

torcia para não ter lido as suas expressões de forma errada. Sempre havia a chance de ele me submeter a um interrogatório virtual e tortura, com a ajuda de alguns produtos químicos. Tentar fazer com que eu explicasse o que injetara no seu corpo.

Conforme eu me aproximava, a porta se abriu. Minha antiga parceira, Nadine Nettmann, estava sob a soleira da porta, sorrindo.

— Ela já sabe de tudo — disse Edwin.

Assim que entrei no corredor e a porta se fechou às minhas costas, Nadine jogou os braços ao redor do meu pescoço.

— Você está bem?

Havia muita coisa para ser dita. Respondi apenas:

— Estou melhor agora.

Eu tinha experimentado tão pouco contato físico desde que fora raptado daquele prédio quase catorze meses antes que senti a interação tentando arrombar a porta dos meus gatilhos emocionais.

— O que foi? — perguntou Nadine. — Não dá mais abraços?

Eu a abracei.

Depois de um instante, nos separamos.

Ela me encarou. Vi compaixão. Pena. Medo, principalmente. Mas aquilo era natural na posição dela — me vendo pela primeira vez depois de mais de um ano, se perguntando o que eu havia me tornado. Não era?

— Você está diferente.

— Fiz algumas mudanças.

— Vamos? — indagou Edwin.

— Já está tudo pronto — avisou ela. — Tudo o que você pediu, Logan.

Subimos as escadas até o segundo andar, onde ficavam os servidores do MYSTIC. Os corredores estavam em silêncio. As luzes, que se acendiam por sensores de movimento, piscavam acima de nós conforme atravessávamos o corredor vazio.

— Coloquei as coisas aqui — disse Nadine, abrindo a porta de um escritório pequeno e estéril.

Não havia nada nas paredes. Nenhum floreio pessoal. O local estava vazio fazia algum tempo. Sobre a escrivaninha, vi apenas os dois computadores e teclados que pedi.

Por causa da ameaça de ataques cibernéticos e dos conjuntos de dados ultrassensíveis em questão, o MYSTIC só podia ser acessado através de terminais autônomos do Constitution Center.

— Você está logado com as minhas credenciais — comentou Nadine. — Do que mais você precisa?

— Quanto tempo tenho?

— Você provavelmente não deveria ficar no prédio depois das seis — respondeu Edwin. — Ficaremos de olho no corredor. Não acho que ninguém vai reconhecê-lo, mas o ideal é que o mínimo de pessoas possível saiba que você voltou.

— Quer que eu fique aqui? — perguntou Nadine. — Para ajudar.

— Obrigado, mas acho que é melhor eu trabalhar sozinho nessa parte.

Eles saíram, fechando a porta.

Antes do meu segundo upgrade, eu teria me sentido sobrecarregado com a possibilidade de encontrar Kara com o MYSTIC — eram muitos caminhos possíveis a serem explorados. Não estava procurando por ela ainda, queria antes confirmar se a minha teoria estava correta. Suspeitava que Kara estivesse trabalhando em Nova York ou Miami. Eu descobriria em um instante.

Comecei a pesquisar, dividindo a minha consciência para poder digitar em cada teclado simultaneamente.

Eu tinha uma das ferramentas de busca mais poderosas já criadas na palma da mão e, se conseguisse fazer referência cruzada em um punhado de grupos selecionados de dados, eu a encontraria.

Em primeiro lugar, ela precisaria de um virologista. Eu tinha mais formação em genética e virologia do que Kara. Mesmo naquele momento, quando eu estava chegando ao limite do segundo upgrade dela, ainda precisaria de um virologista para aperfeiçoar o vírus que carregaria o upgrade.

O banco de dados respondeu com trezentos e setenta e oito nomes. Filtrei esse grupo até restarem vinte e quatro candidatos, tendo como base fatores contribuintes que poderiam levar à criminalidade. Como já estavam no sistema, todos tinham fotos recentes, e eu poderia usá-las para fazer uma busca em bancos de dados de circuitos internos de televisão. Chamei o conjunto de imagens dos virologistas mais prováveis de estarem envolvidos de "Bloco A".

Ao mesmo tempo, no outro computador, eu criei o segundo grupo. Em

Glasgow, o homem em que fiz uma traqueostomia de emergência me dissera que era amigo de Kara da época do exército. E, quando Kara e eu estávamos na pousada na Virgínia Ocidental, perguntei se ela mantinha contato com os indivíduos que a resgataram em Mianmar. Ela respondeu: "Alguns deles são os meus melhores amigos."

Então, ela aprimorara Andrew, e suspeitava que tivesse feito o mesmo em ao menos alguns dos seus outros amigos militares. Pensando em retrospecto, entendi que aquelas eram as únicas pessoas no mundo em quem ela de fato confiava.

Andrew fizera parte da equipe que a libertara dos militantes de Mianmar. O nome completo dele era Andrew Kegan. Houvera outros sete Boinas Verdes na missão de resgate de Kara. Dois morreram durante a operação, mas chequei os outros cinco aproveitando o nível de acesso que Edwin conseguira para mim dos servidores do Departamento de Defesa.

Nathaniel Jacks. Alexis Hurley. Rodney Viana. Deshawn Brown. E Madeline Ortega. Todos vivos.

Nathaniel Jacks se encontrava em Pyongyang. Alexis Hurley estava na cadeia (de novo) após ter sido preso por criar desordem embriagado.

Madeline, Deshawn e Rodney foram dispensados com honra.

Os posts nas redes sociais de Deshawn Brown sugeriam que ele havia se divorciado recentemente e que estava morando em Pensacola, na Flórida.

Rodney Viana tinha um casamento feliz e estava no seu décimo ano como policial em Columbus, Ohio.

Madeline Ortega dirigia caminhões para a Freightliner.

Peguei o máximo de fotos que consegui encontrar de Ortega, Viana, Kegan e Brown, e chamei esse grupo de dados de "Bloco B".

Tirei da minha mochila um desenho fotorrealista que havia feito de Kara no dia anterior. Era a aparência exata dela na casa da nossa mãe, no Colorado, com as modificações faciais do update. Kara era o "Bloco C".

Para finalizar o upgrade transmissível, Kara precisaria criar um vetor viral sintético e transferi-lo para células colaboradoras, que então produziria um pacote e potencialmente um vírus infeccioso, purificado por coluna. Ela então precisaria testá-lo para se certificar de que o vírus funcionava como queria, com uma alta taxa de virulência e transmissibilidade em humanos. Esse seria o passo

mais difícil e requereria um grupo de testes *disposto* a contrair o vírus.

O "Bloco D" se resumia a ex-cientistas no nosso sistema com fatores contribuintes (doenças terminais, dívidas, radicalização, inclinações ambientalistas radicais) que poderiam fazê-los arriscar a própria vida ao se tornarem cobaias de Kara. Ou então se tornarem os seus supertransmissores — os agentes de linha de frente que a minha irmã mandaria aos confins da Terra. Consegui uma lista de duzentos e noventa e um candidatos e fiz o upload das fotos mais recentes deles.

Escrevi minha pesquisa máster: *Retorno alvo = qualquer câmera de segurança que captou imagens de qualquer elemento do Bloco A + qualquer elemento do Bloco B + Bloco C + qualquer elemento do Bloco D, dentro do período T — doze meses.*

Também queria saber se uma passagem havia sido comprada para qualquer pessoa do Bloco D (o possível grupo de testes e supertransmissores).

Escrevi uma subpesquisa: *Retorno alvo = passagens aéreas; hiperloop; ônibus; passagens de trem compradas por ou em nome de Bloco D, dentro do período T — doze meses.*

A tela à esquerda brilhou com os resultados da minha pesquisa máster. Era uma lista do número de série de câmeras de circuito interno de televisão. Selecionei um mapa dos satélites sobre os Estados Unidos e sobrepus os números de série nos locais correspondentes.

Embora houvesse alguns retornos pelo país, um número grande estava reunido ao redor de Nova York. Não havia nenhum em Miami.

Limpei todos os campos exceto pelos meus virologistas no Bloco A. Dos vinte e quatro possíveis candidatos, dois foram capturados por diversas câmeras e em várias ocasiões no entorno e na cidade de Nova York.

Fiz a mesma coisa com as forças especiais de Kara no Bloco B e recebi diversos resultados de Madeline Ortega, Deshawn Brown e Rodney Viana, também no entorno e na cidade de Nova York.

Então, meu desenho de Kara. Cinco dias atrás, o rosto dela havia sido capturado em Durango, Colorado. Depois disso, nada. Havia um hiperloop regional lá. Ela provavelmente se hospedou em uma pousada e aumentou seus traços antes de pegar uma cápsula para sair do Colorado. E o rosto que vi no chalé da minha mãe devia ter sido modificado lá mesmo, o que explicava por que

não havia uma imagem dela antes do Colorado.

Para o Bloco D, o grupo de teste viral e supertransmissores, tive o resultado de diversas câmeras no entorno e na cidade de Nova York com trinta e oito pessoas, de duzentas e noventa e uma. O número parecia baixo. Será que os supertransmissores ainda precisavam chegar em Nova York para receber os upgrades transmissores? Talvez aquelas trinta e oito pessoas fossem o grupo de teste de Kara.

Abri os resultados da subpesquisa — transações financeiras relacionadas a viagens. Havia uma lista de números de passagens aéreas e de hiperloop para o Bloco D.

Fiquei aliviado.

De todos os duzentos e noventa e um candidatos indicados pela IA, noventa e quatro do Bloco D tinham passagens aéreas internacionais compradas no próprio nome, com destino para todas as grandes cidades que listei para Edwin e muitas outras. E estavam todos saindo de Newark, LaGuardia, JFK, Filadélfia e Boston em um período de dois dias, começando em setenta e duas horas.

Dei um zoom em Nova York e pedi respostas em câmeras de segurança com a maior frequência de captura de imagem dos Blocos A, B e D.

Três resultados apareceram.

Uma câmera na interseção da Furman Street e Doughty Street, próximo a um parque na zona portuária do Brooklyn Heights.

Uma câmera na interseção da Richmond Terrace e Nicholas Street, perto do North Shore Waterfront Esplanade Park, na ponta norte da Staten Island.

E uma câmera no cruzamento da Washington Street e Dudley Street, perto do Morris Canal Park, na cidade de Nova Jersey.

Certo. Até aquele momento, eu tinha como base uma mistura dos modelos mentais do processo de pensamento de Kara e agia sob pura especulação. Mas essa última busca me pareceu boa. Ela deu uma base para a minha teoria de como Kara estava criando o seu upgrade em segredo.

Suspeitava que esses parques — todos em zonas portuárias — eram pontos de chegada e saída, de quando Kara e a sua equipe iam e voltavam do laboratório.

Eles estavam atravessando o porto de Nova York e os rios East e Hudson de barco, para a terra de ninguém inundada que era a Baixa Manhattan — o lugar perfeito para finalizar o upgrade de Kara.

A Baixa Manhattan tinha muitos pontos positivos para minha irmã. Era uma zona sem comunicações e sem circuitos internos de televisão. Infraestrutura na forma de laboratórios biomoleculares. Proximidade a diversos aeroportos internacionais. E o centro populacional mais denso dos Estados Unidos, que daria uma cobertura bastante ampla a cientistas em listas de observação viajando para Nova York para se tornarem beta testers e supertransmissores, evitando, assim, qualquer suspeita da APG.

Bastou conjurar uma imagem de satélite de Nova York para ver que havia aproximadamente onze mil prédios na nova cidade-fantasma que era a Baixa Manhattan. Antes de o lugar ser inundado, a Baixa Manhattan era casa de mais de quatrocentas empresas de ciências biológicas — bem menos do que antes do Ato de Proteção Genética. Apenas algumas das empresas teriam laboratórios lá. Apenas alguns laboratórios seriam apropriados para as necessidades de Kara. E apenas alguns dos laboratórios apropriados ainda estariam intactos e acessíveis.

Eu poderia fazer uma pesquisa para arranjar uma lista. Seria uma quantidade enorme de prédios com que se preocupar, e eu nunca teria tempo de procurar em todos.

No entanto, se a minha teoria estivesse correta, eu não precisaria fazer isso.

• • •

Vinte e nove minutos depois de entrar no escritório, eu saí. Nadine e Edwin estavam sentados um de frente para o outro no longo e silencioso corredor.

— Que rápido — disse Nadine.

Edwin me observou. Caminhei até ele e o encarei.

— Preciso de uma equipe de bio-SWAT — falei. — Doze pessoas. Equipamento de proteção biológica completo. Drone com leitura de calor. O de sempre. Eles vão precisar de barcos. Vou precisar de um caiaque para duas pessoas. E de NightShades, uma armadura Chainmail, uma dúzia de C-4 para abrir portas, uma lanterna, uma Spyderco Harpy, um cantil de ar comprimido e uma FN Five-seveN com quatro pentes de balas que podem perfurar armaduras. Ah. E fita isolante. Não se esqueçam da fita isolante. — Olhei para Nadine. — Você vem comigo? Para uma última operação? Como nos velhos tempos?

— Hum… — Ela olhou para Edwin e depois para mim. — Claro. Quando

você…?

— Agora. Vamos terminar isso antes de amanhecer.

— Desculpe — disse Edwin, se esforçando para ficar de pé —, mas para onde temos que ir?

Não hesitei.

— Miami.

Catorze



Nadine e eu caminhamos sob o teto abobadado do saguão principal, nossos passos ecoando no silêncio sepulcral em que a Union Station estava mergulhada às duas da manhã.

Parei na bilheteria e comprei duas passagens para Nova York, pagando a mais por uma cápsula particular.

— Pensei… — começou Nadine.

— Não podemos confiar em Edwin.

— Como você sabe?

— Vi na cara dele.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Entramos em um corredor sob uma placa que dizia TODOS OS TRENS PARA O NORTE. Quando enfim conseguimos passar pelos seguranças, éramos os segundos da fila.

Escaneei nossas passagens no portão, e o atendente nos levou à nossa cápsula. Entramos pela porta aberta em um espaço apertado. Os dois assentos ficavam cara a cara, e afivelamos o cinto de segurança de três pontas.

Uma voz feminina modulada disse: *Saindo em direção à cidade de Nova York em sessenta segundos. Tempo até o destino: vinte e nove minutos. Por favor, coloque todos os itens pessoais debaixo do assento. Obrigada por viajar com a Virgin Glideways.*

A cápsula brilhava com uma luz violeta suave e tinha uma trilha sonora calmante de ondas do oceano sintetizadas.

O trem começou a se mover.

A cada dez metros havia uma janela fina no tubo de hiperloop. Tive quatro vislumbres dos portões da Union Station, e então estávamos no túnel debaixo da cidade.

— Qual é o plano? — perguntou Nadine.

— Vamos ter que fazer isso sozinhos.

— Sabe em que lugar de Nova York Kara está?

As lâmpadas do túnel subterrâneo passavam cada vez mais rápido até se transformarem em uma linha borrada de luz que atravessava o vidro inteligente curvado da nossa cápsula. Em velocidades menores, como aquela, o efeito era incômodo, semelhante a algo estroboscópico, proporcionando visões de relance do mundo exterior. Mas na velocidade de cruzeiro, perto da barreira do som, aquelas escotilhas passavam tão rápido que criavam um zootropo, animando o mundo exterior de forma sutil e criando a ilusão de que a cápsula estava viajando sob uma peça única de vidro.

Despertei o touchscreen entre os assentos e escureci o vidro para que não víssemos as escotilhas.

— Baixa Manhattan.

Senti a aceleração de 0,5 g começando e observei a velocidade aumentando na tela.

Quatrocentos e oitenta quilômetros por hora.

Quinhentos e vinte quilômetros por hora.

Quinhentos e sessenta quilômetros por hora.

Seiscentos quilômetros por hora.

Nadine pegou o celular pela primeira vez desde que saímos do Constitution Center. Peguei o meu aparelho também, mandando para Edwin uma mensagem que tinha escrito no caminho para a Union Station.

De repente, Nadine pareceu frustrada.

— Tudo bem? — perguntei.

— Você está com sinal?

— Sim. Acabei de mandar uma mensagem para Edwin.

— Dizendo o quê?

— Para desligar o seu celular.

Ela ergueu a cabeça na minha direção com uma intensidade repentina.

Senti a nossa cápsula se erguendo no túnel subterrâneo.

— Quando ela falou com você? — perguntei.

Eu praticamente senti o corpo de Nadine ficando tenso. Por um longo instante, o único som no ambiente foi o das ondas saindo pelos alto-falantes. Considerando a nossa velocidade, a viagem estava sobrenaturalmente silenciosa.

A expressão de Nadine permaneceu implacável, ou pelo menos ela tentou mantê-la assim. Mas observei a turbulência interna. A sucessão de pensamentos zunindo em sua mente, se perguntando o que eu já sabia e o que ainda era segredo.

Por uma fração de segundo, ela considerou mentir, mas então vi quando ela percebeu que seria inútil. Apoiando as costas no assento, Nadine deixou escapar um suspiro silencioso.

— No verão passado — respondeu. — Eu tirei umas férias, fui até Tulum. Vi as ruínas. Nadei nos cenotes. Estava sozinha. Um dia, sentada à piscina, adivinha quem apareceu? Sua irmã. A princípio, achei que era uma coincidência louca. E ela me deixou acreditar nisso. Disse que também estava viajando sozinha. Me convidou para jantar. Rolou um clima naquela noite que passamos no chalé dela em Montana. O sentimento ainda existia. Ela era charmosa e tão esperta. Ficamos juntas por alguns dias, e, durante uma trilha pela selva, ela enfim me contou o que tinha acontecido com você. Achei que estivesse morto.

— Você não ficou…?

— Confusa. Furiosa. Apavorada. Ela me disse que tinha tirado você da prisão clandestina da APG. Que sua mãe havia aprimorado vocês dois. Sobre a briga no Novo México. E então falou o que queria fazer. E por quê. E como.

— Kara convenceu você?

— Era impossível negar a lógica dela. Quando trabalhei na Unesco, minha função era expandir a educação ambiental. Estamos em perigo. Naquela noite, ela me deu o upgrade no quarto do hotel. Como *você* sabia?

— Teria sido arriscado sem o MYSTIC, demoraria e seria praticamente impossível encontrar um grupo de pessoas dispostas a se tornarem supertransmissores. E Kara precisava que elas estivessem dispostas. Diante das medidas de segurança do local, mesmo se Kara estivesse superaprimorada, ela não poderia acessar o MYSTIC sozinha.

"Eu sabia que minha irmã tinha contatos na APG. Alguém escolhendo

candidatos para ela. Não sabia se era você, Edwin ou outra pessoa. Suspeitava de você. Edwin de fato acredita no que a agência faz. Mas você e eu nos sentimos da mesma forma em relação ao Ato Genético. E, quando estávamos em Montana com ela naquela noite, você falou da sua posição na Unesco. Falou *apaixonadamente* sobre o seu trabalho. E… você era minha amiga. Conhece minha esposa, minha filha. Kara sabia que você ficaria furiosa assim que soubesse o que a APG fez comigo.

"E hoje a sua linguagem corporal estava estranha quando a vi pela primeira vez. Então fiz mais um teste. Quando saí do escritório e Edwin perguntou onde atacaríamos, respondi Miami. Ele pareceu surpreso. Você, aliviada."

Nadine tocou na tela e clareou o vidro inteligente. Encaramos a janela ilusória conforme os campos de Maryland passavam a uma velocidade de mil e duzentos quilômetros por hora. Tudo brilhava sob o luar.

— Um bilhão de pessoas, Nadine. Qualquer pessoa que pegar o vírus do upgrade e morrer… será culpa sua. Pessoas que você conhece e ama.

— Se impedir isso — disse ela —, você pode ser responsável pela extinção do *Homo sapiens* . E será culpa sua.

— Pense nisso: por um tempo, Kara e eu fomos os únicos seres humanos aprimorados no planeta. E o que fizemos? Tentamos matar um ao outro na mesma hora por termos opiniões diferentes. Você recebeu o upgrade e decidiu ajudar Kara a liberar um vírus que vai levar a sofrimento e mortes em massa. Não parece que inteligência é a resposta. Fico aterrorizado quando penso em um mundo em que todos temos os mesmos problemas, um bilhão de amigos a menos, e todos pensam que a própria inteligência os torna infalíveis.

— Então prefere não ter mundo nenhum?

— É uma dicotomia falsa. Estamos em perigo, mas não significa que essa é a única solução. Rejeitar algo que envolve a morte de um bilhão de pessoas não é a mesma coisa que fechar os olhos enquanto o mundo pega fogo.

— E o que vai acontecer agora?

— Você será presa na Grand Central. — Toquei na tela e dei uma olhada no monitor da viagem. — Em dezessete minutos. Você ainda tem algum controle sobre o que acontece depois disso.

— Não vou contar onde ela está. Você pode até saber a área, mas não sabe o prédio. E tem um monte de prédios na Baixa Manhattan.

A tela do meu celular acendeu. Era Edwin me mandando os resultados da busca por prédios na Baixa Manhattan que eu tinha pedido para ele fazer no MYSTIC. Uma lista de trinta e sete companhias que eram candidatas para o laboratório de Kara. Era muita coisa.

Escrevi uma resposta:

Exclua dessa lista os prédios com menos de cento e cinquenta metros de altura.

Nadine deu uma olhada na bolsa, o pulso acelerando. Senti o cheiro do suor dela começando a se formar.

Não tínhamos passado nenhuma arma de fogo do governo pela segurança. Mas, se ela soubesse que havia uma chance de eu retornar, será que teria se preparado?

Uma cápsula em sua boca que liberaria um vapor letal ao ser mordida? Algum outro método de envenenamento dentro da bolsa?

Ela estava esticando a mão para alcançar o fecho de metal.

Desafivelei o cinto de três pontas, me estiquei e peguei a bolsa.

— Que merda é essa, Logan?

— O que tem aqui?

— Coisas de mulher. Devolve.

Para a sua própria segurança, por favor, recoloque o cinto.

Girei o fecho de metal, abrindo a bolsa. Nadine me observou com atenção.

Quando vi as listras pretas e laranja emergindo lá de dentro, meu instinto assumiu. Joguei a bolsa do outro lado da cápsula.

Merda.

Nadine *tinha* trazido uma arma.

A arma definitiva.

Ela tocou a tela e apagou as luzes.

Registrei uma frequência de 6k hertz.

— Desculpe — falou Nadine. — Odeio ter que fazer isso. Você é meu amigo, era o meu parceiro, mas não posso permitir que interfira.

Conseguia ver uma silhueta entre nós agora. Desde que recebera o upgrade da minha mãe, tinha passado por situações de medo, mas nada perto do terror de encarar dois pares de olhos — um composto, um ocelo — da gigantesca vespa-mandarina que pairava a quinze centímetros do meu rosto.

Por favor, coloque o cinto de segurança imediatamente.

Uma segunda vespa zumbiu na minha orelha direita. Senti as pontas suaves de suas poderosas asas.

— Kara pegou o seu DNA no chalé da sua mãe no Colorado. Ela modificou essas vespas, programando-as para ir atrás da sua marca genética única através dos feromônios do suor da sua axila — disse Nadine.

— Ela substituiu o veneno pelo quê?

— Pelo da taipan-ocidental.

Eu me lembrei de um documentário que assistira quando tinha catorze anos. A serpente taipan-ocidental, endêmica da Austrália, tinha o veneno mais potente do mundo. Uma mordida era suficiente para matar cem homens adultos. Continha neurotoxinas, hemotoxinas, micotoxinas, nefrotoxinas e hemorraginas.

O som da vespa na minha orelha direita estava ficando mais alto.

A outra também estava se aproximando.

Eu era o alvo delas.

Seus ferrões pareciam ser capazes de perfurar aço.

Compreendi o plano de Nadine — era um bom plano. Assim que as vespas me picassem, ela puxaria o freio de emergência, fazendo a cápsula parar em uma das plataformas de saída. Ela sairia pelo alçapão no teto, me deixando ali dentro para morrer.

Ignorei o medo, dividindo a minha consciência em quatro: vespa um, vespa dois, Nadine e as luzes do subúrbio da Filadélfia que corriam na nossa direção.

As vespas estavam se movendo para atacar enquanto eu desacelerava a minha percepção do tempo, sendo capaz de ver tudo.

Velocidade: novecentos e quarenta e sete quilômetros por hora.

Tempo até o destino: quinze minutos.

Atravessando pastos, uma velha fazenda brilhava à distância.

Nadine, de olhos arregalados, no meio da agonia de oito emoções conflitantes, mas sobretudo medo e culpa.

Pensando que eu não tinha nada com que atacar as vespas, e se aqueles ferrões me picassem — apenas um deles, em qualquer lugar — era o meu fim. Eles tinham um centímetro de comprimento e conseguiriam perfurar minha roupa com facilidade.

Fiquei completamente parado.

Se o senhor não colocar o cinto, receberá uma multa de quinhentos dólares e será proibido de viajar novamente em um hiperloop da Virgin.

Ergui os braços devagar, as vespas a cinco centímetros da minha pele, os ferrões se curvando na direção do meu rosto e pescoço.

Observei os meus polegares e indicadores se fecharem ao redor do abdome das duas.

Elas se contorceram, zumbindo de forma maníaca, se esforçando para picar minhas mãos, a ponta dos ferrões a milímetros da minha pele.

Observei o rosto de Nadine ser tomado pelo choque.

Enquanto ela erguia a mão esquerda para libertar o cinto do ombro, arranquei a cabeça das vespas com os dentes, joguei o resto dos corpos pela cápsula e desviei quando Nadine se lançou em cima de mim.

Ela caiu no meu assento e tentou se ajeitar, mas eu já estava por cima, apertando sua garganta, os olhos dela esbugalhados. Nadine arranhou meu rosto com as unhas.

— Fique quieta — falei.

Ela continuou lutando.

— Fique quieta!

Ela se acalmou. Diminuí a pressão no pescoço, mas não o larguei. Dei uma olhada de relance no meu celular, rezando para que Edwin tivesse me mandado uma nova lista. Ele mandou. Dezessete candidatos.

— AJ Vaccines. — Estudei o rosto dela com mais atenção do que qualquer outra coisa na vida. — Alexion. BioCryst. Ennogen.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— InGenX.

Ela fechou os olhos e virou o rosto. Eu me aproximei, prendendo-a no meu assento.

— Abra os olhos, Nadine. — Ela não abria. Apertei com mais força. — Olhe para mim! — Ela me encarou. Continuei recitando a lista de empresas que Edwin me enviara: — Kora Healthcare. — Não. — Leyden Delta. — Não. — Merck. Omega. Phoenix Labs.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Nadine.

— Ridge Pharma. Stirling-Anders. Teva Pharmaceuticals. Tor. Underell Solutions. Vifor. Zentiva.

— Acho que vai ter que me matar.

Sentei-me no colo dela, agarrando a garganta com uma das mãos e, com a outra, o rosto.

Um rosto com quem eu tinha rido e chorado. Um rosto que tinha — da última vez que vi, antes de a minha vida virar de ponta-cabeça — me consolado quando estava triste, diante de um memorial que fora construído em parte por consequência das minhas ações.

— Abra os olhos. — Falei os nomes mais rápido dessa vez: — AJ Vaccines, Alexion, BioCryst, Ennogen, InGenX, Kora Healthcare, Leyden Delta, Merck, Omega, Phoenix Labs, Ridge Pharma, Stirling-Anders, Teva, Tor, Underell Solutions, Vifor, Zentiva.

E de novo, mais rápido…

—

AJVaccinesAlexionBioCrystEnnogenInGenXKoraLeydenDeltaMerckOmega.

Parei.

Nadine me encarou.

Tremendo.

— É a Omega — anunciei.

Ela não falou nada.

Larguei a garganta de Nadine e me sentei no assento dela. Estava razoavelmente confiante de que a Omega Laboratories tinha causado nela uma reação — a pulsação cardíaca aumentara em cinco bpm, e a pressão arterial sistólica havia subido. Mas a expressão no seu rosto manchado de lágrimas conforme ela se encolhia no meu assento e encarava a janela dizia tudo.

Falhei.

Peguei o celular e mandei uma mensagem para Edwin.

É a Omega. Me mande as plantas de todo o prédio.

Olhei para Nadine e falei:

— Se tivesse continuado a ajudar Kara, isso teria acabado com você.

— Acho que sim.

Nossa velocidade havia diminuído para quatrocentos quilômetros por hora, e, pela janela, vi a silhueta da cidade de Nova York — ou o que sobrara dela — brilhando na noite.

Quinze



O Departamento de Polícia de Nova York estava nos esperando no portão da Grand Central, e, enquanto algemavam Nadine, Edwin saiu da sua cápsula, que estava apenas alguns minutos atrás da nossa.

Ele caminhou até nós, olhando Nadine de cima a baixo com uma fúria silenciosa que dizia mais do que palavras poderiam expressar. Enquanto observava os policiais a levando embora, temi pelo que aconteceria com ela. Edwin a colocaria em uma prisão clandestina para estudá-la como fizera comigo? Sujeitaria Nadine a um interrogatório virtual? Ela merecia algo melhor do que o que fizeram comigo. Não acreditava que aquilo havia acontecido, mas precisava afastar a dor por enquanto.

— Diretor Rogers? — Nós nos viramos para a jovem policial que tinha ficado para trás. — Tenho que levar o senhor até a equipe da SWAT.

Edwin e eu a seguimos pelo subsolo da Grand Central, subimos até o saguão principal e fomos até a Park Avenue, onde ela havia deixado o jipe estacionado em fila dupla.

Enquanto seguíamos para o sul, analisei as plantas que Edwin tinha me enviado do prédio 140 na Broadway, o arranha-céu que abrigara o Omega Laboratories. O Omega era, antigamente, um laboratório de fase beta, ocupando os andares trinta e três e trinta e quatro. Faziam vacinas de gripe para testes clínicos, antes de o produto final seguir para produção em massa para o mercado. Isso, é claro, antes da Baixa Manhattan ser inundada.

— Talvez isso seja um erro — disse Edwin.

— O quê? O ataque?

— Você não sabe no que está se metendo. Pessoas vão morrer. Talvez eu possa conseguir uma autorização para um ataque de drone. Destruir o prédio antes do amanhecer. Destruir aquela merda.

— Já ouvi estimativas de que há dez mil pessoas vivendo na Baixa Manhattan.

— Haveria algum dano colateral.

— E nunca saberíamos com certeza se conseguimos atingir ela. Ou o vírus que ela construiu. Quero ficar de olho em Kara.

O prédio 140 da Broadway tinha estilo internacional de vidro e aço preto e ficara pronto cento e um anos antes. Rolei a tela rapidamente por cada um dos cinquenta e um andares, guardando as várias plantas na memória.

Passamos pela Union Square Park, então descemos a Broadway até ela terminar em um cruzamento com a Houston Street, uma das novas barreiras ao norte da Manhattan inabitável. A área alagada não formava uma linha reta cortando a ilha. Havia variações. Todo o SoHo estava debaixo d'água, mas havia bairros que a maré alta não engolira, como partes da Chinatown.

Saindo do jipe, me aproximei das barreiras de concreto e arame farpado que bloqueavam a passagem mais ao sul. À distância, além da barricada, conseguia ver a água na rua onde a maré havia parado.

Atrás de mim, as luzes da cidade brilhavam nos seus icônicos tons de branco e champagne. Bem à minha frente, a única coisa visível era um pedaço do céu cravejado de estrelas, apertado entre prédios escuros. Já tinha visto fotos dessa cidade-fantasma à noite, mas nunca havia estado ali. Havia algo enervante naquela floresta de monólitos sombrios que era a Baixa Manhattan. Não estava completamente abandonada, é claro. Os sem-teto a tinham tomado três anos antes. Chamavam de Nova Veneza. Bem longe, era possível ver fontes de luz emanando por janelas quebradas — fogueiras em acampamentos de maré alta.

Edwin falou atrás de mim:

— Eles sabem que você é o líder aqui.

— Confia neles?

— É só a bio-SWAT do Departamento de Polícia de Nova York. Vão fazer o que você mandar.

Passei por cima da barreira de concreto e por uma abertura na cerca.

— Ei — chamou Edwin. Olhei para ele. — Tome cuidado.

Quando cheguei na metade do próximo quarteirão, vi sombras e lanternas.

Eu me identifiquei quando cheguei mais perto, minha visão noturna inerente revelando detalhes sob a luz das estrelas e da cidade.

Vi quatro botes e uma dúzia de oficiais da SWAT dando uma última olhada nas armas. Duas pessoas usando trajes de proteção biológica com camuflagem noturna terminaram de carregar o material em um bote e vieram até mim.

Nós nos apresentamos. O líder da equipe era Bob Noyes, um homem parrudo e barbudo que parecia ser capaz de machucar alguém de verdade. Ao seu lado havia um homem grisalho chamado Aaron Brandes, que no momento estava enfiando uma bateria de lítio em um drone.

Noyes chamou todo mundo:

— Atenção aqui!

A equipe ainda não tinha colocado as balaclavas, então dei uma analisada rápida, tentando estabelecer contato visual com cada um deles e descobrir todo o possível naquela pouca luz.

Nada do que observei sugeria dissimulação. Vi exaustão. Um caso de intoxicação leve. Dois sociopatas entediados, famintos por violência. Mas, acima de tudo, incerteza e medo. E eu não podia culpá-los. Quanto mais compreendia o número 140 da Broadway, mas entendia por que Kara escolhera aquele prédio. Lá em cima, nos andares trinta e três ou trinta e quatro, ela ocupava uma posição perfeitamente defensável, que me forçaria a fazer algo insano.

— O alvo é Kara Ramsay. — Ninguém perguntou se ela era a minha irmã. Suspeitava que eles não sabiam quem eu era. — Vocês têm um retrato falado recente dela. Ela está operando no número 140 da Broadway, vinte e quatro quarteirões ao sul da nossa posição atual. Vocês já devem ter as plantas do prédio a essa altura.

— Que tipo de resistência devemos esperar? — perguntou Noyes.

— Diversos guardas com treinamento de forças especiais. Mas não são guardas comuns. Eles têm habilidades que vocês nunca viram.

— Eles sabem que estamos a caminho?

— Acho que não, mas estarão preparados. Suspeito que o laboratório fique no trigésimo terceiro ou trigésimo quarto andar. Não tem nenhum acesso por elevador, é óbvio. Há quatro escadarias. Duas em cada extremidade do prédio. Quando chegarmos lá, vou querer entrar com vinte minutos de antecedência. Posicionem-se do lado de *fora* das escadarias no térreo e esperem o meu sinal.

Quatro escadarias. Quatro equipes. Haverá câmeras ativadas por movimentos, então usem os seus embaralhadores de sinal pessoal. Acho que terão barricadas também. Gargalos.

— Ranges de tiro — disse Noyes.

— Basicamente isso. Agora vocês sabem tudo que sei. Vamos para o sul, faremos uma parada rápida no cruzamento com a Fulton para realizar uma observação com drone e checar os equipamentos de comunicação pela última vez. Alguma pergunta?

Conforme a equipe voltava para os botes, Brandes me entregou o equipamento. Vesti a armadura Chainmail e apertei as tiras magnéticas. Então pendurei o NightShades no meu colarinho e abri um pequeno estojo, removendo a arma que tinha pedido: uma FN Five-seveN belga com pouco coice e capacidade para vinte projéteis. Coloquei três pentes no bolso, inseri o quarto na pistola e preparei uma bala na câmara.

A equipe da SWAT terminou de arrumar o equipamento, então começou a levar os botes até o limite da água. Eu os segui, puxando o caiaque até ele estar flutuando vinte centímetros acima das linhas brancas que certa vez designaram uma pista exclusiva para ônibus.

Subi, me situei no caiaque, peguei o remo e fui em direção às águas mais profundas.

Eram três da manhã.

Um vento gelado castigava o cânion urbano.

Os quatro botes flutuavam a uma curta distância à frente, os sons da cidade às nossas costas ecoando pelo corredor de prédios escuros. As sirenes e buzinas onipresentes. A cacofonia bêbada das saideiras chegando ao fim nos bares. E tudo isso ficando cada vez mais fraco.

Depois de sete quarteirões, tudo que conseguia ouvir eram os remos mergulhando na água preta.

Remamos para o sul da Broadway, a água ficando mais profunda. Passamos por Duane Reades, uma Sephora, uma Forever 21, uma Bloomingdale's, bancos e bodegas inundadas.

De vez em quando, eu vislumbrava uma fogueira por uma janela quebradas, sentia um cheiro acre de lenha ou alguma outra coisa sendo queimada para gerar calor.

Passamos pela prefeitura e pela igreja St. Paul's.

De um dos arranha-céus, ouvi as fracas notas de um violino — alguém tocando "Tonight" de *West Side Story*. A melodia ecoou pela avenida inundada e escura, entre as sombras gigantescas do que um dia fora a maior cidade do mundo. *Tonight, tonight, it all began tonight, I saw you and the world went away*.

A quase três quilômetros de onde tínhamos começado a remar, pouco antes do cruzamento da Fulton com a Broadway, os botes seguiram para a lateral esquerda da rua, se reunindo embaixo do letreiro de um Shake Shack.

Havíamos sido rápidos, e estávamos apenas a quarteirões do número 140.

Parei o caiaque ao lado de um dos botes. Brandes tirou o drone do fundo do seu bote, ligou o aparelho e então pegou um pequeno laptop. Ele lançou o drone no ar, e seus propulsores rodopiaram pela rua.

— Tenho imagens — disse ele após um momento.

Eu o observei do meu caiaque, debruçado sobre o pequeno laptop com um joystick ligado na lateral.

— Algo relevante? — perguntei.

— Ainda não. Apenas um prédio alto, escuro… Bingo.

— O quê?

— Suas informações são boas. Parece que alguém colocou painéis infravermelhos em um andar inteiro.

Painéis infravermelhos eram uma defesa contra imagens de calor, em geral usadas na forma de paredes que iluminavam todo o laboratório, tornando impossível determinar onde e quantas pessoas estavam trabalhando nele. Também tornava impossível mirar nos indivíduos lá dentro através de leituras de calor.

Ele deu mais algumas voltas ao redor do prédio, investigando o lobby, o telhado e as entradas secundárias antes de fazer o drone voltar para nós.

Noyes me entregou um fone sem fio.

— Ligando os microfones — disse ele. — Canal dois.

• • •

O prédio escuro despontava contra o céu estrelado conforme nos aproximamos do cruzamento entre a Broadway e a Liberty Street. A equipe da SWAT vestiu as

balaclavas, e dois botes se separaram da flotilha, seguindo pela Liberty.

Acompanhei os outros dois, que passaram pela praça na direção do cubo Isamu Noguchi — que já havia sido completamente vermelho, mas se encontrava enferrujado e coberto por quase dois metros de água. Aquela era a obra de arte que dava as boas-vindas aos visitantes do prédio antes de a cidade inundar.

Continuei remando até chegar à Cedar Street, entre o prédio 140 da Broadway e o Equitable Building. Conforme flutuava pela escuridão entre os arranha-céus pretos, ouvi a voz de Noyes no fone de ouvido.

— *Aqui é a equipe A. Estamos nos aproximando da entrada principal. Ligando os embaralhadores de sinal pessoal. Logan, qual escada você vai subir? Câmbio.*

— Não vou pela escada — respondi. — Câmbio.

— *Tem outra forma de subir? Câmbio.*

— Não. Vou escalar. Câmbio.

Houve uma pausa breve, e então:

— *Desculpe, ouvi você dizer que ia escalar. Câmbio.*

— Você ouviu certo. Câmbio.

— *Escalar o prédio? Câmbio.*

— Sim. Câmbio.

— *A equipe C está se aproximando da entrada na Nassau Street. Câmbio .*

Ancorei o caiaque ao lado do prédio e encarei a parede completamente preta.

— *A equipe B está em posição na escadaria sudoeste. Câmbio.*

Abri a mochila e tirei de lá um explosivo para abrir portas — um pedaço de C-4 do tamanho de uma barra de chocolate com um temporizador e um detonador. Enfiei tudo no bolso, depois desamarrei os sapatos, juntei os cadarços e os pendurei na minha mochila.

Eu sabia que as escadarias — principalmente na entrada e nos primeiros andares — estariam sob vigilância e provavelmente teriam armadilhas. Assim que alguém colocasse o pé nelas, Kara saberia. Seria uma corrida contra o tempo para alcançá-la em um prédio escuro e labiríntico cheio de ameaças por todos os cantos. Mas, se eu conseguisse entrar em uma das escadarias acima dos primeiros andares, teria uma chance de chegar até ela sem ser detectado.

— *A equipe D está em posição na escadaria sudeste. Câmbio.*

A água chegava à metade do térreo. Com cuidado, fiquei de pé no caiaque, que balançou sob o meu peso.

Levantando a mão, agarrei uma viga vertical que separava as janelas. A viga tinha sete centímetros e era feita de alumínio preto texturizado. Era o único elemento da fachada em que eu podia apoiar as mãos.

Eu me ergui, segurando a viga vertical com ambas as mãos, apoiando os pés descalços no vidro gelado. Colocando a mão esquerda acima da direita, apertei a viga, depois me esforcei para fazer a próxima empunhadura.

Após três movimentos idênticos, cheguei ao primeiro objeto horizontal onde poderia me apoiar: uma borda apertada na base de uma janela do segundo andar. Não era muito, mas eu conseguia colocar os dedos no espaço de um centímetro e dar um descanso ao meu tríceps.

— *Equipe A em posição na escadaria noroeste. Câmbio.*

— *Equipe C em posição na escadaria nordeste. Câmbio.*

— *Todas as equipes em posição. Câmbio.* — disse Noyes.

Continuei escalando, mão após mão, pela viga vertical de metal. Sabia que era forte, mas não tinha testado o meu upgrade até esse ponto. Na minha vida anterior, eu não teria conseguido avançar por um único andar desse prédio, mas consegui escalar os três primeiros sem esforço.

Foi apenas quando cheguei ao quinto andar que notei um tremor de fadiga nos meus tríceps. Mas sabia que eles iam ficar bem. A verdadeira tensão estava se formando no adutor do polegar, nos interósseos dorsais e no flexor curto do polegar — os músculos da mão e dos dedos envolvidos nos movimentos de pinçar e agarrar.

Ouvi Noyes pelo fone:

— *Logan, como você está, companheiro? Câmbio.*

Ouvi o estresse na minha voz quando respondi:

— Subi cinco andares. Preciso me concentrar agora. Câmbio e desligo.

Olhei para baixo, na mesma hora abafando a parte da minha consciência que queria gritar diante da distância enjoativa entre meu corpo e o pequeno caiaque. Estiquei a mão mais uma vez, agarrando a viga vertical, os meus metatarsos subindo pelo vidro conforme eu ascendia do sétimo ao oitavo andar.

O suor escorria pelas minhas costas e pernas, pingando dos meus calcanhares. Eu me dependurei mais uma vez no espaço de um centímetro, meus gastrocnêmios e sóleos (músculos da panturrilha) pulsando. Meu nível de glicose, que alimentava meus músculos, estava ficando perigosamente baixo, me

colocando em hipoglicemia. Mesmo com os tríceps e o peitoral pegando fogo, eles não eram o verdadeiro problema. Eram os meus dedos. Eles estavam no fim da sua capacidade de me manter naquela parede. A dor não era o problema. Eu podia bloqueá-la. Mas, em algum momento — com dor ou não —, os músculos dos meus dedos simplesmente falhariam.

Olhei para baixo.

Seria uma queda de trinta e sete metros até dois metros de água. Eu pesava oitenta e quatro quilos. Cairia por 2,75 segundos. A velocidade de impacto seria de 26,93 metros por segundo, ou seja, 96,95 quilômetros por hora. Trinta mil quatrocentos e cinquenta e oito joules de energia no momento do impacto. Apesar de improvável, era possível sobreviver, embora dois metros de água não fosse nada. Não me impediria de acertar a calçada submersa a uma velocidade considerável.

Eu com certeza quebraria as pernas. Provavelmente me afogaria.

Olhei para a fachada do prédio, que parecia se misturar ao céu noturno. Queria chegar ao décimo andar. Era agora ou nunca.

Enfiei a mão no bolso, ficando dependurado no prédio com apenas uma das mãos e lutando contra outra onda de câimbras, para pegar o C-4. Arranquei cuidadosamente com os dentes o adesivo que o cobria.

Com a mão livre, coloquei trinta segundos no detonador. Gostaria de mais tempo para escalar para longe da explosão, mas achava que tinha menos de um minuto de força para continuar dependurado no prédio.

Iniciei o temporizador e coloquei o explosivo na parte de baixo da janela do nono andar. Até aquele momento, estava mantendo minha adrenalina baixa, sabendo que precisaria dela mais tarde. Enfim libertei o medo, um fragmento de pânico e, com ele, a adrenalina de que eu precisaria para não cair.

Desci quatro metros e segurei a viga com as duas mãos.

A explosão quase me fez cair, mas lutei para permanecer no lugar, o vidro caindo como chuva em cima de mim, minhas mãos escorregando.

Levantei a mão para escalar de novo, apertando a viga tão forte que fiquei com medo de quebrar os dedos, e continuei subindo, o suor escorrendo pelo meu rosto, fazendo os meus olhos arderem. Vi o buraco que a explosão tinha criado no prédio. Uma parte do metal se retorcera em um formato horizontal que praticamente implorava para que eu a agarrasse. Não confiava nela.

Permaneci na viga vertical até que a abertura do nono andar estivesse ao meu alcance. Com a mão esquerda segurando com o máximo de força possível, eu me joguei para o nono andar, o vidro cortando meu antebraço direito ao me pendurar na borda, meus pés soltos no ar.

Eu ia cair.

Estiquei o braço esquerdo para dentro do cômodo, precisando de alguma coisa, qualquer coisa, e peguei o que parecia a perna de uma mesa.

Era o primeiro apoio estável que eu tinha desde o caiaque, então passei por cima da borda e rolei para dentro do cômodo escuro.

Por um momento, fiquei arfando no chão — as pernas, os braços e as mãos tremendo de exaustão e esforço. Depois de trinta segundos, me sentei e analisei o dano causado ao meu braço. Oito cacos de vidro saíam do meu braquiorradial direito — dois deles enfiados profundamente no músculo do antebraço. Peguei a mochila e tirei a fita isolante de dentro dela. Arranquei um bom pedaço, grudei na mesa e comecei a remover o vidro. O sangue escorria pelo meu braço. A dor ameaçava surgir, mas eu a impedi. Depois de tirar o último caco, o mais profundo, pressionei com cuidado os ferimentos e envolvi meu antebraço inteiro com fita isolante, torcendo para que ela ficasse ali até que eu pudesse dar pontos apropriados.

Calcei as meias e os sapatos de novo, me perguntando se alguém nos andares acima tinha ouvido a explosão.

Estava sentado no que parecia ser uma biblioteca, cercado por estantes cheias de livros jurídicos. Fiquei de pé, coloquei a mochila nos ombros e dei a volta por uma mesa de reuniões empoeirada até um corredor.

Coloquei o NightShades. Bem à minha frente, havia uma mesa de recepção. Passei pelo saguão de elevadores dormentes até a parte norte do prédio.

Eu estava no nono andar. O laboratório ficava vinte e cinco andares acima, e eu tinha quatro opções de escadarias.

Virando à esquerda, fui na direção da escadaria noroeste.

Dezessete minutos e vinte e nove segundos tinham se passado desde que eu começara a minha subida. Peguei a pistola Five-seveN enquanto me aproximava da porta da escadaria.

Abri-a devagar.

Escuridão completa.

Sem luz ambiente, meu NightShades era inútil. Fui até o escritório mais próximo, e, enquanto pegava um grampeador de uma mesa, meu celular começou a vibrar. Tirei-o do bolso. Era Edwin.

— Alô? — falei.

— *Cadê você?*

Havia algo errado.

— Por quê?

— *Você está no prédio?*

— Estou.

— *Tem uma segunda equipe a caminho.*

— Por quê?

— *Eles vão pousar no telhado…*

— Não, você não pode deixar isso…

— *Acabei de ser informado…* — ele baixou a voz — *… de que essa operação não é mais minha.*

— Como isso é possível?

— *O tempo que você passou em Virgínia…* — Ele estava se referindo à época em que me prendera no viveiro. — *Havia gravações em vídeo. Algumas pessoas descobriram. Pessoas muito acima de mim. Achei que, se terminássemos logo esse negócio, poderíamos passar despercebidos. Eu me enganei, é claro. Estavam me observando. Eu não fazia ideia.*

Só podia ser o Departamento de Defesa. Será que estavam atrás de mim e de Kara esse tempo todo? As aplicações militares de um ser humano aprimorado seriam o sonho da DARPA. De certa forma, isso era ainda mais assustadores do que o plano de Kara. Ao menos, a motivação dela era ajudar a nossa espécie. Ela queria aprimorar todo mundo. Meu palpite era que o governo não teria uma abordagem tão igualitária.

— *Eles vão chegar com tudo.*

— Quem?

Edwin não respondeu.

— Edwin. Diga o que vou enfrentar.

— *JTF-Black.*

Merda.

Era a unidade de força-tarefa formada por antigos Delta, SEAL Team Six,

Forças Especiais, Marine Raiders e oficiais de agências federais como a Equipe de Resgate de Reféns do FBI. A elite da elite.

— Extradição de alvo de alto valor? — perguntei.

— *Acho que podemos supor que querem você vivo. Vocês dois. E o que quer que Kara tenha criado também. Você precisa saber, Logan, que não denunciei você. Eu não fazia ideia…*

— Quantos?

— *Em geral, trabalham em grupos de oito.*

— E quanto à SWAT? Eles pareciam bem quando…

— *Não estão mais trabalhando para você. Sinto muito. A JTF-Black está a seis minutos de distância, então, o que quer que esteja planejando, faça rápido e saia daí.*

A linha ficou muda.

Cinco segundos depois, outra voz surgiu pelo fone:

— *Logan, aqui é Noyes. Conseguiu entrar? Qual é a sua posição? Câmbio.*

Dava para ouvir a dissimulação na voz dele. Soava como mel. Arranquei o fone e o atirei, junto com o aparelho sem fio, por cima do ombro.

Abri a porta para a escadaria e coloquei o grampeador junto ao batente. Ao iluminar as escadas que levavam para cima com a lanterna, ouvi passos e, então, a voz de Noyes vindo de seis andares abaixo.

— *Acho que ele descobriu. Além disso, acabamos de encontrar…* — Não consegui entender algumas palavras. — *… terceiro e quarto andares. Vamos descer e tentar outra entrada.*

Quando eles começaram a se mover, liguei a lanterna e subi a escada, tentando fazer com que meus passos não ecoassem dentro da coluna de concreto.

Quando cheguei ao décimo quinto andar, o prédio balançou. Ouvi o som de um trovão distante, e poeira flutuou no meu feixe de luz. Olhei para baixo; não vi fogo nem escutei nenhum grito. O que quer que tivesse explodido estava em outra escadaria. Se Kara não soubesse que estávamos ali dois segundos antes, havia acabado de descobrir.

Corri pelas escadas.

Décimo sétimo.

Décimo oitavo.

Décimo nono.

Vigésimo.

Quatro minutos até a JTF-Black pousar no telhado. Não importava o quanto estivessem preparados. Eles não tinham chance contra os colegas aprimorados das forças especiais de Kara. Pior ainda, toda a confusão que estava prestes a acontecer só serviria para me atrasar e facilitar o escape de Kara.

Vigésimo quarto.

Vigésimo quinto.

Vigésimo sexto.

Senti um cheiro estranho no ar — aquilo era piche?

Vigésimo sétimo.

Algo refletiu a luz da lanterna acima de mim. Diminuí a velocidade, parando, enfim, entre o vigésimo oitavo e o vigésimo nono.

O cheiro estava mais forte ali.

Fios de concertina haviam sido presos de um corrimão ao outro e do chão ao teto, como se fossem decorações de Natal do inferno. Rebarbas cintilavam na luz. Pelo que podia ver, a concertina se estendia por um andar inteiro.

Eu sabia que cheiro era aquele: o C-4 dentro do invólucro verde-oliva da mina a apenas dois metros de onde eu estava, no chão, sobre um suporte com fios que seguiam por baixo da porta do vigésimo nono andar. A ponta de uma mina de controle remoto me encarava. Ela continha mais ou menos meio quilo de C-4 e setecentos rolamentos de metal. Na frente, eu lia as palavras FRENTE PARA O INIMIGO.

Dei meia-volta e corri, chegando ao patamar seguinte e descendo até alcançar a porta do vigésimo sexto.

Estava trancada.

Tirei outro explosivo da mochila, grudei-o perto da maçaneta, estabeleci o tempo para vinte segundos e corri até o vigésimo quarto.

Depois da explosão arrebatadora, voltei ao vigésimo sexto andar. A porta havia voado quase cinco metros, chegando ao andar de cima. Passei pelos destroços, meus olhos se enchendo de água devido ao forte fedor de piche e óleo de motor do C-4.

Eu conseguia enxergar sem a lanterna ali. O andar era praticamente todo dividido em baias, com alguns escritórios e salas de reunião nas paredes exteriores. Corri para a escada nordeste e abri a porta. A luz da lanterna

iluminou uma camada grossa de fumaça, e havia outro cheiro no ar: o enjoativo odor de carne carbonizada.

Quatro andares acima, vi o brilho de mais fios de concertina.

Avancei por um corredor de cubículos.

Não havia fumaça na escadaria sudeste, mas ouvi vozes lá embaixo e vi mais concertina bloqueando o trajeto alguns andares acima.

Enquanto corria na direção da última escadaria, fiquei maravilhado com o plano de Kara. Ela construíra uma barricada letal entre si mesma e qualquer ameaça. Mas, para sair do prédio, ela teria que descer por essas escadas, enfrentando algozes no caminho. E com certeza o Departamento de Defesa — ou quem quer que estivesse nos caçando — teria reforços cuidando das saídas também. No mínimo, snipers da SWAT estariam a postos.

Mesmo que tudo corresse bem para mim, eu enfrentaria o mesmo problema.

Eu apostava que Kara tinha uma rota de fuga na manga. Um poço de elevador? Alguma escadaria secreta que não estava nas plantas? Se não existisse uma rota de fuga — ou se eu não a encontrasse a tempo —, aquela seria uma missão suicida.

Faltavam dois minutos — se Edwin tivesse falado a verdade — para a chegada da JTF-Black.

Entrei na escadaria sudoeste.

Nenhuma fumaça. Nenhum barulho. Nenhum fio imediatamente acima.

Subi às pressas os andares, indo ainda mais rápido após o vigésimo oitavo.

Vigésimo nono.

Trigésimo.

Tiros irromperam de algum lugar do prédio — o barulho de disparos automáticos, e então outra rajada, não em cima nem embaixo, mas lateral à minha posição.

Continuei subindo.

Passei pelo trigésimo primeiro.

Trigésimo segundo.

Apenas dois andares de distância, e eu estava procurando meticulosamente, mas não vi ameaça alguma. Nenhum sinal de fios ou explosivos.

Luz atravessava as frestas da porta do trigésimo quarto andar. Será que havia uma armadilha para que ela explodisse? Aproximei o rosto dos cantos da porta

para sentir o cheiro. Nenhum sinal daquele odor de óleo de motor.

A JTF- Black pousaria em um minuto.

Agarrei a maçaneta, tentei girá-la.

Trancada. E uma explosão para abrir a porta revelaria a minha presença.

Mas aquelas eram escadas de incêndio. As portas podiam ser trancadas pelo lado de fora, mas não pelo lado de dentro, pois tinham que ser abertas com facilidade em caso de emergência. Em geral, havia um detector de solicitação de saída no lado de dentro da porta, que usava infravermelho passivo para detectar mudanças de temperatura. Se o detector percebesse uma alteração — causada pela aproximação de uma pessoa —, transmitiria uma mensagem para destrancar a porta.

A palavra-chave ali era *mudança* na temperatura. Não necessariamente um aumento.

Remexi a minha mochila e achei o cilindro de ar comprimido. Abri o pacote, inseri o canudo no bico e me deitei no chão, torcendo para que houvesse espaço suficiente para passar o canudo entre a parte de baixo e o calço da porta.

Encontrei uma lasca na soleira, passei o canudo e segurei a lata de cabeça para baixo. Se eu soltasse o spray com a lata virada para cima, apenas vapor de fluorocarbono seria liberado. Mas, ao ser invertida, um líquido seria forçado para fora. Esse líquido, sob alta pressão, evaporaria rapidamente e se expandiria, virando um gás à temperatura ambiente.

Eu torcia para que o processo termodinâmico de resfriamento adiabático diminuísse a temperatura na área de dentro da porta e — se eu estivesse certo sobre tudo — fizesse o sensor acreditar que alguém estava se aproximando do outro lado.

Apertei o botão, ouvindo o líquido assobiar do outro lado. A lata ficou fria na minha mão.

Tirei o NightShades, me levantei e agarrei a maçaneta.

Dessa vez, ela girou.

Pensei que também poderia haver um sensor secundário na porta. Ao ser aberta, o alinhamento com o sensor parceiro em uma parede em frente acabaria e isso acionaria um alarme — algo tão simples quanto uma mensagem de celular para Kara e sua equipe de segurança.

Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito disso. Meu tempo estava

acabando.

Quando abri a porta, ouvi tiros lá em cima, seguidos pelo som profundo, semelhante ao de uma locomotiva, de uma metralhadora giratória.

E então um *bum* que fez o prédio tremer.

Caminhei em direção à luz, minha Five-seveN de prontidão, lâmpadas fluorescentes acesas em um corredor branco. Algo chamou a minha atenção à esquerda…

Eu me virei a tempo de ver um helicóptero Black Hawk em chamas caindo ao lado das janelas, as hélices ainda girando, cortando o prédio em um cataclisma de vidro e metal rachados, os pilotos gritando no cockpit… e desaparecendo.

Então, 3,8 segundos depois, uma explosão abalou o prédio quando o helicóptero atingiu a Cedar Street.

E eu me pus em movimento, avançando por um corredor cheio de macas e equipamentos médicos, me perguntando se havia sido ali que o grupo de teste de Kara recebera o upgrade experimental pela primeira vez.

Do outro lado dos elevadores, vi um biorreator de aço inoxidável.

Colunas de vidro.

Centrífugas.

Entrei com cuidado em um laboratório grande, que ocupava a metade leste do trigésimo quarto andar, sem conseguir afastar o pensamento de que Kara já tinha saído dali.

Na parede mais distante, servidores zumbiam baixinho. Atrás de uma porta de metal, conseguia ouvir o som mais alto e abafado dos geradores que alimentavam o laboratório.

Passei por um refrigerador que chegava a –80ºC e dois freezers de temperatura controlada.

No meio do cheiro forte dos solventes, captei um aroma familiar — o mesmo xampu que Kara usara na casa da nossa mãe no Colorado.

Ouvi algo no outro cômodo: um leve tilintar de metal. Tirei outro explosivo da mochila e coloquei o temporizador para três segundos.

Olhei lá para dentro.

Kara estava de pé diante de um gabinete de biossegurança, de costas para mim, colocando às pressas o que pareciam ser autoinjetores em uma mochila pequena. Ao seu lado estava Madeline Ortega, segurando uma H&K MP7 que já

estava direcionando para mim. Nossos olhares se cruzaram, o dela indicando surpresa.

Mas ela estava com vantagem.

Eu não seria capaz de colocá-la na minha mira antes de…

Recuei quando balas de 4.6×30mm, capazes de perfurar armaduras, retalharam a parede a novecentos e cinquenta tiros por minuto. A linguagem corporal de Ortega indicava que ela viria atrás de mim, então acionei o explosivo de arrombar portas e o deixei para trás enquanto corria.

Três.

Dois.

Quando me aproximei dos elevadores, olhei para trás.

Um.

Vi Ortega entrando no corredor, erguendo a H&K.

Ela desapareceu em um estrondo alto e claro. Dei meia-volta no saguão dos elevadores quando Kara saiu às pressas pelo corredor ao norte.

Para onde ela estava indo?

A escadaria nordeste não poderia levá-la ao térreo. Nem a sudoeste ou a noroeste. Todas tinham barricadas entre o trigésimo e o trigésimo segundo andar. Ela teria que pegar a escadaria sudeste até o vigésimo sexto, ir para a escadaria noroeste, descer até o sexto e *depois* seguir pela escadaria sudoeste, a única que não tinha fios ou minas nos primeiros seis andares.

Se ela estivesse descendo, eu devia esperá-la na escadaria sudeste, pela qual ela teria que seguir. Mas aquilo não fazia sentido. Mesmo que passasse por mim, haveria agentes do governo nas quatro saídas do térreo.

Mas se ela subisse, estaria apenas ficando mais encurralada, certo?

Não. Merda. Claro. Ela estava *subindo*. Tudo se encaixava. Eu sabia para onde ela estava indo, o que tentaria fazer. E não tinha muito tempo para impedi-la.

Dei meia-volta, avancei pelo corredor em direção ao canto sudoeste do prédio, passando por cima do que sobrara de Madeline Ortega.

A dez segundos da escadaria, a porta explodiu.

Reconheci Noyes e Brandes através das proteções faciais. Estavam de pé na soleira da porta enquanto eu absorvia tudo ao mesmo tempo.

Os olhos de Noyes se arregalando na fumaça branca.

Brandes erguendo o rifle de assalto.

O sangue de Ortega escorrendo pelas paredes.

Tudo desacelerando.

Eu poderia ter derrubado os dois em menos de um segundo, mas não queria matá-los; eles eram policiais que tinham sido tirados da cama no meio da madrugada, sem fazer ideia de onde haviam se metido.

Eu continuei correndo na direção deles, meio segundo tendo se passado desde que explodiram a porta, e a planta do trigésimo quarto andar surgiu na minha mente. Bem à frente deveria haver um corredor que dividia o andar.

Brandes colocou o rifle no ombro e hesitou, mirando nas minhas pernas, e Noyes pegou uma X-30 na sua lateral, uma arma não letal de nível militar que disparava balas de choque.

Desviei para a esquerda — fintando de leve — e vi Brandes e Noyes tendo uma reação exagerada. O clarão saindo do rifle de assalto na forma de uma flor de fogo. Projéteis acertando a parede. Conforme o coice desequilibrava levemente os dois homens, segui pelo outro corredor.

Era estreito.

Luzes fluorescentes piscavam.

Quatro portas à esquerda, quatro à direita.

As duas primeiras davam em um escritório e um armário de limpeza, respectivamente. A terceira dava em uma copa, e entrei nela.

Duas mesas redondas. Uma cozinha pequena. Um bebedouro. O cheiro de café velho e queimado e alguma coisa apodrecendo na lata de lixo.

Fiquei perto da porta, ouvindo os passos deles se aproximando.

Uma porta foi aberta e fechada.

Então outra.

— Encontramos Logan no trigésimo quarto. Subam aqui se puderem. Estamos atacando — disse Noyes.

Seus trajes Tyvek faziam barulho.

Estavam perto.

— Me dê cobertura, vou abrir essa porta — avisou Brandes.

Pela voz dele, soube que estavam verificando o cômodo à minha frente, o que significava que suas costas estariam voltadas para mim.

Saí da copa.

Minha consciência se dividiu…

Eu os peguei de surpresa. Noyes girou na minha direção a uma velocidade baixa. Acelerei até ele, focado não em sua arma, mas no dedo que estava no gatilho. Quebrei-o assim que entrei na mira dele. Brandes estava a eras de distância — vi o horror crescente nos seus olhos ao perceber que estava fodido. Noyes gritava enquanto eu pegava a X-30, evitava um soco que poderia me nocautear e atirava à queima-roupa na perna dele para evitar qualquer armadura. Enquanto Noyes tinha uma convulsão e tombava, dei um passo para o lado para evitar os tiros frenéticos de Brandes e também o acertei na perna. Os dois homens se contorceram violentamente no chão, as balas eletrificadas dando curto-circuito nos seus sistemas. Peguei abraçadeiras de plástico no cinto de Noyes e rapidamente prendi os pulsos e tornozelos de cada um dos homens, torcendo para que ainda tivesse tempo de interceptar Kara.

A escadaria sudoeste estava cheia de fumaça.

Liguei a lanterna e corri escada acima.

Quando cheguei ao patamar entre o trigésimo sexto e o trigésimo sétimo, a porta do trigésimo oitavo — um andar e meio acima de mim — se abriu com um estrondo. Escondi a luz e vi outro facho de lanterna iluminando as paredes. Ouvi os passos velozes da minha irmã conforme ela subia os degraus.

Eu a segui cuidadosamente.

Ouvi uma porta se abrindo.

A luz dela havia desaparecido.

Tinha certeza de que ela havia saído da escadaria no quadragésimo andar e, quando cheguei lá, abri a porta devagar. Entrei no momento em que a porta da escadaria nordeste se fechava.

Atravessei o quadragésimo andar.

Suando outra vez, passei por escritórios abandonados, uma máquina de xerox e banheiros até chegar na porta da escadaria nordeste.

Abri e ouvi o som de passos acima. As paredes estavam iluminadas pela lanterna da minha irmã, mas não a persegui dessa vez. Apenas ouvi. Contando os andares enquanto ela continuava subindo.

Quadragésimo segundo.

Calculei seu progresso pelas escadas baseado na velocidade dos seus passos.

Quadragésimo terceiro.

Quadragésimo quarto.

Ouvi uma porta se abrindo e fechando. Ela saíra no quadragésimo quarto andar, e eu sabia que não subiria mais. Não precisava.

Corri pelo prédio inteiro, de volta à escadaria nordeste, e, enquanto subia para o quadragésimo quarto, ouvi coturnos nos degraus acima e duas vozes distintas descendo.

Será que alguém da JTF-Black tinha conseguido sair do helicóptero? Porque lidar com eles seria uma coisa. Mas se fosse o pessoal de Kara…

Eu me esforcei para ouvir as vozes.

Dois homens, falando um pouco rápido demais.

— … fique tranquila, vamos te encontrar lá. Sim, vamos ficar bem — dizia um deles.

Eu conhecia aquela voz. Era compatível com uma voz que tinha ouvido ao olhar as redes sociais mais cedo, em um vídeo de Deshawn Brown de um ano antes, na festa de aniversário da filha mais nova. Portanto, o outro sujeito devia ser Rodney Viana, o policial casado e feliz de Ohio. Forças especiais aprimoradas.

Estava começando a pensar em como os derrubaria. Minhas chances eram melhores do que cinquenta por cento, mas não muito. Era bem provável que eu matasse um deles e que o outro me matasse em seguida, o treinamento inerente dando-lhes uma enorme vantagem.

Então, eu não tentaria derrubá-los.

Apaguei a luz da lanterna, precisando desacelerar tudo mais do que nunca.

Passos de coturno, duas cadências diferentes, o homem mais baixo e menos pesado na dianteira.

O aroma os precedia — sal, o resquício de uma fragrância (Old Spice?) e o cheiro pungente de nitroglicerina dos tiros mais recentes.

Seus feixes de luz percorriam as paredes.

Permaneci no patamar logo abaixo do quadragésimo terceiro andar. Enxergava o espaço de forma perfeita na minha mente.

Eles estavam a quinze segundos de distância.

Na escuridão total, subi os degraus até o quadragésimo terceiro, pulei o corrimão e me agachei até ficar pendurado no segundo degrau — invisível para qualquer pessoa descendo.

Eles estavam dois andares acima.

Passando pelo quadragésimo quarto.

No patamar entre o quadragésimo quarto e quadragésimo terceiro.

Então chegaram ao quadragésimo terceiro, um dos coturnos passando a milímetros dos meus dedos, enquanto eu segurava a borda do degrau. Eles estavam seguindo para o patamar entre o quadragésimo terceiro e quadragésimo segundo, ambas as lanternas iluminando o chão. Subi de volta para a escada quando os homens chegaram ao patamar, passando as pernas de forma suave por cima do corrimão, fora do campo de visão deles conforme davam a volta. Caí em silêncio e rolei pelos degraus enquanto continuavam a descer até o andar seguinte.

Um feixe de luz passou perto de mim, com um segundo de atraso. Será que um deles tinha me ouvido?

Deslizei pela escada sem fazer barulho, observando a luz passar pelos degraus em que estivera havia poucos instantes e me apertando contra a parede, sem respirar, sem me mover. Eles continuaram descendo.

Depois de um tempo, não conseguia ver mais a luz.

Esperei, imaginando o progresso deles, querendo que se afastassem antes que eu…

Ouvi gritos e flashes iluminando o corredor oito andares abaixo. Eles tinham encontrado alguém. Fiquei de pé e corri para o quadragésimo quarto andar. A porta estava trancada. Peguei um explosivo, programei-o para dez segundos e corri até o quadragésimo terceiro.

A porta explodiu.

Voltei correndo para o quadragésimo quarto e corri pela passagem aberta.

O andar não tinha nada além dos elevadores e das escadarias. Fora abandonado durante uma remodelagem, deixando dutos expostos e fios elétricos caindo do teto.

Vi uma figura agachada do outro lado do prédio.

Olhei para trás, para a entrada sem porta da escadaria nordeste. Estava vazia.

A onze segundos de distância de Kara.

Ela estava agachada, prendendo algo nas costas. Quando me viu, se levantou e começou a correr — estava a apenas dez metros de uma janela sem vidro.

Parei no saguão de elevadores, a trinta metros de distância, deixando minha consciência se dividir e o tempo desacelerar conforme notava a dor nos meus dedos, os tiros ainda ecoando vários andares abaixo, o vento frio que entrava pela

janela aberta, vindo do porto de Nova York, as luzes de Nova Jersey ao longe e a dor de um coração partido por conta do que eu estava prestes a fazer. Bloqueei o sentimento na mesma hora.

Ergui a pistola, focando na perna direita de Kara, que se movia tão devagar que eu não tinha dúvida da minha mira.

Atirei. Ela caiu — escorregando pelo chão na direção da janela aberta. Corri até a minha irmã conforme ela fazia um rolamento para me encarar, uma arma na mão, o dedo a meio segundo de apertar o gatilho.

Disparei outra vez e atingi o seu centro de massa. Observei-a ir para trás, os braços abaixando, a pistola escapando da sua mão esquerda e tintilando no chão.

Ela estava tentando pegar a arma quando cheguei perto e chutei a pistola pelas placas de concreto polido e através da janela aberta.

A perna de Kara sangrava, e eu ouvi pela sua respiração que o pulmão direito tinha sido perfurado. Ela sibilava a cada expiração. O sangue escapava pelos cantos da boca, e forcei-a a abrir a mão direita. Ela segurava um tecido preto, preso a uma cinta em forma de S que se conectava à sua mochila.

Os olhos de Kara estavam abertos, me observando, uma dor profunda dentro deles, mas eu não podia deixar aquela emoção tomar conta de mim.

— Ainda há sobras do seu upgrade viral no laboratório? — perguntei. — Algo que o governo possa pegar e…?

— Sim, mas o laboratório não vai durar muito.

— Quanto tempo?

Ela olhou para o relógio de pulso.

— Noventa e dois segundos.

Afrouxei as alças nas pernas e no peito de Kara, que gemeu quando rolei seu corpo e afastei a alça dos seus ombros. Retirei o arnês pelas suas pernas de forma atrapalhada. Ela estava usando a mochila ao contrário, presa ao peito. Eu a peguei, abri e vi mais ou menos cem autoinjetores.

Inspecionei o arnês e a mochila, procurando por sinais de dano da bala. Não encontrei nenhum. O projétil ainda estava dentro dela. Vestindo o arnês, enfim coloquei a mochila nos ombros. Prendi as alças da perna. A do peito. A corda conectando o pequeno paraquedas à mochila estava embaralhada, e me afastei de Kara, deixando o paraquedas se desenrolar aos poucos.

— Então é isso? — perguntou ela, se esforçando muito para falar. — Vai

deixar os humanos destruírem uns aos outros?

Comecei a dobrar o paraquedas. Não tinha nenhuma experiência além do que tinha visto na mão de Kara e em um vídeo que assistira sobre BASE jumpers em uma terça-feira monótona muitos anos antes.

Peguei a mochila, coloquei-a no meu peito e falei:

— Você não pode matar a humanidade para salvar a humanidade. Os seres humanos não são meios para um fim.

Kara respirou ruidosamente.

— Logan.

— O quê?

— Não consigo ver nada.

Ouvi vozes na escadaria nordeste. Eu tinha que ir. Em vez disso, sentei-me ao lado de minha irmã e a envolvi nos meus braços.

— Não lembre de mim dessa maneira — falou ela. Kara tremia violentamente, e eu sentia o calor do seu sangue escorrendo pela minha perna, o cheiro de cobre. — Somos mais do que isso.

— Não vejo você apenas nesse momento. Vejo você em todos os seus momentos. Em todos os *nossos* momentos. Tivemos uns bons.

— Dezoito — disse ela.

— O quê?

Kara tossiu sangue.

— Tivemos dezoito momentos perfeitos.

Considerei aquele número.

— Dezenove.

— Como você chegou a dezenove?

— Este momento. Mas fico triste por isso ter acontecido.

Kara chorou. Ela estava morrendo e baixou as suas defesas. Podia sentir as minhas enfraquecendo.

Queria dizer algo no último momento que tínhamos juntos. Algo profundo. Mas foi Kara quem falou. Uma coisa muito simples. Mas era tudo.

Ela tocou no meu rosto.

— Você precisa fazer alguma coisa, Logan.

Queria dizer o quanto ia sentir saudade dela. Como estava arrependido de todas as vezes que quase peguei o celular para ligar e não liguei. Por não ter sido

mais presente em sua vida. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta.

A mão dela escorregou.

— Kara?

Senti algo se esvaindo.

O que eu estava abraçando não era mais a minha irmã.

Eu a deitei no concreto, fechei os seus olhos vazios. Eu a vi, não como aquele invólucro, mas em uma memória perfeita: doze anos de idade, andando de bicicleta à minha frente na estrada de terra perto da casa dos nossos avós. Era final da tarde e, sob a luz dourada, ela olhou para trás, para Max e eu, nos provocando. *Venham! Mais rápido!*

Fiquei de pé, uma das mãos segurando a pistola, a outra, o pequeno paraquedas. Caminhei até a beira da janela sem vidro e olhei para baixo.

Kara fora até aquela parte do prédio porque era a única que não tinha outro arranha-céu ao lado. Olhei para a Broadway e o que um dia foi o Zuccotti Park — um oásis de três mil metros quadrados no coração do Distrito Financeiro. Restava só um monte de árvores mortas debaixo d'água.

O vento forte ainda soprava do porto. Eu precisava me apressar e sair do prédio.

Corri doze metros, me afastando da janela, e, quando dei meia-volta para encarar o caminho de fuga, algo passou zunindo pela minha orelha.

• • •

Pessoas com trajes de proteção biológica estavam saindo pela escadaria nordeste. Um projétil acertou minha mochila. Peguei-o e percebi que era um dardo tranquilizante. Larguei-o e atirei doze balas em menos de dois segundos, fazendo todo mundo fugir, e então comecei a correr.

Nove metros até a janela.

Seis metros.

Dois dardos acertaram a mochila.

Três.

Passei por Kara, pensando: *Esta é a última imagem que vou ter da minha irmã.*

A sessenta centímetros da beirada, pulei, saindo do prédio às cegas, minha

consciência se dividindo…

Foi a sensação mais estranha da minha vida, cair a um quarto da velocidade. Meu estômago se ergueu, o chão veio na minha direção, o vento soprou no meu rosto e, com o olho direito, vi uma luz surgir no telhado do One Liberty Plaza. Um sniper.

Eu só tinha caído por dois dos 6,18 segundos que levariam para eu atingir o chão quando lancei o pilotinho do paraquedas na minha frente. Ele desapareceu; a praça ainda se aproximava de mim e um pânico primitivo e forte percorria meu corpo enquanto eu esperava a liberação do paraquedas principal, me perguntando se ele havia sido danificado pelos dardos.

Sofri um puxão súbito. Eu ainda descia, mas, depois daquela amostra de queda livre, parecia que estava me movendo horizontalmente. Ouvi tiros às minhas costas e vi um vestígio daquele sniper outra vez conforme eu sobrevoava a Broadway e as árvores submersas do Zuccotti Park.

Erguendo as duas mãos, agarrei os batoques. Ao puxar o da esquerda, virei para a esquerda. Corrigindo com o direito, me endireitei em um curso que me levou para o meio do parque.

Algo explodiu às minhas costas em uma série de estrondos graves e impactantes. Olhei para trás e vi labaredas de fogo lamberem as janelas do trigésimo quarto andar.

Mesmo àquela distância, dava para sentir o calor no meu rosto conforme o vidro chovia na praça inundada. Torci para que ninguém mais tivesse morrido na explosão, mas pelo menos o governo não colocaria as mãos em nenhum dos produtos do laboratório.

Muito bem, mana.

Havia um prédio bem na minha frente. Fui para a esquerda, a cento e vinte metros acima do chão, sobrevoando a Cedar Street entre arranha-céus, o vento canalizado da rua balançando o meu paraquedas.

Flutuei até outra área aberta, vislumbrei o domo de uma igreja à distância, os postes de luz e as árvores mortas do Liberty Park e, acima de tudo isso, a enorme sombra do One World Trade Center.

A três metros da água, respirei fundo e puxei uma alça na rede principal do arnês.

Caí na água congelante e salgada, instintivamente tentando nadar para a

superfície, mas afundei feito uma pedra. Meu equipamento era muito pesado, e todos os sistemas estavam no limite.

Minhas botas tocaram o pavimento. Eu estava completamente submergido.

Matei o pânico.

Levei um minuto inteiro para libertar os ombros. Na escuridão completa, tirei o arnês pelas pernas, lutando para passar os coturnos pelos buracos enquanto os primeiros sinais de falta de oxigênio surgiam no meu campo de visão. Por fim, tirei o casaco e a armadura, dobrei os joelhos e peguei impulso na rua.

Aproximei-me da superfície. Arfando.

Estava na West Street, encarando a fachada de um hotel Marriott abandonado.

Nadei pelo saguão, até uma escada que dava a volta para o segundo andar. Me arrastando para fora da água no último degrau submerso, eu me esparramei pelo patamar.

Estava sem ar e tremendo. Tudo doía.

E um pensamento não parava de se repetir.

Eu tinha matado a minha irmã.

Essas palavras ricochetearam pela minha cabeça, e tentei evitá-las. Uma pressão esmagadora, porém, se formava em meu peito. Não sabia por quanto tempo eu conseguiria me isolar da explosão da morte dela.

O grito estava a caminho.

• • •

O nascer do sol me acordou.

Recuperei a consciência encolhido na parede, após dormir apenas uma hora e à beira de uma hipotermia.

Eu me sentei e liguei o celular. Havia dezoito ligações perdidas de Edwin.

Ele respondeu no primeiro toque.

— Você está vivo.

— Por pouco.

Não tinha como saber se mais alguém estava ouvindo. Se já tinham começado a tentar me localizar.

— Não adianta fugir — disse Edwin. Sua voz parecia rígida. Ele estava

atuando, e não era para mim. — Temos imagens do seu rosto. Mandamos avisos de PROCURA-SE para todas as agências. Você nunca vai conseguir sair da cidade.

Eu entendi. Ele sabia que a ligação estava sendo monitorada, que não podia ser pego me ajudando. Mas também estava me dando um aviso. *Tome cuidado. Estão atrás de você.*

— Vamos nos encontrar em algum lugar. E aí levo você preso — continuou Edwin.

— Tenho que contar duas coisas e depois vou desligar. A primeira: é melhor não fazer nada de mal com Nadine. Trate-a bem. De forma justa. Segunda: sabe a substância que injetei em você?

— Sim?

— Era só salina.

• • •

Mergulhei na água, voltando a tremer na mesma hora. Nadei sob a luz da manhã, subi em uma árvore morta e achei um galho confortável para ficar, desesperado para me aquecer à luz solar.

No topo do lado leste dos prédios, o vidro e o aço brilhavam com o sol nascente, e um pouco acima da West Street ouvi vozes.

Por um instante, pensei que poderia ser um grupo de buscas, mas então vi a reunião de barcos perto do One World Trade Center. Era uma coleção de botes decrépitos. Alguns estavam cheios de frutas frescas. Outros tinham livros, revistas e artigos variados. Outro vendia cerveja e cigarros. De outro saíam nuvens de fumaça — uma velha fazendo kebabs. Música surgia da multidão — alguém tocando violão. Os sons de conversas e risadas reverberaram nos prédios.

A tentação de nadar até lá era forte. Trocar algo por um café da manhã. Ver se conseguia um barco. Mas a comoção no prédio 140 da Broadway na noite anterior devia ter parecido o Armagedom. Qualquer um na vizinhança teria escutado, e eu aparecer no meio deles soaria um alarme. Então fiquei observando à distância esse fragmento de humanidade esquecido formando uma vida juntos no mais inóspito dos lugares.

Eles pareciam verdadeiramente felizes, e até eu fiquei feliz ao observá-los — mil pequenas gentilezas entre pessoas que não tinham nada para dar.

• • •

Passei o dia todo na água, indo na direção sul de Manhattan, me afastando do número 140 na Broadway.

O progresso foi lento.

Eu ia de quarteirão em quarteirão. Com paciência. Cuidado.

Enquanto eu nadava pela Franklin D. Roosevelt East River Drive, as primeiras fogueiras apareceram nos arranha-céus ao redor, e Vênus surgiu no céu, a atmosfera terrestre dobrando sua luz.

Enfim saí da água e parei no chão seco da rampa que levava à Brooklyn Bridge.

O lugar estava estranhamente silencioso.

Não havia ninguém ali.

Caminhei até a ponte, me movendo pelas pistas vazias, e, quando cheguei ao ponto mais alto — quase quarenta metros acima da água —, vi a Estátua da Liberdade. Naquela tarde de inverno, a gigantesca silhueta contrastava com um céu vermelho. Era mais cápsula do tempo do que símbolo.

Abri a bolsa de Kara e peguei um autoinjetor. Era leve. Nada de mais. Estranho pensar que apenas alguns deles poderiam alterar a trajetória de uma espécie.

Levei algum tempo jogando o trabalho da minha irmã, um a um, nas águas escuras do East River, aquela pressão terrível voltando, o grito de luto implorando por uma voz.

Seria aquele o meu último vestígio de humanidade, berrando para que eu *sentisse* algo?

Eu poderia ter impedido aquela emoção, mas não impedi. Não sentir nada em relação à morte da minha irmã seria cruzar um limite do qual não haveria mais retorno.

As lágrimas vieram.

Aos montes.

E eu me permiti sofrer.

Pensando nos dezoito momentos perfeitos e no último: a mão dela tocando meu rosto pouco antes de morrer.

Por um momento, me senti como o Logan de antigamente e me perguntei se,

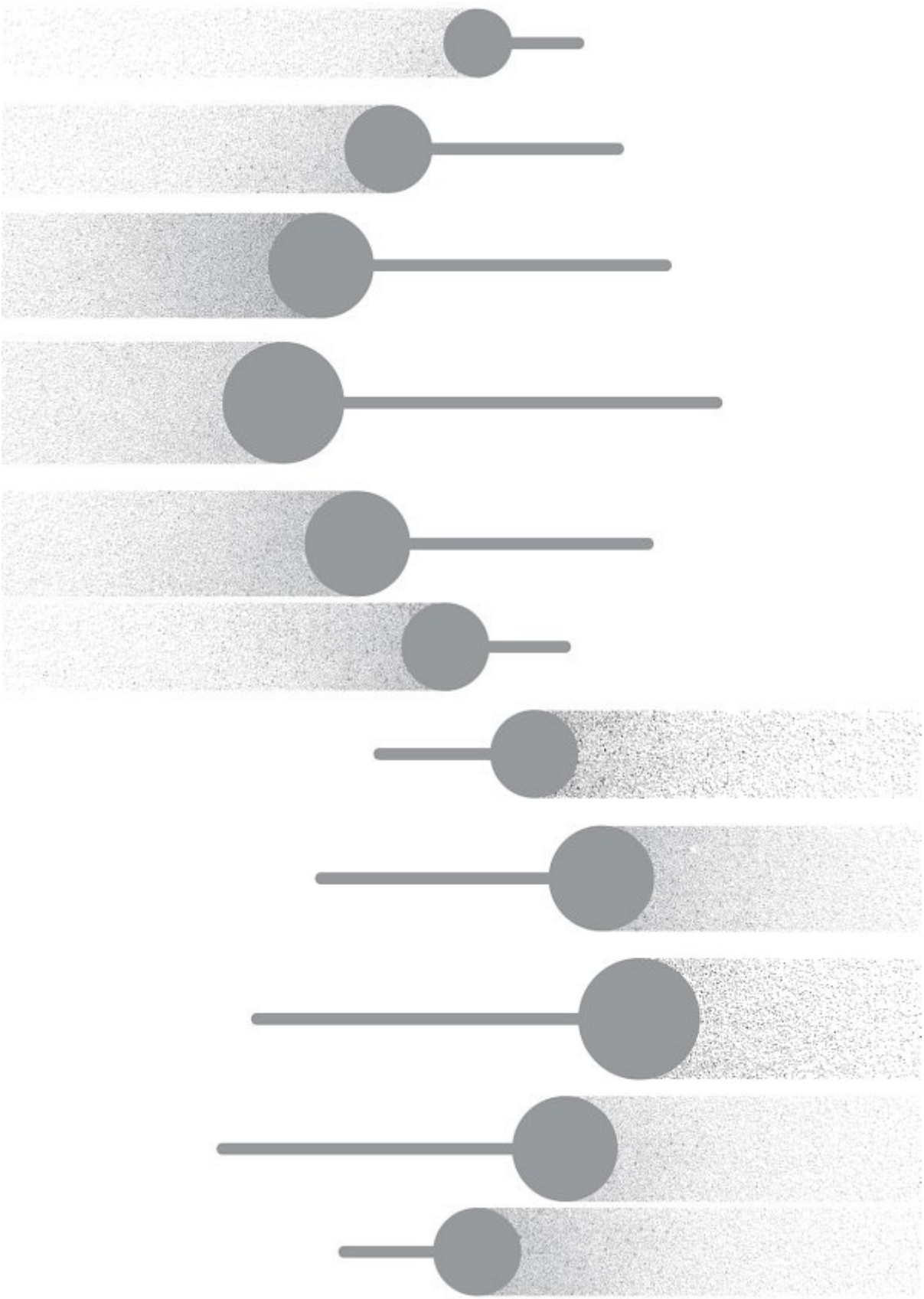
de alguma forma, eu poderia mesclar o homem que fui com o homem que tinha me tornado.

Olhei para trás, para a cidade da escuridão, a cidade da luz.

E voltei a caminhar, indo na direção das luzes do Brooklyn, meus pensamentos acelerados, minha mente acesa com uma nova suspeita louca. Senti a esperança calorosa e boa de uma nova ideia dando seu primeiro respiro.

Éramos uma espécie monstruosa, gentil, egoísta, sensível, medonha, ambiciosa, amável, odiosa e promissora. Dentro de nós havia o potencial para um grande mal, mas também para o bem maior. E éramos capazes de fazer muito mais do que isso.

Minha irmã estivera certa: eu precisava fazer alguma coisa.



EPÍLOGO

A natureza humana será a última parte da Natureza a se render ao Homem. A batalha, então, estará ganha. Teremos "retirado a ameaça da vida das mãos de Clotho" e, assim, estaremos livres para fazer da nossa espécie o que quisermos. A batalha estará, de fato, ganha. Mas quem exatamente terá ganhado?

– C. S. Lewis, A abolição do homem

Três anos depois



A oradora da turma termina seu discurso. Estou sentado na última fileira das arquibancadas de frente para o campo de futebol e para a plataforma erguida na linha de cinquenta jardas.

O diretor começa a chamar os nomes.

Ela está em algum lugar lá embaixo com os outros formandos, em um mar de azul-real, embora eu ainda não a tenha visto. Mas vi Beth enquanto subia os degraus de concreto até as partes mais altas do estádio, sentada ao lado do homem com quem a vi jantando tantos anos antes no La Fleur. O nome dele é John. Ele é professor de inglês na American University, onde Beth ainda dá aulas, e é especializado em literatura inglesa de 1485 a 1660. Li tudo que ele já publicou. Os textos são bons.

— Ava. Gray. Ramsay.

Ao observar minha filha caminhando para o palco, meus olhos se enchem de lágrimas.

Quando ela começou a usar o meu sobrenome?

• • •

Depois da cerimônia, esperei Beth no estacionamento da escola.

Já anoiteceu, e observo as famílias andando com os seus recém-graduados, o ar vibrando com animação.

John está caminhando entre Ava e Beth, cada uma delas segurando um dos seus braços. Ele está usando um terno azul, e os sapatos foram engraxados

recentemente. Fico feliz por ele ter se arrumado no grande dia de Ava. É uma qualidade.

Ele para quando me vê.

Ajeita a coluna.

Beth sente a mudança na sua linguagem corporal, olha para ele e então, notando a intensidade de sua expressão, segue o olhar dele até mim.

Não há alteração facial que eu possa fazer capaz de enganar minha esposa e minha filha.

Quando Beth solta uma exclamação, Ava desvia os olhos do telefone. Eu estava encostado no capô do carro deles. Agora me endireito, segurando um buquê de rosas e um pacote pequeno. Ava larga o celular e o diploma e corre até mim, me abraçando e chorando sem parar. Enquanto a abraço, olho para Beth. Lágrimas rolam pelo rosto dela, que tem uma expressão de choque completo.

Rachaduras surgem no meu coração de pedra.

— Meu nome é John — diz John.

— Eu sei.

Ele olha para Beth.

— Estou bem — diz ela, limpando as lágrimas. — Você daria licença para nós três por um momento?

— Claro. Vou dar uma volta.

John me encara com olhos gentis, completamente alheio à situação.

— Não precisa se preocupar — garanto. — Fico feliz por você estar na vida delas.

• • •

É a primeira vez que ficamos juntos em quatro anos, e sinto a nossa desunião de forma intensa. Sou um intruso na vida delas agora. Uma nota dissonante.

Nós nos sentamos no carro — Beth ao volante, Ava e eu no banco traseiro. O interior cheira às rosas e ao perfume de Beth, uma nova marca que ela nunca usou quando estávamos juntos.

— Espero não ter estragado o seu dia — falo.

Ava balança a cabeça, os olhos vermelhos, cheios de lágrimas.

— É seguro para você estar aqui?

— Não muito.

Eu derrubei todas as câmeras de circuito interno a dois quarteirões da escola, mas a IA logo perceberia o vírus e o removeria nos próximos quinze minutos. Até lá, eu já teria desaparecido.

Olho para a minha filha.

— A terceira melhor da turma — comento.

— Foi perfeito — responde ela, enfim conseguindo falar direito. — Os dois melhores tinham que fazer discursos. Odeio falar em público.

Ficar no mesmo espaço que elas parece um sonho. Tenho nada e tudo a dizer. De perto, consigo ver as marcas sutis que os últimos quatro anos deixaram em Beth: rugas mais pronunciadas e um peso nos olhos que não existia da última vez que os encarei. A residência do luto.

Na minha ausência, Ava tinha mudado. Vejo muito mais a mulher que ela está se tornando do que a criança que era antigamente.

— Nem acredito que você está aqui — diz Beth.

Depois de Nova York, escrevi uma carta para ela. Foram as palavras mais difíceis que já coloquei em um pedaço de papel. Tentei explicar tudo. A amplitude da minha transformação. O plano de Kara, e o que tive que fazer para impedi-la. Disse a Beth que, por mais que quisesse ser o seu marido, minha presença na vida delas seria um risco. Eu a encorajei a me superar e ir atrás da própria felicidade. Falei que sempre iria amá-la.

Entrego o pacote a Beth.

— Isso é para vocês duas.

— O que é?

— Quando estava procurando por Kara, mantive um diário. Às vezes, escrevia cartas para vocês, textos que nunca pensei que leriam. Talvez isso as ajude a entender o que me tornei. Há também uma carta aí. Para vocês duas. Não posso ficar por tempo suficiente para dizer o que fiz durante os últimos três anos. Não é seguro. Leiam mais tarde, depois da comemoração.

Beth olha para o pacote, incerta. Por mais que seja verdade o fato de eu não poder ficar por muito tempo, também tenho receio do que elas vão dizer quando souberem o que fiz.

— Vamos fazer uma festinha lá em casa — avisa Ava.

— Não posso, querida. Colocaria todos os convidados em perigo. Sinto muito.

Ela assente, segurando as lágrimas.

— Você assumiu o meu sobrenome — comento.

— Não tenho vergonha dele. Você ainda tem?

— Não.

— Que bom. Não deveria mesmo. Quer dizer, você meio que salvou o mundo.

Preciso reunir toda a minha força para não me desfazer ali. Parei de usar a minha gaiola de Faraday emocional meses atrás. Para salvar a humanidade, eu precisava da minha humanidade.

Eu me inclino para a frente e toco a mão de Beth.

— Ele te faz feliz?

Ela sorri em meio às lágrimas.

— Bastante. Mas sinto a sua falta. Preferiria estar com você.

Encaro o vidro, respirando fundo com a dor daquela perda. Todos os momentos que eu nunca teria. Todos os jogos de xadrez que perdi com Ava. Os dez mil jantares com Beth. Madrugadas na banheira, só conversando. Eu preferiria levar um tiro a sentir essa dor. Aceitaria trocar a minha bela mente para voltar a ser o Logan de antes, com QI de cento e dezoito, no mesmo instante.

O desejo de barrar essa dor é agudo. Mas eu *quero* senti-la. Se eu perder a habilidade de sentir dor, também perco a minha compreensão de felicidade: os breves momentos de contentamento que fazem a consciência valer a pena.

— Você poderia ter deixado esse pacote na porta de casa — diz Beth.

— Vim por Ava. E para ver você.

— Você pode ter transcendido a outro nível de existência, mas ainda te conheço. Então vamos tentar de novo. Por que veio até aqui, de verdade? Por que correr esse risco?

— Acho melhor deixar vocês voltarem para a comemoração.

Ela me olha nos olhos.

Eu hesito.

— Logan.

Eu simplesmente encaro Beth.

— Sei que talvez eles nunca deixem você voltar para nós. E, mesmo se deixassem, você mudou de formas que não consigo entender — continua ela.

— Eu sinto muito.

— Não estou dizendo que não dói… *muito* … mas vamos conseguir superar. Então, o que quer que seja que precise fazer, vá. Vamos ficar bem. — Ela olha para nossa filha, gesticulando para a beca de formatura, e, por trás das lágrimas, detecto uma faísca de alegria. Resiliência. — Porque, por pior que tenha sido, a vida seguiu em frente.

Olho para Ava.

Seus olhos estão cheios de lágrimas, mas ela diz:

— Eu te amo, papai.

— Também te amo.

Silêncio. Mais lágrimas. De todos nós.

Enfim abro a porta. Saímos do carro e vou até a minha filha, envolvendo-a em um abraço. Beth se aproxima, e todos nos abraçamos no estacionamento, as lâmpadas de sódio zumbindo de leve acima de nós.

Quero dizer que ainda as amo, e também como o amor mudou e se aprofundou — infinitamente mais complexo pela capacidade de reviver cada memória nos mínimos detalhes.

Mas não tenho palavras. Ou nenhuma palavra que seria suficiente.

Então divido a minha consciência e desacelero a minha percepção de tempo para a mais lenta possível, saboreando cada segundo alongado do toque, do calor, do cheiro, da presença delas.

Caminhando pelo estacionamento, ao me afastar das duas pessoas mais importantes da minha vida, me sinto mais solitário do que nunca.

Mas também… mais em paz.

• • •

Minha Beth.

Minha Ava.

Kara e a minha mãe acreditavam que podiam impedir a humanidade de se autodestruir ao elevar a nossa inteligência e razão coletivas. Elas criaram um upgrade para aumentar essas habilidades, e, apesar do enorme intelecto de Kara, ela ainda estava disposta a matar um bilhão de pessoas.

Mas minha irmã estava certa sobre uma coisa: todos vamos morrer no próximo século se nada mudar. E acho que descobri por que a nossa espécie está tão

propensa a deixar isso acontecer.

Quando uma criança cai e morre num poço, o mundo chora. Porém, quando o número de vítimas aumenta, a nossa compaixão tende a diminuir. Em grandes tragédias — guerras, tsunamis, atos de terrorismo —, os mortos se tornam estatísticas sem rosto. Chamam isso de desvanecimento de compaixão, mas, na realidade, é a nossa herança genética. Velhas adaptações dos nossos ancestrais persistindo no DNA.

No fim do século XX, um antropólogo e psicólogo evolucionista chamado Robin Dunbar propôs uma teoria de que o Homo sapiens *só consegue se importar, se identificar e manter relações estáveis com cento e cinquenta pessoas. O número se correlaciona ao tamanho dos grupos sociais do nosso passado evolutivo. Quando éramos* Homo erectus*, vivíamos em pequenos grupos de caçadores-coletores ligados pela sociabilidade. Naquela época, se importar apenas com o próprio grupo era uma vantagem. Isso nos ajudava a defender a tribo. Isso nos ajudou a avançar e sobreviver.*

Mas essa limitação persiste. Hoje, quando ocorre uma tragédia qualquer, podemos sobrepor os rostos dos nossos parentes, amigos e colegas de trabalho em apenas cento e cinquenta pessoas. Mais do que isso, e nossa compaixão desaparece, mas não porque somos maus. Nossa capacidade emocional não consegue ir além disso. Vivemos em uma comunidade global de dez bilhões de pessoas, com cérebros que só conseguem sentir compaixão pelo nosso clã mais próximo.

Outros fatores entram em jogo, como a distância. É mais difícil sentir compaixão por uma tragédia do outro lado do mundo do que uma que aconteceu no nosso próprio bairro. É difícil se identificar com pessoas que não têm a mesma aparência que nós.

E, se a nossa espécie tem um problema com apatia e falta de compaixão pela dor dos outros em tempo real, como podemos esperar que conjuremos compaixão por uma tragédia que ainda não aconteceu? As vítimas da queda do Homo sapiens *ainda nem nasceram. Que incentivos emocionais temos para fazer os sacrifícios que vão salvar as futuras gerações, se os nossos cérebros não são capazes de* se importar *o bastante com elas?*

Certa vez, minha mãe afirmou que não somos seres racionais. Lemos sobre as tragédias iminentes no jornal, vemos na televisão e então continuamos com o nosso dia a dia. E, sim, parte disso vem da nossa habilidade de esconder a realidade com

a negação, com a dissonância cognitiva, com o pensamento mágico.

Mas ela se esqueceu da coisa mais importante: na ausência da compaixão, o egoísmo é a resposta mais racional de todas.

O superpoder da nossa espécie é não se importar. Nós meramente exercitamos essa habilidade.

Não temos um problema de inteligência. Temos um problema de compaixão. Isso, mais do que qualquer outra coisa, está nos levando à extinção.

Depois da morte de Kara, passei um ano debruçado sobre os dados genéticos que minha mãe tinha na Sua História, focando em sistemas genéticos conectados à compaixão. Encontrei um que programa o tamanho de certas sub-regiões do córtex pré-frontal, que determina as habilidades de mentalização de um indivíduo e o tamanho do nosso grupo social, e também controla diretamente a habilidade de sentir compaixão. Também encontrei outro que controla porções dorsais do córtex pré-frontal medial, que se acende quando as pessoas sentem empatia por estranhos. Nosso cérebro evoluiu para ajudar membros do grupo por uma excelente razão, mas o que precisamos para sobreviver como espécie é a habilidade de nos importar com estranhos. Principalmente com pessoas que ainda nem nasceram.

Então criei um upgrade de compaixão.

Nosso grupo de testes passou por aumentos de compaixão e curiosidade. Eles apresentaram uma preocupação maior por estranhos e uma necessidade quase compulsória para ajudar um ao outro.

Dez meses atrás, depois de muitos testes, mandei cem pessoas aos confins da Terra, todas infectadas com o vetor viral que levava o meu upgrade.

Meus supertransmissores compartilharam o vírus ao sobrevoar o Atlântico e o Pacífico. Ao caminhar pelos saguões do Charles de Gaulle e do Heathrow. Ao ouvirem as músicas mais sublimes do mundo no Teatro Cólon, em Buenos Aires. Ao passearem pelas lojas do distrito Mong Kok, em Hong Kong. Em Shibuya Crossing. Na Times Square. Em estádios de futebol de Madrid a Manchester. Na Praça Vermelha e na Cidade Proibida.

Até agora, mais de cinquenta por cento da população mundial recebeu o meu upgrade, e já estamos vendo mudanças modestas nas políticas públicas e em discursos on-line. Consigo até sentir uma mudança nos efeitos mais gélidos dos meus upgrades antigos.

Decidimos não anunciar o upgrade, mas é importante para mim que saibam o

que fiz.

Será que vocês ficarão horrorizadas com a minha arrogância? Será que sou igual a minha mãe e Kara, pensando que o meu intelecto me dá o direito de determinar o rumo da humanidade?

Não sei a resposta para essa pergunta. Assim como não tenho certeza se o meu upgrade vai fazer o que espero ou quais consequências não intencionais podem surgir.

O que sei é o seguinte, Ava: você herdou um mundo à beira do colapso. Vim antes de você, então a culpa é minha. Eu precisava fazer alguma coisa.

Talvez nada disso importe. Talvez seja mesmo a nossa hora.

Os humanos tiveram trinta mil anos neste planeta. Fomos da Idade da Pedra à Era Espacial. Dividimos o átomo, sequenciamos nosso próprio DNA e construímos máquinas com a capacidade de pensar.

Porém, apesar de todo o nosso progresso, dez milhões de pessoas morrem de fome todo ano. Temos hiperloops e nacionalismo em ascensão. Celulares mais poderosos do que os computadores que nos levaram à lua, mas nenhum recife de coral.

E, ano após ano, nada muda.

Se há uma solução, ela deve estar na diminuição da nossa ambivalência. Da nossa apatia.

O que quer que aconteça agora, fiz o meu melhor. Abri mão de tudo que não foi tirado de mim e enfim me livrei da influência da minha mãe.

Enquanto leem isso, estarei a caminho do oeste. Tenho assuntos pendentes em Glasgow, Montana.

Quero que saibam que, se eu pudesse fazer as coisas voltarem a ser como antes, eu faria isso na mesma hora. Mas, infelizmente, não dá para reverter as engrenagens da vida.

Quando penso no antigo Logan, é como se fosse um ser completamente separado de mim. Nos momentos em que não escolho controlar, sinto uma saudade enorme dele. Suspeito que, se todos tivéssemos uma memória perfeita, nos entristeceríamos por todas as nossas antigas versões da mesma forma que nos entristecemos por amigos que se foram.

Mas, mesmo que eu tenha mudado, a parte de mim que amava vocês ainda permanece.

Termino esta carta sentado dentro do carro do outro lado da rua do lugar que um dia chamei de casa. É a noite da formatura de Ava, e, pela janela, consigo ver vocês duas e John na sala. Acho que estão jogando um jogo. Com certeza há muitas risadas, e não consigo deixar de pensar que vocês parecem uma família.

Isso me magoa profundamente, e também me deixa feliz.

Como chamamos um coração que está pleno e partido ao mesmo tempo? Talvez não exista uma palavra assim, mas, por alguma razão, isso me faz pensar em chuva caindo em um dia de sol.

AGRADECIMENTOS

Um grupo extraordinário de pessoas me ajudou durante os vários estágios de escrita deste livro, e gostaria de tirar um tempinho para agradecê-las.

Para cada limite, para cada nota, para cada momento em que interrompi o que você estava fazendo para lhe apresentar uma ideia, obrigado, JACQUE BENZEKRY, minha editora e parceira em todas as coisas. Você esteve comigo nas trincheiras enquanto eu tentava vencer *Upgrade* — nos dias bons, mas principalmente nos dias brutais em que eu duvidava de tudo. Não teria conseguido terminar esse livro sem você.

Por manter a fé no livro mais difícil da minha carreira, muito obrigada a JULIAN PAVIA, que é meu editor há três livros e sete anos. Suas ideias e instintos estão mais afiados do que nunca. Você é a pressão que faz o diamante.

Pelos conselhos, pela amizade (e pelas refeições épicas de sempre!), obrigado, DAVID HALE SMITH, meu agente literário há mais de uma década. Foi uma aventura e tanto, meu amigo.

E agradeço à gangue da INKWELL MANAGEMENT, sobretudo RICHARD PINE, ALEXIS HURLEY, NATHANIEL JACKS e NAOMI EISENBEISS.

Por cuidar dos meus negócios de filmes e televisão com muita elegância, agradeço a ANGELA CHENG CAPLAN e JOEL VANDERKLOOT.

Pelo apoio indispensável, que me permite focar na escrita ao manter os detalhes da minha vida em ordem, obrigado, TYSON BEEM, BRANDON KLEIN, MOLLY FIX e CARISSA GAYLORD.

Por serem as engrenagens dos meus livros, agradeço a todos na PENGUIN RANDOM HOUSE e BALLANTINE BOOKS, sobretudo GINA CENTRELLO, KARA WELSH, KIM HOVEY, JENNIFER HERSHEY, QUINNE ROGERS, KATHLEEN QUINLAN, CINDY BERMAN e CAROLINE WEISHUHN.

Pelo trabalho incansável no meu nome e por ser a melhor assessora de imprensa que já tive, obrigado, DYANA MESSINA.

Pelas lindas capas de *Matéria escura*, *Recursão* e agora *Upgrade* , agradeço a CHRIS BRAND.

Por me publicarem tão bem no Reino Unido, um grande abraço à incomparável WAYNE BROOKES e todo mundo na PAN MACMILLAN.

Por lerem os desengonçados primeiros manuscritos de *Upgrade* e compartilharem os seus feedbacks, que melhoraram estas páginas de forma imensurável, agradeço aos meus primeiros leitores — CHUCK EDWARDS, BARRY EISLER, JOE HART, CHAD HODGE, MATT IDEN, DAVID KOEPP, STEVE KONKOLY, ANN VOSS PETERSON e MARCUS SAKEY.

Um enorme literalmente-não-poderia-ter-escrito-este-livro-sem-você ao brilhante e espirituoso geneticista molecular DR. MICHAEL V. WILES. Aprendi muito com você. Obrigado pela paciência, pelo tempo e pelo enorme conhecimento. Você é o padrão ouro para especialistas. Tive muita sorte de encontrá-lo.

Por falar comigo sobre aplicações de computação quântica em relação à manipulação de dados genéticos, agradeço ao DR. HOOMAN MOHSENI.

Pelas conversas inspiradoras sobre a interseção da ciência e da filosofia, agradeço a PHIL WEISER, BRYAN JOHNSON e DR. J. PIERRE DE VRIES.

Por me ajudar a encontrar os grandes especialistas sobre os assuntos dos meus três últimos livros, agradeço de coração a THE SCIENCE AND ENTERTAINMENT EXCHANGE, sobretudo a SACHI C. GERBIN e RICK LOVERD.

Por ser a melhor livraria local e uma das melhores livrarias independentes do mundo, um "toca aqui" para todos da MARIA'S BOOKSHOP, especialmente para EVAN SCHERTZ, ANDREA AVANTAGGIO e PETER SCHERTZ.

Pelo amor e apoio enquanto eu trabalhava neste livro aparentemente sem fim, agradeço à minha família maravilhosa — JACQUE, MÃE, PAI, meu irmão, JORDAN, e meus três filhos incríveis: AIDAN, ANNSLEE e ADELINE. E agradeço principalmente a AIDAN pelas conversas filosóficas fascinantes e por me indicar *A abolição do homem*, de C. S. Lewis, que se tornou uma inspiração fundamental durante a última etapa deste livro.

Por me permitirem fazer o que amo, agradeço aos MEUS INCRÍVEIS LEITORES, sobretudo aqueles que estiveram comigo desde o início.

Por fim, em 2019, meu mais antigo e querido amigo de infância, BRIAN ROGERS, tragicamente perdeu o filho, EDWIN ALEJANDRO ROGERS. O personagem de Edwin Rogers é dedicado à sua memória.

SOBRE O AUTOR



© Matthew Staver

BLAKE CROUCH é roteirista e autor best-seller do *New York Times*. Entre suas obras estão *Matéria escura*, *Recursão* e a antologia *Forward*, publicadas pela Intrínseca, além da trilogia *Wayward Pines*, que deu origem à série de TV de mesmo nome. Ele também foi cocriador da série *Good Behavior*, baseada em suas crônicas sobre Letty Dobesh. Seus livros já foram traduzidos para mais de trinta idiomas e venderam mais de um milhão de exemplares. Atualmente, mora no Colorado.

blakecrouch.com
Facebook.com/Blake.Crouch.9
Twitter: @blakecrouch1
Instagram: @blakecrouch1